TROFEO EUANGELICO, EXPOSTO EM QUINZE SERMOENS HISTORICOS, MORAES, & PANEGYRICOS, ...

Diogo : da#Anunciação

TROFEO EVANGELICO,

EXPOSTO EM QUINZE SERMOENS
Historicos, Moraes, & Panegyricos,

QUE

AO ILLVSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR,

D. VERISSIMO DE LANCASTRO,

Arcebispo Inquisidor Geral nestes Reynos, & Senhorios de Portugal, do Conselho d'Estado do Serenissimo Rey D. Pedro o II. & seu Sumilher da Cortina: &c.

DEDICA

O P. M. DIOGO D'ANNUNCIAÇAM,

Conego Secular da Congregaçam de S. Ioam Evangelista, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra: &c.

LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES. Anno 1685.

A custa de Antonio Correa da Fonseca, Mercador de Livros na Rua Nova.

Com todas as licenças necessarias.

ILLVSTRISSIMO , E EXCELLENTISSIMO

SENHOR.

S, que dezejamos fazer publico ao Mundo todo, que temos a honra de ser criados de Vossa Illustrissima, ainda entre caractéres mudos, não deve apparecer a pessoa, sem que por publica escritura confessemos a nossa obrigação, para manifestar a nossa divida. Tam grande foi na minha estimação, a em que Vossa Illustrissima me poz, quando foi servido de me dar licença, para que a seus reaes pés sacrificasse para o amparo as succintas folhas deste Livro: que será a tam excessiva benignidade eterno o meu agradecimento, tendo nellas perpetuamente a minha obrigação. A esta lhe serve sòmente de Prologo este limitado trabalho, em quanto não sahe a publico outra Obra, a que ha dous annos tenho dado principio, gastando na sua composição aquellas breves horas, que me deixão livres os meus estudos. Em tanto, terá Vossa Illustriss.ma aos seus pès o meu affecto por penhor da minha divida. Nosso

Senhor guarde a pessoa de Vossa Illustrissima, como lhe dezejão seus criados. Santo Eloy de Lisboa, 14. de Junho de 1685.

Criado, & Orador de Vossa Illustrissima.

O Doutor Diogo da Annunciaçam.

PROLOGO

Ao Leytor.

AMigo, ou inimigo Leytor, a ti, quem quer que es, te offereço em as fuccintas folhas defte Livrinho, as primicias de meus eftudos, & as primeiras flores, em que brotou a Primavera de meus annos. Se na leitura te parecerem eftes Difcurfos,os mefmos que me ouvifses recitar em o Pulpito: fem duvida, que para que te não contradigas,a ti mefmo quando ouvinte, & quando leytor, correrám izétos da tua cenfura. E fuppofto que te eftou obrigado, nam fómente quando os teus ouvidos faõ examinadores das minhas faltas; mas tambem quando os teus olhos refiftam aos meus defeitos: pois os primeiros Sermoens, que imprimi, eftimafte com tam boa fortuna,que eu mefmo me confundi da tua aceitação. Com tudo,fou tam pouco prefumido em eftas materias, que nem de os ver impreffos fóra da patria em outro Idioma, me fiei. Confultei eftes, primeiro que os imprimiffe, com peffoas doutiffimas, naõ

fó

só da minha Congregação; mas tambem com alguãs de outras Familias Religiosas, a quem o vinculo da minha amizade facilitou com toda a lhaneza a emenda de qualquer nota. E principiando esta minha conferencia em conselho, que pedia, veyo a parar em instãcia bem apertada; para que sahissem a publico. Com o que ao teu entẽdimẽto dedico este meu limitado trabalho. Se souber, que me tratas como a amigo, em quanto nam sahir a publico com huma Obra de maior estudo, em cuja composiçam tenho já gastado alguns annos: te fico preparando huma Quaresma com Sermoens para todas as Ferias, Manhaãs, & Tardes para as Domingas. Quando nam, prometote, que naõ seja dos que cantaõ mal, & porfiaõ; porque satisfazendome com o prègar, te nam cançarei mais com o imprimir. Vale.

INDICE

DAS APPLICAÇOENS, PARA AS festas dos Santos, conforme a ordem dos mezes.

A letra N. significa o numero, a letra F. a pagina.

IANEIRO.

Nome de Iesus.

Dia

Dia de Reys.

Ab Oriente venerunt. *Se tinhão ao minino na Estrella, como diz o Imperfeito:* Stella habebat imaginem pueri. *Porque lhe não sacrificão na sua patria aos coraçoens, senão que o vem buscar fóra da sua terra? Quizerão requintar a sua fineza: & por isso no Presepio lhe fizerão o sacrificio. n.321. f.319.*

Reversi sunt. *Se vierão do Oriente ao Presepio; agora porque voltão do Presepio para o Oriente? Porque apartarse do Presepio, era serviço; estar com a vista no minino, era premio: & sendo os Reys todos para o serviço, nada querião ser para o premio. num. 359. f.347. c.2.*

Reversi sunt. *Foraõse. Porque como erão amantes, não quizerão, que as vistas fossem materia dos seus incendios. Porque o amor em sy mesmo he que se abraza, sem que necessite de lenha para os seus excessos. n.49. f.58.*

Dia oitavo dos Reys.

Vide n.15. usque ad n.34. & à f.24. usque ad f.44.

Sam Lourenço Iustiniano.

Nasceu em hum dia, em que Veneza celebrava huma grande vitoria: por isso lhe chamárão Lourenço, que he o mesmo que triumfo. E como revelou Deos a hum Eremita, pelos seus merecimentos conserva Deos aquella Republica. Segurou a Veneza os triumfos na vida, o que lhos segurou no nascimento. Não desmentir o empenho do nascimento com as acçoens da vida, he grande prodigio. n.6. f.9.

Depois de Bispo, & de Patriarcha, não mudou de vida. E não mudar com o lugar de genio, he maravilha. n.158. f.161.

Foi o Prelado mais piedoso, porque foi o Prelado mais justo; pois com todos os pobres repartia os seus bens. E na igualdade, com que os repartia, he que encarecia a sua misericordia. num. 200. fol. 209

Accommodavase à necessidade de todos: & por isso havia menos pobres em o seu tempo. n.202. f.210.

Sam

Sam Sebastiam.

Descendit Iesus de monte. *Vendo a Christo descer do monte, tambem quiz descer do valimento: mas apenas fez renuncia do valimento, descendo do monte da privança; quando logo o perseguirão: mas assim havia de ser, porque contra a maior santidade, he que se fazem na Corte os tiros. n.254. f.261.*

Declarouse por Catholico em Roma, para aproveitar a todos com a luz da sua virtude. E isto he que fez maior o resplandor da sua santidade. n.272. f.279.

Para mover a todos com o seu exemplo a abraçarẽ a Ley de Christo, se declarou por Catholico. Porque todos imitão o exemplo dos Grandes. n.242. f.249.

Sam Vicente.

He o Patrão de Lisboa. E tendo o Direito determinado tempo, para que o que he estranho, fique natural. Assim affecta Sam Vicente o ser para nós os Portuguezes peregrino, que tendo annos para que a sua assistencia o fizesse da nossa terra, ainda nos he para os Portuguezes estranho, para ser para nós peregrino. Porque mais nos ha de aproveitar em quanto peregrino, que em quanto natural. n.103. f.111.

Maiores beneficios parece que nos faz Sam Vicente, que Santo Antonio; porque mais excessivos são os favores do estranho, que do natural. n.102. f.110.

He mais protentoso Sam Vicente em Lisboa, do que em Uesca sua patria. n.105. f.113.

FEVEREIRO.

Purificaçam.

V*ide à num. 257. usque ad 281. & à fol. 265. usque ad 286.*

Sam Braz.

Fugio para o deserto para sacrificar a Deos a sua patria. Uendo, que Deos o mandava abnegar a sy pela morte; para se abnegar a sy a vida, renunciou por amor de Deos a sua terra. n.320. f.318. col.2.

Foi para Deos mais excessivo nesta renuncia, do que quantos se abnegáram por amor de Deos na sua terra. n.322. f.319.

Quarenta Horas.

Vide à num. 68. usque ad num. 89. & à f. 75. usque ad fol. 97.

Sam Mathias.

Por ser o mais benemerito, foi para o Collegio eleito, saindo votado com todos os votos. Logo parece, que foi do Ceo a eleiçam. Que se fora do mundo, havia de ser por benemerito, o que sahisse mais mal votado. n. 137. f. 144.

Para occultar ao seu merecimento, permitio, que fosse por sorte a sua eleiçam; para que constasse a todo o mundo, que fora fortuna a posse daquelle lugar. E nam pode haver maior excesso, que privarse do merecimento daquelle lugar aos nossos olhos. num. 52. f. 60. & n. 53. f. 62.

MARÇO.

Santo Thomas.

FOi entre todos os Santos o mais sabio, pois foi o que communicou mais a sua sciencia. A luz da sabidoria a sua communicaçam deve a sua grandeza. n.272. f.279.

Foi o Doutor entre todos mais engrandecido; porque foi o Doutor que mais que todos aproveitou aos proximos com a sua sciencia. E Doutor, que a outrem nam communica a sua luz, nam he Doutor em quem se falle. n.274. f.281.

Foi mais Sabio que todos os Sabios; porque ainda que os outros tivessem a mesma sciencia, elle communicou mais a todos a sua sabidoria. E como foi a sabidoria mais communicavel, foi a sua sabidoria a que mais avulta entre todos os Sabios. n.275. f.281.

Como Deos o tinha destinado para Mestre do mundo, por isso para a sua luz não teve limitada esphera para a sua communicação. n. 277. f.283.

Estando vivo, se portava como morto, não sentindo a actividade do fogo, quando estava em raptos. Porque estava como morto para

o me-

o merecimento, estando viva para o serviço. n.359. f.347. c.2.

Sam Ioseph.

Ioseph sendo menos que Deos, aos olhos do mundo pareceu mais. E Deos sendo mais que Ioseph, aos olhos do mundo pareceu menos que Ioseph. Porque Ioseph teve officio de Deos, & Deos tomou officio a Ioseph. Deos tem por officio sustentar ao homem, & o homem sustentalo Deos. Com o que, Deos tinha officio de Ioseph, porque se sustentava do trabalho de Ioseph, & Ioseph tinha o officio de Deos; porque o sustentava com o seu trabalho. E mais glorioso he para Ioseph o ter o officio de Deos, do que o terlhe Deos o seu officio. n.31. f.40.

Deos quando tomava a Ioseph o seu officio, parecia menos que Ioseph: & Ioseph, quando tinha o officio de Deos, sendo menos, parecia mais. E quando Deos se empenha, em que Ioseph nas semelhanças até o Divino suba, logo até o humano de Ioseph desce. n.32. f.42.

Sam Bento.

Mudando de estado, nam mudou de nome. Sò nam deixou o nome, deixando tudo. Esta he huma das suas maiores finezas. n.330. f.325. c.1.

Cantou no ventre da mãy a Deos louvores; para conformarse sem contradiçam no estado de homem, & de minino. Porque como havia de ser Princepe de todos os Patriarchas, para exceder a todos, havia de conformar o ser de minino com o ser de homem. n.7. f.11.

Tanto se transformou com Christo no Sacramento, que estando consagrando, & proferindo as palavras: Hoc est Corpus meum: *lhe respondeu Christo:* Imò & tuum, ó Benedicte. *Neste mysterio faz Deos estas transformaçoens. n.57. f.66.*

Encarnaçam.

Mais que em outro mysterio resplãdeceu na Mãy de Deos a sua grãdeza. Porque neste mysterio toda foi a Senhora para o nosso remedio. E a communicação deste beneficio fez superiormente avultar a sua grandeza. n.272. f.279.

Sam Leam.

A Sua sabidoria deve Roma a sua permanencia : pois a Leam temeu Atila com tal excesso, que desconfiado do seu esforço desistio da sua empreza; atrevendose às armas, com que se defendia de Italia, o seu valor, nam se atreveu com Roma defendida com as letras de Leam. n.11. f.17. & n.12. f.18.

Sam Pedro Martyr.

O grande trabalho com que estabeleceu a Inquisiçam, o fez singular entre todos os Iustos. n.6 fol.9.

Em minino conservou tam pura a Fé, que á sua innocencia naõ pode hum seu Tio persuadir o erro dos Manicheos. Quando homem morreo em odio da mesma Fé, por nam admittir aquelle erro. E radicouselhe no coraçam a Fé com tal excesso, que nem nas innocencias de minino, nem jà na discriçam de homem, selhe apagasse este fogo. He notavel excesso. n. 7. f. 11.

MAYO.

Santo Athanasio.

P Erseguiraõno os Arrianos; porque o conhecéram Santo. A maior santidade he sempre a mais perseguida. n.254. f.261.

De todos se vio perseguido, porque o Emperador Constantino o perseguio. As acçoens dos Principes imitam os vassallos. n. 243. f. 249.

Invençam da Cruz.

Lege à n.211. usque ad num.235. & à f.218. usque ad fol.241.

Santa Monica.

O ver a Agustinho reduzido, foi todo o seu empenho. E nesta conversam teve todo o seu gosto; porque o bem do filho, he o gosto do pay. n.159. f.162.

Quiz Deos livrar a Santo Agustinho do maior castigo; & por isso permitio, que désse os ouvidos aos avisos de Santa Monica. n. 182. f.189. c.1.

Sam

Sam Ioam ante Portam Latinam.

As penas que o Evangelista padeceu na Tina, parece que as padeceu Christo. Porque o amor transforma o amante no amado. n. 56. f. 64. c. 2.

As acçoins do amante sam as mesmas do amado: & assim que a com que o Evangelista padeceu, parece que foi a mesma que Christo sentio. n. 66. f. 65. c. 2.

Nam foi o primeiro no martyrio, porque quiz dar aos outros a primazia. Porque nam quiz faltar na cortezia de precederem os outros na Laureola. n. 150. f. 156. c. 2.

IVNHO.

Santo Antonio.

O Deixar a sua patria, foi muito grande fineza. Porque vendo, que Deos lhe negava o martyrio, quiz para morrer por Christo renunciar a sua terra. n. 320. f. 318. c. 2.

Fezse Deos minino por seu respeito. Assim havia de ser. Porque como se empenhava Deos em o levantar quasi até a Divino pelas suas maravilhas, havia de Christo descer até o humano de minino. n. 32. f. 42.

Para encobrir a sua pessoa, mudou o nome de Fernando. E esta foi a sua fineza. Porque a fineza, quando he excessiva, foge a publicidade. A do peito foi por antonomasia a ferida do amor. Porque? Porque para se abrir a Christo o coraçam, primeiro se cobrio o mundo de trevas.

Sam Ioam Bautista.

Vide à n. 15. usque ad n. 34. & à f. 24. usque ad f. 44.

Sam Pedro, & Sam Paulo.

Com a sua sombra fazia Sam Pedro os milagres, para encobrir cõ a sua sombra as maravilhas. Como amava aos homens com o maior extremo, sentindo todos o remedio, não vião ao bemfeitor. n. 197. f. 204.

Hoje, que vé aos seus succeßores com casa certa, parece que se vè

mais

IVLHO.

Visitaçam.

Sam Boaventura.

Santo Aleixo.

Santa

Santa Maria Magdalena.
Vide á n.337. usque ad 363. & á fol.330. usque ad f.348.

AGOSTO.

Sam Domingos.

O Habito de que se vestia, he a maior grandeza de seus Filhos. *Porque entre todos os que se dedicão a Deos, saõ os maiores os que se vestem neste habito. n.327. f.323.*

O seu principal fim, foi favorecer a Inquisiçam contra os Hereges. E he este fim tam glorioso, que parece que o fez o maior entre todos os Santos. n.5. f.7.

Deixou o mundo pela sua profissam Religiosa. E ainda que o mundo nam seja nada; ter elle liberdade para o deixar, de maneira q̃ a sua profissam para o buscar lhe tirasse a liberdade, he huma das suas grandes finezas. n.317. f.316.

Sam Lourenço.

Tinha grãde gosto no tormento, como se elle não recebesse o martyrio. Porque, como diz Santo Ambrosio, tinha commungado primeiro que o martyrizasse o Tyranno. E como no Sacramento se transformou em Christo, parece, que assim como Christo no Sacramẽto está impassivel, assim elle nam sentio o rigor, que o martyrizava. Porque se transforma o homem de tal sorte na Eucharistia, que vem a ser o mesmo Christo. n.57. f.66.

Como se defendia Lourenço com a Cruz, parece que fugiam delle os tormentos: por isso he que desafiava os martyrios. n.232. f.239.

Lavou os pés dos homens, quando foi buscar ao Tyranno. E pôrse em este lugar, foi a primeira fineza de seu amor. n.174. f.178.

Sam Roque.

Vide á n.236. usque ad 256. & á f.242. usque ad 264.

SE.

Natividade de Nossa Senhora.

NO dia do Nascimento da Mãy de Deos deu Sam Ioachim hum grãde convite. Vide á f. 146. Porque como a Senhora nascia destinada para a grandeza de ser Mãy de Deos, com este excesso quiz Ioachim demostrar ao seu gosto. Porque a grandeza da filha he o credito do pay. n. 159. f. 162.

Na vida foi a Senhora a remedio dos homens, & logo nasceu para o seu remedio: que ainda que fossem muitos nella os estados, para o remedio sempre foi a mesma, porque sempre teve a mesma inclinação. n. 156. f. 160.

Nasceu a Senhora como Mãy de Deos. Porque como Christo era pedra, & a Senhora nascia para o nosso remedio; convinha, que a Penha se unisse á Senhora, para que fosse geral o seu amparo. n. 95. f. 104.

Da união de Christo em quanto Penha à Senhora no seu nascimento, parece que lhe redundou tanto a Maria, que impede de Deos os seus castigos. n. 97. f. 106.

Exaltação da Cruz.

Vide á num. 211. usque ad 235. & á f. 218. usque ad 241.

Santo Thomás de Villa Nova.

De noite hia levar a esmola aos pobres, sò para que se não vissem os effeitos da sua abrazada caridade: com tanto segredo, que ninguem lhe podia divisar aos seus passos. E esta he a propriedade de hum espirito caritativo. n. 197. f. 204.

Conhecendo a miseria, pois a remediava, desconhecia a pessoa, a quẽ soccorria. Porque a sua caridade não affectando o respeito, atendia sòmente á miseria. n. 206. f. 213.

Em quanto vivo socorria as suas ovelhas, & depois de morto se vio ainda dando largas esmolas: como as trazia por piedade no coração, nunca as desemparou. n. 209. f. 215.

Chagas de Sam Francisco.

Fiou Christo de Francisco as suas Chagas, sò porque tivesse Francisco

cisco as suas semelhanças. O Seraphim, que era Christo , diz Sam Boaventura, desceu para a terra; & Francisco voou para o Ceo. Forçosamente havia de Deos descer , quando exaltava a Francisco. n.32. f.42.

Christo teve as semelhanças de Francisco, & Francisco as de Christo. Porque ambos forão feridos. E qual delles ficaria mais glorioso? n.31. f.40.

Sam Mattheus.

Escreveu a sua vida , pondo diante dos seus olhos ao seu telonio; porque se revia nos seus peccados para a emenda da sua vida: & assim peccou nas suas onzenas, como se não peccára em os seus contratos. n.345. f.337. c.2.

Só Christo o podia converter. Porque como os seus peccados o tinhão privado do ser, & a sua conversão lho restituia: para vencer a esta distancia , devia ser divino o impulso. num. 354. fol. 344. c.1.

Na sua conversão não diz Sam Mattheus alguma palavra , que dissesse , com que explicasse a dor, que tinha dos seus peccados. Porque reprimindoa toda dentro em a Alma , não quiz, que a explicasse a lingua: & por isso foi grande a dor, que S. Mattheus teve das suas culpas. n.334. f.341. c.1.

OUTUBRO.

Sam Francisco.

Christo fezse o exemplar de Francisco : Discite à me : *& Francisco fezse o retrato de Christo, transformandose hum no outro com tal excesso, que fizerão troca dos coraçoens, sò para que o amor fosse invariavel : mas assim havia de ser, para credito da sua fineza. n.63. f.72. c.1.*

Todo se abrazava Francisco no amor do proximo , para nos aproveitar Francisco com o seu exemplo. Mas hum Santo tão maravilhoso, não sò devia ser para sy, mas tambem para nòs. Porque para se conservar na sua grandeza, havia de nos communicar a

nòs o seu resplandor. n.272. f.279. c.1.

Fezse idiota aos olhos do mundo para tirar o nome, que lhe tinhão dado as suas maravilhas. Fezlhe o mundo muitas afrontas. E querendose elle afrontar a sy por amor de Christo, mais do que o mundo o afrontava a elle; tirou o seu nome com a ignorancia, q̃ publicava. n.129. f.135. c.1.

Santa Theresa.

A sua primeira acção, foi deixar a sua patria para morrer em Africa pela Fé. Não lhe faltou a Theresa o martyrio; porque na renuncia da sua patria experimentou Theresa a morte. n. 320. f.318. c.2.

Toda era para o proximo. Por isso a Igreja diz, q̃ nos nutria com a sua doutrina: Cæleſtis doctrinæ pabulo nutrimur. *Foi a Doutora mystica mais celebre. Porque foi a Doutora, que toda se empregou no nosso bem. n.274. f.281. c.1.*

NOVEMBRO.

Dia de Todos os Santos.

B*Beatifica Christo aos perseguidos no Evangelho:* Beati, qui persecutionem patiuntur. *Porque sempre o mais santo, he o mais perseguido. n.224. f.261. c.2.*

Como os Iustos são os que avultão mais entre os homens: por isso entre os homens são os Iustos os mais perseguidos. n.137. f.143. c.2.

Sam Martinho.

Pedia a Deos, que se fosse necessario o deixasse em a terra, porque não recusava o trabalho: mostrando, que estimava mais o trabalho da terra, que o premio do Ceo. n.359. f.346. c. 2.

Ou tambem affectava o trabalho da terra, para que soubessem os homens, que não servia Martinho com os olhos no premio, antes servia sò por servir. Porque em sy se abrazava, sem materia em que se ateasse a sua caridade para os extremos. n.49. f.58. c.1.

Santa Isabel Rainha de Vngria.

Consta da sua Lenda, que padeceu notaveis aggravos: Contume-

lias

lias invicto animo tolleravit. *Mas como era Rainha, tem máo agasalho tiverão no seu coração, que não tinhão lá lugar os seus aggravos. n.251. f.257. c.1.*

DEZEMBRO.

Sam Nicolao.

D*E noite levava Sam Nicolao as esmolas, sò para que se nam visse o bemfeitor, q̃ fazia aquelle beneficio. n.169. f.203. c.2.*

Para a sua caridade bastava a noticia da miseria, sem o conhecimẽto da pessoa. n.206. f.213. c.1.

Assim repartia as suas rendas, que se acommodava com as necessidades. Por isso foi o Prelado mais piedoso. n.200. f.209. c.1.

Nossa Senhora da Conceição.

Convinha, que na Conceição fosse immaculada aquella Senhora, q̃ na vida foi a mesma pureza: porque nam conformar a sua Conceiçam com a sua vida, seria pouca excellencia para a Mãy de Deos. n.7. f.11. c.1.

Maria na sua Conceiçam, sendo Livro; nam foi como os outros Livros, para se provar a sua pureza. n.92. f.100. c.2.

No ventre de Anna triunfou Maria da culpa; & de Anna foi este o maior credito, porque foi de Maria o maior brazão. num. 159. f. 162. c.1.

Nascimento de Christo.

A sua primeira fineza de Christo em o seu Nascimento, foi porse aos pès dos homens, & juntamente dos brutos. n.174. f.179. c.1.

Esta havia de ser a primeira circunstancia de Christo no seu Nascimento, porque como a sua vinda ao mundo era para destruir a nossa culpa, nunca teve Deos este fim no seu caminho, que se não puzesse aos nossos pès. n.175. f.179. c. 2.

Estando atè agora no peito do Pay, & agora na companhia dos homens, ainda que mudasse de lugar, não mudou de inclinaçam. n.155. f.159. c.2. & n.156. & 157.

LICENÇAS.

VIstas as informaçoens, pòdemse imprimir os Sermoens, de que nesta petição se faz menção : & depois de impressos tornarám para se conferirem, & dar licença que corrão, & sem ella não correrám. Lisboa 28. de Abril de 1685.

Ieronymo Soares. Ioão da Costa Pimenta.

O Bispo Frei Manoel Pereira.

POdemse imprimir estes Sermoens: & depois tornarám para se conferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrám. Lisboa 18. de Mayo de 1685.

Serrão.

QVe se possaõ imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario: & depois de impressos tornarám a esta Mesa para se conferir, & taixar, & sem isso não correrám. Lisboa o primeiro de Iunho de 1685.

Roxas. Lamprea. Marchão.

VIsto constar do despacho atras, de que este Livro està cõforme com seu Original, pòde correr. Lisboa 28. de Agosto de 1685.

Ieronymo Soares. Bento de Beja de Noronha.

POde correr. Lisboa 28. de Agosto de 1685.

Serrão.

TAixão este Livro em quatrocentos reis. Lisboa 31. de Agosto de 1685.

Lamprea. Marchão. Azevedo.

Erratas, que totalmente varèam o sentido.

Erros.	*Emendas.*
PAg.2.n.1.c.2.linh.1.Astra.	Astro.
Pag. 32. n.23. c.1. linha 15. Idest.	Adest.
Pag.66.num.57. c.1. linha 9. No Calvario.	No Cenaculo.
Pag.71.n.62.c.2.linha 23. O amor como verbo, & como nome, o verbo se conjuga por tempos.	O amor como verbo, & como nome, que o amor em quanto verbo se conjuga por tempos.
Pag.78.n.69. c.2. linha 16. *Duos dies.*	E que nos ha de sucitar em o terceiro dia: & *in tertia die suscitabit nos.*
Pag.82.n.73.c.1.lin.4.Choarmos.	Choràmos.
Pag.113.n.105.c.2. lin. 19. Forão tão grande.	Não forão tão grandes.
Pag.139. n.132.c.2.linha 29. Que ceremonias.	Que simonias.
Pag.165.n.161.c.2.linha 19. Que se não fazião.	Que se não ouvião.
Pag.200.n.192. c.2. linha 11. Satisfaçase muito embora quem necessita.	Satisfaçase embora, quem necessita com passos.
Pag.242.num.236.c.2.linha 2. O maior Rey.	Do maior Rey.
Pag.252.n.245. c.1.lin.27. Huma sò cousa basta.	Huma sò cousa não basta.
Pag.270. n.262. c.2. linha 7. Temos vindo.	Temos unido.
Pag.287. n.282.c.1. linha 5. Pertendendo em a Vniversidade de Christo.	Pertendendo em a Vniversidade de Christo duas Cadeiras.
Pag.294.n.292. c.2.lin. 14. Contão pouca consciencia.	Com tão pouca sciencia.
Pag.301.n.300.c.2.lin.17. Na sua Cadeira.	Na sua Cidade.
Pag.303. n.301. c.2. lin. 2. Esta a quarta.	Esta he a quarta.

Pag.

Erros.	*Emendas.*
Pag.331.num.338.c.2.linha 30. A conſideração do peccado.	A conſideração do paſſado.
Pag.336.n.344.c.2. linha penult. Porque os noſſos olhos chorão.	Porque os noſſos olhos não chorão.
Pag.346.n.358.c.2. lin.16. Hoje ſerá.	Hoje ſem;

Sermoens que contém este Livro.

SERMAM

Do Naſcimento do Sereniſſimo Senhor Rey

D. IOAM III.

PREGADO

Em o Real Convento de Santa Cruz de Coimbra: aſſiſtindo em Preſtito a Vniverſidade, em 9. de Iunho do Anno de 1683.

Eliſabeth impletum eſt tempus pariendi, & peperit filium. Luc. 1.

1

Maior dia q̃ vio Portugal (Illuſtriſſimo, & Reverẽdiſſimo Senhor) o maior dia que vio Portugal em os ſeculos paſſados para a ſua gloria, & que ha de ver em idades vindouras para a ſua grandeza, foy o preſente dia, a quem com religioſos cultos, venera o noſſo agradecimento, ou por deſempenho da ſua obrigaçaõ, ou por lizonja de ſua ſaudade. Dia tam grande, que nem Portugal o vio maior, nem o eſpera igual: naõ o eſpera igual, porque hoje lhe naſcéo o maior Princepe: não o vio maior, pois hoje logrou neſte fauſtiſſimo dia a poſſe do maior Rey: fauſto, celebre,

grande, & alegre dia. Alegre para a magestade do Principe, que hoje nascéo, pois apenas lhe vio o mundo o semblante, quando pontual lhe tributou o Sceptro, & reverente lhe fez offerta da Coroa. Grande para o mundo todo, pois a todas as quatro partes, em que se divide grãdioso, illustrou com seus rayos este Sol resplandecente. Celebre para Deos; porque neste dia nascéo hum Principe, cujos vigilantes cuidados, mais foraõ à sua Igreja acrescentar o Imperio, do q̃ estender nas Conquistas o dominio à sua Coroa. Fausto para Portugal; pois neste dia lhe apparecéo no seu Orizõte a melhor Estrella, ornada de tantos resplandores, quantos lhe communicàraõ rayos os melhores dous Planetas do Emispherio Lusitano, o Serenissimo Senhor Rey Dom Manoel, de gloriosa memória, & a Senhora Rainha Dona Maria Isabel. O Planeta que domina neste ditoso nascimento, he o Precursor: que era justo, que no nascimento do mayor Rey influisse como benefico Astra, o maior Santo. Ou porque o nascimento de hũ Rey tam protentoso, que por sy só fez classe entre todos os Principes, naõ està sugeito a influxos de Planetas, que saõ communs aos nascimentos dos demais homens. E quãdo eu me persuadia, que era o Grande Bautista somente Planeta, vejo que o Grande Bautista vem a ser o assumpto: porque quando imaginava, que para satisfazer cabalmente à obrigaçam deste dia, me obrigava este acto a ponderar os primeiros passos ao nosso Rey, vejo, que o Evangelho me obriga à ponderaçaõ do nascimento do Precursor: quando me resolvi a que havia de levantar figura ao nascimento de hũ Ioaõ em Portugal, o nascimento de hum Ioaõ em Iudéa he a quem hey de levãtar figura; pois o que se me offerece para discorrer, he hum Texto Sagrado, onde se lem do nascimẽto do Bautista os seus prodigios, & do nascimento do Grande Precursor os seus assombros.

Mas

Mas o certo he, que para fazer pontual observaçam deste nascimento, havemos de observar do nascimento do Bautista os seus protentos. Porque se os Astros, que dominaõ nestes dias, costumaõ influir as suas propriedades: assim foi o Bautista Estrella predominante neste nascimento, que o que se admirou na sua natividade em Iudéa por assombro, se vio gloriosamente equivocado em Portugal por excellēcia: & com correspondencia taõ admiravel, que o mesmo parece que foi o nascimento do Primeiro Ioaõ em Hebron, do que o do Terceiro Ioaõ em Portugal. Ora notay.

2 Este Evangelho dividese em duas partes: o principio delle he historia, & o fim delle he prophecia. Assim o dizem os Expositores deste Texto. Em quāto historia, respeitava o nascimēto do Bautista como presente: *Elisabeth impletum est tēpus pariendi, & peperit filium*: em quanto prophecia: *Et pater ejus prophetavit*: respeitava o nascimento de Christo como futuro: *Oriēs ex alto.* Quiz o Ceo, que cō hum só Evangelho se descrevessem dous nascimentos, hum futuro, outro presente: o presente em Iudéa, o futuro em Lisboa. Pois dividase o Evangelho em duas partes, huma em quanto historia do nascimēto do Primeiro Ioaõ em Iudéa, outra como semelhança do nascimēto do Terceiro Ioaõ, em Lisboa: & com consonancia tam protentosa, que da mesma maneira que foi historia, fosse semelhança. E se nam, lede este Evangelho com a mesma curiosidade com que eu o li, & reparai com advertencia nas circunstancias com que o nascimento succedéo, & vereis tam conforme o nascimento de Dom Ioaõ em Portugal, com o do Bautista em Iudéa, que o nascimento do Bautista em Iudéa vos pareça historia do nascimento d'ElRey Dom Ioaõ em Lisboa. Ou que o nascimento d'ElRey Dom Ioaõ em Lisboa he glossa do nascimento do Bautista em Iudéa. Ouvime, & vede,

Ita Silveira tom. 1. super hoc Evangel.

de, se tenho razaõ.

3 Prefixo o termo de nove mezes, pario Isabel hũ filho: *Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium.* Esta he a primeira circunstancia do Texto, & esta he a primeira circunstancia do assumpto; pois satisfeitos os mesmos dias pario hum filho a Senhora Dona Isabel aos nove mezes. No nascimento do Bautista assistio Isabel, & assistio Maria: assistio Maria: *Mansit autem Maria cum illa*: & assistio Isabel, porque foi seu o parto: *Elisabeth peperit*: no nascimento d'ElRey Dõ Ioaõ assistiraõ estas duas pessoas; pois na mãy deste Grande Princepe se unìram estes dous nomes, Dona Maria, Isabel. Permitio o Ceo uniaõ nos nomes para a assistencia; para que naõ faltasse a semelhança. O nascimẽto do Bautista primeiro foi annunciado, do que fosse visto: *Uxor tua pariet tibi filiũ*: o nascimento do nosso Princepe tres mezes antes q̃ fosse visto, foi annunciado. O nascimento do Bautista foi em Iunho: em Iunho foi o nascimento d'ElRey Dom Ioaõ. O nascimento do Bautista foi em Hebron, diz o A Lapide, Cidade fundada em montes, & cabeça do Imperio de Iudéa: *Hebron erat situata in montibus, eratque prima ex Civitatibus*: na primeira Cidade do Reyno de Portugal, tambem fundada em mõtes, que he Lisboa, teve o seu nascimento o nosso Princepe. No nascimẽto do Bautista ouve dous prodigios, hum no dia oitavo, outro no dia do nascimento: o do nascimento foi verse fecunda a esterilidade: *Elisabeth peperit*: o do dia oitavo, foi verse a voz a Zacharias restituida: *Apertum est os*: no nascimẽto do nosso Rey, ouve dous protentos, hum no dia oitavo, outro no dia do nascimento: o do nascimento, foi a inundaçaõ que ouve em Lisboa: o do dia oitavo, que foi o do Bautismo, foi o incendio, q̃ se ateou em o Palacio. No Bautista naõ lhe couberam os protentos do nascimento em hum só dia: ao Serenissimo Rey Dom Ioaõ em hum só dia naõ couberaõ de seu nasci-

Luc. 1. v. 56.

Epitome das Histor. Portuguezas de Faria.

A Lapide in c. 1. Luc. fol. 23.

Vascõç. de Regibus Lusit. fol. 28.

naſcimento os prodigios. O Bautiſta nam admirou pelas maravilhas do dia do ſeu naſcimento, ſenam pelos prodigios do dia da ſua Circumciſaõ, que foi o oitavo: *Quis puer erit?* O noſſo Sereniſſimo Princepe nam foi motivo de aſſombro aos ſeus vaſſallos, pelo diluvio de q̃ ſe acompanhou no ſeu naſcimento, ſenaõ pelo incendio que ſe ateou no ſeu dia oitavo; pois obrigados de fatalidade tam grande, lhe levantàraõ figura. O Bautiſta tendo hum pay taõ grãde como Zacharias, naõ lhe puzeraõ o nome do pay, porq̃ lhe chamáraõ Joam: ao noſſo Princepe, chamàraõ lhe Ioaõ, naõ lhe pódo o nome de hũ tam grande pay, como o Sereniſſimo Rey Dõ Manoel. No naſcimento do Bautiſta ouve grande medo, & ouve grande goſto; o goſto motivou-o o naſcimento; o medo cauſáraõno as maravilhas da natividade: eſte dia foi o do maior goſto para os Portuguezes, & foi o dia de maior medo para Portugal: foi o dia do maior medo para Portugal, pois lhe naſcia o maior Princepe em occaſiaõ tanto para ſe temer, que as nuvens ſe deſatavaõ em rayos, & os Ceos ſe desfaziaõ em coriſcos: foi o dia do maior goſto para os Portuguezes, pois viam o principio da ſucceſſaõ porq̃ ſuſpiravaõ. No dia do naſcimento do Bautiſta deſempenhou Deos a ſua palavra, em que nam havia de faltar a ſucceſſaõ, que prometéra a Abraham: *Iusjurandũ quod juravit ad Abraham:* neſte dia deſempenhou Deos a ſua palavra, que deu ao noſſo primeiro Rey, de que havia de conſervar a ſua deſcendẽcia. Ultimamente, remateſe o ſucceſſo do naſcimento do Bautiſta com ſe fazer publico a todos pela infallibilidade de huma prophecia, que aos que viviaõ nas cegueiras das ſombras do Gentiliſmo, haviáo de alumiar os ſeus rayos: *Illuminare his, qui in tenebris, & in umbra mortis ſedent:* acabeſe o acto do naſcimento do noſſo Rey com ſe fazer publico nas verdades da experiencia, que aon-

de vivia a ſombra da ignorã-cia, chegariaõ a desfazer as trevas da ſua cegueira, as luzes da ſua Fé. E ſe eſta foi a proporçam entre hum, & outro naſcimento: vede, ſe foi o Grãde Bautiſta Eſtrella predominante em eſte dia, cujos beneficos influxos foraõ tam activos, que ao naſcimento do noſſo Princepe lhe communicáraõ as propriedades do ſeu naſcimẽto. E ſe eſta foi a proporçam de hum naſcimento com outro naſcimento: eſte ſerá o aſſumpto do Sermaõ. A quem ficarà por titulo: O naſcimento do maior Rey, equivocado com o naſcimento do maior Santo. Entremos a diſcurſar, já que temos materia para diſcorrer.

§. I.

4 Ora và de prophecias, jà que havemos hoje de prègar ſemelhanças. Naſce o Bautiſta em Hebron, & começa logo Zacharias a prophetizar: *Et Zacharias prophetavit*: o que Zacharias prophetizou, foi o fim para que o Bautiſta naſceu: *Præibis ante faciem Domini*: naſce ElRey Dom Ioam em Portugal, & nos ſinaes, com que ſe acompanha o ſeu naſcimento, quer o Ceo que em elle como prophecia ſe leaõ as ſuas acçoens, que havia de emprender. O que Zacharias prophetizou no Bautiſta em Iudéa, fundado na revelaçaõ do Anjo, que lhe annunciou o naſcimento, foi de que o Bautiſta naſcia em Hebron, para vir diante do Meſſias: *Præibis*: a converter os coraçoens dos homẽs: *Ut convertat corda*. Se perguntares a Theophilacto, quaes eraõ os coraçoens, que o Bautiſta havia de converter: reſpondervosha, que os coraçoens dos Iudéos, a quẽ havia de prègar: *Convertet corda; ideſt, corda Hebræorũ.* Se perguntares ao Silveira, & ao A Lapide, quaes eraõ os termos, onde, & para onde os havia de converter: dirvosha o A Lapide, que da infidelidade para a Fé: *Ad Fidem*. E teſtimunharvosha o Silveira, que das ceremonias Moyſaicas para os dogmas Evangelicos: *Convertet*

Apud Silv. Luc. 1. tom. 1. fol. 95.

A Lap. in c. 1. Luc. fol. 1 o. §. Et incredulos.

Silv. vbi ſup. n. 54. §. Quinta Ioan. excellent.

tet corda ad doctrinam Evãgelicam. De ſorte que, conforme a opiniaõ deſtes grandes Padres, veyo o Bautiſta ao mundo, & para iſſo naſcéo em Iudéa, para fundar hum quaſi Tribunal da Fé contra a Perfidia dos Iudéos: pois para lhe manifeſtar que jà Chriſto era vindo, foi o fim para que naſcéo o Precurſor. Eſte foi tambem o fim, para que naſcéo o noſſo Rey: pois o fundar o Tribunal da Fé contra a Perfidia dos Iudéos, para lhe desfazer os ſeus erros, foi o primeiro eſmalte, com que illuſtrou a ſua Coroa. E com tanta proporçam, que aſſim como no naſcimẽto do Bautiſta ouve prophecia deſte ſucceſſo; aſſim no naſcimẽto do noſſo Rey ouve huma como prophecia deſta acçaõ. Por iſſo ſe acendeu o fogo no dia do ſeu Bautiſmo; porque ſe no Bautiſmo ſe acende a luz da Fé, quiz o Ceo moſtrar, que naquelle dia ſe acendia em Portugal o fogo para duas partes: no Bautiſmo para o Princepe; & no fogo, que ſe ateou no Palacio, para todo o Reyno. Se no naſcimento do Bautiſta ha huma prophecia, para moſtrar, que o naſcimento do Bautiſta he para acender o lume da Fé no coraçaõ dos Iudéos: naſça o noſſo Rey com preſagios da Fé, que no coraçaõ dos Iudéos quer radicar, ſimbolizada no fogo, que ſe acendeu. E ſe o Bautiſta pelo fim de ſeu naſcimento foi o maior Santo, o noſſo Princepe pelo fim do ſeu naſcimento foi o maior Rey. O Bautiſta foi no ſeu naſcimento como os demais homens; mas nenhum homem houve que foſſe como o Bautiſta: no fim do ſeu naſcimento em o ſeu naſcimento foi o noſſo Rey como os demais Principes; mas naõ ouve nenhum Principe, que no ſeu naſcimento tiveſſe o fim, que teve ElRey Dõ Ioaõ na ſua natividade. E aſſim como o Bautiſta por eſte fim ſe conſtituio maior entre os Santos: aſſim o noſſo Rey ſe conſtituio o maior entre os Principes.

5 Falla a Eſcritura no Segũdo Livro do Paralipo-

menon, dos Reys que governàraõ o Povo de Israel, & depois de fazer larga narraçam dos que precedèram a Iosapath, quando vai a fallar deste Princepe, diz que se levantára com a primazia entre todos os Reys, porque nam ouvera em todo Israel Princepe de maior nome, nẽ Princepe de maior gloria: *Fuit ergo Iosaphath dives, & inclytus multùm. Idest, famosus, & gloriosus*, explica o Abulense. Sendo que a mesma Escritura, que lhe deu o encomio, logo parece que offerecéo o repáro, para lhe diminuir a excellencia. Porque quando lhe louvou as virtudes, disse que David lhe déra primeiro a direcçaõ, que havia de ter na sua vida, para se conservar naquella grandeza: *Ambulavit in vijs David.* Pois se assim como hũ teve o Sceptro, assim o outro firmou a Coroa: Se assim como hum deu os passos, assim o outro andou o caminho: Se se equivocaõ os caminhos, se se parecem nas Coroas, porque haõ de ser iguaes nas semelhanças, & desiguaes nas grãdezas? Porque nam haõ de ser iguaes nas glorias, se o estaõ no dominio? Porque ha de ser Iosaphat o maior: *Inclytus multùm?* Se foi como David nas acçoens: *Ambulavitque in vijs David?* Sabeis porque? Porque Iosaphat, diz Abulense, quando mandou os Levitas pelo seu Reyno, deu-lhe poder para inquirirem da heretica Pravidade dos Iudéos, como agora fazem os Inquisidores do nosso tẽpo: *Misit ad inquirendum de hæretica pravitate, sicut nunc Inquisitores circa nos.* & Princepe cujo empenho he fundar a Inquisiçaõ: Princepe, cujo desvello he eregir de novo o Tribunal da Fe, todos seràm como elle para a Coroa, mas nenhum he como elle para a gloria. Todos saõ como elle para o Sceptro; mas nenhum he para a grandeza como elle: *Fuit inclytus multùm.* He Princepe a todo excesso o mais glorioso; porque nenhũ como elle se vé engrandecido. O excesso que Iosaphat fez aos Reys de Israel, fez ElRey Dom

2. Paralipom. 18. v. 1. Abul. hic.

Ita Abulens. in cap. 17. Paralip. q. 14.

Dom Ioaõ a todos os Princepes do mundo: que as ſuas glorias nam ſe eſtendéram a hum ſó Reyno. Foi verdadeiramẽte como o Bautiſta, que ſe no ſeu naſcimento excedeu na grandeza a todos os Iuſtos, ElRey Dom Joaõ excedeu a todos os Reys no ſeu naſcimento. Ioſaphat ſe póde dizer foi prophecia de todos os Reys de Portugal: & aſſim como entre os de Iſrael foi Ioſaphat o maior: aſſim Dom Ioaõ, que foi o q̃ mais ſe aſſimilhou a Ioſaphat, foi o maior em Portugal.

Ita A Lap. in 3. Regũ c. ult.

6 Ioſaphat, que teve a maioria para a gloria entre os Reys de Iſrael, foi deſempenho de ſeu cuidado a erecçaõ do Tribunal da Inquiſiçaõ depois de muitos annos de governo: ElRey no ſeu naſcimento o principiou logo a fundar no preſagio do fogo, que ſe acendéo. Melhor, Ioſaphat acendia o fogo depois de empunhar o Sceptro: ElRey Dom Ioaõ antes de ter a Coroa acendéo o fogo. Ate niſto ſe parecéo com o Bautiſta na ſua natividade: que havendo de converter os coraçoens dos homens na ſua vida: *Convertet corda*: logo começou a entẽder com os coraçoẽs dos homens no ſeu naſcimento: *Poſuerunt in corde*: ERey Dom Ioaõ havendo de acender o fogo na vida, logo o acẽdeu no naſcimento; & ſer hum Rey tal, que as acçoens da vida nam deſdigaõ às do naſcimẽto, iſſo he ſer Rey maior que todos ſem comparaçaõ. Acenderſe o fogo na vida, ſem ſe acender no naſcimento; ou acenderſe o fogo no naſcimento, ſem ſe àcender na vida, iſſo he cõmum nos Princepes; porque ſempre as acçoens da vida deſmentem as prophecias do naſcimento. Foi ElRey D. Ioam o primeiro Rey, onde as prophecias do naſcimento ſe nam oppuzeraõ às acçoẽs da ſua vida. O naſcimento do Sol, dizem que he annuncio de todo o dia, a Aurora do homẽ pronoſtico de toda a vida, a vida eco, & o naſcimento voz; mas ſe ha algum naſcimento, em quem o eco deſminta a voz, he o dos

Luc. 1. v. 66.

dos Principes. Se ha algum nascimẽto, que naõ seja pronostico verdadeiro, he o dos Reys; porque as acçoens da vida desdizem as prophecias do nascimento em os Principes. Os nomes que se impoem no nascimento saõ como prophecias da vida, dizia o Poeta: *Conveniunt rebus nomina sæpe suis.* Se ha alguem aonde esta regra naõ seja geral, he nos Reys. Absalaõ quizeraõlhe no nascimento prophetizar as acçoẽs da vida, & puzeraõlhe este nome, que quer dizer Pay da paz, *Absalon pater pacis.* Viveo Absalaõ, & assim encontrou com as acçoens da vida a prophecia do nascimento: que sendo no nascimento o Pay da paz, foi na vida o Pay da guerra. Samsaõ, quizeraõlhe no nascimento levantar figura, & assentáraõ, que havia de ser Sol: *Samson, idest Sol.* Encontrouse a vida tanto com este presagio, que tudo na vida foraõ escuridades: *Eruerunt oculos*: tendo prophecia no nascimento, de q̃ na vida havia de ser tudo resplandores. Adonias, quizeraõlhe pronosticar a sua vida, & resolveraõse os homens, que havia de ser Rey: *Adonias, idest, dominator, vel dominus.* Oppozse tanto a vida com o nascimento, que tendo a Coroa no nascimẽto, na vida naõ chegou a ter o Sceptro. Vltimamente a Caim quizeraõlhe advertir na vida, & persuadiraõse, q̃ havia de ter o dominio de tudo: *Cain, idest possessio.* E sendo no nascimẽto em prophecia Caim o Senhor de tudo, viveo sempre desterrado, sem ter cousa propria. E que andando a vida dos Principes tão pouco germanada cõ o nascimento dos Reys, vejamos ao nosso Rey tam singular, que ajustou o seu nascimento com a sua vida, que acendeu o fogo na sua vida, assim como o acendeu no seu nascimento. Isto he ser Princepe em tudo mais singular. Os demais, se acendem o fogo no nascimento, nam acẽdem o fogo na vida; mas ElRey Dom Ioaõ como foi o maior entre todos os Reys, acendeu o fogo na vida, & acen-

Lauret. verbo Absalõ.

Lauret. verbo Sãson.

Lauret. verbo Cain.

acendeu o fogo no nascimẽto. E que acendesse o fogo nestes dous tempos, para q̃ hum tempo se nam oppozesse ao outro tempo, grande excesso, porque foi grande singularidade.

7 Refere o Author do Ecclesiastico as grandes maravilhas do Patriarcha Elias: & para encarecer os seus protentos, assim principia a narraçam dos seus prodigios. Foi Elias tal, que acendeu o fogo, & assim se amplificou nas suas grandezas, que ninguem se poderá gloriar como Elias nos seus protentos: *Ignem dejecit, & sic amplificatus est, & quis potest sic similiter gloriari?* Quem ha ahi, diz o Espirito Santo, q̃ assim se glorie como Elias, pois acendeu o fogo na vida? *Quis sic gloriari potest?* Quem? Neemias: & com maior excesso, pois na mesma agua acendeu o fogo: *Iussit afferre aquam .... accensus est ignis magnus.* Pois se as maravilhas de hum, & outro consistiraõ no acender o fogo, como nam pòde haver quem se glorie como Elias, se ambos acendèraõ as chamas? Se estaõ iguaes nos incendios, como estaõ desiguaes em os excessos? Porque se ha de amplificar Elias, sem comparaçam nos prodigios, se parecéo que admittio semelhança nos protentos? Se ambos acendéraõ o fogo, que mais teve a chama, q́ acendeu hum, que o fogo q̃ ateou o outro? Direi. Nam tiveraõ nada pelo fogo, mas tiveraõ muito pelo tempo. He verdade, que ambos acendéraõ o fogo; mas com esta grande differença, que Neemias acendeu o fogo na vida, mas nam consta, que o acendesse em o nascimento; porèm Elias acendeu o fogo no nascimento, diz Santo Epiphanio: *Cum nasciturus esset Elias, vidit pater ejus igne eum involvi, & flamma ali:* & acendeu, diz o Espirito Santo, o fogo na vida: *Ignem jecit.* E vai tanto de acender sómente o fogo na vida a acendélo na vida, & no nascimento, que sendo iguaes os prodigios pelas materias, estaõ desiguaes para a gloria os sugeitos pelas ma-

Eccles. 48. v. 4.

Machabæor. 2. c. 1. v. 21. & 22.

Apud A Lap. fic fol. 981.

maravilhas. Admittem semelhanças nos prodigios, mas nam tem comparaçam nenhuma nos excessos. Acēdaõ ambos o fogo, mas gloriese sómente do fogo Elias, porq̃ nam desmentio com as acçoés da vida os presagios do nascimento. Nam faça Neemias comparaçam com elle, pois desmētio o seu nascimento com a sua vida: hũ acendeu o fogo na vida, tendo apagada a chama em o nascimēto; outro foi o mesmo no nascimento, q̃ na vida; porque tanto em seu ponto esteve o fogo na vida, como esteve a chama no nascimento. Inda ElRey Dom Ioaõ fez mais. Porque nam só conformou o nascimento com a vida, mas da mesma maneira que acendeu o fogo na vida, acendeu o fogo no nascimento. Porq̃ da mesma maneira fundou a Inquisiçam no nascimento quando minino, que fundou a Inquisiçam na vida quãdo homem. Porque aquelle mesmo brazam, que teve a Inquisiçam, quando elle a fundou, teve logo ElRey comsigo quando nasceu. Notai. As Armas da Inquisiçaõ saõ huma Espada, & huma Oliveyra: a oliveyra simbolo da brandura, & a espada simbolo do rigor. De modo que entre o rigor, & a brandura fundou ElRey o Tribunal da Inquisiçam. Ora vede agora, como ElRey nasceu, & julgareis, que logo a Inquisiçam fundou. Nasce ElRey em Lisboa, & no dia do seu nascimento desfazemse as nuvens em agua, & desatase o Ceo em coriscos: os coriscos simbolo do rigor; a agua simbolo da brandùra: para mostrar, que ElRey D. Ioaõ nascia entre a brandùra, & o rigor; entre o rigor dos coriscos, & a brandùra da agua. Porq̃ se ha de fundar na vida hum Tribunal, que ha de cursar entre a brãdùra, & o rigor, para que a empreza da vida seja o brazaõ do nascimento, nasce ElRey entre o rigor dos coriscos, & a brandùra da agua. Oh Rey verdadeiramente prodigioso, em quem as acçoens do nascimento se nam oppuzeraõ às da vida: antes

Ita Vasconcel. de Reg. Lusit. fol. 28r.

acen-

acendestes o fogo na vida, porque acendestes no nascimento a chama. Quem como vós, ô Rey, se poderá gloriar entre todos os Principes? *Quis sic potest gloriari?* pois fostes o unico Rey, onde as acçoens da vida, sahiraõ conformes aos presagios do nascimento: onde se viraõ acezas as chamas, por se equivocarem os fogos. Fostes no vosso nascimento, como o Bautista, aonde precedéo a prophecia do seu fogo, assim como em vós precedéo o presagio da vossa chama. E se assim se equivocou hũ nascimento com outro nascimento: vede, ô Academicos, se foi semelhante o nascimento do maior Rey ao nascimento do maior Santo: *Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium.*

Vasc. ... Reg. ... 28.

§. II.

8 Nasce o Bautista em Judéa, & poemlhe por nome Ioaõ no seu nascimento. E porque? Notai. O para que nascia o Bautista, conforme a prophecia de hum Anjo, foi para ensinar aos homẽs, & para lhe dar o methodo de como haviaõ de aprender as Sciencias. Porque aonde a nossa Vulgata le, *Convertet corda ad prudentiam,* tresladá o Syriaco, *Convertet corda ad scientiam.* De modo, que o fim do nascimẽto do Bautista foi estabelecer aos homens, o caminho da sciencia para o conhecimento de Christo. Ah sim: pois chamemlhe Ioaõ no seu nascimento, para que no seu nascimento lhe preceda ao Bautista huã prophecia das acçoens da vida. O nome de Ioaõ, na opiniaõ de Sãto Isidôro, significa as aguas do Bautismo: *Ioannes, idest, initium Baptismi*: o Bautismo, por ter na agua a sua materia, significa a sciencia: *Aqua sapientiæ potavit eos.* Pois tenha logo o Precursor hũ nome no seu nascimento, que explique o empenho de sua vida. Quem ha de dar a direcçam para as sciencias na vida, tenha logo o nome da sciencia em o nascimento. Ora vede como hum nascimẽto se equivocou com outro

Ita Silveir. tom. 1. fol. 95. n. 53.

S. Isid. lib. 7. Etym. c. 8.

Eccles. 15. v. 3.

Apud A Lap. in c. 1. Luc. f. 8.

tro

tro nascimento : hum em Portugal, outro em Iudéa, nam só nos nomes, mas nos successos; nam só em os successos, mas ainda em as prophecias. Nasce ElRey Dõ Joaõ em Lisboa,& no dia do seu nascimento se desatáram em agua as nuvens, chovendo sobre Lisboa a diluvios. E porque razaõ? Porque o Bautista se constituio Planeta deste nascimento; infundindolhe as mesmas propriedades em Portugal, que teve na sua natividade em Iudéa. ElRey Dom Ioaõ havia de abrir na sua vida as fontes da agua da sciencia, quando fundasse a Universidade em Coimbra; pois tenha no seu nascimẽto agua presente para annuncio da agua futura, já que no Bautista no seu nascimento para lhe explicarem a agua de sciencia futura,lhe poem hum nome, que desta agua seja presagio. Haja agua em hum, & outro nascimento, já que ha de haver agua em huma, & outra vida, para que constituindose os nascimentos equivocados em os nascimentos, se equivoquem os nascimẽtos em as prophecias, & sejaõ os presagios presentes o mesmo em huma natividade do que foraõ em o outro nascimento, jà que as acçoens da vida em hum, & outro Ioaõ haõ de ser o mesmo: & constarà ao mundo, que he o Bautista Planeta tam protentoso,que equivoca o nascimento do maior Rey com o nascimento do maior Santo.

9 Só no que se nam assemelháram em os nascimẽtos o Terceiro Ioaõ de Portugal cõ o do Primeiro Ioam em Hebron,foi, em que ambos tiveram a prophecia da sciencia em o mesmo lugar, mas nam fundáraõ ambos a Vniversidade naquelle lugar, aonde hum, & outro tiveram as prophecias.O Bautista teve a prophecia da sciencia em hum Palacio, onde se conservava a Real Familia de Abias; mas fundou a sua Vniversidade em hum deserto, convertendo os montes em Escola, & os rochedos em Cadeira: ElRey Dom Ioaõ tendo no seu Palacio o presagio da sciencia,

Ita A Lap.hîc

cia, no seu Palacio lhe levantou a Cadeira, porque no seu Palacio instituio a Vniversidade. Mas sabeis porque nisto se nam equivocáram, pois foi pelos diversos fins com que nascéram. Ao nascimento do Bautista se seguio a destruiçaõ do Reyno de Iudéa, por culpa daquelle Povo: ElRey D. Ioaõ nascéo para firmeza de Portugal, como se experimentou nas suas vitorias. Ah sim, pois se os fins dos nascimentos saõ tam diversos, sejaõ os logares da Vniversidade muito differentes. Sempre as letras seguraõ aos Imperios, mas nem sempre com as letras se livraõ os Imperios das ruinas: porèm quando os Reynos tem tam grandes Principes, que fazem os seus Palacios, Escolas publicas das Sciencias, tem a sua firmeza tam segura, que por mais que se lhe multipliquẽ os contrarios, sempre tem certas as vitorias: & se he cõ a circunstancia que tem a nossa Vniversidade de ficar o Palacio posto no monte, pouco importaõ os inimigos para a ruina, porque sempre ficaõ seguros para o triumpho. Logo como ElRey D. Ioaõ nasce para conservaçaõ de Portugal, se em hum Palacio tem o presagio da sciẽcia, noutro Palacio fundado em montes ponha a Vniversidade, para que se reduza da vida à verdade da experiencia, o que no nascimento foi inevidencia da prophecia.

Ita omnes juxta illud: *Non auferetur sceptrũ*: Genes. 49.

10 O Imperio da Igreja, diz Christo, ha de experimentar cada hora grandes assaltos, mas nam haõ de prevalecer contra elle os inimigos: *Portæ inferi non prævalebũt adversus eam.* Pois se a Igreja ha de experimentar cõbates, como se ha de livrar de ruinas? Porque se lhe naõ haõ de imprimir os golpes, se ha de ser a Igreja o alvo dos tiros? Se a haõ de cõbater, porq̃ se naõ ha de arruinar? Porque? Porq̃ a Igreja he a torre de David: *Sicut turris David collum tuum.* E que tem a torre de David? Que? Notai: A torre de David, edificou-a este Principe no seu Palacio, o qual

Matth. 16. v. 18.

Cãt. 4. v. 4.

fi-

ficava no Monte Sion, como consta do Capitulo quinto do segundo Livro dos Reys. E para que? O Texto Hebréo: *Sicut turris David, quæ ædificata est ad docẽdum, & ad addiscendum.* Edificou-a, pondo nella Escola, onde os homens ensinassem, & aonde os homens aprendessem. Porque naquella torre, diz huma grande penna da Companhia, que escrevéo sobre a Epistola de Santiago, poz David a Vniversidade dos Hebréos: *Aliqui dixerunt, turrim istam fuiße Academiam Hebræorum.* Ah sim: & o Reyno da Igreja tem em hum Palacio, que està no monte, a sua Vniversidade, pois tenha muito embora inimigos: *Portæ inferi*: mas nam ha de experimẽtar ruina na sua grandeza: *Non prævalebunt*: experimente muito embora contrarios, mas ella sempre ha de contar os triumphos. Tenha muito embora os assaltos, mas sempre ha de contar as vitorias. Isto se vé no Imperio de Christo todas as horas: isto se vé no Reyno de Portugal todos os dias, pois assim se segurou na sua grandeza, que no tempo deste Serenissimo Princepe crescéo este Imperio à maior gloria, pois pretendendolhe muitos a ruina por varias partes, permanecéo sempre glorioso pela uniaõ da sciencia, que se fez àquelle Palacio. Sejam testimunhas desta verdade todas as quatro Partes, em que o Mundo se divide, pois a todas ellas chegou a dominar o braço Portuguez na vida deste grande Rey. Na Asia testifiqueo aquelle celebre cerco de Dio, onde a perfidia dos Mouros quiz arruinar aquelle Estado: mas assim se resolvéram, que eraõ incontrastaveis as nossas Cõquistas, que depois de experimentarem ao nosso valor, deixàram na sua fugida sem sustos ao nosso Reyno. Publiqueo a Africa, que pertẽdendo fugir ao nosso dominio, o brio Portuguez lhe domou a sua fereza. Digao a America, pois querendo resistir às nossas Armas, se reduzio como vencida ao cargo de nossas vitorias. Vltimamente,

Ita apud Zuler. f. 22. n. 6

Vbi sup.

mente, confeſſeo Europa, onde o nome Portuguez foi tam temido, q̃ baſtava a ſua voz para reſpeitállo. Mas todas eſtas felicidades te naſcéraõ, ô Portugal, deſta Vniverſidade, que tinhas empenhada na tua defeſa: porque os Reynos nam ſe defendem tanto com as armas, como com as letras. E he tanto iſto aſſim, que nam ſaõ tanto para temer muitos ſoldados quando pelejam, como hum ſó Sabio, quando patrocina. E ſe na ſua Vniverſidade tinha tantos Sabios o noſſo Rey, como nam havia de ter o ſeu Reyno ſeguro, & os ſeus exercitos vitorioſos? Hum Reyno com tantas letras, como nam havia de ſer timido com tanto exceſſo? Onde eu me reſolvo, q̃ mais ſeguro tinha ElRey D. Ioam a Portugal com a Vniverſidade, que com os exercitos. Porque nos exercitos defendiaõ as armas, & na Vniverſidade defendiam as letras. E nam he tam grande guerra, a que fazem os Soldados no Campo, como a que fazem os Sabios na Cadeira. Mais amedrontam os Sabios, que os Soldados. Porque ſe naõ faz medo ao coraçam a viſta de exercitos, nam deixa de cauſar temor a viſta de hum ſó Sabio, empenhado na defenſa de qualquer Reyno.

11 Paſſouſe Achitophel de David para o exercito de Abſalaõ; tendoſe moſtrado atè aquelle tempo David grandemente animoſo, tanto que lhe déram eſta nova, ſe vio eſtranhamente turbado, & começou a fazer grandes oraççens a Deos, para que o livraſſe de Achitophel: *Infatua, quæſo Domine, conſilium Achitophel.* Pois valhame Deos, toca Abſalaõ caixas, conduz Soldados, ajunta exercitos contra David, & nam pede a Deos, que o livre de Abſalaõ, ſenam que o livre de Achitophel? Achitophel nam era hum ſó homem, os Soldados de Abſalaõ nam eraõ tantos? Pois qual ſerà a razaõ porque ſe teme David menos de tantos Soldados, do que de hum ſó homem? He a cauſa: porque nos Soldados de Abſalaõ temia David as armas, &

Reg. 2. c. 15. v. 31.

em Achitophel temia David a ſciencia; pois o reſpeitavaõ por tam Sabio, como ſe foſſem hum Oraculo os ſeus conſelhos: *Conſilium Achitophel erat quaſi ſiquis conſuleret Dominum.* Nos Soldados tinha David contra ſy as armas, em Achitophel tinha David contra ſy a ſciencia: pois por iſſo ſe recea da ſciēcia, & por iſſo ſe nam teme David das armas. Mais ſegurava a ſciencia de hum ſó Achitophel o partido de Abſalaõ, do que muitos Soldados ſeguravaõ o ſeu partido. E ſe hum ſó Sabio da parte de Abſalaõ tanto intimou a David, tantos Sabios quantos tem a noſſa Vniverſidade, como nam haviaõ de intimidar aos noſſos inimigos na defenſa do noſſo Reyno. Quando os Reynos ſe defendem com as armas, pòdeſelhe atrever o valor dos homens; mas quādo a Vniverſidade patrocina, nam ha á Univerſidade quem ſe lhe opponha: por iſſo o noſſo Rey foi o Pay da Patria, pois aſſim com a Vniverſidade a teve ſegura, que de nenhuma ſorte ſe vio Portugal arriſcado. Naõ era Portugal taõ invencivel nos outros tempos, como ſe fez incontraſtavel neſtes dias. Porque ſe nam faz tam invencivel, o que com as armas ſe defende, como o que com a Vniverſidade ſe aſſegura: para as armas baſta o valor; mas aquelle valor; q̃ ſe oppoz a combater a violēcia das armas, nam pòde cōtraſtar a Vniverſidade. E ſe a Vniverſidade, que tem os Reynos na ſua defenſa, ſe ſitua nos montes, ainda tem maior ſeguro, para ſe nam renderem, & maior actividade para ſe conſervarē.

Reg. 2. c. 16.

12 Chegou o Povo de Deos à Cidade de Dabir, & conſiderando Caleb a reſiſtencia, com que ſe defendia do ſeu cerco, mandou lançar bando no ſeu exercito, que quem arvoraſſe em os ſeus muros, as bandeiras do ſeu dominio, lhe daria por premio do ſeu valor a huma unica filha que tinha, para ſer ſua eſpoſa: *Qui percuſſerit eam, dabo Axam filiam meam in uxorem;* ſendo que

Ioſue 15.

que para animar aos soldados na guerra, que antecedétemente tiveraõ, quando tomáraõ a Cidade de Asor, he que lhe havia de propor todo o premio. Pois descrevendo a Escritura o cerco, diz, que a multidaõ da gente, com que se defendia, era como as areas do mar: *Populus multus nimis sicut arena, quæ est in littore maris*: & quando falla em Dabir, sômente conta o cerco, nam numerando a multidaõ com que se defendesse, nem preparaçoens com que o exercito cõtrario se lhe oppuzesse. Pois para a Cidade de Asor nam ha premios, sobra o valor, & para Dabir nam basta o valor, saõ necessarios os premios? Huma póde ser a sua empreza, materia a que o animo se atreva, quando o medo devia soçobrar ao coraçam: outra nam basta, o animo para a vencer, estando a vitoria tam certa, como a falta das preparaçoens prometia o triumpho? Nam. Porque a Cidade de Asor (diz o A Lapide, referindo a opiniaõ de Iosepho) tinha o seu seguro nas armas de trezentos mil homens de pè, de dez mil de cavallo, & de dous mil de carroças, que a defendiaõ: *Trecenta millia peditum, decem millia equitũ, & duo millia curruum*: Dabir (diz a Escritura) era a Cidade das letras: *Erat Civitas litterarum*: assim chamada (diz o Abulense) porque alli florecia o estudo: *Ibi vigebat studium*. E mais claro o A Lapide. Porque nos seus montes estava situada huma Vniversidade, em quem tinha Dabir a sua defensa: *In montibus erat Civitas litterarum. Videtur ergo hic fuisse Academia, in qua litteras docebant*. E tãto mais de difficuldade tem de vencer, huma Cidade, defendida com huma Vniversidade posta em seus montes, do que hum Reyno cheio de armas: que fiando Caleb do animo dos Soldados o opporse ás armas, nam fiou do seu valor que se oppuzessem às letras: fiou do seu animo pôr o peito ás balas, mas nam fiou do seu brio resistir à opposiçam da Vniversidade. Porque tanto

Iosue 11.

Abul. q.6. in 15. Ios. A Lap. hic.

A Lap hic.

tanto maior bateria fazia a Vniverſidade poſta nos mōtes, que os exercitos formados no campo; que para haver animo, que ſe atreveſſe a tocarlhe as muralhas; foram neceſſarios premios, & premios tam grandes. A primeira empreza, como menos difficultoſa, fiaſe do valor para o triumpho das armas; mas a ſegunda, como mais difficultoſa, nam ſe fia do valor dos Soldados; porque nam podia o ſeu valor ſubir a ponto tam alto, o que baſtava para deſtruir hum exercito tam poderoſo, nam baſtou para ſe oppor a huma Vniverſidade tam florente: *Qui percuſſerit eam, dabo ei Axam filiam meam in uxorem.* E ſe com eſtas armas defendéo o noſſo inclito Princepe ao ſeu Reyno; que muito, que no ſeu tempo ſe viſſe o noſſo Portugal tam exaltado, que deſenrolaſſe ſempre os eſtandartes de triumphante, erigindo ſempre os tropheos de vitorioſo. Là em Diu ſe deſpediaõ os tiros: mas cá de Coimbra ſe fazia incontraſtavel a Fortaleza. Lá na America ſe tirava a eſpada: mas de cá de Coimbra era a reſiſtencia. Lá na Africa ſe rendiaõ os Barbaros: mas cá a Coimbra ſe tributava o medo. Lá na Europa à voz do nome Portuguez ſe congelava o ſangue nas veias: mas cá Coimbra, era a que fazia paſmar os coraçoens. Porque na ſua Vniverſidáde tinha o Reyno incontraſtavel muro, edificado pelo maior Princepe, para ter Portugal o maior ſeguro. E para que ninguem duvidaſſe, que ſe equivocava em o naſcimento o parto com o Planeta, ſe ſe diverſificáram nos lugares, aonde puzeraõ a Eſcola para os eſtudos, naſçaõ com os meſmos preſagios, & fundem ambos a Vniverſidade, para deſempenho das profecias, para que os naſcimētos ſe nam diſtingaõ, & pareça o meſmo o naſcimento de hũ Ioaõ, em Hebron, que o naſcimento de outro Ioam, em Portugal: *Eliſabet impletum eſt tempus pariendi, & peperit filium.*

§. III.

§. III.

13 Vltimamente bem sey, que para o tempo tenho prègado muito, mas de materias grandes, nam ha Sermoens piquenos. Nascéo pois o Bautista em Iudéa, & o para que nascéo em Hebron, foi para aparelhar para Deos hum povo perfeito: *Ut pararet Domino plebem perfectam*: que foraõ os discipulos de sua escola, que desde o tempo do Grande Patriarcha Elias viviam vida religiosa. Nascéo ElRey Dom Ioaõ em Lisboa, & o para que nascéo, foi para trazer a Portugal, a Illustrissima, & Religiosissima Familia da Companhia. Nasce o Bautista para aparelhar a hũ povo, pelo qual [diz Maldonado] preparasse hũs homens, que pelas aguas do Bautismo, & pela prègaçam do Evangelho, conquistassem o mundo: *Ut homines Baptismo, & prædicatione præpararet*. E para que nascéo o nosso Princepe? Senam para trazer a Portugal huma Religiaõ, cujo Estatuto he pòr aos pés de Christo, como premissas de seu trabalho, ao mundo todo, cõ a prègaçam do Evangelho, & com a agua do Bautismo. E para que vos conste, que este foi o fim do seu nascimento, observai comigo, cõ curiosidade, o anno em que empunhou ElRey o sceptro, & o anno, em que Santo Ignacio tratou da fundaçam da Companhia: & vereis, q̃ o mesmo anno, em que em Pamplona deixou Ignacio a vida de Soldado, preparandose para Religioso, foi o mesmo, q̃ em Portugal poz ElRey Dom Ioam III a Coroa na cabeça. ElRey [como diz o Padre Vasconcellos) tomou o governo no anno de 1521. No anno de 1521. (como diz o Doutissimo Padre Telles] fez o Ceo a Ignacio o tiro: onde dandolhe a balla, de Capitam de exercitos de Marte, se trocou em Capitam dos Exercitos de Christo. E se jà ouve quem disse, que para o Ceo mostrar, que o grande Xavier nascia

Mald. in Evãgel. fol. 895.

Vascõc. de Reg. Lusit. f. l. 281. Tell. na Coron. da Cõp fol. 3.

D.Frãc. de la Tor. no Peregr. Atlant. fol.3.

para o Oriente, diſpuzera a providencia, que naſceſſe o Grande Apoſtolo da India no meſmo anno em que o Grande Dom Vaſco da Gama deſcobrio aquelle Imperio nas noſſas Conquiſtas: Eu agora uſando do meſmo argumento, vẽdo impunhar o ſceptro a El Rey D. Ioam no meſmo anno, em que Santo Ignacio lança os fundamentos à Companhia: Porque nam inferirei, que para Protector da Cõpanhia naſcéo o noſſo Princepe em Portugal? Em cujos louvores me nam dilato com mais largos diſcurſos, porque ficaràm ſuſpeitoſos; pois a eſta Sagrada Religiaõ, de todas as Familias Religioſas em Portugal nòs fomos os primeiros, que a metemos em o coraçam: recebendo no Hoſpital de Lisboa em a noſſa companhia, aos primeiros dous Religioſos Profeſſores deſte Eſtatuto, que vio Portugal. O que nòs devemos ao noſſo Princepe pelo ſeu cuidado. Ainda hoje o apregoa o Oriẽte, em hum Xavier, em cuja immenſidade ſe remontou até ǫ Iapam. A Ethiopia em hum Oviedo: a India em hum Criminal: o Braſil em hum Anxieta: os Cafres em hum Silveira: hum Maſtrilho em o Iapam: hum Manorita em os Arabios: reduzindo às noſſas Conquiſtas, o que naõ poderaõ por ſy as noſſas armas.

14 Colho já, Sereniſſimo Princepe, as vellas ao meu diſcurſo, por nam offender as voſſas grandezas, ou por nam acreſcentar mais as noſſas ſaudades; pois vos tem roubado a tyrannia da morte aos noſſos olhos, ha tantos annos. Mas ſervirá o noſſo coraçam de obeliſco á voſſa memoria, & de padraõ à voſſa lembrança, cõvertendo a Vniverſidade as ſuas Cadeiras, em eterna cuna do voſſo naſcimento, para eternizar as ſuas dividas. Vivireis em Côxim, ainda nas memorias da infidelidade, pela gloria a que a exaltaſtes, quãdo com Biſpo a engrandeceſtes. Sereis eternos ſuſpiros de Malàca, pois hoje ſe vè privada deſta meſma glo-

Ita Vaſconcel. fol. 282

gloria,a que a ſubiſtes. Reſpeitarvosha o Braſil, pela meſma Dignidade, a que o ſublimaſtes. A Ethiopia chorará eternamente cõ lagrimas de ſangue o nam vos ver jà hoje como naſcido, pois de vòs recebéo as primeiras luzes do Evangelho. Tangere entre as ruinas da Chriſtandade, & Mazagaõ entre os triumphos da Fé eſcreverám o voſſo nome nos Annaes da Fama, pois vos conhece por Author, huma, & outra fortificaçam. Evora, Portalegre, Leiria, & Miranda, agradecidas repetiràõ ſempre o voſſo nome, pois ao voſſo poder ſe confeſſam obrigadas: huma da dignidade Archiepiſcopal que logra, as outras na de Biſpos, que lhe deſtes. Lisboa, Evora, & Coimbra levantaràm eſtatua na poſteridade á voſſa grandeza, pois para conſervar pura a Fé, em huma, & outra fundaſtes a Inquiſiçam. Vltimamente a noſſa Vniverſidade vos conſervarà ſempre na ſua memoria, pois nam tem Coimbra Collegio, que nam foſſe voſſo na fundaçam, ou que nam foſſe a ſua exiſtencia effeito da voſſa liberalidade. Digao por todos o Real Collegio de Sam Paulo. E na verdade, que quando Portugal vos nam eſtiveſſe em outra divida, eſta baſtava para eterno monumento. E vòs, Sagrado Precurſor, jà que foſtes Aſtro predominante deſte naſcimento, influi nos noſſos coraçoens as voſſas propriedades; para que ſeguindo os voſſos paſſos, vos acõpanhemos na Gloria: *Ad quam nos: &c.*

SER-

SERMAM
DO BAUTISMO DO
PRECURSOR,
PREGADO

Em o Convento de Santa Anna da Cidade de Coimbra, em o dia oitavo da Epiphania, do Anno de 1683.

Veni ego in aqua baptizans. Ioann. 1.

M tres estados costuma o Sol todos os dias dividir ao seu curso: no berço, onde principia no seu Oriente a dar os seus passos: no Zenith, onde sobe no seu meyo dia, fazendo ostentaçam dos seus rayos: & no tumulo, onde sepulta a magestade luminosa de suas luzes em o seu Occaso. Entre o Occaso, o Zenith, & o Oriente reparte o Sol o seu curso, servindolhe o Oriente, o Zenith, & o Occaso de extremos, onde fórma o Sol os seus paralêllos, correndo pelo Zodiaco, que lhe serve de luzida pianha aos seus resplan-

plandores, & de mageſtoſo theatro à ſua grandeza, intendendo aos ſeus rayos, por avivar em qualquer eſtado deſtes as ſuas luzes.

16 O Grande Bautiſta tambem foi Sol, porq̃ tambem como Sol teve tres eſtados o Bautiſta. Teve o ſeu Oriente em as montanhas de Iudéa, o ſeu Zenith em as prayas do Iordaõ, & o ſeu Occaſo no carcere de Macheronte. Aquelle eſtado, q̃ medeia em o Sol entre o ſeu Occaſo, & o ſeu Oriente, he o ſeu meyo dia. Aquelle eſtado, que no Bautiſta medeia entre o ſeu Oriente, & o ſeu Occaſo, he o ſeu Zenith. O ſeu naſcimẽto foi o ſeu Oriente, a ſua degolaçam foi o ſeu Occaſo: com que vem a ficar em o Precurſor o ſeu Bautiſmo o ſeu meyo dia. No Sol, ſendo tres os ſeus eſtados, ſó em dous permite aos noſſos olhos o exame da ſua grandeza. Quando apparece em o ſeu Oriente, & quando ſe avizinha ao ſeu Occaſo. Porque aſſim no ſeu Occaſo, como no ſeu Oriente ſe lhe diminue muito aquella luz, que no Zenith tanto offende a noſſa viſta.

17 O Bautiſta he Sol mais prodigioſo, porque aſſim nega a comprehenſaõ de ſeus rayos a noſſos olhos, q̃ por credito de ſuas luzes em todo o tempo offende a noſſa viſta com os ſeus reſplandores. Porque ſe lhe quereis dar alcance aos primeiros paſſos do ſeu Oriente, na cuna foi o Precurſor taõ admiravel, que ao paſſo, que os homens quizeraõ fitar nelle os olhos para o conhecimẽto dos ſeus rayos: *Quis puer erit?* perdéraõ o paſſo com os ſeus aſſombros, pois a admiraçam, com que ſe ſuſpẽdéraõ, foi o conceito, q́ delle formáraõ: *Admirati ſunt*: ficando na viſinhança de ſuas luzes tam aſſombrados, quãto o Bautiſta com a viſinhãça de ſeus reſplandores ficou luzido. Se o conſiderais em o ſeu Occaſo, he tam inacceſſivel a ſua luz, que com fechar o Bautiſta os olhos por diminuir no Sol os rayos, a olhos viſtos cegaõ, ainda eſcurecidos, os ſeus reſplan-

Luc. 1. v. 66.

Cap. 1. Luc. v. 63.

Marc. 6. v. 16.

plandores: *Hic est quem ego decollavi*: ficando em as cõfusoens da morte o Bautista tam resplandecente, que entre as pardas sombras, em q́ se involvéraõ com a morte as suas luzes, ficáram equivocados com Deos os seus rayos. Este he o Grãde Bautista em o seu Occaso, & este he o Grande Bautista em o seu Oriente. E qual serà o Grãde Bautista no seu meyo dia, se assim foge ao nosso juizo, quando o Sol se costuma permitir aos nossos discursos? Como se remontarà, quando tendo o Sol por injuria o nosso exame, nam permitte, que o comprehenda o nosso juizo? Ora notai.

18 Assim como o Bautista, em quanto Sol teve tres estados, assim teve Deos tãbẽ em estes tres estados cõ o Bautista tres empenhos, para que nam cegassem tanto aos nossos olhos as suas luzes, que presumissemos divinos os seus resplandores, pois eraõ incomprehensiveis os seus rayos. No carcere, no Iordaõ, & em Iudéa. Em Iudéa empenhou Deos a sua maõ em lhe assistir, para nos haver de desenganar, que Deos nam era o que nascia, porque sómente era de Deos a maõ, que ao Bautista acõpanhava: *Etenim manus Domini erat cum illo.* No Iordaõ assistiolhe o Filho para o distinguir: *Vidit Iesum venientem ad se*: o Espirito Santo para o diversificar: *Super quem videris Spiritum Sanctum, hic est*: o Eterno Pay para o dar a conhecer: *Hic est Filius meus dilectus.* No carcere tãbem o acompanhou. Porque he opiniaõ de varios Doutores, allegados no quarto tomo da Historia Evangelica, que Christo na sua degollaçam invisivelmente lhe assistio. E pois no nascimento só a maõ de Deos o acompanha, no Occaso só o Filho lhe assiste, & no Iordaõ o Pay lhe assiste, o Filho o acõpanha, & o Espirito Santo o nam deixa? Sim. Porque em todos estes tres estados haviaõ de padecer as luzes do Grande Bautista tres exames: haviaõse de examinar no seu

Luc. 1. v. 66.

Salmeron Hist. Evang. tom. 4. p. 2. tract. 18. sub finem.

Orien-

Oriente: *Quis puer erit?* haviaõse de examinar no seu meyo dia: *Tu quis es?* & haviaõse de examinar no seu Occaso: *Hic est quem ego decollavi.* E como sempre em o Bautista foraõ intensos os seus rayos, para que nos nam ceguem os seus resplãdores, assistalhe Deos, para lhe diversificar as luzes, mas multiplique no Bautismo do Iordaõ as assistencias, para que se desengane o mundo, que tanto se excede a sy o Bautista no seu Zenith, que se no seu Oriente basta huma maõ para o distinguir, que se no seu Occaso sobra huma só Pessoa para o diversificar, no Iordaõ assim aviva os seus rayos, assim se intendem neste Sol os resplandores, que para negar a Divindade às suas luzes, saõ necessarias tres Pessoas para distinguirlhe ao Sol do Bautista todos os seus rayos. E por isso forme o Bautista em as aguas do Iordaõ tantos espelhos: *Propterea veni ego in aqua baptizans:* para que reflectindo nellas as suas luzes, se conheçam de alguma sorte os seus resplandores, deixando escritas em laminas de cristal estas verdades no meyo dia de suas excellencias, & no Zenith de seus assombros; pois o publicar o que eram os seus rayos, para se nam cegarem os homens com as suas luzes, foi o que trouxe hoje às prayas do Iordaõ ao Bautista: *Ut manifestetur in Israel, propterea veni ego in aqua baptizans.* Se pois temos hoje ao Grande Bautista no seu Zenith, serâ o assumpto do Sermaõ mostrar ao Grande Precursor taõ intenso em os seus rayos, que hoje nas prayas do Jordaõ se vio o Bautista no seu meyo dia, subindo ao Zenith da sua grandeza. Temos materia para discorrer, entremos agora a discursar.

19 Grande foi o Bautista no seu nascimento, porèm maior foi hoje o Precursor em o seu Bautismo. Porque no seu Bautismo foi Sol em o seu Zenith, & no seu nascimento foi Sol em o seu Oriente: & quanto vay do Sol no seu Oriente ao Sol em o seu Zenith, tanto foi do

Bau-

Bautista em as aguas do Iordaõ ao Bautista em as montanhas de Iudéa. O Zenith he aquelle ponto, aonde o Sol principia a descer; porque nam pòde o Sol mais subir. Tambem confessou o Bautista, que começava a descer: *Me autem minui*. Porque nam podia o Bautista a mais chegar. Do Zenith, em que o Sol resplandece, busca o Sol as aguas, em que se sepulta. Por isso hoje buscou o Bautista as aguas do Iordaõ: *Veni in aqua baptizans*. Porque como Sol tinha chegado em o seu Bautismo ao Zenith. Ao Zenith, onde o Sol resplandece, se lhe segue ao Sol a morte, em que no Occaso se sepulta. Do Bautismo, onde Ioaõ luzio como Sol, se lhe seguio ao Precursor a morte, onde Herodes lhe pertendeu escurecer as luzes, sepultandolhe entre pardas nuvens os resplandores. O Zenith he o grào, onde o Sol pòde subir na maior intençam de seus rayos. O Bautismo foi para o Precursor cousa tam grande, q̃ foi o mais a que podia subir o Precursor. E com taõ grande excesso, que se o Bautista podéra chegar à Divindade, só no Bautismo do Iordam havia de ser. Porque só lá as suas aguas o poderiaõ subir. E se a Divindade he o grão, a que mais se pòde chegar na maior imminencia, bem se mostra, que foi hoje o dia, em que o Bautista chegou ao seu Zenith, pois foi hoje o dia, em que o Bautista subio com tam grãde excesso, que se lhe fora possivel chegar a ponto tam alto, havia lá o Bautista de subir, quando movéo as aguas do Iordam para bautizar.

Ioan. 3. v.30.

20 Quando o Grande Bautista vivia em o seu deserto de Bethania acompanhado de sy mesmo em a sua soledade, & destituido da sociedade dos homens naquelle retiro, se persuadíraõ os Fariséos, que elle era o Messias: & reconhecendo aos seus protentos, lhe mandàraõ offerecer a Divindade, com tam grande empenho em q̃ fosse Deos o Grãde Bautista, que diz Santo Thomàs de Villanova, que por

por força lhe queriaõ dar a Divindade, quando se resolvesse a nam admittir a sua offerta, negandose às suas latrías: *Invitum utique promovissent in Christum. Tu quis es?* Vistes já mais notavel empenho? Pois agora reparai em o q̃ veyo a parar tam grande excesso. Deixa o Bautista o seu deserto, onde Deos o creára desde a sua mininice, servindolhe os montes de escola, os rochedos de mestres, & os brutos de companheiros. Entra em Jerusalem o Precursor, fazse conhecido dos olhos, o que era só respeitado da fama, & nam lereis em todo o Testamento Novo, onde se conta a sua historia, que por divino respeitassem ao Bautista, ouvindo dar à sua voz tam grande brado, que os eccos della retumbáram em o Palacio mais fechado. Pois, homens entendidos, nam he esse o mesmo Bautista, que ha poucos dias buscastes em Bethania, com tam grande empenho? Se no deserto o acclamaveis por Deos, porque razaõ agora o nam confessais por Christo? Em Bethania por força ha de ser Deos o Bautista? *Invitum utique promovissent in Christum.* E em Ierusalem nem por cortezia ha de ser o Bautista Deos? Se o Bautista he o mesmo em Ierusalem, que em Bethania, porque o quereis adorar por Deos em Bethania, & porque o naõ adorais por Deos em Ierusalem? Notai. Em Bethania, onde offerecéraõ ao Bautista a Divindade, presumindo que era o Messias, adverte o Evangelista, que estava bautizando o Precursor: *Hæc facta sunt in Bethania, ubi erat Ioannes baptizans*: em Ierusalem tinhase o Precursor apartado do Iordaõ, & deixada do Bautismo a sua ceremonia, para reprehender de Herodes os peccados, desfazendolhe dos olhos a nuvem de seus enganos: & assim se intendéraõ em o Iordaõ do Precursor os seus rayos, que julgáraõ os homẽs, que por força havia de ser Deos o Bautista, ou que se podesse o Bautista subir a ser Deos, só o podia ser em o Bau-

Ioan. 1. S. Th. de Vilanov. Serm. 1. de Ioan.

Ioan. 1. v. 28.

Bautiſmo do Iordaõ: Ioam no Bautiſmo ha de ſer Deos, ſe fòra do Bautiſmo naõ pode ſer Chriſto: *Invitum utique promoviſſent in Chriſtũ. Tu quis es?*

21 Vede ſe foi Sol no ſeu meyo dia, quem em o ſeu Bautiſmo ſubio a ponto tam alto. Vede ſe foi Sol em o ſeu Zenith, quem em as aguas do Iordaõ ſubio em a eſtimaçam dos homens a taõ alto ponto, que chegou na ſua opiniaõ ao maior exceſſo. Oh Bautiſmo ſoberano! Oh aguas do Iordaõ admiraveis, que devendo no Bautiſta diminuir os ſeus rayos, acreſcentaſtes no Bautiſta os ſeus reſplandores! Que devendo em o Precurſor diminuir as ſuas luzes, lhe acreſcentaſtes ao Precurſor mais rayos! Que devendolhe desluzir as prerogativas, lhe acumulaſtes as excellencias, pois regenerandoo em os teus criſtaes, parece que lhe deſpiſtes a librè da natureza, que lhe era propria, & lhe cortaſtes a galla da Divindade, que lhe era alheia, pois tirandolhe da humanidade o ſaial toſco, parece, q̃ o reveſtiſtes da luſtroza tella da Divindade, na deſvairada imaginaçam das creaturas! O certo he, que aſſim o ſubìraõ tanto ao ſeu meyo dia as tuas correntes, que ſe nam chegou o Precurſor a ſer Deos na realidade em o ſeu Bautiſmo, era porque ainda em o ſeu Zenith lhe ficava impoſſivel eſta immінencia. Mas aſſim o exaltaſtes cõ tãta ſoberanìa à maior altura, que ſe nam teve de Deos os meſmos rayos, parece, que lhe equivocaſtes cõ Deos as proprias luzes, com tanta ſingularidade, que ſe lhe nam déſtes as realidades, naõ lhe podeſtes negar as ſemelhanças, com ſuperioridade tam exceſſiva, que ſe Ioam, & Deos eraõ dous, Ioam, & Deos em o ſeu Bautiſmo parecéraõ hum. Grande confirmaçaõ me parece, que tem eſte meu juizo no preſente Evangelho.

22 He certo (porque niſto convem todos os Padres) que Chriſto bautizou ao Precurſor em o Iordaõ. Iſto ſuppoſto, o que eu

ago-

Vide Silv. ſupra hoc Evang. tom. 1.

agóra repáro he, em que deſcrevendo o Evangeliſta eſte ſucceſſo, ſó nos eſcreva o Bautiſmo, com que no Jordaõ bautizou o Precurſor a Chriſto, & nam o Bautiſmo, com que Chriſto bautizou ao Precurſor: *Propterea veni ego in aqua baptizans.* Myſterioſo ſilencio, & grande difficuldade! E porque ſe nam conta o Bautiſmo de Ioaõ, aſſim como ſe conta o Bautiſmo de Chriſto? Se no Iordaõ ouve eſtes dous Bautiſmos, porque nos ha de dizer o Evangeliſta o Bautiſmo de Chriſto, & porque ha de calar o Bautiſmo de Ioaõ o Evangeliſta? Sabeis porque? Pois eſta he a razaõ. Os Evãgeliſtas nunca coſtumáraõ eſcrever couſas, que foſſem ſuperfluas; & como Ioaõ, & Chriſto ſendo dous, aſſim no Bautiſmo ſe identificáraõ, que ſendo differentes em as peſſoas por natureza, ſe fizeraõ hum ſó nas ſemelhanças pelo Bautiſmo: como aſſim fez delles o amor hum metamorfoſis tam protentoſo, julgou o Evangeliſta, como entendido, q̃ era ſuperfluo cõtar o Bautiſmo de Ioaõ, quando referia o Bautiſmo de Chriſto. Porque quem referia o Bautiſmo de Chriſto, tambem referia o Bautiſmo de Ioam. Por iſſo ſendo dous os Bautiſmos, hum ſe calla, & ſó o outro ſe conta: *Propterea veni ego in aqua baptizans.*

Triũf. de vtro que Ioanne curſ. 1. laur. 46 f. 119.

23 Vede ſe Sam Bernardo, & Sam Gregorio fizeraõ o meſmo diſcurſo, & seguíaõ a eſte proprio aſsũpto. Deſcrevem eſtes Padres a ſolemnidade com que ſe fez hoje em as prayas do Iordaõ ao Bautiſmo, & as peſſoas, q̃ aſſiſtíraõ a eſte acto. E dizem aſſim: *Pater auditur in voce.* O Pay aſſiſtio, porque ſe lhe ouvio em o Bautiſmo a voz: *Spiritus Sanctus apparuit in columbæ ſpecie:* o Eſpirito Santo aſſiſtio, porque em a eſpecie de pomba appareceo: *Adeſt Ioannes totius Trinitatis medium:* Eſtà preſente Ioaõ, q̃ he o meyo de toda a Trindade. Grandes palavras! Mas quem nam nota nellas, que os Padres parecéram diminutos; pois ſendo a Peſſoa

de

de Christo huma das principaes, que condecorou este acto, & fez celebre a este dia, nam fazē da Pessoa de Christo alguma mençam, nem para a celebridade do dia, nē para a grādeza do acto. Pois se nos referem como o Pay, & o Espirito Santo assistiraõ, porque nam fallaõ da Pessoa do Filho? Ora o certo he, que em nada foraõ diminutos, porque como fizeram mençam da Pessoa do Precursor: *Idest Ioannes*: era superfluo fazer mençam da assistēcia da Pessoa de Christo. Porque asim se unio Christo em o Iordaõ com o Precursor, que como se no Bautismo nam fossem diversos, asim se equivocáram, que parecéraõ o mesmo. Por isso se calla a asistencia de hum, quando se expressa a presença de outro: *Pater auditur in voce: Spiritus Sanctus in columbæ specie apparuit: Adest. Ioannes totius Trinitatis medium.* Tanto subio o Bautista no Iordaõ ao seu meyo dia, que se lhe faltáraõ de Deos as realidades, nam lhe faltáraõ de Deos as equivocaçoens: & com tam superior excesso, que vindo o Bautista buscar as suas correntes para desfazer nos nossos enganos: *Ut manifestetur in Israel, propterea veni ego in aqua baptizans*: deu fundamento aos nossos discursos, para lhe divisarmos em multiplicados espelhos, os seus assombros, tropeçando em as suas excellencias, pois em o mesmo Bautismo lhe equivocamos os seus resplandores: *Existimante populo, quod ipse esset Christus.* Luc. 3. v. 15. Quereis, por ultima conclusaõ, saber o quanto ao seu Zenith subio em as prayas do Iordam o Precursor? Pois subio com tanto excesso, que atè o mesmo Deos parece, que nos cōfundio, quando para lhe diminuir os rayos, lhe quiz da Divindade diversificar os resplandores. Ora ouvi hum Texto, que sendo repetido em o pulpito todas as horas, hoje me parece, que para a excellencia do Bautista teve o seu primeiro dia. Ora advirtaõ.

24 Hum dos mais abonados testimunhos com que Deos

Deos pretẽdẽo moſtrar, que o Bautiſta nam era Divino, foi hoje em as aguas do Bautiſmo, & nas prayas do Iordaõ. Achaſe hoje Chriſto, & Ioaõ, em as criſtalinas aguas do Bautiſmo, apparece viſivelmente o Eſpirito Santo ſobre a cabeça de Chriſto: *Vidi Spiritum Sanctum deſcẽdentem, & manſit ſuper eum.* Soa a voz do Eterno Pay, proferindo eſta razaõ, para dar de Chriſto o teſtimunhõ mais importante: *Hic eſt Filius meus dilectus.* Eſte he o meu Filho amado. Se perguntares, para que deſceo o Eſpirito Santo em eſte dia, & para que ſe diſſeram em o Iordaõ eſtas palavras? Reſpondervosha o Grande Bautiſta, que foi para moſtrar, que elle era homem, & que ſó Chriſto era Deos: *Ille, qui miſit me baptizare, ipſe dixit mihi: Super quem videris Spiritum Sanctum, ipſe eſt.* Por iſſo o Eſpirito Santo ſe poz ſobre a cabeça de Chriſto, para determinar a peſſoa de quem ſe affirmavaõ aquellas palavras, & aſſim diſtinguiſſe ao Precurſor. Ora notai agora o modo, com que ſe ouve Deos com Chriſto em o Iordaõ, & o modo cõ que ſe ouve com o Precurſor em o Bautiſmo, quando o quiz diverſificar, & quando o pertendẽo diſtinguir. Quando o Padre Eterno proferio a voz em abono de ſeu Filho, apontou com o ſeu dedo, q̃ que he o Eſpirito Santo: *Digitus Paternæ dexteræ*: para Chriſto; para que ſe conheceſſe, & para que ſe diſtinguiſſe, que para eſſe fim apõtava o Eſpirito Santo para Chriſto. Mas ay, & quanto nos confundio eſta voz! Mas ay, & quanto nos aſſombrou eſte dedo! Pergunto: quando o Padre Eterno eſtava aſſinalãdo com o dedo do Eſpirito Sãto a Peſſoa de Chriſto, nam eſtava toda a maõ de Deos ſobre a cabeça do Precurſor: *Etenim manus Domini erat cum illo?* Nam padece duvida. Logo o eſtar ſobre a cabeça de Chriſto o Eſpirito Santo, quando Deos tinha a maõ ſobre a cabeça do Bautiſta, foi o meſmo, q̃ ter o Eterno Pay a maõ ſobre a cabeça do Precurſor, &

Luc. 3. v. 15.

Ex Eccleſ. in ejus officio.

Luc. 1. v. 66.

C ſair

sair dessa maõ hum dedo, q̃ apontava para a Pessoa de Christo. Consequencia he esta tam evidente, que a naõ poderà negar o maior escrupulo; pois agora haveis de ver o como disse o Eterno Pay, quando pelo dedo quiz determinar a voz. Disse por ventura: *Ille est Filius meus*: aquelle he o meu Filho? Nam disse tal. Este, q̃ aqui està, he o meu Filho, disse o Eterno Pay: *Hic*. Pois se tendo a mão o Eterno Pay sobre o Bautista, & o dedo do Espirito Santo, que sahia dessa maõ, apontando para Christo, disse: Este he o meu Filho querido, & nam aquelle he o meu Filho amado: fallou do Precursor, sobre quem tinha a maõ, & nam de Christo, para quem apõtava o dedo: pois a pertẽder outra cousa, tendo mais perto a Ioaõ, & a maõ sobre o Precursor, & a Christo tam retirado, que para o mostrar necessitou Deos de hũ dedo para o distinguir: *Ille*, havia de dizer, & nam disse senaõ, *Hic*. E a particula, este, sò podia cair sobre o Precursor, em quem Deos tinha a sua maõ, & donde sahia o dedo.

25 Mas o certo he, que por Christo, & nam pelo Bautista proferio o Eterno Pay estas vozes para o diversificar do Precursor. Mas como o Precursor estava nas aguas do seu Bautismo, assim se havia de distinguir, que o mesmo Deos parece, q̃ nos confundio em o modo, com que o pertẽdéo diversificar. Diversifiquese Ioaõ, & diversifiquese Christo, mas assemelhem-o as aguas do Iordaõ, com tanto excesso, que aonde Deos poem a distinçam para o diversificar, se confundaõ os homens para o distinguir. Antes o mesmo principio, por onde o havemos de distinguir, he o principio, por onde se nam pòde diversificar: & com tanto excesso, que nam so os homens com o Bautista, & Deos, se pòdem confundir, mas atè o Grande Bautista comsigo proprio se pòde enganar, porque atè a sy proprio se naõ ha o Bautista conhecer, quando se pertender diversificar. Queira Deos, que me explique. E sempre

se-

serà, confessando, q̃ o Bautista se conhecia muito bem, a sy, & a Christo. E debaixo desta certeza entra o nosso discurso.

26 Hoje, quando o Grande Bautista poz a maõ sobre a cabeça de Christo para o bautizar, descéo o Espirito Santo sobre a maõ do Bautista em o Iordaõ, quando lhe movéo as aguas para principiar o Bautismo: *Imposuit dexteram.* Diz Severo Patriarcha na Bibliotheca dos Padres: *Imposuit dexterã super caput Domini, & Spiritus veritatis descendit.* O Espirito Santo sobre a maõ do Bautista! E para que? Se era para que o enchesse de graças, para que dignamente subisse a tam alto officio, nam estava o Bautista cheio do Espirito Santo em o interior d'Alma? Nam tem duvida. Pois para que se ha o Espirito em o Iordaõ fazer visivel sobre o Bautista, se está invisivel em a Alma do Precursor o Espirito Santo? Ora lede o Evangelho deste dia, & vereis a melhor soluçam, q̃ póde ter esta duvida. Ao Bautista tinha Deos dado por final, que aquella Pessoa, sobre quem visse o Espirito Santo, que esse era Christo: *Qui misit me baptizare, ipse dixit mihi: Super quem videris Spiritum Sanctum, hic est.* Ah sim, pois vejase o Espitito Santo tambem sobre o Bautista, para que quando o Precursor olhar para Christo, & olhar para sy, nem a sy se possa conhecer, nem a Christo possa distinguir. Porque, se o que ha de dar a conhecer a Christo, he o verse o Espirito Santo sobre elle: *Super quem videris Spiritum Sanctum, hic est.* Tambem em sy ha de ver este final o Precursor: & assim se confundirá tanto comsigo proprio em o seu Bautismo, que nem a sy, nem a Christo distinga; porque nem a sy, nem a Christo como diverso o conheça. Porque se olhar para Christo, & olhar para sy, sobre sy, & sobre Christo ha de ver ao Espirito Santo: *Imposuit dexteram, & Spiritus veritatis descendit*: & parece, que assim como já ouve quẽ em

Bibliot. PP. Tom. 6.

as aguas se enganou cõsigo proprio, que tambem hoje o Bautista comsigo proprio se podia confundir, pois se punha em risco de se naõ poder conhecer. Oh Precursor soberano, que importa, que venhas hoje buscar as corrẽtes, para desfazer nos nossos enganos, buscando as aguas, para diminuir nos teus rayos: *Ut manifestetur in Israel, propterea veni ego in aqua baptizans.* se ahi nam só se haõ de confundir os homẽns pelas tuas maravilhas, mas atè tu te has de enganar pelos teus assombros: pois atè Deos a respeito das tuas grãdezas, quando nos pertendeu deixar desenganados, parece que nos deixou mais confusos? Foste hoje Sol verdadeiramẽte no seu meio dia, pois subiste a hum põto tam alto, que nam pode haver maior eminencia. Tudo isto nascido da vinda, que fizeste ao Iordaõ, para mover as suas aguas em o teu Bautismo: *Propterea veni ego in aqua baptizans.*

27 Ainda o Sol do Bautista no seu meyo dia no Zenith do seu Bautismo em as prayas do Jordaõ subio à maior imminencia, porque transcendeu a maior esfera, chegando em o seu Bautismo a ponto mais alto, pois tam alto parece que subio, q̃ nam só à Divindade nas semelhanças chegou, senam q̃ à mesma Divindade nas semelhanças excedéo: & se a Divindade he o Zenith da maior altura, vede a imminencia, onde o Bautista chegou, quãdo no seu meyo dia resplandecéo. Para veres o fundamento, que tem do Grãde Bautista este seu protentoso excesso, vede como se fez hoje este Bautismo. Entre as varias opinioens q̃ ha entre os Expositores em o modo que o Bautista teve para bautizar a Christo em o Iordaõ, a mais provavel, & a mais cõmũa he, que Christo ficou inferior ao Bautista, & que o Bautista ficou superior a Christo. Ficou Christo inferior ao Bautista, porque ficou aos pés do Precursor: ficou o Precursor superior a Christo, porque ficou sobre a cabeça de Christo

ſto o Precurſor. Olhai o humano de Ioaõ como ſubio: olhai o Divino de Chriſto como deſcéo! O Divino de Chriſto deſcéo aos pés de de Ioaõ, & o humano de Ioaõ ſubio ſobre a cabeça de Chriſto, em quem eſtava a Divindade: *Caput Chriſti Deus eſt.* Olhai como as aguas do Iordaõ o levãtáraõ, que naõ ſó parece, que o pozeraõ igual cõ o Divino nas ſemelhanças, mas que o Divino ficou muito inferior a Ioaõ na apparencia. Tem maõ, Aguſtinho, & vé como fallas do Precurſor em eſte dia: porque aquelle teu celebre ditto, com que pertendes encarecer do Bautiſta as ſuas excellencias: *Quis quis Ioanne plus eſt, Deus eſt*: póde parecer às creaturas, que hoje nam tem lugar em as prayas do Iordaõ, nem nas aguas do Bautiſmo; porque ſem as noticias da Fé, guiado ſó pela evidencia dos olhos, lhe ha de parecer Deos menos, & lhe ha de parecer Ioaõ mais: ha lhe de parecer Ioaõ mais, porque haõ de ver os ſeus olhos a Ioaõ ſobre a cabeça de Deos: ha lhe de parecer Deos menos, porq̃ haõ de ver a Deos aos pés de Ioaõ: nam haõ de ver que Deos fica a ſima, & Ioam a baixo, como queria Aguſtinho; mas que Deos fica a baixo, & que Ioaõ ſobe a ſima. E aſſim parece que ſuccedéo. Porque nas aguas do Iordaõ empenhandoſe Deos em fazer publico ao Mũdo, que Ioaõ era menos, & que Chriſto era mais, guiados pela evidencia dos olhos, diz Sam Lucas, Ioaõ parecéo mais, & Chriſto parecéo menos: pois ainda à viſta de tãtos prodigios, lhe parecéo aos homens, que Ioam nam era Ioaõ, mas que Ioam era Chriſto: *Exiſtimante populo, quod ipſe eſſet Chriſtus.* Mas naſcéolhe eſta admiraçaõ de que o Precurſor he couſa taõ grande, que iſto de parecer elle mais, ſendo menos, & iſto de Chriſto parecer menos, ſendo mais, em o Bautiſmo, naõ parece, que no Precurſor he privilegio, com q̃ ſe engrandeça, quanto parece juſtiça, com que ſe exalta.

1. ad Corint. c. 11. v. 3

D. Aug. Serm. 21. de SS.

Vbi ſup. Luc. c. 3 v. 15.

28 Quando hoje Christo veio às prayas do Iordaõ, para que se bautizasse, resistio o Bautista em ser ministro daquella ceremonia, & para satisfazer à sua humildade, para vir o Bautista em aquella acçaõ, lhe tirou Christo com estas palavras todo o escrupulo: *Sine modò: Sic enim nos decet implere omnem justitiam.* Ioaõ, nam duvides em me bautizar. Cõsente nesta minha acçam. Porque a nòs nos convem satisfazer a toda a justiça. A nòs? Logo convinha tambem esta acçaõ ao Bautista. A toda a justiça? Logo nesta acçaõ havia cousa, q̃ de justiça se devia a Christo. Havia cousa, q̃ de justiça tocava a Christo, & havia cousa q̃ de justiça tocava a Ioaõ? Sim havia. E que era? Que? O bautizarse Christo, era o que tocava a Christo: o bautizálo Ioaõ, era o q̃ tocava a Ioaõ. O bautizar em Ioam, como o tinha posto o seu officio sobre a cabeça de Christo, era parecer Ioaõ mais; o bautizarse Christo, como era estar aos pès de Joaõ; era parecer Christo menos. Pois Ioam, diz Christo, isto de eu parecer menos, sendo mais, & isto de tu pareceres mais, sendo menos, isto de eu ser mais, & me bautizar, para parecer menos, & isto de tu seres menos, & me bautizares, para pareceres mais, nam quero que pareça privilegio, quero que pareça, que he justiça: *Omnem justitiam.* Assim quero que te engrandeça o teu officio, que te levantem tam alto do Iordaõ as suas correntes, que posto no Zenith do teu Bautismo pareças tu mais, & eu pareça menos, nam por privilegio, mas por justiça.

Matt. 3. v. 15.

29 Mas vejo, que como prègo a auditorio tam douto, me fazeis hum argumento, que diminuindo no Grãde Bautista, nam pòde ter boa reposta para credito da sua excellencia. Porque, q̃ importa, que Ioaõ parecesse em o seu Bautismo mais a respeito de Christo, & que Christo a respeito de Ioam parecesse menos em o Bautismo, se logo em o Iordam o Precursor nam só foi, & pareceo menos que Christo, & Christo nam só foi, mas pare-

recéo mais do q̃ o Bautiſta? Porq̃ ſe Ioaõ parecéo mais, ſendo menos, porque bautizou a Chriſto, ficandolhe ſobre a cabeça; & Chriſto parecéo menos, ſendo mais, porq̃ ficou aos pés de Ioam: Ioam no meſmo Bautiſmo nam ſó foi, & parecéo menos, porque quando Chriſto o bautizou, o teve a ſeus pès: mas Chriſto foi, & parecéo mais, porque quando o bautizou, ficou ſobre a cabeça de Ioaõ. Logo nam lhe podia ſervir de credito excellẽcia, que no Bautiſta teve taõ pouca dura, tirandolhe o q̃ parecia, & repondo a Chriſto no que era? Confeſſo a duvida: vede a repoſta. Digo, que tam fóra eſteve o Bautiſta com eſta troca de diminuir em ſeus rayos, que antes intendéo mais o Precurſor ſuas luzes: & q̃ mais deve o Bautiſta às aguas do Iordaõ, quãdo parece q̃ o haviaõ de diminuir, do q̃ quãdo o pertendéram exaltar; mais em quanto bautizado, do q̃ em quãto bautizante.

30 Ora notai. Quando o Bautiſta bautizou a Chriſto, tinha o Bautiſta as ſemelhanças de Chriſto, porque de Chriſto eſte havia de ſer o ſeu officio, conforme a profecia de Ezechiel no Capitulo trinta & ſeis, & a profecia de Zacharias no Capitulo treze; mas quando Chriſto bautizou a Ioaõ, como o Precurſor primeiro que elle tinha movido aquellas aguas, tinha Chriſto as ſemelhanças de Ioaõ. Que Ioam tiveſſe as ſemelhanças de Deos, iſſo nam he muito; porque iſſo temos todos: mas que o Bautiſta foſſe couſa tam grande, que foſſem as ſuas ſemelhanças a galla de que ſe veſtiſſe Deos? Eſte he o exceſſo. Quando o Bautiſta bautizava a Chriſto, ſuſtituia o lugar de Chriſto: quando Chriſto bautizava ao Precurſor, ſuſtituia o lugar de Ioaõ. E que o Bautiſta foſſe couſa tam protentoſa, que Deos lhe ſuſtituiſſe o ſeu lugar, póde haver no Bautiſta couſa maior? Parece que nam. E que maior excellẽcia he do Precurſor bautizállo Chriſto a elle, do que he em o Bautiſta o bautizar

Ezech. 36. v. 25. & Zach. 13. v. 1.

ao mesmo Christo? Porque quãdo Ioaõ bautizava sustituindo o lugar de Deos, tinha de Deos as semelhanças o Bautista: & quando Christo bautizava ao Precursor, sustituindo o lugar do Bautista, tinha de Ioaõ as semelhanças. E o que poem ao Bautista no seu meyo dia, o q̃ o exalta ao Zenith da maior grandeza, nam he que elle vista por libré de Deos as semelhanças, mas sim que as suas semelhanças sejaõ a galla de que Deos se vista.

31 Em flamante Trono de luzes apparecéo Deos a Moyses em o monte Oreb: & para que guiasse ao seu Povo, sustituindo o lugar da sua pessoa, o constituio Deos: *Constitui te Deum*. Corrêraõ ao depois os tempos, passáraõse os annos, retirase Moyses ao monte a fallar com Deos, & reduzindose o Póvo a desesperaçoens, porque Moyses nam acabava de vir, pedem a Aaraõ, que lhe faça muitos Deoses, para sustituirem de Moyses a falta, porque ignoravam o que a Moyses succedéra, pois em o termo de tantos dias nam chegára: *Fac nobis Deos, qui nos praecedant. Moysi enim huic viro ignoramus quid acciderit.* Tende maõ, cegos, que naõ acertais em o que pedis, & vos confundis em o mesmo, que pretendeis. Nam confessais vós, que Moyses he hum só homem: *Huic viro.* Pois pedi a Aaraõ, q̃ vos faça hum so Deos; mas haõ de ser muitos Deoses para a falta de hum só Moyses? Mais. Moyses quando vos acompanhava, sendo hũ sô Deos: *Constitui Deum*: nam sopria a falta de outro Deos? Pois agora outro Deos, porque nam sustituirà a falta de outro Moyses? He o caso. Quando Moyses guiava ao Povo, sustituia o lugar de Deos, & agora Deos havia de sustituir o lugar de Moyses. Moyses quando sustituia o lugar de Deos, tinha as semelhanças de Deos; Deos quando sustituia o lugar de Moyses, havia de ter as semelhanças de Deos; Deos quãdo sustituia o lugar de Moyses, havia de ter as semelhanças de Moyses. E vay tanto para

Exod. 7 v.1.

Exod. 32. v.1.

para a grandeza de Moyſes ſemelhante a Deos, ou de Deos ſemelhante a Moyſes, que ſe Moyſes com as ſemelhanças de Deos fica na eſphera de hum ſó Deos, quãdo Deos toma as ſemelhanças de Moyſes, he Moyſes couſa tam grande, que nam baſta hum, ſaõ neceſſarios muitos Deoſes para que lhe ſuſtituiaõ a ſua falta em credito da ſua grandeza: *Fac nobis Deos.* Logo nam ficou o Bautiſta em o Iordaõ diminuido, quando aos pès de Chriſto ſe vio bautizado: antes tam ſuperiormente engrandecido, que ſe em quanto bautizante cortou das ſemelhanças de Deos a ſua galla, em quanto bautizado, das ſuas ſemelhanças, para credito dos ſeus aſſombros, cortou Deos o ſeu veſtido. Até neſta circunſtãcia foi Sol em o ſeu Zenith o Precurſor, porque Ioaõ aos pés de Chriſto excedéo a Ioaõ ſobre a cabeça de Chriſto. Porque o Bautiſta ſobre a cabeça de Chriſto poderia ſer menos, & parecer menos; mas Ioaõ aos pès de Chriſto havia de parecer mais, ainda que foſſe menos. Porque Ioaõ ſobre a cabeça de Chriſto, era Ioaõ com as ſemelhãças de Chriſto; o Precurſor aos pés de Chriſto, era ter Chriſto as ſemelhanças do Precurſor. Quando o Bautiſta tinha as ſemelhanças de Chriſto, era Chriſto o ſeu exemplo, & era o Bautiſta o ſeu retrato: quando Chriſto tinha as ſemelhanças de Ioaõ, era Chriſto de Ioaõ o ſeu retrato, era Ioaõ de Chriſto o ſeu exemplo. E quem duvída, que o exemplo he mais a reſpeito do retrato, & que o retrato he menos a reſpeito do exẽplo? Maior ficou logo Ioaõ aos pès de Chriſto, em quanto bautizado, do que ſobre a cabeça de Chriſto, em quãto bautizante. Porque Ioaõ ſobre a cabeça de Chriſto, como era o ſeu retrato, & Chriſto o ſeu exemplo, era menos, porque era retrato, & Chriſto era, & parecia mais, porque era o exemplo: & Ioaõ aos pès de Chriſto, como era o exẽplo, & Chriſto o retrato, era Chriſto mais, & por ſer retrato, parecia me-

menos. Era Ioaõ menos, & por ser exẽplo, parecia mais. Logo em maiores dividas està o Bautista às aguas do Iordam, em quanto o pozeram aos pès deChristo como bautizado, do que em quanto bautizante.

32 Porèm vejo que me perguntais, qual foi o fim, porque no Bautismo se fizeram as trôcas das semelhanças? Que Ioaõ tenha as semelhanças de Deos em o bautizar, està bem; mas que Deos tome as semelhanças do Precursor em o Bautismo: E para que? Adverti, Ioam com as semelhanças de Deos subia em o Bautismo na apparencia do humano de Ioaõ, ao Divino de Christo, Ah sim, pois tome Christo as semelhãças do Precursor em o Iordam, para que na apparẽcia até ao humano de Ioaõ desça o Divino de Christo. Huma vez que Deos se empenhou em levãtar o humano até o Divino, logo o Divino havia de descer atè o humano. Logo Ioaõ havia de ter as semelhanças de Christo para subir, & Christo as semelhanças de Ioam para descer. Quando o Author da Vida lutou com as agonías da morte, advertio o Evangelista, como Aguia, que para a terra inclinàra Christo a cabeça: *Inclinato capite, tradidit spiritum.* E pois a cabeça ha de para a terra descer, quando Christo na Cruz se empenha em se exaltar? Sim. E notai o mysterio. Quando Christo se poz na Cruz, todo o seu empenho foi levantar o humano atè o Divino: *Cum exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*: & como a Divindade estava na cabeça de Christo: *Caput Christi Deus est:* Logo o Divino havia de descer, quando o humano se havia de levantar. E se ter Ioaõ as semelhanças de Christo, era subir Ioaõ até o Divino, tenha Christo as semelhanças de Ioaõ para descer atè o humano. Vede o como Ioaõ subio, que até o Divino, à sua vista, parece q̃ descéo. Vede-o como foi Sol em o seu Zenith, pois em tam alto ponto resplãdecéo.

Ioan. 19 v. 30.

Ioan. 12 v. 32.

1. ad Cor. 11. v. 3.

Te-

33 Tenhovos mostrado como o Bautista em as prayas do Iordaõ foi Sol em o seu Zenith, & assim como o Sol se excede a sy em o seu meyo dia, assim em qualquer estado: assim o Bautista em todo o estado se excedéo a sy em o Bautismo. Disse, que a sy excedéra o Precursor: porque isto de exceder a Ioaõ só se reservou para o Bautista, pois he o Precursor cousa tam grande, que no seu Oriente, ou no seu Occaso he maior que todos os Santos em o seu Zenith. Isto deveis confessar todos. Porque fazer comparaçoens com o Bautista, diz Sam Gregorio, ou he ser impio, ou he ser louco: *Insania simul, & impietas fuerit alium ex adverso comparando opponere.* Porque o Bautista sem questaõ alguma, diz Agustinho, he maior que todos os Sãtos: *Quisquis de muliere natus est, inferior est Ioanne.* E para que vos desenganeis de huma vez, com hum argumẽto quero provar esta verdade.

D. Gregor.

Serm. 25. de SS.

34 Se alguẽ fosse maior que o Bautista, ou havia de ser algum Confessor, ou havia de ser algum Martyr, ou havia de ser algum Apostolõ, ou havia de ser algum Evãgelista, ou havia de ser algum Propheta, ou havia de ser algum Patriarcha. Naõ o foi nenhum Patriarcha, nam o foi nenhum Propheta, naõ o foi nenhum Evangelista, nam o foi nenhum Apostolo, nam o foi nenhum Martyr, nam o foi nenhum Confessor: Logo naõ ouve creatura alguma, tirãdo Christo, & Maria, que saõ excepçoẽs de toda a regra, que aspirasse a superioridades com o Bautista. Naõ o foi nenhũ Confessor, porque entre os Confessores foi o Bautista o maior. Disseo Ambrosio: *Ioannes præcellit cunctis, eminet universis.* Nam o foi nenhũ Martyr, porq̃ entre os Martyres foi o Bautista o mais protentoso. Declarou-o a Igreja: *Præpotens Martyr.* Nam o foi nenhum Apostolo, porque entre os Apostolos foi o Bautista o mais Sãto. Affirmou-o Ambrosio: *Supergreditur Apostolos.* Naõ

Serm. 64.

Ex Eccles.

Vbi sup.

o foi

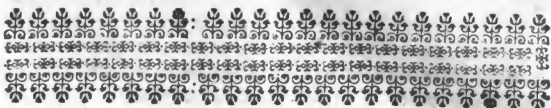
o foi nenhum Evangelista, porque entre os Evãgelistas foi o Bautista o mais eminẽte. Deixou o escrito Bernardo: *Non mihi opponas Evangelistam cæteris magis dilectũ, nec Apostolicus splendor audeat occurrere Præcursori.* Nam o foi nenhum Propheta, porque entre os Prophetas foi o Bautista o mais singular. Testimunhou-o Christo: *Plusquam Propheta.* Nam o foi nenhum Patriarcha, porque entre os Patriarchas foi o Bautista o mais illustre. Insinuou o Agustinho: *Supergreditur Patriarchas.* Ultimamẽte, ninguem ouve, nam digo eu q̃ a Joam excedesse, mas nem ainda q̃ o igualasse. Porque tres cousas, diz Sam Pedro Damiaõ, fez Deos, que nam tem, nem haõ de ter segundo: Christo, Maria, & Ioaõ: *Tria fecit Deus sine secundo; Christum, Mariam, & Ioannem Baptistam.* Ficou logo Ioam sem segundo? Assim he. Pois o Bautista em a terra he sem segundo para a grandeza, & no Ceo he sem segundo para o auxilio da Graça: *Ad quam nos: &c.*

Triũf. de utroque Ioan. f. 507. laur. 30.

Mat. 11. v. 10.

Serm. 21. de SS.

Serm. de Vener. SS.

SER-

SERMAM
DO MONTE DO
AMOR DIVINO,

PREGADO

Em o Real Convento da Esperança, em dia da Natividade de Nossa Senhora, estando exposto o Santissimo Sacramento.

Em o Anno de 1684.

Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus. Matth. 1.

35

NO dia, em q̃ em Nazareth vaõ as graças de monte a monte, de monte a mõte na Esperança em Portugal vaõ os Mysterios [Soberano Senhor Sacramẽtado:] Sendo o Sacramento mysterio do Amor Divino: *Mysterium amoris*: & sendo o Sacramento mysterio da Esperança: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur*: nam duvidava eu, que na Esperança em o Monte

Ex verbis Ecclesiæ.

Mõte desse trono, se visse ao Amor Divino neste dia. Nazareth, na opiniaõ de Laureto, quer dizer a Esperança; porq̃ se interpreta flor: *Nazareth, idest flos: flos interpretatur, spes:* & se na Esperança em Nazareth se poz huma mesa neste dia, como diz o Castilho: *Ioachim fecit magnum convivium, ob diem natalis Virginis*: bem era que neste dia se désse na Esperança em Portugal o mais Real banquete nesse throno: *Verè est cibus, verè est potus.*

In verbo Nazareth & in verbo Flos.

Cast. in Susana II. 63S. n. 61.

Ioan. 6. v. 56.

36 No dia, em q̃ em Nazareth vaõ as graças de monte a monte, de monte a monte na Esperança em Portugal vaõ os mysterios: vaõ em Nazareth as graças de monte a monte; porque cõ tam liberal maõ se dispendéo hoje a graça em Nazareth, que se vio desenrolar os estãdartes de triumphante, & erigir os tropheos de vitoriosa: na Esperança em Portugal vaõ os mysterios de monte a monte; pois hoje neste illustre Templo, nesta grande solemnidade, concorrem tres mysterios em hũ só dia, hum como assumpto, & dous como circunstancia. Os mysterios que concorrẽ hoje como circunstancia, he o do Sacramento exposto no throno, & o do ditoso Nascimẽto da Mãy de Deos em Nazareth: o mysterio que concorre hoje como assumpto, he o Monte do Amor Divino, sobre que havemos de discursar, & cujas protentosas finezas havemos de discorrer. Grande assumpto pela sua materia, & grande tãbem pela sua difficuldade! Confesso ingenuamẽte, que se em algum dia, & em algũa festa temi o prégar, foi em esta festa, & em este dia. Animeime a aceitar este Sermaõ do Monte do Amor Divino; porque quando se me pedio, me parecéo que havia de prègar de hum assumpto, que supposto era novo pelo culto, nam seria singular pela materia: mas depois que apliquei o entendimento às suas excellencias soberanas, depois que considerei em a sua grande difficuldade, subo a este Pulpito com hum grande temor, que de

boa

boa vontade trocára eu hoje a ventura de Prègador pela ſorte de ouvinte. Porque me reſolvo, que materia tam ſuperrelevãte ſe offende muito com o diſcurſo, & ſó ſe pōdéra bem com o ſilencio. Porque finezas do Mõte do Amor Divino, a diſcriçam com que ſe diſcurſaõ, he ſó o paſmo com que ſe veneraõ: o encarecimento, com que ſe diſcorrem, he ſó o aſſombro com que nos admiraõ. Mas já que havemos de prègar de materia tam ſoberana, que excede a toda a eloquencia, ſerà força cortar por todos os motivos do temor, & fallar nos extremos daquelle Monte, a quem ſe conſagra o culto da maior devoçaõ na pompa da maior ſolemnidade.

37 Como eu nam ſou o primeiro, q̃ ſubo a eſte Pulpito com eſte aſſumpto, ſupponho que alguns Engenhos primeiro que eu deſcobríraõ, & ſingularmente reſolvéraõ as oppoſiçoens, que pòde ter o dia cõ as circunſtancias da feſta. Porque aſſiſtir Chriſto ſacramentado em a ſolemnidade preſente, celebrarſe a feſta do Monte do Amor Divino neſte dia, neſte lugar, & com eſte Evãgelho, ſaõ contradiçoens, q̃ nam difficultam pouco as obrigaçoens de tam grande dia: todas as ſupponho já ponderadas: & por nam amontoar circunſtancias, que nam hey de ſeguir, deixo as ſuas congruencias, & ſó moſtrarei do Evangelho a ſua propriedade.

38 A maior difficuldade, que tem eſte Panegirico, he o Texto preſente, que ſe canta neſta feſta. E tanto he iſto aſſim, que já ſe fez ſupplica, para que neſta celebridade ſe cantaſſe outro Evangelho. Mas eu me perſuado ſer para o Monte do Amor Divino eſte Texto o mais proprio. Porque lidas com bem advertẽcia as ſuas clauſulas, me quer parecer, que todo o empenho de S. Mattheus, quando eſcrevéo eſte Evangelho, foi moſtrar ao Monte do Amor Divino neſte Texto. Eu me engano, ſe da ſua hiſtoria o nam provo. Vamos lerlhe as ſuas regras;

gras: *Mariæ, de qua natus est Iesus.*, *qui vocatur Christus.* Foi Ioseph Esposo de Maria [diz Sam Mattheus] de quem nascéo Iesus, que se chama Christo. Notai, q de duas cousas faz S. Mattheus mēçaõ em estas palavras: hũa da Pessoa, & outra do nascimento de Christo. Faz mēçam do nascimento, *Natus*; & faz mençam da Pessoa, *Christus.* Isso supposto, fórmo agora a duvida. E no dia em que Maria nasce como filha, porque se falla na pessoa de Christo, & no nascimēto de Iesus, pelo qual a Senhora se cōstituia Māy? Falle S. Mattheus em a pessoa, ou falle Saõ Mattheus em o nascimento; mas ha de fallar no Evangelho no nascimento, *Natus*, & ha de fallar no Evangelho na pessoa, *Christus*? Em esta duvida com outra soluçam fundei o Sermaõ do Valle, que agora acabei de prègar, nella com outra reposta tam differente, quanto vay do Mōte ao Valle, hey de fundar o assumpto do Panegirico, sobre que agora hey de discorrer. Ora notai. O nascimento de Christo, disse a Igreja, fundada na doutrina de S. Paulo, que fora hũ grande acto do Amor Divino: *Propter nimiam charitatem qua dilexit nos, misit Filium suum.* A pessoa de Christo, diz Hugo, commentādo ao Psalmo sessenta & sete, he hum grāde Monte: *Christus fuit mons coagulatus.* Ora adverti. Se Sam Mattheus fallasse em este dia neste Evangelho só em o nascimento, mostrava sómēte ao Amor Divino em este dia: se fallasse sómente em a pessoa de Christo, mostrava sómente a hum mōte no seu Evāgelho: assim pois para q se saiba, que no dia do nascimento da Māy naõ cōcorre o Amor Divino sem o monte, nem o monte sem o Amor Divino, para fazer mençam do Amor Divino, falle no nascimento, *Natus*, & para fazer mençam do Monte falle na pessoa de Christo, *Christus.* E se no Evangelho temos descuberto o assumpto deste dia, bem se deixa ver, que nam pòde haver Evangelho mais pro-

Ex Ecclesia in Officio Circũcis.

Hug. in Psal. 67. v. 17.

prio

prio para esta festa. Isto quanto ao Texto. E se o Evangelho tem com a solẽnidade tanta congruencia, o titulo q̃ se hoje une ao Amor Divino, nam tem menor proporçam. Porque raras vezes vereis em o mundo ao Amor Divino, que o nam encontreis em os mõtes. Senam abri o grande Livro das Escrituras, lede todas as historias sagradas; & buscai nellas os excessos do Divino Amor, & achareis, que todas as suas finezas buscáram sempre ao monte para theatro, onde avultassem superiormente os seus excessos.

39 Buscai-o no Monte Moria, & ahi achareis a fineza de livrar a Isaac do sacrificio, offerecendose a sy em o Cordeiro, por holocausto. Buscai-o no Monte Oreb, & ahi achareis a seu amor abrazado nas vivas chamas de sua affeiçaõ. Buscai-o no Monte Sinai, & ahi achareis ao seu amor empenhado em dar a vida ao seu Povo: advertindolhe, que para nam experimentarem a morte, naõ tocassem no mõte. Buscai-o no Monte Nebo, & ahi achareis a fineza de receber a Moyses em os seus braços, para lhe dar cõ as suas maõs a sepultura. Buscai-o no Monte do deserto, & ahi o achareis fugindo, quando fez a fineza de deixar o titulo. Buscai-o no Monte Thabôr, & ahi achareis a fineza de transfigurarse. Buscai-o no Monte Sion, & ahi o achareis sacramentado. Buscai-o no Mõte Olivete, & ahi o achareis suando sangue pelo nosso remedio. Buscai-o no Mõte Calvario, & ahi achareis a fineza de redemirnos. De maneira, que para os seus excessos, para irem de monte a monte as suas finezas, sempre buscou aos montes o Amor Divino. E se do Amor Divino solennizamos hoje os seus extremos, serà o assumpto do Sermão, mostrar ao Amor Divino em quatro mõtes os mais celebres da Escritura. E se jà ouve quem ao Divino Amor pintou em hum monte com quatro emprezas, em que lhe descrevéo quatro propriedades, em cada monte pore-

Gen. 22. n. 13.
Exod. 3. n. 2.
Exod. 20. n. 12.
Deuter. 34 n 6.
Ioan 6. n. 15.
Matth. 17. n. 1.
Luc. 22 v. 10.
Luc. ibi. Ioan. 17 n 19.
Divin. Amor depingitur in monte apud Sotto-Mai. in c. 7 Cãt.

mos ao amor sua empreza, em que lhe leamos em o mõte o seu excesso. Os montes mais celebres, em que se vio o Amor Divino, foi o Mõte Moria, foi o Monte Oreb, foi o Monte Sion, & foi o Monte Calvario. As quatro emprezas deste Amor posto em o monte, foraõ estas: A primeira: *Mortem sibi, vitam nobis.* O Amor Divino quãdo se poem no monte, dános para nòs a sua vida, & toma para sy a nossa morte. Esta empreza se verà desempenhada pelo Amor Divino no Monte Moria. A segunda empreza do amor he: *Ardens, & independens.* O amor em sy se abraza, sem que necessite de materia, em que se accenda. Esta empreza veremos pelo Divino Amor satisfeita em o Monte Oreb. A terceira empreza do Divino Amor he: *Diligens, & dilectus.* O Amor Divino faz que o amante, & o amado seja o mesmo. Esta empreza executarà o Divino Amor no Monte Sion. A quarta, & ultima empreza do amor he: *Perpetuus, & invariabilis.* O Amor Divino no monte de suas finezas he perpetuo, & he invariavel. Esta empreza será a sua execuçaõ do Amor Divino no Mõte Calvario, o seu desvelo, & o mesmo excesso, que lermos na empreza do monte da Escritura, veremos tambem em o Mõte do Amor do Evangelho. Esta he a materia. Todos os passos seràm de montes, confirmará o Sacramẽto os discursos.

Litteræ Amori applicatæ legũtur variis in Au. horib. non conjunctim, sed divisim. Hæc littera benè colligitur ex eventu Angel. cũ Isaac in mõte Moria: ut videre est apud Expositores hujus loci. 2. litter. videtur in apparitione Dei in medio Rubi. 3 litter. desumitur ex trãsformation. Euchar. 4. litter. colligitur excerta, & cõmuni TT. ac SS. PP. circa invariabilitatem Divini Amoris

I.

40 O primeiro, & mais celebre monte, em que eu descubro ao Amor Divino, foi o Monte Moria. Este foi hum dos primeiros theatros, onde do Divino Amor avultáram os seus excessos, indo de monte a monte as suas finezas. Esse mysterio tẽ (diz Santo Antonio) aquella abrazada colũna de fogo, que Deos mostrou a Abraham em este monte, para lhe designar o lugar do sacrificio. Porque o fogo, que alli ardia, era o amor, em que Deos se abrazava: *Ignis est amor Dei.*

S. Ant. Serm. 18. post Trinit.

Dei. Efte foi hum dos primeiros môtes, em que fe vio em o mundo ao Divino Amor. Para nòs lhe conhecermos em efte monte aos feus exceffos, vamos lerlhe em a empreza aos feus extremos. Ao Amor Divino pintado no monte a primeira letra, cô que fe lhe explicam as fuas finezas, he com efta definiçam, em que lhe declaram feus exceffos: *Mortem fibi, vitam nobis.* O Amor Divino quando fobe ao monte, toma para fy a noffa morte, & dânos para nós a fua vida. Efta he a primeira empreza do amor, arder em o monte, dâdonos a fua vida para nòs, & tomâdo a noffa morte para fy. Ora vede como em o môte Moria defempenhou o Amor Divino efta empreza: pois o Cordeiro, que era elle, ficou degolado no monte, & Ifaac, que havia de morrer no monte, voltou vivo com Abraham: o Cordeiro, que era Deos, deu a Ifaac a fua vida, & tomou de Ifaac a fua morte. Efte he o exceffo que fe le em a empreza do monte do Amor Divino em a Efcritura. Vamos agora ler efta mefma fineza no môte do Divino Amor no Evâgelho. A fineza, que Sam Mattheus defcreve em o feu Texto, cô que fahio em efte dia o monte do Amor Divino, foi o feu nafcimento: *Mariæ, de qua natus eft Iefus, qui vocatur Chriftus.* Pois efte foi o extremo? Sim. Efte foi, & fó efte podia fer. Que outra coufa foi o nafcimento de Chrifto, fenam por elle fazernos a nòs Chriftos capazes de nos dar a fua vida, & a fy fazerfe capaz de tomar a noffa morte, & como o amor em o monte coftuma fazer eftas mudanças, por iffo Saõ Mattheus naquelle Evangelho aonde defcrevêo ao Môte do Amor Divino, poz por fineza aquelle nafcimêto, aonde fe fizeraõ eftas trocas, para moftrar no feu Evangelho eftas mudanças. Porque do Monte do Amor Divino eftes faõ os feus exceffos; pois nunca o Divino Amor ardéo em o monte, q̃ fe nam viffe tomar para fy a noffa morte, & para nòs fazer deixaçam da fua vida.

Gen. 22. ✝. 12. & 13.

41 Foi

Gen. 22. v. 5.

41 Foi Abraham ſacrificar a Iſaac por mandado de Deos, & tanto que chegou ao pé do monte Moria, em cuja eminencia lho mandára Deos ſacrificar, diſſe aos criados, que eſperaſſem hum pouco. Porque elle ſubia cõ o filho ao monte, & que depois de adorar no monte ao Senhor, lhe promettia voltar logo com o filho: *Expectate hic, donec ego, & puer poſtquã adoraverimus, revertemur ad vos.* E chamou àquelle mõte o monte da viſaõ, em que certificou aos homẽs de que o Filho de Deos alli havia de morrer: *Appellavitque nomen loci illius, Dominus videbit. Ideſt* (explica Santo Ambroſio) *Chriſtus crucifigetur in hoc monte.* Notavel promeſſa por certo! E ainda em Abraham, que era hũ homem tam verdadeiro, fica ſendo mais notavel. Pergunto: Nam mandava Deos a Abraham, que ſubiſſe ao monte, & que lhe ſacrificaſſe nelle ao filho? Aſſim foi: *Tolle filium tuum, & offeres illũ in holocauſtum ſuper unũ montium, quem monſtravero tibi.*

D. Ambr. apud A Lap. hic.

Teve por ventura o Patriarcha alguma revelaçam, de q̃ Iſaac nam havia de morrer? Nam por certo. Porque iſſo he cõmum entre os Padres, que refere ſobre eſte Texto o A Lapide: antes Deos para lhe tentar a ſua fé lhe eſcõdéo da vida de Iſaac toda a revelaçam. E pois ſe Iſaac havia de ſer em eſte monte degolado, ſe Iſaac havia de ficar em eſte monte morto, & da ſua vida nam tinha Abraham alguma certeza, como diz Abraham, que com elle tambem havia de voltar Iſaac vivo, & havia de ficar o Filho de Deos em aquelle monte morto. Ora o certo he, que o que aqui parecéo contrariedade, de nenhuma ſorte foi contradiçam. Nam vedes, que diz o Abulenſe, & o A Lapide com graves Authores, que vio Abraham em eſte monte a Deos abrazado em as chamas de huma colũna de fogo: *Signum in monte fuit columna ignis.* E tanto q̃ Abraham vio ao Filho de Deos ardendo em o monte no fogo do Divino amor, logo entendéo, que em Iſaac ha-

Abulẽſ. citatus ab A Lapid. hic.

havia de ficar a vida, & no Filho de Deos havia de ficar a morte. Deos arde no monte nas abrazadas lavaredas do seu amor; pois elle ha de ficar morto: *Crucifigetur Christus*: Isaac ha de ficar vivo: *Revertemur ad vos*: ha de dar a Isaac a sua vida: *Vitam nobis*: & ha de tomar de Isaac para sy a sua morte: *Mortem sibi*. Porque nunca em o monte fez o Amor Divino ostentaçam de seus excessos, que nam fizesse deixaçam de sua vida para nòs, & eleiçaõ da nossa morte para sy: nunca foi o monte theatro de seus extremos, onde nòs nam fossemos o Isaac para a vida, & elle o Cordeiro para a morte.

Mat. 27 n. 53.

42 Advirtìram os Evãgelistas, que quando Christo nos redimio com a satisfaçam que deu pela nossa culpa, que resuscitáraõ os mortos: *Multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt*. Pois agora haõ de resuscitar? Sim. Nam vedes, que a morte de Christo foi de seu amor o maior excesso, & que se poz o Senhor em o Monte Calvario, quando fez esta fineza? Pois, diz Christo, se o meu amor està em o monte, agora que eu morro, haõ de resuscitar os homens hey de eu morrer, porque isso he tomarlhes eu a elles a sua morte: haõ de elles agora resuscitar, porque lhe hey de eu dar a minha vida: para elles hey de eu no monte fazer deixaçam da minha vida, & para mim hey de eu fazer eleiçam da sua morte. Porque como o meu amor buscou o monte para as suas finezas, para irem de monte a monte os meus excessos, eu hey de morrer, quando elles haõ de resuscitar. Porque entam morrerei eu com a sua morte: *Mortem sibi*: quando elles haõ de viver com a minha vida: *Vitam nobis*. Confirmemos com o Sacramento o discurso.

Ioan 6. 1 ad Corint. 2. n. 26.

43 Quando Christo instituio aquelle mysterio soberano, poz nelle a morte, & poz nelle a vida. Poz nelle a morte: *Mortem Domini*: & poz nelle a vida: *Qui manducat .... vivet*. E advertindo Christo que a vida era para

nos: *Qui manducat .... vivet:* notou Sam Paulo, q̃ a morte era para Christo: *Mortem Domini.* E pois no Sacramento havendo morte, & havendo vida, a vida ha de ser para nòs, & a morte ha de ser para Christo? Christo he o que ha de morrer, & nòs no Sacramento nam havemos de acabar? Sim. Porq́ a fineza do Sacramento foi extremo, que em hum monte obrou o Amor Divino; porque no monte Sion instituio Christo aquelle mysterio: & excesso, que em o monte obra o Amor Divino, tenha a vida, & tenha a morte; mas a morte ha de ser para elle: *Mortem Domini:* & a vida ha de ser para nòs: *Qui manducat .... vivet.* Porque assim verseha ao amor por desempenhado da empreza do seu monte, morrer com a nossa morte: *Mortem sibi*: & verseha, a nòs vivermos com a sua vida: *Vitam nobis.*

44 E qual serà a razam desta razam, para fecharmos este discurso? Qual o motivo, porque o Amor Divino posto no monte, nos ha de dar para nòs a sua vida, & tomar para sy a nossa morte? Abrazarse no seu fogo, para ficar morto, & arder em as suas chamas, para nòs ficarmos vivos: deixenos ficar a nòs em o monte com a nossa morte, & conserve elle para sy em o monte a sua vida? Mas ha de trocar em o monte a sua vida pela nossa morte, & ha de trocar em o monte a nossa morte pela sua vida? Sim. Se o Divino Amor nam nos désse a sua vida, & nam tomasse para sy a nossa morte, esqueciase de nòs, & lembravase de sy: lembravase de sy para a conservaçam da sua vida; esqueciase de nòs, porque ficavamos com a nossa morte. E nunca Deos se abrazou em o monte de seu Amor nas abrazadas lavaredas da sua affeiçam, que nam fosse para se esquecer de sy, & para se lembrar de nòs.

45 Trata Deos de resgatar ao Povo de Israel, chama para esse effeito a Moyses, apparecendolhe em hũa çarça de fogo abrazado, & todo cer-

Exod. 3 n. 2.

cercado de eſpinhas penetrãtes: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis de medio rubi*: & dizlhe, que o tratar de ſeu Povo, para lhe acabar o ſeu cativeiro, o trazia àquelle lugar, onde ſe abrazava naquelle fogo: *Audivi afflictionem populi mei, deſcendi, ut liberem eum.* Pois arde Deos em huma çarça, abrazaſe em hum eſpinheiro, & nam buſca remedio para ſe apartar das eſpinhas, nẽ proporcionado meio para ſe livrar das lavaredas? Só o reſgatar ao Povo he o ſeu cuidado? Nam ha de ficar o Povo no cativeiro, & elle ha de ficar em a çarça para as eſpinhas, & no fogo para os incendios? Sim. Se ſe livraſſe das eſpinhas, moſtrava q̃ ſe eſquecia do Povo, & que ſe lembrava de ſy; mas libertando ao Povo, moſtrava, q̃ ſe eſquecia de ſy, & que ſe lembrava do Povo. Se ſe livraſſe das eſpinhas, & ſe apartaſſe das lavaredas, moſtrava que ſe eſquecia do Povo, & que ſe lembrava de ſy; porque elle ficava ſem as eſpinhas, que o feriaõ, & ſem o fogo que o abrazava, & o Povo no cativeiro q̃ o affligia: mas libertando ao Povo, moſtrava, que ſe lembrava do Povo, & que ſe eſquecia de ſy. Porque o Povo ficava no alivio da liberdade, & elle no tormento daquella çarça, & no abrazado daquele fogo: & como Deos eſtava no monte: *In monte Oreb*: nunca ſe vio a Deos arder em o monte entre as acezas lavaredas da ſua affeiçam, que nam foſſe para tratar de nòs, & para ſe eſquecer de ſy. Oh como arde Deos naquella çarça! Oh como ſe abraza Deos naquelle monte! Mas iſto he para que o Povo ſaia do Egypto, & elle fique no eſpinheiro: *De medio rubi.* Confirmemos com o Sacramento.

46 Quando Chriſto inſtituio o Sacramento, retratou naquelle myſterio as ſuas penas, o que alli nos moſtra na repreſentaçam, he tudo o que por nós padeceu em a Cruz na realidade. *Paſſionis ſuæ memoriale perenne*: diſſe Sãto Thomás de Aquino. Agora pergunto: Se Chriſto

D.Th. in opuſculis

Christo nos ama em o Sacramento com tam singular fineza, porque nos mostra nelle as suas penas, & porque nos nam mostra as suas glorias? Porque nam retrata nelle as suas glorias, assim como retrata nelle as suas penas? Esquecese das glorias para alli as pôr, & lembramlhe as penas, para alli as retratar? Sim. E se me nam engano, este foi o motivo, que Christo teve, para tam grande excesso. Se Christo alli retratasse as glorias, que no Sacramento gozava, pareceria, que todo o seu desvelo era tratar de sy, esquecendose de nòs; mas pondo aquellas penas, que havia de padecer em o Calvario pelo nosso remedio, mostrava, que todo o seu cuidado era tratar de nòs esquecendose de sy. E como naquelle misterio hiaõ de monte a monte as finezas, por serem em hum monte obrados aquelles excessos; achou, parece, Christo, que para credito do seu Amor se haviaõ ver no Sacramento as suas penas; porque assim cõstasse aos homens, que nos amava Christo naquelle mysterio com hum amor tam desusado, que todo se esquecia de sy, quando todo se lẽbrava de nós: *Passionis suæ memoriale perenne.* E se este he do Amor Divino no mõte o seu empenho, que muito q̃ subindo ao monte Moria a fazer ostentaçaõ de suas finezas, o vejamos tam esquecido de sy em o monte da Escritura, que toma a nossa morte, & tam lembrado de nòs, que nos dá a sua vida: *Mortem sibi, vitam nobis.* E que muito, que no monte do Amor do Evãgelho lhe descreva por excesso Sam Mattheus ao Amor Diviño huma fineza, aonde todo esquecido de sy, & todo lembrado de nós, toma a nossa natureza, por onde ficou capaz de morrer com a nossa morte, & nòs capazes de vivermos cõ a sua vida: *Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

II.

47 O segundo monte, aonde se descobre ao Amor Di- Exod. 3 n. 2.

Divino em a EſcrituraSagrada, he o monte Oreb, aonde ardendo Deos em as eſpinhas, ſe abrazava Deos entre as chamas da çarça: *Apparuit ei Dominus in flamma de medio rubi.* Pois o fogo, em que Deos ardia, era ſeu Divino Amor, em que neſte monte ſe abrazava: *Ignis eſt amor Dei.* E para que lhe vejamos o exceſſo, leamos-lhe agora ao Amor a Empreza. A ſegunda letra cõ que do Amor Divino em o monte ſe deſcreve ſeus extremos, vem a ſer com eſta Empreza: *Ardens, & independens.* Saibam todos, que quando o Amor Divino ſe poem em o monte de ſuas finezas, arde no fogo de ſeus exceſſos, ſem dependencia de materia, em que ſe ateem as lavaredas de ſeu extremo. Ora vede, como em o monte Oreb ſatiſfez a eſta empreza o Amor Divino, eſcrevendo naquelle eſpinheiro eſta letra com os eſpinhos da ſua çarça; pois adverte a Eſcritura, que eſtava Deos ardendo em o eſpinheiro, ſem que ſe queimaſſe a çarça: eſtava Deos abrazado naquella çarça, ſem que o fogo ſe ateaſſe naquelle eſpinheiro: *Videbat, quod rubus arderet, & non combureretur.* Nunca Deos ardeu em o monte de ſeu Amor, que ſe nam ateaſſe em ſy o fogo de ſeu querer: ſempre ardem as lavaredas daquelle abrazado coraçaõ independente das noſſas eſpinhas: por iſſo Deos ſe queima, mas por iſſo a çarſa ſe nam conſome. Ora vejamos eſta meſma Empreza do Monte do Amor Divino no monte da Eſcritura, ſatisfeita no monte do Evangelho.

Exod. c.3. v.3.

48 O Naſcimento de Chriſto he a materia da fineza, que do Monte do Amor Divino do Evangelho eſcreve Sam Mattheus em eſte Texto: *Mariæ, de qua natus eſt Ieſus.* E porque razam? Notay o motivo. O naſcimento de Chriſto foi hũ dos maiores actos do Divino Amor. *Propter nimiam charitatem, qua dilexit nos:* diſſe Sam Paulo. E em que tempo fez Chriſto eſta fineza? Santo Aguſtinho o diſſe: quando em o mundo nam

Vbi ſup.

havia

havia nenhuma obra boa, porque entam em o mundo tudo eraõ peccados: *Nunquam mũdus immundior fuit, quam cum Verbum caro factum est.* E se o Amor Divino arde sem dependencia de materia para o seu fogo, como ao Monte do Amor Divino se descobre neste Evangelho. Saibase, diz S. Mattheus, que ahi està elle ardendo tam sem dependencia dos nossos espinhos, que no tempo dos maiores delitos obra elle do seu nascimento o maior extremo, ardendo em sy sem ter materia, em q̃ se abrazasse em nòs. Mas assim havia de ser. Porque quando o Divino Amor se poem em o monte para arder com a maior fineza, sempre foge dos nossos espinhos, porque em sy ateia as lavaredas do seu excesso, para nos amar com o maior extremo.

D. Aug. in Ioan.

49 Quiz Deos fazer ao mundo publica ostentaçam do amor, com que nos amava, & da grande chama, em que seu amor ardia, & escolheu o monte Oreb para o verem arder em o fogo de seu amor, & para o verem abrazar nas lavaredas de sua affeiçam: *Apparuit de medio rubi.* E eu cuidava, que fosse o monte Libano o theatro das suas luzes, para lhe verem ao seu fogo. Porque, como diz o Author das Allegorias he o monte Libano o monte da maior eminencia: pois porque se queima em o de Oreb, & porque nam arde em o Libano? Porque se naõ ha de ver o fogo no mõte Libano, & porque se ha de ver o fogo no mõte Oreb? Direi. O monte Libano, diz Laureto, he o monte, aonde ha a maior abundancia de arvores, & por isso se interpreta a abundancia dos Cedros: *Libanus significat abundantiam Cedrorum*: o monte Oreb tem muito poucas arvores; & por isso se interpreta o monte da Secura: *Oreb, idest siccitas.* E Deos naõ costuma arder no monte, em que ha arvores, em que o fogo se possa atear; sò se abraza no monte, aonde nam tenha o fogo materia, para as suas chamas: para que se saiba, que o Monte do Amor Di-

Vbi sup.

Lauret. verbo Liban.

Ve. bo Liban.

Verbo Oreb.

Divino em ſy ſó ſe abraza, por iſſo nam buſca o monte para o ſeu fogo, onde pòdem ter materia os ſeus incẽdios; ſenam onde nam poſſa ter lenha o ſeu fogo para as ſuas chamas. Porque em ſy ſe atea, em ſy meſmo ſe abraza. Por iſſo ſe queima no Oreb, & por iſſo nam arde no Libano: *Apparuit in monte Oreb de medio rubi.*

50 E he iſto tanto aſſim, que quando o Amor ſobe ao monte, para arder com o maior exceſſo, amandonos com a maior fineza, ſempre buſca a maior eſterilidade, para ſe abrazar ſómente em ſy no maior extremo; para que nos conſte, que arde, ſem queimar a noſſa çarça, & ſem ſe valer de noſſos eſpinhos. Em o Sacramento temos a prova deſta verdade. Quiz Chriſto inſtituir aquelle myſterio, & ſubio ao monte Sion, para ſe ſacramentar. E porque ſe nam vay ſacramẽtar ao monte Selmon? Se ha de em a ſubida de Sion vencer a ſua difficuldade, porque nam ſubirá tambem de Selmon a ſua eminencia? E ſe buſca o mõte para nos dar o Sacramento, que mais tem hum monte, que outro monte? Que mais tem? Tem muito. Quando Chriſto inſtituio o Sacramento, diz o Areopagíta, que quiz fazer oſtentaçam do maior amor, & que o fogo da ſua affeiçam o abrazava no maior incendio do ſeu amor: *Ad ſummum dilexit, cum communionem nobis fecit.* O monte Selmon, diz David, he o monte da maior abundancia: *Mons pinguis.* O monte Sion, diz Lorino, he o mõte da maior eſterilidade: *Sion nihil habet fertilitatis.* E como em o monte, onde Chriſto inſtituio o Sacramento, havia de arder com o maior extremo, nam quiz buſcar o monte, onde o ſeu fogo tiveſſe materia para o ſeu incendio, ſenam monte onde o ſeu fogo nam tiveſſe materia para as ſuas chamas. Para que nam cuidem os homens, q̃ o meu fogo para as ſuas lavaredas depende da ſua çarça, eu me ſacramentarei em hum monte, onde o meu fogo nam tenha as ſuas eſpinhas por materia

D.Areopagit.

Pſ. 67.

Lorin. in Pſal. 67. v. 17

teria de meus incendios: *Sion nihil habet fertilitatis.* Oh como arde Deos em este mõte! Oh como ficaõ sem se queimar aquelles espinhos! Oh como se abraza Deos em este monte, sem que se valha daquella çarça! *Quod rubus arderet, & non combureretur. Ardens, & independens.*

51 E tanto se empenha o Amor Divino no monte naquella empreza, que atè para arder se quer privar do merecimento, que póde ter em nos amar. O fogo pòde arder, ou por amor de Deos, que se abraza, ou por amor dos espinhos, em q̃ se atea: por amor de sy ateandose no merecimento, que póde ter o seu amor; pois he certo, q̃ todos os actos do amor de Christo, em quanto andou em este mundo, foram meritorios: ou por amor das nossas espinhas; sendolhe materia a nossa çarça para os seus incendios. Mas para q̃ se verifique no Monte do Amor Divino aquella empreza, em sy arde de maneira, quando se abraza, que em sy mesmo o fogo se ateia; pois do merecimento se priva, he todo para *Ardens*, sem dependencia de materia, em que se conserve *Independens*: & com tam grande excesso, que aquellas finezas, em que o amor tem algum merecimento, nam quer o amor, q̃ no seu monte sejaõ extremos de seu affecto; porque se quer abrazar independente de toda a materia, em que se póde acender.

52 De todas as feridas, que a Christo deram em o Calvario, só consentio a sua providẽcia, que ao golpe do lado chamassem do amor a ferida: *Vulnus amoris.* E pois as feridas das maõs, & as feridas do corpo nam haõ de ter este titulo? Se Christo recebeu aquelle, estas Christo nam as sentio? He certo. Pois porque quer Christo, q̃ de seu amor seja parto o golpe do lado, & nam as feridas do corpo? Notai. Quando Christo em o Calvario recebeu, assim as feridas do corpo, como o golpe do peito, estava seu amor posto no monte, mas entre humas, & outras feridas ouve esta grã-

de differença, que os golpes do corpo; como Christo os recebeu, estando vivo, foram meritorios; mas a lançada do peito, no acto em q̃ Christo experimentou a ferida, nam mereceu nada. Porque já estava morto. Sendo què no acto da prevençam tinhã merecido por aquella lãnçada. Ah sim, diz Christo, pois em o monte de minhas finezas naõ se diga, q̃ saõ de meu amor effeito aquellas feridas, q̃ para o seu incẽdio podessem ter materia, em que se ateassem, senam aquelle golpe, onde faltandolhe o merecimento, em sy proprio ardesse sem materia, em que se abrazasse: nam haõ de ser credito de meu amor no mõte da minha affeiçam aquelles excessos, que em mim poderiaõ ter materia para o meu incendio, senaõ aquelles, que foraõ independẽtes de materia para o meu fogo. Porque quero arder para me abrazar indepẽdente de materia, porque me possa consumir. Confirmemos grandemente em o Sacramento a este discurso.

53 Entre todos os mysterios de sua vida, só aquelle mysterio soberano se chama o mysterio do Amor Divino: *Mysterium amoris*: titulo que se naõ dá a nenhum dos outros. E isto como póde ser, se todas as acçoens de Christo estão recopiladas em aquella Hostia? Porque naõ haõ de ser estas acçoens em sy o mysterio do amor, & só o haõ de ser em o Sacramento? Que mais tem estarem estas acçoens em o Sacramẽto, do que estarem estas acçoẽs em outro qualquer mysterio, para q̃ o Amor queira que neste mysterio sejaõ credito da sua fineza, & nos outros naõ queira q̃ sejaõ credito de seu Amor? Ora notai a razaõ, que tem sua curiosidade. He verdade, que as mesmas acçoens, que estaõ no Sacramento, saõ as que estaõ nos outros mysterios, quanto à sustancia, mas quãto às circunstancias, nam saõ as mesmas. Porque estam por outro modo no Sacramento, que naõ estaõ em os outros mysterios. E qual he este modo? E quaes saõ estas

circunſtancias ? Eu o direi. As acçoens de Chriſto na ſua ſua vida foraõ meritorias, & eſtas meſmas eſtádo naquelle myſterio nam pódem ter algum merecimento: Chriſto na Encarnaçaõ fez aquella grande fineza de ſe fazer homem, mas mereceu Chriſto pela ſua Encarnaçam naquelle myſterio, eſtando alli a ſua Encarnaçaõ; pela ſua Encarnaçaõ naõ pode já Chriſto merecer nada em aquelle myſterio. Em Belem fez Chriſto aquelle grande exceſſo do ſeu naſcimento, mas pelo ſeu naſcimẽto mereceu em Belem, & eſtando no Sacramento o meſmo Chriſto naſcido naquelle myſterio, naõ merece já Chriſto pela ſua natividade. Na Circumciſaõ fez Chriſto aquelle grande extremo de levar o golpe, mas mereceu por aquella ferida, & eſtando no Sacramento aquella ferida, nada merece em o Sacramẽto Chriſto por aquelle golpe. Chriſto no Calvario fez a fineza de perder a vida, mas mereceu Chriſto em o Calvario pela ſua morte, & eſtando aquella meſma morte naquelle myſterio, nada merece Chriſto pela ſua morte em o Sacramento. Pois por iſſo diz Chriſto, haõ de eſtas acçoens no Sacramẽto, & nam em outro myſterio, ſer empreza do meu amor. Porque como eſtou no mõte das minhas finezas, nam haõ ſer prova do meu exceſſo aquelles extremos, onde o meu fogo ſe podeſſe atear em o meu merecimento: haõ de ſer ſim prova do meu amor, aquellas finezas, que ſem ter materia, para que o meu fogo ſe accenda, lhe conſte aos homens, que eu me abrazo, porque aſſim lhe conſtarà, que eu ardo nas lavaredas de meu amor, ſem que para me abrazar nos incendios de minha affeiçaõ tenha para o ſeu incendio materia o fogo do meu amor: *Ardens, & independens.* Bem ſe verà ao meu amor arder: *Ardens.* ſem que as eſpinhas ſe hajaõ de conſumir: *Independens.* E bem ſe verà no monte do amor do Evangelho, a huma fineza tam exceſſiva, que para o exceſſo da minha Nati-

vida-

vidade nam dependeu das vossas espinhas: pois ardeu em sy para se abrazar, quando no mundo faltava a materia, em que se podia accender. *Mariæ, de qua natus est Iesus. Nunquam mundus immundior fuit, quam cum Verbum caro factum est.*

III.

54 O terceiro Monte, aonde o Amor Divino subio para fazer ostentação de seus excessos, empenhando todo o resto nos seus extremos, foi o Monte Sion. E como ardeu aqui o fogo neste monte? Oh como se abrazou aqui Deos nesta eminencia! pois obrou aqui o amor a maior fineza, instituindo em este monte aquelle mysterio, aonde nos amou com o maior extremo. Para que vejamos a fineza, com q̃ nos amou o Amor Divino em este monte, onde ardeu, leamoslhe a empreza, para que lhe alcancemos o excesso: *Diligens, & dilectus.* He o Amor Divino o amante, & he o Amor Divino o amado. Não faz o amor quando sobe ao monte, differença de amado a amante. Porque o amãte, & o amado he o mesmo Amor Divino: *Diligens, & dilectus.* Vejamos como em este mõte desempenhou o Amor Divino esta empreza no excesso, que obrou em este monte. Instituio Christo em o monte Sion ao Sacramento, & todo o seu empenho em este mysterio foi ficar em o homem, & o homem nelle: *In me manet, & ego in illo.* E para que? Sam Ieronymo o disse. Para que o homem nam ficasse homẽ, mas para que o homem ficasse Deos: *Verè comedens Deus efficitur.* Porque como no Sacramento Deos era o amante, & o homem o amado, para desempenhar do monte a empreza, quiz fazer a transformaçam com o homem; para que no Sacramẽto nam haja razaõ de amante, & amado, como cousa distincta, nam haja razaõ de natureza diversa. Porque assim fica o amante sendo o mesmo que o amado: *In me manet, & ego in illo.* A fine-

za desta empreza, que vemos em o monte da Escritura, temos tambem no monte do Evangelho. Ora notai.

55 He certo, presupposta a acommodaçaõ da Igreja deste Evãgelho a este dia, que pertẽdeu Saõ Mattheus escrever o nascimento da Senhora no presente Texto, & eu vejo, que elle descreve o nascimento de Christo no Evangelho presente: *Mariæ, de qua natus est Iesus.* Mas quem póde duvidar, que andou Sam Mattheus muito acertado, porque como a Senhora para Christo tinha a razaõ de amada, & Christo para a Senhora a de amante, achou Sam Mattheus, que no seu Evangelho o Monte do Amor Divino assim os unira, que o mesmo era descrever o nascimento do Filho, do que escrever o nascimento da Mãy. Porque a Mãy, & o Filho pelo amor nam parece que tinham as razoens distinctas de amado, & amante, antes a razam de amante, & amado na Mãy, & no Filho parecia a mesma: *Mariæ, de qua natus est Iesus.* Mas nũca o amor podia deixar empenhada no monte da Escritura, & no monte do Evangelho a esta empreza. Porque pára o excesso só reserva o amor as transformaçoens para o monte. Porque no monte de suas finezas naõ ha no Amor Divino amante, & amado, como duas cousas; ha sim como huma so o amado, & o amante. Porque o mesmo Amor Divino no mõte de seus excessos he o amãte, & he o amado.

56 Feriraõ a Christo o peito em o Calvario, & diz o Divino Evangelista, que Christo lançou delle sangue: *Exivit sanguis.* Conta Origenes este mesmo successo, & diz que Christo o naõ lãçou. Porque affirma, que Ioaõ o derramára: *Nõ Christus mortuus, sed Ioannes vivus sanguinem emisit.* Ha maior contrariedade? O Evangelista diz que Christo o derramára, & Origenes, que o Evangelista o lançára. He certo, que naõ errou Origenes nisto que disse; porque nas suas obras nam está condenada esta proposiçam. He de

D. Ioan. 19. n. 34

Origin. in hunc locum.

de Fé, que o Evangelista fallou verdade. Porque nam podia mentir o Evangelista. Como póde pois ser verdadeiro, que conforme ao dito do Evangelista, Christo, & naõ elle, lançasse o sangue, & conforme a Origenes, Ioam, & nam Christo, o derramasse? Ora naõ tem duvida, q̃ ambos disseraõ bem. E tambem he certo, que Christo, & nam Ioaõ, lãçou o sangue: mas como Origenes vio a Christo em o monte fazendo aquella fineza, pois foi o Calvario o lugar, aonde obrava aquelle excesso, & vio em Christo as razoens de amante, & no Evangelista os privilegios de amado, resolvendose, que entre o amante, & o amado naõ fazia o amor em o monte differença, para dizer, que Christo lançára o sangue, disse que ao sangue o Evangelista o derramara. Tanto he huma só cousa em o Monte do Amor Divino o amante, & o amado, que diz que fez o amado aquillo, q̃ só fez o amante: *Non Christus mortuus, sed Ioannes vivus sanguinem emisit.* He Christo o amante, he Ioão o amado, pois em o monte digase, que fez Ioaõ como amado, aquillo mesmo, q̃ fez Christo em quanto amante. Dous amãtes pedírão a Vulcano, que os lançasse ambos na mesma fornalha; para que reduzidos em cinza compuzessem huma só sustancia, & em permanente felicidade ficassem identificados, sem terem a diversidade de amãte, & amado, nem a differença de amado, & amante. Isto que na antiguidade foi novela inventada, he hoje no Mõte do Amor Divino verdade Catholica: pois vendo Christo, que em este monte havia de desempenhar a empreza do seu amor, sobe ao monte, recebe ao homem em a officina de seu coraçam: *In me manet, & ego in illo.* & ahi administrãdo o fogo seu amor, fez o metamorphosis mais protentoso, & a transformação mais admiravel, convertendo a sustancia de Deos na sustancia de homẽ, & a sustancia de homem na sustancia de Deos, para que o amante tivesse todas as ra-

zoens do amado, & para que o amado tivesse todas as razoens do amante: para que o amante fosse o amado, & para que o amado fosse o amãte. Ora provemos com o Sacramento esta fineza.

Marc. 14. n. 25. 57 Sacramentouse Christo em o Calvario, & depois de dar seu Corpo em iguaria, & seu Sangue em saboroso Nectar, disse a seus Discipulos estas bem difficultosas palavras: *Amen dico vobis, non bibam de hoc genimine vitis, cum bibam illum novum in regno Patris mei.* Douvos minha palavra, que nam hey de comer deste pão [assim o Luc. 22. n. 16. expressa Sam Lucas) nem nem beber deste vinho, senão lá no Reyno de meu Pay. E bem Senhor, em o Ceo comese? He certo que nam. Pois com que verdade chegais a proferir, que no vosso Reyno haveis de beber deste sangue, & comer desta carne? Tam grande força fez a Origines este Texto, que para o salvar, se achou obrigado a tirar esta consequencia. *Ergo manducat, & bibit Salvator panem illum, & vinum paschale in Regno Patris.* Logo Christo comeu no Reyno do Pay do paõ da Eucharistia, & bebeu do Sangue do Sacramento. Pois se no Ceo nem o pão se póde comer, nem ao gosto com o sangue se póde brindar, como diz Christo, q̃ no Reyno do Pay ha de comer do páo, & ha de beber do sangue? Ora adverti. O Reyno do Pay, diz o Paschasio, somos nós os Fieis, que na Igreja o recebemos, & no Altar dignamẽte o commungamos: *Nos Regnum Patris jure vocamur; in quo Christus illud bibit, quoties fideles illud dignè recipimus in altari.* E neste mysterio assim obrou o amor a fineza em o monte, onde o instituio, de transformarnos, que o mesmo he o amante q̃ o amado. Porque quando o amante não o póde comer em sy, bem o póde comer em nós; quando nós o recebemos, elle he tambem o que communga. Porque neste monte não ha acçoens no amado, que naõ sejaõ do amãte, nem acçoens do amante, q̃ não sejaõ do amado. Porq̃

D. Paschas. de Corpore, & Sanguine Domini, c. 21.

o ama-

o amado, & o amante he o mesmo neste mysterio: *Diligens, & dilectus.*

58 Esta protentosa empreza desempenhou o Amor Divino no monte da Escritura, no monte do Evangelho, & no Monte do Amor Divino na Esperança. Porque no Monte do Amor Divino na Esperança tambem faz estas transformaçoens, pois na communicação das boas obras se funda a Irmandade do Mõte do Amor Divino; pois como se os Irmaõs todos fossem huma só cousa, participam huns das obras meritorias, que fazem os outros. Muitos annos estiverão as portas da Esperança fechadas, não para o Amor Divino, mas para o Monte do Divino Amor. Não estiverão fechadas as portas da Esperança nunca para o Amor Divino; porque o Amor Divino sempre ardeu no coração, de quem vive na Esperança; mas para o Monte do Amor Divino estiveram fechadas as portas muitos annos em Portugal. Porque do Monte do Amor Divino naõ havia na Esperança em Portugal a menor noticia. E supposto que para se alcãçar ao que era, não faltavão as diligencias: comtudo para conseguirse o intento, não se dava meio acommodado para o designio: até que o mesmo Amor Divino mandou, que se lhe abrissem na Esperança as portas para entrar, porque em hum Livro tinha de Napoles chegada a sua noticia: & inspirou ao seu Pontifice em a terra, que lhe concedesse ao Monte do Amor Divino em Portugal as mesmas graças, que seus Predecessores em Napoles ao Monte do Amor Divino concedèraõ. Donde eu infiro, que se em Napoles do Monte do Amor Divino foi a primeira instituição, que na Esperança em Portugal só se vé ao Mõte do Amor Divino com propriedade. Porque como esta Catholica devoçaõ tem o seu fundamento, em que todos os que militão debaixo da bandeira do Amor Divino, se communiquem em as boas obras, sendo a cada hum propria para

o merecimento, a que foi de outrem para a mortificaçam. Esta methamorphosis só se guarda para o Monte do Amor Divino, que se une com a Esperança. Serem as acçoens alheias de hum sugeito, & serem a qualquer sugeito proprias, he só privilegio q̃ tẽ em a Esperança o Mõte do Amor Divino. Temos prova na Escritura, & temos prova no Evangelho, & temos confirmaçam em o Sacramento. Principiemos pela Escritura cõ toda a brevidade.

Vbi sup. 59 Prometeu Abraham aos seus criados, que depois de subir ao monte, havia de voltar com Isaac, & q̃ Christo, conforme a opiniam de Santo Ambrosio, alli havia de morrer: *Expectate hic, donec ego, & puer revertemur*. Bem: & quem disse a Abraham, que Christo havia de morrer, & Isaac naõ havia de acabar, para que aquella acção de morrer, que era propria de Isaac, a attribua ao Filho de Deos? Notai. Ninguẽ o disse a Abraham: mas como elle vio ao Amor Divino em o fogo, que ardia naquelle monte junto com a Esperança, *Expectate*, entendeu que as acçoens, q̃ Isaac havia de fazer como proprias, não podião à pessoa do Filho de Deos ficarem estranhas, antes as julgou tão proprias, que sendo Isaac o que havia de morrer, disse, que o Filho de Deos era, o que havia de acabar. Agora no Sacramento. Naquelle mysterio as acçoens, que se dizem de Christo, se dizem do homem: as acçoens, que se dizem do homem, se dizem de Christo. Disse de Christo, q̃ fica no homem; & disse do homem, que fica em Christo: *In me manet, & ego in illo*. Disse de Christo que vive: *Sicut ego vivo*: & que vive tambem se diz do homẽ: *Qui manducat.... vivet*. Pois qual he a razaõ, porque em o Sacramento as acçoẽs proprias de Christo se haõ de dizer proprias do homem, & as acçoens proprias do homem, se hão de dizer proprias de Christo? Naquelle mysterio vése o Mõte do Amor Divino, ou vése

Ioan. 6. v. 58.

ao Amor Divino em o mõte descubrindose em o Sacramento a Esperança: *Et futuræ gloriæ nobis pignus datur.* E mysterio, onde se ajunta o Monte do Amor Divino cõ a Esperança, he mysterio, onde as obras do homem se communicão a Deos, & onde as obras de Deos se communicaõ ao homem. Vamos à prova do Evangelho.

60 He certo, & nam tem duvida, que presupposta a acommodaçam, que a Igreja faz deste Texto a este dia, que o intento de Sam Mattheus em este Evangelho, he descrever ao nascimento da Senhora em as suas clausulas, & o que nelle haveis de alcançar, he sómente o nascimento de Christo, que Sam Mattheus em elle conta, & Sam Mattheus em elle descreve. Pois, & as acçoens de Christo no seu nascimento dillas Saõ Mattheus pelas da Senhora na sua Natividade? Sim. Porque como no Evãgelho mostra ao Monte do Amor Divino, & neste dia vio a Senhora nascida em Nazareth, que quer dizer a Esperança: *Nazareth, idest flos. flos interpretatur spes*: Logo havia de mostrar as acçoens proprias de Christo, como proprias da Senhora, contando pelas da Senhora como proprias, as de Christo, que pareciam alheias. Bem dizia eu logo, que bem poderia gloriarse Napoles com a primeira instituiçam desta festa, mas que a propriedade só se reservava para a Esperança em Portugal. Porque só para este lugar se reserva a cómunicaçam das obras do amado para o amante, & as do amãte para o amado, para desempenho da empreza do Amor no Monte da Escritura, & da empreza do Amor no Monte do Evangelho, sendo no monte do Evangelho o mesmo o amado, que o amante, & tendo no monte da Escritura o amante o mesmo que o amado: *Diligens, & dilectus: Mariæ, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

IV.

61 O quarto, & ultimo monte para o discurso, & nam para a fineza (porque se

nam fora mais compor Livro, que fazer Sermaõ, mais poderamos apontar] onde ſe vio ao Amor Divino para pôr coroa aos ſeus exceſſos, foy o Monte Calvario, aonde Chriſto nos amou com tam grande extremo, que foi em ſua fineza de monte a monte. Leamoslhe a empreza, para que lhe ſaibamos o exceſſo: *Perpetuus, & invariabilis.* O Amor Divino no monte de ſuas finezas he invariavel, & he perpetuo. Vejamos como ſatisfez o Amor Divino em o Calvario eſta empreza. Nam tem duvida, que com a ferida do peito quiz Chriſto provar em o Calvario o ſeu extremo: & por iſſo permittio, q̃ lhe chamaſſem ferida do amor: *Vulnus amoris.* Sendo que as feridas do corpo vivo, parece, que do amor haviaõ de ſer a prova. Porque eſtas chegáraõ a magoar muito, & aquella nam ſe ſentio nada. Pois que mais tẽ eſta ferida, que os outros golpes? Notai. As feridas, que ſe daõ em hum corpo vivo, pódemſe fechar; porque o calor natural as pòde unir: porém as feridas, que ſe daõ em hum corpo morto, nam ſe pódem unir; porque falta o calor natural para as fechar. Nas feridas do corpo podia haver variedade; porque abertas huma vez, podiaõſe cerrar outra; na ferida do peito naõ podia haver mudança; porque depois do coraçam aberto huma vez para nos amar, naõ ſe podia fechar, porque faltava o calor natural, que o podeſſe unir: & como Chriſto em o Calvario eſtava em o mõte de ſuas finezas, nam quiz por prova de ſeu affecto, o q̃ nelle podia ter variedade, ſenam o que havia de ter permanencia, para ſer perpetuo, & para ſer invariavel. Iſto fez o Amor Divino no monte da Eſcritura. Vamos ver ſe o fez aſſim no monte do Evangelho. A fineza, que do Amor Divino conta S. Mattheus no preſente Texto, he o naſcimento de Chriſto: *Mariæ, de qua natus eſt Ieſus.* E pois o naſcimento, & porque razaõ? Advertia, & notai-a. No ſeu naſcimẽto ap-

pareceuChrifto unido à nofsa humanidade : & affim fe unio, que nũca della fe apartou : *Quod femel afsumpfit, nunquam demifit.* E como fazia em o Evangelho mençaõ do Monte do Amor Divino, para o moftrar conftante, & invariavel, poem por prova da fua fineza aquella perpetua uniaõ, que fez com a noffa humanidade, para que no monte da Efcritura, & no monte do Evangelho conftaffe ao mundo, que fe podia ler do Divino Amor aquella letra, onde fe le a fua conftancia, & a fua invariabilidade : *Perpetuus, & invariabilis.*

62 Mas fe affim o amor naõ fora, fó entam eu do amor me admirára, pois a invariabilidade nos feus extremos he a empreza, q̃ o amor toma nos feus exceffos. A mais commua opiniam na Theologia he, que fe Deos amàra hoje, o que hontẽ naõ admittio o feu amor, que deixaria de fer Deos. Porque fe havia de mudar. E affim como em Deos he impoffivel o naõ fer Deos, affim he impoffivel haver variabilidade no Amor Divino. Porque he impoffivel em Deos haver mudança. Bem póde o amor fubir a varios mõtes, apparecer em diverfas eminencias, correr por varios tẽpos; mas ainda que os tẽpos fejaõ diverfos, as eminencias fejaõ diftinctas, os montes fejaõ differentes, o amor fempre he o mefmo. Porque he o amor invariavel. Falla o Evangelifta do Amor de Chrifto em o Sion, & diz q̃ fabendo que vinha a hora, q̃ como nos amaffe, nos amou : *Sciens quia venit hora : Cum dilexifset, dilexit.* O que eu agora reparo, he que como encontrandofe nefte Evangelho o amor com o verbo, & com o nome, o verbo fe conjugue por tempos, mas que em quanto nome, fempre eftá no cafo recto : porque em quanto a hora fe naõ decline por cafos: *Hora ejus*: affim como o nome fe declina por cafos, affim o verbo fe conjuga por tempos. Pois fe o verbo fe conjuga por tẽpos : *Cum dilexiffet, dilexit* : a hora porque fe naõ declina

por casos: *Hora ejus?* Sabeis porque? He a razaõ: porque o Amor Divino inda q̃ corra varios tempos: *Cum dilexisset, dilexit*: como nunca varía de extremos, sempre tem a mesma hora: *Hora ejus*. O amor humano, ainda quando de monte a monte vaõ as suas finezas, tem suas horas. Porque lá tem suas mudanças. O Amor Divino só tem sua hora, porque naõ admitte nenhuma variedade. Mas essa he a fineza de Christo no monte da sua affeiçam, eternizar de tal maneira o seu amor, que busca todas as traças para eternizar ao seu excesso, para que nem sombra de variedade se descubra no seu extremo.

63 Notei eu com grande curiosidade, que não se abrio a ferida ao peito de Christo, em quanto vivo, antes dispoz a sua providencia, que lhe dessem o golpe depois da morte: naõ se lhe deu o golpe no coraçaõ, estãdo os braços livres, senam estãdo já os braços prezos. E para q̃ não se lhe podessẽ desatar, não permittio Christo, que lhos atassem cõ cordas, como aos ladroens; senam que lhos pregassem com os cravos. E porque razão hão de estar os braços pregados, & o corpo morto, para lhe correrem os homens ao coração a lança, & lhe rasgarẽ o peito? He a causa. Duas cousas podiáo fechar a Christo o seu peito, depois de aberto o seu coraçaõ, hũa como causa intrinseca, & outra como causa extrinseca. Ou para fallar com proprios termos, huma de *intus ad extra*, & outra de *extra ad intus*. A intrinseca de *intus ad extra*, era a actividade da natureza no calor natural, com que podia cerrar, & fechar a porta daquelle coraçam. A extrinseca, que era de *extra ad intus*, erão os braços, ou as maõs, com que podia cobrir aquelle coraçaõ, para fechar do peito aquella ferida. Ah sim, diz Christo: Esta ferida he prova dos meus affectos: *Vulnus amoris*: pois para que aos homens conste, que a todo tempo ha de estar este coraçaõ aberto, para que nam duvidem, que sempre

haõ

haõ de ſer amados, porque naõ ha de haver mudãça em eſte peito, raſgueſe o coraçam depois da morte, & depois das maõs pregadas, para que nem as maõs fechem o golpe, nem a actividade da natureza cerre a ferida; porque no meu amor nunca póde haver mudança; fique ſempre a ferida aberta, paraq̃ naõ haja no amor variedade.

64 Eu reparei ſempre com grande cuidado, em q̃ Chriſto puzeſſe o Corpo, & a Alma no Sacramento, mas a Alma polla no Sacramẽto *per concomitantiam*, & ao corpo pollo *formaliter* em o Sacramento. E pois ſe naquelle myſterio eſtá o Corpo, & mais a Alma, porque nam poem a Alma *formaliter*, aſſim como poz o Corpo? Ora adverti. Se Chriſto puzera a Alma *formaliter*, como poz o Corpo, havia o Corpo por força das palavras eſtar unido à Alma pela uniaõ, com que a Alma ſe prẽde ao Corpo: a Alma, & o Corpo de Chriſto, nũca podião faltar; mas a união no triduo da morte havia de acabar. Porque como então Chriſto havia de morrer, forçoſamente havia a união de faltar: & como o Sacramento he myſterio do Amor Divino: *Myſterium amoris*: quiz Chriſto, que ſe viſſe naquelle Sacramẽto couſa, que havia de permanecer, mas não couſa, que havia de variar. Porque no monte de ſuas finezas foi conſtante nos ſeus exceſſos, & invariavel nos ſeus extremos: *Perpetuus, & invariabilis*: deſempenhando a empreza de ſeu amor nam ſó no monte da Eſcritura, onde a ferida não admittio mudança; mas ainda em o monte do Evangelho, onde na uniam da natureza ao Verbo nam houve variedade, porque a perdeſſe: *Mariæ, de qua natus eſt Ieſus, qui vocatur Chriſtus. Quod ſemel aſſumpſit, nunquam demiſit.*

65 Tenho acabado o Sermão, em que vos moſtrei ao Amor Divino com quatro emprezas, ſatisfeitas em quatro montes da Eſcritura, & no monte do Evangelho. E ſe préguei muito, deſculpeme a grandeza da materia.

Por-

Porque de aſſumpto grande não pòde haver Sermão piqueno. Fazei vós agora, Senhor, que no monte do noſſo coraçam ſatisfaça tãbem a eſtas quatro emprezas o noſſo amor, amandovos com hum amor taõ firme, que ſeja invariavel: *Perpetuus, & invariabilis*: recebendovos em eſſe Altar com hũa conſciencia tam pura, que nos transformemos em vòs com huma união tam admiravel, que venha a ſer o meſmo cõvoſco, que vos dais em communhão, quem vos recebe na meſa como ſuſtento: *Diligens, & dilectus*: perſiſtindo em vos amar com hum amor tam conſtante, que tenha por fim amarvos, por ſeres vòs quem ſois: *Ardens, & independens*: & com tam ſino exceſſo, que troquemos a morte da noſſa culpa pela vida da voſſa Graça: *Vitam nobis, mortem ſibi.*

SER-

SERMAM
DO ULTIMO DIA DAS QUARENTA HORAS,
PREGADO
Em a Sé Metropolitana da Cidade de Lisboa.

Em o Anno de 1680.

Vivificabit nos post duos dies: & in tertia die suscitabit nos. Osee 6.

66

Tres dias a mesa posta para o convite, & acudir em a ultima tarde ao bãquete (Todo Poderoso, & Amoroso Senhor) Tres dias a mesa posta para o cõvite, & acudir em a ultima tarde ao banquete, mais he vir levãtar as toalhas à mesa, do que gostar do banquete os pratos na variedade das iguarias. Deixar de acudir ao convite, quãdo se pòdem lograr as abundancias, & vir assistir ao banquete a tempo de se aproveitarem sómente as migalhas do convite, ou he ignavia de quem affecta o vir a essa hora, ou he desgra-

ça de quem convida para esse tempo. Nam poderei eu hoje tomar o sabôr aos deliciosos pratos daquella esplendida mesa, porque venho à hora, em que jà se levantam as toalhas, para se acabar o banquete, onde se deu nestes tres dias o mais real convite. Aos convidados dos primeiros dias ficáraõ as iguarias à escolha na variedade de tantos pratos, eu atè na hora de vir ao banquete, fui desgraçado; pois tam fóra estou de poder escolher, o que haja de gostar, que para não ficar em jejum, só me posso aproveitar das migalhas; que cahírão da mesa por entre os dedos aos cõvidados. Aproveitarme das iguarias passadas repetindo os mesmos pratos, que se puzerão nestes dous dias no convite daquella mesa, seria, ou diminuir na grandeza do banquete, ou offender o gosto aos convidados, despertandolhe o fastio, pois lhe repetia na mesma mesa os proprios pratos. E repetição tam continua, mais seria embotar o gosto aos assistentes, do que despertarse o apetite aos convidados. Tempo tive eu para chegar a horas ao convite, pois tive o dia à minha escolha, para vir ao banquete; mas insinuandome quem me convidava para a mesa, que no terceiro dia queria, que fosse minha a hora para o convite, acõmodeime com a minha sorte: & fazendo as contas, a que viria tam tarde, pois era minha a ultima hora, que só acharia fragmẽtos do banquete, & de nenhum modo jà iguarias do convite; não puz o pensamento nos pratos, de que se podia encher a mesa, leváraõme sim o cuidado as migalhas, que podião sobrar em o convite. Porque levaremme os pratos a advertencia, era pôrme na contingencia de me achar em o convite sem iguarias, por ser a ultima hora do banquete. Porque o gostar de todos os pratos podia ser eleição dos convidados primeiros. E quem chega ao banquete dos ultimos, naõ suppõdo para sy as iguarias, só deve fazer conta dos fragmentos.

67 In-

67 Introduz Christo huma parabola, que elle suppoz, & Sam Lucas a referio: onde estando posta hũa esplendida mesa, Lazaro vendolhe as iguarias, divertindo dos pratos o seu dezejo, affectava do banquete as suas migalhas: *Cupiebat saturari de micis, quæ cadebant de mensa.* Pois, Lazaro discreto, pois, Lazaro entendido, se o vosso gosto, ou a vossa necessidade vos obriga a assistir àquelle cõvite, porque não dezejais as iguarias, que se poem naquella mesa, senão as migalhas, que sobrão daquelle convite? Suspirais pelas migalhas, & nam fazeis caso das iguarias? Naõ advertis em os pratos, só vos empenhais em os fragmentos? *Cupiebat saturari de micis?* Oh que andou Lazaro, sobre muito discreto, tãbem muito entendido. Adverti. Naquelle banquete havia duas pessoas, que assistião àquelle convite, o Avarento, & Lazaro: mas cõ esta differença, que as iguarias primeiro se havião de pôr para o Avarento, & quando muito ao depois chegarião a Lazaro, se da sua miseria se doecem: & como para o cõvite havia de ser Lazaro o segundo, & o Avarento o primeiro, não dezejou Lazaro as iguarias, porque podia ficar Lazaro sem pratos em o banquete; dezejou sim Lazaro as migalhas, por não ficar em o convite sem iguarias. E se preceder hum só em o bãquete motivou em Lazaro tám justo temor naquelle convite, precederẽ-me dous em este cõvite, como me havião de levar o cuidado os pratos da mesa, senão os fragmentos, & migalhas do bãquete, para me não achar sem nada em o convite.

Luc. 16. v. 21.

68 Ora já que vim tam tarde, que só me ficárão as migalhas da mesa, como já se levantão as toalhas para se acabar o banquete, só parece que fica à minha cõta dar a Deos as graças pelo esplendido convite, com que satisfez nestes tres dias ao nosso gosto, matandonos a nossa fome. Immortaes graças vos sejão dadas, Senhor, por tam repetidos beneficios, como

fo-

forão os que uſou comnoſco a voſſa piedade neſtes tres dias ; pois vendo ao mundo pôrnos huma meſa , onde a bebida era o veneno, & a comida a meſma morte , no voſſo Sãgue nos déſtes a beber a melhor triaga , & na voſſa Carne nos déſtes por iguaria a melhor vida. Vendo, que o mundo neſtes tres dias nos poem a meſa para nos perder , vòs neſtes tres dias nos pondes a meſa para nos ganhar. Vendo como o mundo neſtes tres dias nos arrebata de vòs para elle, neſtes tres dias nos quizeſtes arrebatar delle para vòs. Vẽdo ao engenho humano excogitando a profanidade, cõ que inventa neſtes tres dias o motivo da zombaria, traçaſtes vòs o motivo da piedade neſtes tres dias. Vendo ultimamente, que o mundo nos punha neſtes tres dias huma meſa, onde elle ganhava, & nòs perdiamos, vòs nos puzeſtes huma meſa neſtes tres dias, onde elle perdeſſe , & nòs ganhaſſemos. Graças, Senhor, repetidamente vos ſejão dadas por tantos beneficios, & para não offender a voſſa grandeza , deixando neſta tarde ao voſſo bãquete, por não offender a ſingularidade da voſſa data, hey de ſó ponderar os effeitos do voſſo convite. Tres dias nos tiveſtes a meſa poſta, mas para provar a noſſa Fé, no ultimo dia quizeſtes, que tiveſſe effeito a voſſa grandeza, para conſeguir a voſſa traça.

69 Depois de dous dias, diz Oſeas, q̃ nos ha Deos de vivificar: *Vivificabit nos poſt duos dies.* Que dias foſſem eſtes, em que Oſeas nos promette de Deos eſtes dous beneficios, não he materia de piquena duvida entre os Sãtos Padres, & Sagrados Expoſitores. Por agora ſigo a opinião de Lyra : *Eſt dies contritionis, confeſſionis , & ſatisfactionis.* São tres dias, diz Lyra, em que os homens ſe hão de empenhar em hũa confiſſaõ perfeita. E qual he o tempo, em que os homens conſagraõ tres dias à confiſſaõ? Senão em as Quarenta Horas, onde renunciando os ritos Gentilicos, abraçamos

Lyr. in cap. 6. Oſee.

as ceremonias Catholicas: onde deposta a pravidade das culpas, he a contrição dos peccados a confissaõ dos defeitos, & a satisfação dos delitos. Pois para o terceiro dia das Quarenta Horas, diz Oseas, que reserva Deos os seus beneficios: & para provar a nossa Fé tendo três dias a mesa posta para o convite, no terceiro empenha Deos a sua liberalidade, para se experimentar nelle a sua grandeza: *Vivificabit nos post duos dies: & in tertia die suscitabit nos.* Mas se nestes tres dias empenhou Deos a sua beneficencia, para os homens experimentarem a grãdeza dos seus beneficios, como pondonos a mesa por Quarenta Horas: só em o terceiro dia affina os effeitos do seu banquete: *Post duos dies: & in tertia die?* E se os dias sam tres para o banquete, como só em o terceiro dia aponta dous effeitos ao seu convite: *Vivificabit, & suscitabit?* Notai. Nestes tres dias punha o mundo huma mesa por Quarenta Horas, em que traçando a gula jocundo prato ao nosso gosto, nos guizava nas iguarias a morte contra a vida; & comiamos em os seus pratos o incentivo da maior furia, com que subindonos o frenesi à cabeça, como a loucos nos fazia andar como estultos nestes tres dias; pois traçavamos invençoens como doudos nestas Quarẽta Horas. Ah sim diz Christo: E o mundo poem huma mesa aos homẽs por tres dias, para ter dous effeitos no seu banquete nas Quarenta Horas: pois eu porei huma mesa por Quarenta Horas, para o meu banquete em tres dias ter dous effeitos. E se as iguarias do mundo gostadas na mesa lhe davão a morte nas Quarenta Horas, & os privava do entendimento nestes tres dias: eu porei huma mesa nestes tres dias, para vencer ao mũdo em as Quarenta Horas: eu o vivificarei, para lhe restituir a vida, que lhe tirou o mundo nestes tres dias: *Vivificabit*: & os suscitarei do letargo, em que perdéraõ nas Quarenta Horas o juizo, para lhe restituir o entendimẽ-

to;

to: *Et suscitabit.* E se o mũdo dá em tres dias o banquete para colher só dous frutos nas Quarenta Horas do seu convite: eu darei hum convite, que dure Quarenta Horas, & tenha sò dous effeitos nestes tres dias: *Vivificabit: & suscitabit.* O mũdo poem aos homens a mesa por tres dias: mas o seu empenho maior vese no ultimo dia das Quarenta Horas. Pois eu porey aos homens hũa mesa por Quarenta Horas; mas em o terceiro se verà o meu empenho, que tive nestes tres dias. O mundo empenha dous dias pelo fruto de hum sò dia: pois eu pelo fruto de hum só tambem hey de empenhar a dous. O mundo faz a seâra por Quarẽta Horas, para colher a lavoura em o terceiro dia: pois eu colherei a seára em o terceiro dia, fazendo a lavoura por Quarenta Horas: *Post duos dies: & in tertia.* Este he o empenho de Christo nestes tres dias, & este he o assumpto do Sermão em esta tarde, ficandolhe por titulo: Effeitos do Sacramento no ultimo dia das Quarẽta Horas, encontradas com os effeitos do convite do mundo em o ultimo destes tres dias. Entremos a discursálo, que poderá ser, que nũnca com maior propriedade se discorresse.

I.

70 Que enganados que vivem os homens com o mũdo nestes tres dias. Poemlhe à mesa por Quarenta Horas, guizalhe os pratos mais jocũdos para o gosto nestes tres dias, despertandolhe a gula para a fome nestas Quarenta Horas. E cuidam, que comem nas iguarias da mesa os frutos da vida, & tragão no banquete as amargúras da morte. Como se o mundo fosse tam liberal, que os chamasse ao cõvite por tres dias, sem colher o fruto de lhe tirar a vida nas Quarenta Horas. Ou se havia de desperdiçar as suas iguarias, sem que lucrasse em cada prato ter por ganho huma morte, & em cada bocado huma vida. Ou como se o mundo

mu-

mudasse de condiçam nestes tres dias, pois pondo a mesa em todo o tempo para dar a morte, havia hoje de dar o convite para perpetuar a vida.

71 Quatro banquetes entre outros muitos acho em a Escritura os mais celebres, hum de Absalam; outro de Holofernes, de Esther outro, & de Herodes o ultimo. No de Absalam ao primeiro bocado com que Amnon despertou o gosto, perdeu a vida: *Amnon mortuus est.* No de Holofernes, as primeiras iguarias com que enganou a fome, satisfazendo à gula, lhe roubàrão a joya de maior preço, levandolhe a cabeça com dous golpes hum só cutelo; para que se a morte não achasse huã porta aberta, por onde viesse, lhe não faltasse segunda, por onde entrasse: *Percussit bis in cervicem ejus, & abscindit caput ejus.* No de Esther, quando Aman presumia, que em ser cõvidado tinha a maior fortuna, se vio em huma forca morto com a maior desgraça: *Suspensus est itaque Aman.* No de Herodes, inda que o Bautista lhe não gostou os pratos, viose a sua cabeça como iguaria na mesa: *Tulit caput ejus in disco.* E que sendo este o fim, que o mundo tem nos seus bãquetes, presumão os homẽs, que lhe dá o mundo hum convite por tres dias tão grande, para lhe segurar a vida nas Quarenta Horas? Grande cegueira a dos homens com o mundo nestes tres dias! Que seja o mundo tão tyranno, que não só dà a morte a quem no bãquete lhe comeu os pratos, mas que tire a vida a quem no convite lhe não gostou as iguarias? E que comendolhe os homens os manjares na mesa nas Quarenta Horas, presumão, que hão de ter a vida nestes tres dias? Grande engano!

2. Reg. c.13. v. 33.

Esther c.7. v. 10.

Marc.6 v.28.

72 E se esta he a condição do mundo nos seus banquetes, ainda a conserva cõ maior tyrannia no convite, que prepára nas Quarenta Horas. Senão, vede quantas vezes chorastes morto no cãpo nestes tres dias, nam só a quem gostou os pratos na

mesa, mas tambem a quem não tomou o sabôr às iguarias no convite. Quantas vezes choármos mortos nas Quaréta Horas na praça, não so os que se sentárão à mesa nestes tres dias, mas tambem aos que nem chegárão ao báquete destas Quarenta Horas. Desenganaivos, Christaós, que nunca o mundo vos poz a mesa por Quarenta Horas, que não fosse para vos tirar a vida nesses tres dias.

73 Muito se empenhou o Princepe Ionathas em segurar a vida ao Pastor David contra a tyrannia de seu pay Saul. Communicoulhe David como amigo os seus temores; mas não pode jà mais Ionathas tirarlhe os seus receios. Seguroulhe a perpetuidade da vida sem algũa duvida: *Non morieris.* E quanto mais Ionathas lhe promettia o livrálo, tãto mais David desconfiava da vida, esperando de Saul a morte: *Quærit animam meam.* Pois David, agora deposta toda a confiança da vida, abraçais toda a certeza da morte? Nunca mais que agora temeroso da morte, & nunca mais que agora desconfiado da vida? Sim. E reparai no Texto. Não vedes, que neste tempo dava Saul hum báquete, para quem era convidado David, pois tinha lugar naquella mesa: *Locus David.* O qual, diz Lyra, q durava por Quarenta Horas: *Tribus enim diebus fiebat.* Ah sim, & Saul poem a mesa a David por tres dias para o banquete: pois por isso teme tanto David a morte nas Quarenta Horas. Poem Saul a David hum banquete por Quarenta Horas: pois por isso David se não segura da vida naquelles tres dias. Como se dissera David. Mal se póde segurar a vida de hum homem em tres dias, a quem se lhe dà hum convite por Quarenta Horas.

1. Reg. c. 20. v. 2

Cap. ib. v. 26.

Lyr. in hunc locum.

74 Notai: que para David fugir á morte, & se segurar da vida, pedio a Ionathas, que o deixasse esconder em o campo nestas Quarenta Horas atè a tarde do terçeiro dia: *Dimitte me ergo, ut abscondar in agro usque ad ves-*

Ibid. n. 5

vesperam diei tertiæ. Pois na companhia de Saul està David nestes tres dias arriscado, & sem a sua sociedade, se dá David por seguro? Sim. Porque nestas Quarẽta Horas costumava David pórse à mesa com Saul: *Ecce Kalendæ sunt crastino, & ego ex more sedere soleo juxta Regem ad vescendum.* Ah sim, & David costuma pôrse à mesa cõ Saul nestes tres dias, pois para evitar a morte no banquete de Quarenta Horas, fuja de assistir com Saul à mesa em o convite, que lhe prepára nestes tres dias. *Usque ad vesperam diei tertiæ.*

Vers. 5.

75 Estes saõ os effeitos dos bãquetes do mundo nas Quarenta Horas: mas estes não saõ os effeitos do convite do Sacramento nestes tres dias. Antes vendo Christo, que o mundo nos dava o bãquete nestas Quarenta Horas, para nos dar a morte em o seu convite, dànos hoje outro convite nestas Quarẽta Horas, para nos dar a vida com o banquete destes tres dias: *Vivificabit nos post duos dies.* O mundo sentase comnosco à mesa, para nos dar a morte nestes tres dias: & Christo nunca se sentára cõnosco à mesa nas Quarenta Horas, se nos não ouvesse de dar a vida nestes tres dias.

76 Naquelle celebre banquete de Balthasar, aonde a impiedade teve o seu dia, & a gula teve a sua hora, onde nem o comer tinha taixa, nem o beber tinha termo, se vio a mão de Deos escrevendo caracteres de morte contra Balthasar. Poem o Rey os olhos na parede, adverte na escritura. Eis o Rey pasmado. Eis os convidados confusos. Eis o Rey cuidadoso. Eis os assistentes pensativos. Eis a cor do rosto perdida. Eis o coração palpitante. Eis a imaginação desinquieta. Eis a Coroa da cabeça derribada. Eis a purpura descomposta. E quantas erão as letras, que a mão gravava em a parede, tantas erão as feridas, com q̃ o temor lhe trespassava à Balthasar o coração: *Rex quoque aspiciebat articulos manus scribentis.* Eu não repáro nas letras, que a mão es-

Daniel 5. v. 5.

crevia; duvído sim em o lugar onde a mão as gravava. Na parede: *In superficie parietis.* Balthasar divertido na suavidade dos licores, Balthasar engolfado na variedade das iguarias, como havia de atender para a superficie das paredes? Não estava mais proprio lugar para os caracteres a mesa, do que para a escritura a parede? Parece, que sim. Ou se a mão lhe dava o aviso da maior desgraça, não lhe era menos difficultosa a vista dos dedos na mesa, do que advertir na parede em a mão? Quem o duvìda? Porque ao tempo de pegar em os pratos, para tomar o gosto às iguarias, advertisse Balthasar em as letras. Pois porq̃ se não poem a mão em a mesa escrevendo em a toalha, como em papel, os caracteres? E se se poem em a parede, para lhe escrever as letras, porq̃ o não faz na mesa? Adverti. Aquella maõ era mão de Deos: o que escrevia, era a sentença da morte de Balthasar: & como a mão lhe não havia de dar a vida, porque o havia de condenar à morte, não se quiz pôr à mesa com elle: como lhe não havia de dar a mão a vida, & dar de mão à morte, não quiz meter com elle a mão em o mesmo prato. Maõ de Deos, que condena à morte, não esteja à mesa com aquelle homem, a quem ha de tirar a vida: esteja á mesa muito embora, o q̃ ha de morrer, mas não esteja Deos à mesa com elle, quando o ha de matar.

77 Oh mundo, & como es tyranno nestes tres dias! Oh homens, & como sois cegos nestas Quarenta Horas! He o mundo tyranno nestes tres dias, pois nos senta á mesa, para nos dar a morte. São os homẽs cegos nestas Quarẽta Horas, pois vẽdo à custa da sua experiencia, que o mundo lhe tira a vida no bãquete destas Quarenta Horas, poemse ainda com elle à mesa nestes tres dias. Ambos vão a enganar, hum ao outro nestes tres dias: o mundo aos homens, & os homens ao mundo. O mundo aos homens, dandolhe o convite, para que nos pratos tomem

o ſabór à morte, & lhe paguem com a vida o goſto da meſa. Os homens ao mundo, comendolhe os pratos, não lhe querẽdo pagar o cuſto do banquete, ambos metem a mão em o meſmo prato, hum contra o outro. Mas he deſgraça, q̃ os homẽs ficão perdidos, & o mundo ganhado. Porque os homens ficão ſem vida, ainda que ficão com os pratos. E o mundo ſe fica ſem pratos, não fica o mundo ſem vidas. Dizeme, mundo tyranno, para que me poens a meſa, ſe me tiras a vida? Que tem a tyrannia da morte com a delicia dos pratos? Que tem o goſto das iguarias com a perda da vida? Para que manchas as toalhas da tua meſa com o ſangue das criaturas? O certo he, que ſe nos dás o convite para nòs, he para nos beberes por licor ao ſangue, reſervando para ti a vida.

78 Ah Senhor, & como ſois deſgraçado com os homens neſtas Quarenta Horas: pois deſeſtimando os effeitos do voſſo banquete neſtes tres dias, quantos fugìrão do voſſo convite neſtas Quarenta Horas! Quantos ſe ſentárão comvoſco à meſa neſtas Quarenta Horas, que veſtìrão as propriedades do mũdo neſtes tres dias? Quãtos ſe ſentârão comvoſco em eſſa meſa, metendo a mão comvoſco em o meſmo prato neſtes tres dias, para vos darem a morte com as ſuas culpas neſta Quarenta Horas: quando vòs vos pondes à meſa com elles neſtes tres dias, para lhe dares a vida neſtas Quarenta Horas? Certo, Deos da minha Alma, que eſtava para vos pedir, com grande dor do meu coração, que acabaſſeis já com o voſſo banquete deſtes tres dias, para que ſe não viſſe deſprezado o voſſo convite deſtas Quarenta Horas. Vão embora os homens goſtar á meſa do mundo os ſeus pratos, mas não ſeja deixãdo as voſſas iguarias; que ao ſeu máo goſto mais lhe apraz a morte do ſeu convite, que a vida do voſſo banquete. Vós pondellos à meſa neſtes tres dias, para lhe dar a vida neſtas

Quarenta Horas, & quantos ſe poràm comvoſco à meſa neſtas Quarenta Horas, para vos darem a morte neſtes tres dias. Porque ſe nos homens pòde caber ſentarſe à meſa, para dar a morte, em vós não ſe póde unir, para dar a morte ſentarvos à meſa.

79 Eu reparei em hum Texto, que para mim além de ter muita duvida, pareceme, que para a ſua intelligẽcia neceſſita de bem advertẽcia. Pozſe Chriſto à meſa em o Cenaculo, & para que Iudas o recebeſſe dignamente, lhe diſſe o Senhor eſtas palavras, quando ſe lhe dava em iguaria: *Ecce manus tradentis me mecum eſt in menſa.* Eis aqui a mão do que me entrega eſtá comigo na meſa. Notai, que não diz, que elle, que ha de ſer traido, eſtà com a mão de Iudas, que o ha de entregar; mas diz, que a mão de Iudas, que o ha de entregar, he a que eſtá com elle. Pois a mão de Iudas ha de eſtar com Deos, & a mão de Deos não ha de eſtar com Iudas? De ſy não diz, que eſtá com Iudas, & de Iudas diz, que eſtá com elle? Sim. E porque razão? Eu a direi. Porque eſtavão à meſa: *In menſa.* Iudas bem pòde eſtar com Deos, ſem Deos eſtar com Iudas; mas Deos não pòde eſtar com Iudas, ſem Iudas eſtar com Deos. Eu me explico. Iudas bem póde eſtar com Deos, ſem Deos eſtar com Iudas; porque eſtando Deos auſente de Iudas pelas ſuas culpas, Iudas pòde eſtar com Deos, ou pelo concurſo, ou pela immẽſidade; mas Deos não pòde eſtar com Iudas, ſem Iudas eſtar com Deos. Porque he neceſſario querer Iudas eſtar com Deos fazendo as pazes, para Deos ſer amigo de Iudas. Ora notai agora. E cõ que deliberação eſtava Deos, & com que determinaçam eſtava Iudas? pergunto eu agora. Iudas com deliberação de o entregar á morte pela venda, para lhe tirar a vida; & Chriſto com deliberação de lhe permittir a morte, previſta a impenitẽcia da ſua culpa. Ah ſim, pois eſteja Iudas com Deos, mas não eſteja Deos cõ Iudas. Iudas,

Luc. 22. v. 21.

que

que tem tenção de o matar, bem ſe póde ſentar com elle à meſa para o vender : *Mecum eſt in menſa*: mas Deos, que ſe tem deliberado em lhe permittir a morte, fujalhe da meſa, já que lhe ha de permittir a perda da vida. Eſteja a mão de Iudas na meſa, para a meter com Chriſto no meſmo prato; mas não eſteja a mão de Chriſto com Iudas, para a meterem no meſmo prato na propria meſa. Porque ſe hum ſe ſenta à meſa, para lhe dar a morte, o outro foje da meſa, porque lhe não ha de dar a vida. Se Iudas como homem ſabe ſentarſe à meſa com Chriſto, para lhe dar a morte; Chriſto como Deos, não ſabe ſentarſe à meſa com Iudas, quando lhe ha de tirar a vida: ſe hum póde eſtar com outro: *Eſt mecum*: quando quer tirar a vida; hum não pòde eſtar com o outro, quando lhe ha de dar a morte.

80 E quanto ſuccede diſto neſtes tres dias. Quantos eſtiverão com Deos naquella meſa neſtas Quarenta Horas, com quem Deos não eſteve à meſa neſtes tres dias? Quantos meterão a mão cõ Deos no meſmo prato neſtes tres dias, com quem Deos não meteo a mão no proprio prato neſtas Quarẽta Horas? E que de vozes ſentidas ſe não ouvirião de Deos neſte banquete nas Quarenta Horas, que durou eſte convite? *Ecce manus tradentis me mecum eſt in menſa.* Oh quãtos chegão à minha meſa, para me entregar à morte neſtes tres dias, quando eu me empenho em me pôr à meſa cõ elles nas Quarenta Horas, para lhe dar a vida! Quantos chegão àquella meſa a tomar o ſabôr àquelle maná, que ainda ſuſpiraõ pelas hortaliças ruſticas do Egypto neſtes tres dias? E nam he iſto vir entregar a Deos, pois he chegar ao ſeu banquete com taõ máo goſto, que eſtá o dezejo nos pratos do mundo, & o corpo ſó em as iguarias do Ceo? Quantos chegáraõ neſtas Quarenta Horas a beber o licor, que ſe dá neſte convite, & tomandolhe o ſabôr, o levaõ para baixo por cumprimento: & ſe de-

determinão na meſma meſa a hirem goſtar ao convite da meſa do mundo o ſeu meſmo licor; porque neſte eſtá a maior luxuria: *Vino in quo eſt luxuria* : & naquelle a maior pureza: *Vinum germinans virgines.* E não he iſto ſentarſe com Deos á meſa para o entregar neſtes tres dias, pois he zombar das ſuas iguarias nas Quarenta Horas? Não he iſto ſentar com Deos à meſa, para lhe darem a morte com as culpas, quando Deos ſe ſenta comnoſco à meſa, para nos dar a vida cõ a graça? Naõ he iſto eſtar com Deos no banquete, mas Deos não eſtar comnoſco no convite? Ha maior cegueira, Chriſtãos, que eſtar com Deos na meſma meſa, meter a mão com Deos no meſmo prato, para lhe dar a morte, & que Deos na meſa para nos dar a vida queira meter a mão no prato comnoſco? Que hum homem offenda a Deos fóra da meſa, ſofreſe; mas que ſe ponha com elle à meſa para o offender no ſeu convite, não ſe pòde diſſimular; porque he a maior deſgraça, que a hum peccador póde acontecer.

Ad Epheſ. c. 5. v. 18. Zach. c. 9. v. 17

81 Só em o Cenaculo lamentou Chriſto as deſgraças de Iudas: *Væ homini illi!* Ay daquelle homem, melhor lhe fora não ter naſcido: *Bonum erat ei, ſi natus non fuiſſet homo ille.* Quando o offendido chora a deſgraça do offenſor, ou he grande a deſgraça do offenſor, ou he grande a piedade do offendido. Pois, Senhor, como no Horto, quando vos elle entrega, o não lamentais, ſô no Cenaculo vos doeis? No Cenaculo dizeis, que melhor lhe fora não ter naſcido, & no Horto não moſtrais de Iudas alguma commiſeração? Sim. Porque no Cenaculo eſtava na meſa: *In mẽſa*: & no Horto eſtava fóra do convite. E a deſgraça digna de ſe chorar em hũ peccador, não he tanto o offender fóra do banquete, eſtá ſim no offender poſto à meſa no convite: *Væ homini illi! Bonum erat ei, ſi natus non fuiſſet homo ille.*

Matth. 26. v. 24

82 E que mais tem offender em o banquete, ou offen-

fender fóra do Convite, para ser maior desgraça o peccar dentro na mesa? Ouvi, & tremei, se sois Christãos. Porque o pôrse hum homem à mesa com Deos para o matar, he hum peccado tam grande, que parece, que o mesmo Deos perde as esperanças a este peccador. Porque parece, que não ha mais que esperar de hum homem tão preverso, que se senta comvosco à mesa por tres dias, para vos tirar a vida nas Quarenta Horas.

83 Sabei, dizia David a Ionathas, sabei, que se vosso pay se irar contra mim, para me dar a morte à manhaã, que està completa a sua maldade, & não ha que esperar nada mais de Saul: *Scito, quia completa est malitia ejus.* Pois Saul não buscou a David varias vezes para lhe dar a morte? Quem o duvída. Pois que mais circunstãcias tinha o ser à manhaã, do que outro qualquer dia, para que a circunstancia do dia lhe fizesse perder a David de Saul as esperãças, por estar completa a sua maldade? *Scito, quia completa est malitia ejus.* Não vedes, que ao outro dia punha Saul a mesa, para dar hum banquete, que havia de durar Quarenta Horas, & que era convidado David para este banquete: *Ecce Kalendæ sunt crastino, & ego sedere soleo juxta Regem ad vescẽdum.* Ah sim, diz David, & à manhaã querse pôr vosso pay comigo á mesa por Quarẽta Horas, pois se á manhaã me quizer dar a morte, comete nestes tres dias tam grande culpa, que está completa a sua maldade: *Completa est malitia ejus.* E se convidarvos para a mesa por tres dias, para vos dar a morte em Quarenta Horas, he tam grande culpa, vir comer as iguarias por Quarenta Horas para tirar a vida, a quem vos dá o banquete por tres dias, não será maior peccado? Se cõvidar a hum homem para a mesa, que ha de durar tres dias, para lhe tirar a vida no convite de Quarenta Horas, he delito tam execrando, & vir comer a Deos as iguarias por Quarẽta Horas, para lhe dar

1. Reg. c.20.v.7

dar a morte, quando nos dá o banquete por tres dias; não ferà maior maldade ? Mas graças a vòs, Senhor, que para vos não offendermos no convite deftes tres dias, para que nos divertiffeis das iguarias do mundo neftas Quarenta Horas, nos pondes à voffa mefa neftes tres dias. E fe os homens apetecem a vida, & aborrecem a morte, para que neftes tres dias tomem faftio ás iguarias do mundo, aonde fe come a morte, & fufpirem pelas iguarías do Ceo neftas Quarenta Horas, lhe brindais com a vida neftes tres dias, para lhe desfpertares o dezejo neftas Quarenta Horas. Se o mũdo para a desgraça da morte dá o banquete neftas Quarenta Horas com o disfarce da vida, vòs para a felicidade da vida dais o cõvite neftes tres dias com o disfarce da morte. O mundo para nos dar a morte, guizanos iguarias, q̃ fendo morte por dentro no gofto, tem apparencia de vida por fóra, vòs nos difpenfais huns pratos, que fe por fóra tem a apparencia da morte, por dentro tem a realidade da vida. Vltimamẽte, fe o mundo nos dá o banquete neftas Quarenta Horas para nos matar, vòs para nos vivificar nos pondes a mefa neftes tres dias: *Vivificabit nos poft duos dies.*

II.

84 O fegundo effeito, que o mundo tem no feu bãquete deftes tres dias, he privar aos homens do entendimento, fazendoos obrar como loucos neftas Quarenta Horas. Senão, dizeime: Quẽ era antigamente neftas Quarenta Horas o mais fezudo, a quem não fubiffe o frenefi à cabeça, fazendoo fahir furiofo a effas praças como doudo neftes tres dias, obrando coufas de eftulto neftas Quarenta Horas. O doudo he aquelle, que feguindo os impulfos da natureza, vai arraftando o entendimento, apagada a luz do difcurfo, & feguindo ao erro da fantafia. E quem fe livrou neftas Quarenta Horas, de que a fantafia não foffe o farol das fuas ope-

peraçoens, ficando o juizo ſuſpenſo, como ſe neſtes tres dias não tiveſſe ſerventia? O amente he aquelle, a quem confundindolhe as eſpecies a ſua eſtulticia, lhe varéa a ſua fantaſia as ſuas repreſentaçoens. E quem havia neſtes tres dias, que pondoſe com o mundo á meſa, não ſe lhe variaſſem neſtas Quarenta Horas as eſpecies, trocandolhe neſtes tres dias as repreſentaçoens? A ſezudeza ſe vos repreſentava locura. A gula ſe vos repreſentava abſtinencia. A ocupaçaõ ſe vos repreſentava ocioſidade. E quem não ſahia às praças a fazer invençoens ridiculas, ſe vos repreſentava ignorante. Vede, ſe era iſto andares todos doudos neſtẽs tres dias; pois aſſim trazieis trocadas as repreſentaçoens neſtas Quarenta Horas. Mas como havia de ficar cõ entendimento nas Quarenta Horas, quem ſe punha á meſa com o mundo neſtes tres dias. As primeiras Quarenta Horas, que ouve no mundo, forão no Paraiſo Porque na opiniaõ de alguns Authores, eſteve Adam no Paraiſo breves horas: na de outros, oito dias: na de muitos, tres dias. Com que ſeguida eſta ultima opiniaõ, Quarenta Horas eſteve Adam no Paraiſo. Offerecéolhe o mundo hum bãquete, cujas iguarias ſe deſcifravaõ em hum ſó bocado. Apenas lhe tomou Adam o ſabôr na boca, quando tinha o juizo perdido: *Homo cum in honore eſſet, non intellexit.* E ſe o mũdo começou a fazer natureza deſte coſtume dos primeiros tres dias, que poz a meſa, como vos naõ ha de tirar o entendimento neſtes tres dias, ſe lhe comeis os pratos neſtas Quarenta Horas. O certo he, que ſe o mundo nam ficaſſe bem pago à cuſta das noſſas perdas neſtas Quarenta Horas, que nos nam havia de pôr a meſa neſtes tres dias. Nunca o mundo eſtendéra as toalhas para o convite, ſe nam recebéra o entendimẽto dos convidados pelo gaſto do banquete. E que ſendo eſte o mundo nos ſeus cõvites, haja ainda neſtes tres dias quem vá aos ſeus ban-

Vt videre eſt cõmuniter apud Expoſitores.

Pſal. 48. v. 13.

que-

quetes nas Quarenta Horas. Grande cegueira! Que sejamos mininos todos nas Quarenta Horas, obrando minices nestes tres dias, deixandonos enganar do mundo cõ os seus pratos. Grande minice! Que naõ sejaõ só mininos os mininos nestes tres dias, mas que os mesmos velhos se tornem mininos nestas Quarenta Horas, porque o mundo nos dá hum banquete. Grande ignorancia! Se o mundo nos tornasse mininos na idade, que lhe assistissemos no convite, era cõveniencia: mas que nos torne mininos nas obras, & velhos na idade, com o seu bãquete nestes tres dias: & que ainda haja quem se sente cõ elle à mesa nestas Quarenta Horas? Grande estulticia!

85 Este he o segundo effeito, que o mundo tem nestes tres dias, pondonos á sua mesa nestas Quarẽta Horas, deixar sem entendimento a quem lhe come as iguarias; porque toma por paga a melhor joya, que he o juizo. Mas nam he este o segundo effeito, que Christo tem nestas Quarenta Horas com o banquete, que nos dá nestes tres dias: antes vendo, que o mũdo nos tira o juizo com o convite, que nos prepára nas Quarenta Horas, poem a mesa nestas Quarenta Horas, para nos restituir o entendimento com o banquete destes tres dias: *Et in tertia die suscitabit nos.* Notai, que diz, que neste terceiro dia nos ha de suscitar. O despertar suppoem sono; o sono, dizem os Filosofos, que he huma prizam do juizo, onde a fantasia he a que discorre, & o entendimento o que se suspende: & se a doudice he huma suspẽsaõ do juizo, & hum exercicio da fantasia, bem se equivoca a demẽcia com o sono, em quem como em letargo está sepultado o entendimẽto. Ah sim, diz Christo, & nestes tres dias estaõ os homens amortecidos com o juizo como doudos pelo sono; pois para que se lhe restitua o entendimento, & se acabe a doudice, hey de despertálos do sono, para os livrar da demencia: *Et in tertia die suscitabit nos.*

86 Ah Senhor, & como

mo estais piedoso nestas Quarenta Horas, pois vendo ao mundo tirarnos o juizo,& privarnos da vida nestes tres dias , nos dais a vida nestes tres dias , & nos restituis o entendimento nestas Quarenta Horas. O mundo convidanos para a mesa nestas Quarēta Horas, para experimentarmos estas duas faltas nestes tres dias :& vòs pódesnos a mesa nestes tres dias, para nos restituires estas duas faltas em as Quarenta Horas. E se o mundo nos poem a mesa para nos dar estas perdas com o seu banquete; vòs com o vosso banquete nos dais estes ganhos, pondonos á mesa do vosso convite.

86 Poz a Sabidoria Eterna a sua casa: *Ædificavit sibi domum* : poz nella huma esplendida mesa , para dar hum real convite : *Posuit mensam :* mandou chamar os convidados : *Misit ancillas , ut vocarent.* Mas a quem mandou chamar para o convite, foi aos doudos : *Insipientibus locuta est.* E o fim para que os convidou para o banquete, foi para lhe dar a vida, & para lhe restituir o juizo : *Relinquite insantiam , & vivite.* Eu nam vi mais desproporcionado convite, pela improporçam que o fim tem cō o banquete. Porque o licor suave, que se puzera na mesa : *Bibite vinum* : parece que havia de acrescētar a furia , para crescer com maior excesso á demencia,& a abūdancia dos pratos, multiplicando a nutriçam das iguarias, avisinharia á morte desterrando a vida. Porque como sabem os Filosofos, da nutriçam se segue a morte : pois se os meios eraõ taõ improporcionados para o entēdimento, & para a vida , como poem a mesa a Sabidoria aos doudos , para lhe dar a vida, & lhe restituir o juizo? Sabeis porque ? Pois esta he a razaõ. A Sabidoría he Christo, as iguarias, que offerecia , era o pão do Sacramento , diz a Glossa : *Comedite panem : idest, Corpus.* Ah sim, pois para lhe dar a Sabidoría a vida, & lhe entregar o juizo, ponha a mesa , onde os pratos sejão o seu Corpo, que se lhe dé por iguaria em

Prov. c. 9. v. 1.

o banquete, & ponha a mesa, & chame os mortos para o cõvite, & aos doudos para o banquete. Porq̃ se o mũdo chama os vivos para a mesa para os tornar mortos, & chama aos discretos para os fazer doudos; Christo chama aos doudos para os tornar discretos, & aos mortos, para os deixar vivos: se hum tem em o seu convite a morte, & a doudice por effeitos do seu banquete, outro tem o juizo, & a vida por effeitos do seu convite: *Vivite, relinquite infantiam.*

87 Isto, que à Sabidoría succedeu em parabola, parece, que foi deste convite profecia. Poem hoje Christo a mesa nestas Quarenta Horas: manda aos seus criados: *Misit ancillas:* que saõ os seus Prègadores: *Idest Prædicatores*, diz a Glossa: chamar aos homens para o seu banquete: *Comedite panem, idest Corpus*: para que tenhão a vida da Graça: *Vivite per gratiam*: deixando as mininices: *Relinquite infantiam*: como cousa vaã, & inutil: *Vana, & inutilia*: & andẽ pelo caminho da prudencia: *Ambulate per vias prudentiæ.* Hoje mãda Deos lançar pregão geral pelo mũdo todo nestas Quarẽta Horas, tendo posto a mesa por estes tres dias. E não será desgraça, que lançando Deos hum bando geral pelos seus Prègadores, para todos virem nestes tres dias ao seu bãquete, que nam venham todos nestas Quarenta Horas assistir ao seu cõvite? Os que andais por essas praças do mundo nestas Quarenta Horas, ouvi a voz de Deos, que vos chama nestes tres dias: *Relinquite infantiam.* Deixai as mininices, em que vos occupais como doudos. Andai pelo caminho da prudẽcia: *Ambulate per vias prudentiæ*: como discretos. Deixai os diluvios, com q̃ provocais de Deos a sua ira: & devendo multiplicar as lagrimas, para chorar as culpas, secais para Deos os olhos, & abris para o mundo as fontes. Deixai estas mininices: *Relinquite infantiã.* Vertei os tiros contra os vossos peccados. E deixai a mini-

ni-

ninice, com que os vossos tiros offendem ao vosso proximo: *Relinquite infantiam.* Maçarai o vosso rosto com a penitencia, & deixai as invẽçoens, que fazeis no rosto, com que provocais de Deos a ira, & do vosso proximo o escandalo: *Relinquite infantiam.* E que estas, & outras semelhantes mininices, obriguem aos homens a deixar a mesa de Deos, não vindo assistir ao seu banquete: pòde haver cousa mais digna de lastima? Que nos chame Deos por tres dias para o seu cõvite, & que ninguem por esta occupação venha nestas Quarenta Horas ao seu banquete? Ha maior desgraça? E que façamos tanto por ser doudos? E que nada façamos por ser entendidos? Que para ser doudos vamos ao banquete do mundo nestes tres dias, sem ser convidados, & que para ser entendidos não venhamos ao convite de Deos, sendo rogados nas Quarenta Horas? Até quando nos ha de durar esta estulticia? *Usquequò diligitis infantiam?* Atè quando havemos de andar com estas mininices? Atè quando havemos de seguir a mininice de fallarmos nestes dias palavras tam indecentes, que se rim os Hereges de nolas ouvir, & chora Iesu Christo de as dizermos: *Usquequò diligitis infantiam?* Atè quando haveis de obrar a mininice, de que tendes licença para a gula nestas Quarẽta Horas? Porque he este o ultimo dia para o desenfado: *Usquequò diligitis infantiam?* E serà desgraça, que deixemos de acudir ao banquete de Deos nestes tres dias, ouvindo os seus clamores nestas Quarenta Horas.

88 Ah Senhor, que andão os homens tam cegos cõ a sua locura nestes tres dias, que não hão de ouvir a vossa voz, para acudir ao vosso bãquete nestas Quarenta Horas! Mas o certo he, Senhor, que por isso andamos tam loucos nestas Quarenta Horas, porque fugimos do vosso convite nestes tres dias. Que se nòs tomáramos o gosto a este manjar nestes tres dias, nòs nos tornáramos sizudos

zudos neſtàs Quarenta Horas. Senão, vede, Chriſtãos, o que tem ſuccedido com grande gloria de Chriſto, & grande afronta do mundo, depois que eſtà poſta aquella meſa. Antigamente qualquer rua deſta Cidade era campanha de batalhas,& era theatro de eſcandalos: hoje com os poucos, que chegárão áquella meſa, véſe o mũdo nas praças deſerto, os eſcandalos acabados, & as batalhas conſumidas. Neſtes tres dias eſtava o mundo todo doudo com os ſeus banquetes neſtas Quarenta Horas: hoje eſtá já o mundo ſizudo com aquelle convite deſtes tres dias. Antigamente neſtes tres dias, até os velhos eraõ mininos: hoje já neſtes tres dias atè os mininos ſe portão como velhos. Neſtes tres dias nos choravamos perdidos: neſtas Quarenta Horas nos aplaudimos ganhados. Neſtas Quarenta Horas nos lamentava Deos como mortos pela culpa: neſtes tres dias nos vivifica pela Graça: *Vivificabit nos poſt duos dies.* Neſtes tres dias nos tinha o mũdo adormecidos, porque nos tinha o juizo em letargo prezo: neſtas Quarenta Horas ſe vé o letargo acabado, & o ſono extinto: *Et in tertia die ſuſcitabit nos.*

89 E já que o convite ſe acaba, demos todos a Deos as graças, pelos beneficios que nos fez com o ſeu banquete. Infinitas graças, Senhor, vos ſejão dadas por todos os beneficios, que nos communicaſtes, livrandonos de tantos perigos neſtes tres dias, quantos experimentavamos com as noſſas mininices das Quarenta Horas. Immortaes graças vos tributamos, Senhor, pois vendo a Lisboa ha tam poucos annos tam diſſoluta neſtes tres dias, o voſſo bâquete a tornou tam reformada neſtas Quarenta Horas. Vendo aos voſſos Templos deſertos neſtas Quarenta Horas ha tão pouco tempo: os vemos tam aſſiſtidos neſtes tres dias ha jà tantos annos. Não podia, Senhor, ter eſta mudança tam protentoſa outro principio, mais que o da voſſa ſoberana mão, empenha-

Ps. 76. v. 11. nhada nesta refórma: *Hæc mutatio dexteræ Excelsi.* Fazei vòs agora, Senhor, que comendo hoje o vosso pão no ultimo dia do vosso banquete, que nos durem os effeitos do vosso convite nestes Quarenta Dias, que se seguem: *Et ambulavit in fortitudine cibi illius quadraginta diebus:* para que assim cheguemos ao monte da vossa Gloria: *Usque ad mōtem Dei Horeb.* 3. Reg. cap. 19. v. 8.

SERMAM
DE NOSSA SENHORA DE
PENHA DE FRANÇA;
PREGADO

Em o primeiro dia do solennissimo Triduo, que se lhe consagra todos os annos, em o Convento dos Religiosos Eremitas de Santo Agustinho, da Cidade de Lisboa.

Em dezanove de Setembro de 1683.

Liber generationis Iesu Christi. Matth. 1.

90
SEndo taõ evidentes á razaõ as obrigaçoẽs deste admiravel, & glorioso dia, saõ tam relevantes ao discurso as circunstancias desta soberana, & plauzivel festa: que quanto mais se empenha a devoçaõ em as publicar, tanto mais se embaraça o entendimento em as discorrer. (Soberano, & Amoroso Senhor sacramentado, se esse Sacramento he memoria de vossos protentos, sendo a Penha huma de vossas maravilhas;

Pſ. 113. v. 8.

vilhas : *Et rupem in fontes aquarum*: pedia a razão, que no dia, em que ſe celebrão as maravilhas da Penha, nam faltaſſe à Penha a memoria de ſeus protentos: *Memoriã fecit mirabilium ſuorum.*)

Pſ. 110. v. 4.

91 Sendo tam evidentes à razão as obrigaçoẽs deſte admiravel, & glorioſo dia, ſaõ tam relevantes ao diſcurſo as circunſtãcias deſta plauzivel, & ſoberana feſta, que quanto mais ſe empenha a devoção em as publicar, tanto mais ſe embaraça o entendiméto em as diſcorrer Porque cantarſe neſta grande ſolennidade, em que vemos competido o zelo cõ a pompa, a grandeza com o amor, a veneração com o applauſo : cantarſe pois eſte Evangelho, para ſe combinar com o ſoberano titulo da Senhora, que applaudimos, unir a brandura de Maria, com o marmore de hũa pedra, a piedade de ſeu favor, com a dureza de hũa penha, ſaõ humas circunſtãcias pela contradição tam remontadas ao entendimento, ſaõ humas implicaçoens pela repugnancia tam difficultoſas ao diſcurſo, que para ſe ajuſtarem com acerto, & para ſe unirem ſem perigo, dependiaõ de outra mais alta ponderação, & de outra maior capacidade. Porque ſer Maria Penha : *Virgo fuit petra*; (como diz Hugo) & ſer Maria Livro: *Liber. Hunc librũ grandem credo eſſe Mariam*: diſſe Santo Antonino. Quem vio jà mais, que o livro foſſe penha, ou que a penha foſſe livro? Maria he o livro, & as folhas deſte livro ſaõ as letras do ſeu ſoberano nome. E ſe cada letra do nome da Mãy de Deos, como diz Palleoto, he huma Penha : *Quævis litera hujus nominis, Maria, lapidem mihi referre videtur*: quem vio jà mais, as penhas ſervirem de folhas aos livros, ou quem vio jà mais, que o livro tiveſſe as penhas por folhas? Livro com folhas, iſſo vem os olhos todas as horas : livro com azas, iſſo jà o vio hum Profeta ha muito tempo : *Ecce volumen volans*: mas livro com penhas, iſſo ainda ninguem o vio, nem ninguẽ

Hugo in Indice, verbo Maria.

D. Ant.

Zachar. c. 5. v. 1.

o encontrou. As penhas nos livros já haveria quem as visse, ou escritas, ou pintadas; mas não ser o livro, nem penha pintada, nem penha escrita: antes ser a penha livro verdadeiro, & ser o livro verdadeira penha. Mysteriosa implicação na verdade! Iá ouve quem disse, & com grande engenho, q̃ a maior difficuldade deste Sermão, era não ter a Penha livro, & encontrar eu hoje ao Livro feito penha; & a penha feita livro; creio, que deste Sermão he a maior difficuldade. Ainda se buscarmos exposição, não só achareis, que o livro he penha, porque Maria he o livro; mas que não tem palavra o livro, que huma pedra não seja; porque não tem o livro hũa dicção, que não seja huma penha. Ora ouvime, & vede, se tenho razão.

P. Vieir. 1. Part.

92 Sam Mattheus quãdo escreveu este Livro, diz Sam Pedro Damiam, entre todos os Progenitores de q̃ compoz esta arvore, descreve em cada hum huma pedra; porque de todos elles formou em este Livro huma Igreja: *Iste in libro hoc tamquam spiritualis cujusdam mũdi scripsit Ecclesiæ novitatem.* E que cousa vem a ser huma Igreja, por ser hum agregado de muitas pedras, senão hũa penha? Porque assim como huma Igreja se compoem de muitas pedras, assim de muitas pedras se compoem tambem huma penha. Vedes já como não só a Penha he Livro, mas que não consta este Livro mais que de penhas? Ora nesta mysteriosa implicação está a maior excellencia de Maria, em quanto livro; & a maior singularidade da Máy de Deos, em quãto Penha. Ser livro com folhas, ou ser livro com azas, isso he commum a todos os livros; mas ser livro com penhas, ou ser penha ao tempo em que he livro, este he o soberano, & illustre brazão da Senhora de Penha de Frãça. Não he a Senhora da Penha como os outros livros, & por isso he livro sem folhas, & por isso he livro sem azas; & por isso he livro com penhas. Todos os livros

D. P. Dam. Serm. 1. de S. Matth.

vros tem original : Maria sem ter original foi o melhor Livro. Todos os livros para correrem se conferem: Maria para sahir a luz nam tinha necessidade de se aprovar; porque não tinha original, por onde se ouvesse de conferir. Todos os livros tem erratas, por mais que os Impressores se desvellem na sua composição : Maria assim sahio pura da apertada impressaõ da natureza, que sahio sem o menor erro; porque teve Deos na sua composição grãde cuidado. Todos os livros tem taixa: Maria sem se taixar primeiro, correu. E se Maria não teve as razoens commuas aos outros livros, como havia de ser livro, cujas grandezas se estampassem em penas, & cujos protentos se lessem em folhas. Se isto mesmo tiverão os outros livros, havia de ser Livro composto de Penhas, para que ficasse singular entre os outros livros: em quanto livro: *Liber*: por ser penha: *Virgo fuit petra* : & em quanto penha : *Virgo fuit petra*: por ser livro, *Liber*. E se esta illustre Penha, nesta sua grande singularidade funda toda a sua protentosa excellencia, este será o assumpto do Sermão: As singularidades da Mãy de Deos em quanto Livro: *Liber*: por ser Penha: *Virgo fuit petra*: & as singularidades da Senhora em quanto Penha : *Virgo fuit petra*: por ser Livro: *Liber*. Esta he a materia, o Evangelho abrirá caminho aos discursos, provãdo os primeiros conceitos: todos os passos seram de penhas: o Sacramento confirmará os discursos. Entremos pelo Sermão.

I.

93 Encontramos hoje em este illustre Templo, & nesta grande solennidade a Senhora feita Livro, & a Senhora feita Penha: nas demais Imagens da Mãy de Deos, que ha nesta Corte, & que ha neste Reyno, se encontrais a Penha, não encontrais o Livro, ou se encontrais ao Livro, nam encontrais a Penha: encontrais ao

Livro, ou encontrais a Penha; mas nam haveis de encontrar ao Livro, que seja Penha, nem a Penha, que seja Livro. Encontrareis o Livro: porque em todas ellas encontrareis Imagens da Mãy de Deos. Encontrareis a Penha, ou pelo excelso, ou pelo grandioso; mas Livro, que seja Penha, ou Penha, q̃ seja Livro, isso nam; porque isso só he propriedade desta miraculosa Imagem: porque he a unica, onde a pessoa, q̃ he o Livro, se lhe une a Penha, que he o titulo: as demais saõ Livro, porque sam Imagem, mas nam saõ Penha: porque lhe falta o titulo. A desta Casa, he Penha, & he Livro; porque â razaõ do Livro, em quanto Imagẽ se lhe une a Penha em quanto titulo. E esta he a primeira singularidade da Penha, em quanto Livro, & do Livro, em quanto Penha. Mas qual será a razaõ, porque nas demais Imagens bastára o Livro sem a Penha, isto he a Imagem, sem o titulo. E neste Templo he necessaria a Penha, & he necessario o Livro. Isto he o titulo, & a Imagem. Sabeis porque? Porque à Mãy de Deos nesta sua miraculosa Imagem cõcedéo por especialidade a Providencia Divina o acharem todos no seu patrocinio hum remedio universal para as suas miserias: & como a Senhora havia de ter neste Templo este exercicio, por isso havia de ter o Livro cõ a Penha huma uniaõ taõ protentosa, & hum vinculo tam apertado, por isso havia de concorrer nella a Penha feita Livro, & o Livro feito Penha. Porque para este fim nam bastava a Penha sem o Livro, nem o Livro sem a Penha: porque nam basta só a Imagem, he necessario tãbem o titulo. No Evangelho temos grande confirmaçam deste meu juizo.

94 Compoz hoje Sam Mattheus este Livro, & tantas foraõ as Penhas, que nelle poz, quantos foraõ os Progenitores, que nelle escrevéo, como disse Sam Pedro Damiaõ. Principiou por Abraham, que he Penha, como disse Isaias: *Attendite ad petram,*

tram, attendite ad Abraham: & acabou com Christo; que tambem he Penha, como disse Hugo: *Christus fuit petra*: & como os meios participaõ o ser dos extremos: *Medium participat ab extremis*: tendo os extremos deste Livro a razaõ de Penha, participaõ os demais Progenitores, que nelle se encontraõ como meyos, a razaõ de pedra. E pois o livro cheio de penhas, & o livro cheio de pedras? O fim do livro, quando Saõ Mattheus o descreve, he a fabrica de huma Igreja, que se compoem como de pedras dos Progenitores? *Scripsit Ecclesiæ novitatem?* Sim, diz Sam Ioam Chrysostomo: porque neste livro se punha huma geral officina de todo o remedio, onde encõtrasse geral patrocinio toda a afflicçaõ: *Sicut in apotheca quod desiderat omnis homo, invenit, sic in libro isto, omnis anima quod necesse habet invenit*: & como para a universalidade do remedio, nam basta o livro sem a penha, nem a penha sem o livro, por isso escreveo ao livro cheio de penhas. Notai melhor. Duas arvores da geraçam de Christo tecêraõ os Evangelistas; huma Sam Mattheus, & outra Sam Lucas. Mas naõ se encontra o remedio para tudo, na q̃ fez Sam Lucas, diz Chrysostomo; senam na que teceu Saõ Mattheus. E porque, se o fim da arvore he o mesmo? Notai a diversidade, alcançareis o mysterio. Sam Lucas quando fez a sua arvore, poz nella os Progenitores de Christo, mas nam lhe chamou livro, que era a Imagẽ da Senhora, nem poz nella a Mãy de Deos entre os Progenitores de Christo: & S. Mattheus poz em a sua, a Mãy entre os Progenitores do Filho: *Mariæ, de qua natus est Iesus*: como realidade, & intitulou a sua arvore livro: onde, diz Santo Antonino, poz huma Imagem de Maria: *Hunc librum credo eße Mariam.* E como os Progenitores de Christo foraõ penhas, & Maria o livro, na arvore de Sam Lucas nam se acha o livro, ainda que se encontrem as penhas; mas na de

Hugo in Indice, verbo Christus.

Apud Hugon. tom. 1. in Evãg. sup. hoc Evang.

Luc. 3. v. 23.

Sam Mattheus, encontraõse as penhas, & achase o livro: & como o ser remedio de tudo, nam he grandeza, que compita sómente á penha, nem sómente ao livro, diga Chrysostomo, que a generalidade, com que Maria nos remedéa, só se avincula à arvore de Sam Mattheus; porque alli de tal sorte se encontra a penha, que se acha o livro: *Scripsit Ecclesiae novitatem. Attendite ad Abraham, attendite ad petram. Christus fuit petra. Liber generationis Iesu Christi.* Isto mesmo, q temos visto no Evangelho, vamos provàlo com a Escritura.

95 Dous milagres fez a vara de Aram, hum em o Sinai, quando floreceu; outro em Cades, quando ao rigor de seus golpes manou a agua em o deserto. E sendo estes dous milagres duas protentosas maravilhas; quando floreceu em o Sinai, foi só para Aram o remedio, porque só elle foi elegido em Summo Sacerdote; & quando fez manar a agua em o deserto, disse o mesmo Deos a Moyses, que para todo o Povo havia de fazer aquella vara, aquelle milagre: *Tolle virgam, & bibet omnis multitudo.* Pois se a vara he a mesma, como no Sinai, hum sómente quando muito acharà o remedio no seu patrocinio; & em Cades todo o Povo ha de experimentar da vara o seu amparo? Hugo, & a Escritura hão de satisfazer ao repâro. A vara, diz Hugo, era a Senhora: *Virgo fuit virga*: em o Sinai concorreu para aquelle milagre a vara sómente: *Tulit virgam*: & em Cades concorreu a vara: *Tolle virgam*: & concorreu a penha: *Loquere ad petram.* Maria sem a penha, quando muito será remedio para hum, mas Maria com a penha he remedio para todos. A vara, que he o livro, pelo que tem de Imagẽ, sem a penha, quando muito hum só experimentará o seu favor; mas a Penha, que he o titulo, com a vara, que he a Imagem, ha de ser geral para todos, logrando a universalidade dos seus beneficios, na singularidade do seu patrocinio.

Numer. cap. 20. v. 8.

Hugo tom. ult. verbo Maria.

96 Mas

96 Mas para que he affectar provas a esta verdade, quando a melhor prova desta verdade saõ essas paredes. Que Templo, ou q̃ Igreja da Mãy de Deos em esta Cidade, ou em este Reyno se vè cercado de tãtas maravilhas, na repetição de tantos milagres? Que Imagem, ou que Senhora he tão commua para todos nos seus beneficios? Quem se valeu desta protentosa, & ineffavel Imagem, q̃ não experimentasse nella os beneficios conforme as suas necessidades? Pois na Senhora da Penha acha o enfermo saude: o desconfiado remedio: o morto vida: a esterilidade successaõ: o cego vista: o pobre sustẽto: o pleiteante despacho: o desesperado soccorro: o affligido alivio: o peccador auxilio: o Justo favores. E não só neste Templo, & não só nesta Cidade, mas a todas as partes do mundo se estende o maravilhoso patrocinio da Senhora da Penha. Porque em Hespanha favorece, em Frãça patrocina, na Asia empára, na America soccorre, na Europa remedéa, na Africa alivía, no mar acode, na terra compadecese, a toda a hora, a todo o tempo, em todo o lugar, & a toda a pessoa. Oh que Pedra tão admiravel! Oh que Penha tam Divina! Por isso eu dizia, que só esta soberana Imagem era o remedio commum. Porque só nella concorria a razão de penha, & a razão de livro. Nas demais Imagens da Senhora, se nos vossos trabalhos recorreis ao seu patrocinio, poderà ser que não consiguireis em todo o tempo, em toda a hora, & para toda a vossa necessidade, o vosso remedio: nem a Senhora impedíra a Deos os seus castigos: porque a encontrais sómente como livro. Isto he sómente a Imagem. E não a buscais como penha. Mas se recorreres nos vossos apertos à protecção desta soberana Penha, haveis de alcãçar de seu Filho prodigiosas maravilhas nas vossas mais apertadas necessidades. Porque àquella penha unida a este livro jũtou Deos a universalidade

do

do remedio para tudo, & para todos. Porque assim a inclina para a piedade a sua Penha, que se em quanto livro, ou em quanto Imagem sómente, não impede alguã vez de Deos os seus castigos; em quanto livro, & em quãto Penha logo obriga a Deos aos favores; por se sublimar o livro naquella Penha; ou por se unir o titulo daquella penha, ao livro desta Imagem.

97 Cativárão os Filistéos a Arca de Deos, & por lhe não parecer decente o lugar, em que a tinhão collocada, levaraona ao Templo de Dagon, com tanta desgraça sua, que logo Deos os começou a castigar; porque lhe destruio o seu Idolo, & tirou a muitos a vida: *Aggravata est manus Domini super Azotios.* Admirados os Filistéos, dimittíram de sy a Arca, levandoa aos termos, & confins dos Bethsamitas: os quaes a recebérão com grandes applausos, offerecendo a Deos em obsequio deste grãde favor muitos sacrificios: *Viri autem Bethsamitæ obtulerunt holocausta, & immolaverunt victimas in die illa Domino.* Pergunto. E porque razão castiga Deos aos Filistéos, & favorece aos Bethsamitas? Huns, & outros não tinhão o patrocinio da Arca? Pois porque se obriga tanto de huns, & porque se aggrava tanto dos outros? Do Texto he a razão. Porque os Filistéos tirárão a Arca, figura expressa de Maria, de huma pedra, & de huma penha, em que estava sublimada: *Asportaverunt eam à Lapide adjutorij*; & os Bethsamitas mais advertidos sublimárão a Arca sobre hũa excelsa penha, & sobre huma eminente pedra: *Posuerunt eam super lapidem grandem. Excelsiorem cæteris*: diz o Abulense. Os Filistéos tendo a Maria como livro, como Imagem, & como penha, para a terem só como imagem, a tirárão da penha: *Asportaverunt à Lapide*: & os Bethsamitas tendo a Maria só como livro, & só como imagem, puzeraona sobre a pedra, para a terem como ima-

Regũ 1. c.5.v.6.

Regũ 1. c.6.v.15

Regũ 1. c.5.v.1.

Regũ 1. c.6.v.15

imagem, & para a terem como penha: *Posuerunt super lapidem.* Pois por isso foram os Filistéos castigados, & os Bethsamitas favorecidos. Porque se Maria como livro, ou como imagem, fóra da sua penha não impede algumas vezes de Deos os seus castigos; como livro, & como penha faz com que Deos se empenhe em os favores.

98 E se os mais versados em as Escrituras me disserem, que tambem Deos castigou aos Bethsamitas. A isto respondo, que foi, porque virão a Arca. Assim o exprime o Texto: *Percussit autem de Bethsamitibus, eò quòd vidissent arcam.* Mas depois que a collocárão sobre a penha, logo cessou o castigo. Porque Maria vista sómente em quanto arca, era sómente vista; em quanto imagem, mas collocada na pedra, era Maria vista como imagem, & era Maria vista como penha. E se Maria sómente em quanto imagem não embarga de Deos os castigos: Maria em quanto imagẽ, & Maria em quanto penha, inclina a Deos aos favores. Oh que grande excellencia esta da Mãy de Deos! Oh que grande, & que prodigiosa que he a sua Penha!

Reg. 1. c. 6. v. 19

99 Este he o patrocinio desta soberana Penha em todo o tempo; mas nestes tres dias ainda em este Templo he maior o seu amparo. Porque nos demais dias encontrais nesta Casa a imagem, & encontrais nesta Casa a penha: mas nestes tres dias encontrais a imagem da Senhora, a Penha, que he o seu Titulo, & ao Sacramento em aquelle trono. E quem duvída, que à vista destas tres circunstancias, havemos nós de encontrar em este Templo os maiores beneficios. Porque se a imagem não costuma beneficiar sem a penha; & a penha não costuma remediar sem a imagem: assim se ha o Sacramẽto com a imagem; & assim se ha o Sacramento com a Penha. A penha com a imagem por sy só faz grandes beneficios; mas quando a imagem, & a penha se une com o Sacramento, então saõ mais sin-

gu-

gulares os beneficios; porque saõ mais excessivos os favores.

Numer. 2. v. 8.

100 Dous grandes beneficios fez Deos ao seu Povo; hum em o deserto com a vara, outro aos Bethsamitas com a Arca. E sendo grãde o que fez em o deserto cõ a vara ao Povo, foi maior o que fez aos Bethsamitas na sua Cidade. Porque rendẽdo a este o maior culto, não lemos na Escritura, que tivesse aquelle alguma veneração: *Viri autem Bethsamitæ obtulerunt holocausta Domino.* E pois se a Arca, & a Vara erão figura da Senhora, em Cades ha de fazer a Vara hũ beneficio, & aos Bethsamitas, ha de conceder a Arca outro favor; mas hum tam piqueno, que não ha de ter o menor culto, & outro tam grande, que obriga a os homens ao maior sacrificio? Sim. Porque no deserto cõcorreu para aquelle favor a Vara, & a Penha. A Vara: *Tolle virgam*; & a Penha: *Percussit petram.* E para os Bethsamitas concorreu a penha: *Super lapidem*: & concorreu a Arca: *Deposuerunt arcam.* E tudo isto ao tempo que colhiaõ na terra o trigo: *Metebant triticum.* E se os beneficios da Vara, & da Penha saõ grandes: Oh que os favores, que faz a Penha, & a Arca à vista do trigo saõ maiores. Os beneficios da Vara, & da Penha sem o trigo, saõ grandes: mas se a estes negão os homens os seus cultos; aos favores, que faz a Arca, & a Penha juntos com o trigo, por excessivos, tributão como mais obrigados a adoração mais protentosa. E se esta he a propriedade do Sacramento, quando se une com a Senhora, & com a sua Penha, fazendo em estes tres dias o trigo a cõpanhia mais prodigiosa á penha, & á imagem, como nam havemos de experimentar maiores favores, & como nam ha de conceder a Senhora maiores beneficios. E se esta he a efficacia de Maria, & da sua illustre Penha cõ aquelle protentoso mysterio: era bem, q̃ para hoje termos o maior remedio, se expuzesse o Sacramento naquelle trono; pois

Reg. 1. c. 6. v. 15

Reg. 1. c. 6. v. 13

pois neste Evangelho descobriamos a Mãy, & encontravamos a Penha: a Penha nos Progenitores : *Descripsit Ecclesiæ novitatem : Attenditur ad petram :* & a Mãy em livro : *Liber generationis Iesu Christi. Hunc librum credo esse Mariam.*

II.

101 A segunda singularidade, que tem Maria em quanto livro: *Liber* : & que tem Maria em quanto Penha : *Virgo fuit petra.* he que a penha, ainda que ao livro seja peregrina , posta no livro, jà ao livro não fica estranha. E Maria ainda fica estranha, quando se poem em o livro; porque ainda posta no livro, isto he unida à imagem, não se chama penha do livro , mas intitulase Penha de França. Ainda a penha ao livro fica estranha , porque ainda fica a penha em o livro sendo peregrina. Mas assim havia de ser; para que a penha cō o livro ficasse protentosa. E para que o livro com a penha ficasse admiravel , havia de ser a Senhora em quāto penha ainda estranha posta no livro, para que ficasse a penha sendo em tudo peregrina. Como a Mãy de Deos he a fonte do nosso remedio, não bastava , parece, o ser livro, & o ser Penha; mas havia de ser penha ao livro estranha , para ser para o nosso remedio penha peregrina. Vamos ao Evangelho.

102 Quarenta & duas penhas poz Sam Mattheus em este livro. Porque quarenta & duas geraçoens poz em esta arvore : mas todas estas penhas se reduzirão ; a humas, que se cortárão antes da transmigração de Babilonia , & a outras depois da transmigração : *Genuit Iosiam in transmigratione : Et post transmigrationē Ieconias genuit Salathiel.* E diz Hugo Cardeal , que se não ha de entender este Texto, em que nascessem as primeiras pedras na transmigração; senão que junto à transmigração he q̄ nascérão ; para que para Babilonia se mudassem : *In transmigratione , idest propè trans-*

In hūc locum.

transmigationem genuit eos, ut transmigrarentur ad Babylonem. E que as segũdas não nascérão, para ficarem em Babilonia, senão para se transmigrarem de Babilonia: *Ieconias genuit Salathiel: à quo facta est in exteras gentes deflexio.* E pois as penhas, que hão de ir para Babilonia, não hão de lá nascer? Hão de lá nascer, & ao depois para Babilonia se hão de trãsmigrar? E as segundas hão de se logo de transmigrar, tanto que em Babilonia ouverem de nascer? Sim. Porque nascendo as penhas primeiro, & ao depois indo para Babilonia, ficavão estranhas: & as segundas nascendo em Babilonia, & transmigrandose para outra parte, ficavão peregrinas: & como a este livro, diz Chrysostomo, deu Deos por especial favor ser o remedio de tudo: *In libro hoc omne, quod est necessarium, omnis anima invenit:* & importava pouco para a efficacia do remedio, que se ajuntassem sómente as penhas ao livro, que de Maria he imagem; mas sim, que se compuzesse o livro de penhas, q̃ lhe ficassem estranhas. Porque ainda postas no livro, isto he unidas à Senhora como titulo, fossem penhas peregrinas; por isso a Senhora fica ainda penha estranha ao nosso livro, para ser para o nosso remedio a mais peregrina penha: por isso posta no livro ainda a Penha, he de Frãça, para ser para nòs a penha mais protentosa, & para ser para nòs a mais singular penha. Quiz a Mãy de Deos nesta sua illustre Casa, que os seus beneficios fossem os maiores, que podia haver para o nosso remedio; pois por isso posta a penha em o livro, isto he unido à Senhora o titulo, ainda he de França, & não he do livro; porque se fora penha do livro, era natural, aonde o livro fazia os milagres para o remedio; mas sendo de França, he estranha no lugar aonde faz o beneficio. E entendeu, parece, a Senhora, que os beneficios grãdes não podião sahir tanto da penha natural, quanto da penha peregrina; não da penha da propria terra, mas sim

da penha de diversa parte.

103 Da pedra do deserto pedião a Deos os Prophetas, que lhe mãdasse ao Messias: *Emitte, Domine, agnum dominatorem terræ de petra deserti.* E pois se o Messias havia de vir da pedra, porque não viria da penha, que Iacob levantou em memoria do beneficio, que de Deos recebéra? Se tanto tinha huma a razão de penha, como a outra tinha a razão de pedra? Porque não virà o Filho de Deos da pedra de Iacob, & porque ha de vir da pedra do deserto? He a causa. O Messias havia de nascer em Belem, conforme a Profecia de Micheas: *Et tu Bethlehem, ex te exiet dux:* a pedra do deserto ficava em a Siria em a Cidade de Petreia; & a pedra de Iacob ficava, diz Hugo, em os campos de Belem: *Erexit lapidem in Bethel, idest in Bethlehem:* a pedra de Iacob era pedra natural, porque era da mesma terra: a pedra do deserto, era pedra estranha; porque por ser de outra Provincia era peregrina. E como a vinda do Messias havia de ser o maior beneficio, que Deos havia de fazer pelos homens: achárão, parece, os Prophetas, que como a vinda do Messias era beneficio grande, não podia vir tanto da penha, que era da mesma Provincia, como da penha, que era de outra terra: nam de penha, que era natural daquelles, que havião de receber o beneficio, como de penha estranha àquelles, a quem havia de dar o remedio: da penha peregrina sim, mas da penha natural nam; *De petra deserti.* E porque na nossa penha se une o ser peregrina para os Portuguezes, experimentamos os seus favores. Annos tem determinado o Direito, para q̃ o q̃ he estranho fique natural: & a Senhora da Penha assim affecta o ser para nòs peregrina, que tendo annos, para q̃ a sua assistencia a fizesse da nossa terra, ainda quiz ser estranha, ficando entre nòs peregrina. Porque se resolve, que mais nos ha de aproveitar, em quanto peregrina, que em quanto natural. Vê

Isai.c.16 v.1.

Hug in Genes.

a Senhora, que a sua grande piedade a tem constituido Penha para os nossos beneficios: & como não se contéta com fazernos quaesquer favores; senão com communicarnos os beneficios maiores: & para este fim como a Senhora se considera Penha, por isso se constitue estranha, para que seja nos beneficios peregrina.

104 Em duas especiaes occasioens da sua vida procurou Christo constituirse para os homens peregrino, ficandolhe estranho no Nascimento, disse Tertulliano: *De cælo expositus:* & na morte disseo David: *Extraneus factus sum fratribus meis.* Pois só em estes dous estados peregrino? Só em estes dous estados estranho? Sim, diz Hugo: porque elle no nascimento foi penha: *Fuit petra in sinu Matris:* & foi tambem penha em o Calvario: *Fuit lapis in morte*: & como os maiores dous beneficios, que Deos fez ao mundo, foi a sua morte, & foi o seu nascimẽto, achou, parece, Christo, q̃ para fazer os mais excessivos beneficios, havia de se fazer estranho para ficar penha peregrina. Constituiose penha, assim em o nascimento, como na morte; pois na morte, & no nascimento ha de se fazer peregrino, para fazer os maiores dous beneficios como penha estranha. Assim se ouve o Filho com os homens, para lhe fazer os maiores favores: & se a Mây usa com os homens os maiores beneficios, porque se não hão de constituir assim. O Filho para ser penha protentosa, fezse penha peregrina: & a Mây por quãto se não cõstituiria peregrina penha, se he huma penha tão admiravel. Parece, que competio a fineza da Mãy com a fineza do Filho. O Filho constituiose penha estranha, para ser nos beneficios penha peregrina: & a Mãy para ser penha peregrina em os beneficios, constituiose penha estranha. Confirmemos isto com o Sacramento.

105 Naquelle mysterio tudo quanto ha, està peregrino. Porque tudo quãto alli està, està como estranho.

Ps. 68. v. 9.

Tom. ult. verbo Christus.

nho. Estão peregrinos os accidentes, porque estão fóra da sustancia: està peregrino Christo, porq̃ sendo aquelle pão natural do Ceo, desceu para a terra, para ficar peregrino, & para ficar estranho: *Hic est panis, qui de cælo descendit.* Pois porque ha de affectar Christo naquelle mysterio o ser estranho, & o ser peregrino? He a razão. Naquelle mysterio, diz Novarino, está Christo feito penha: *Mel de petra, Eucharistiæ Sacramentum*: & como naquelle Sacramento, diz Santo Thomás, faz ao homem o maior beneficio: *Miraculorum ab ipso factorũ maximum*: quiz a meu ver fazerse peregrino naquelle misterio: para que nos constasse, que para recebermos delle o maior beneficio, que para q̃ nos fizesse o favor mais estupendo, era necessario, q̃ se unisse o ser penha, com o ser peregrino, o ser pedra cõ o ser estranho. E se esta he a razão, porque o Sacramẽto se faz peregrino, eis ahi tambem a razão porque a Senhora da Penha he necessario, que para nòs seja estranha, jà que para nòs he tam excessiva. He verdade, que para a Senhora ser penha da nossa terra, tem jà tẽpo, porq̃ jà tem de Portugal muitos annos; mas o seu amor, que nos tem a nòs os Portuguezes, lhe não consente o tomar o nosso nome, para ficar da nossa terra, senão conservar ao seu titulo, para ser para nòs penha estrangeira. Se deixasse a Senhora de ser Penha de França, parece que desmentiria a Senhora ao seu amor, & que desabonaria a sua affeição. Porque se fora Penha Portugueza, fora tão grande nos seus beneficios, como he sendo peregrina em os seus favores. Porque fazerme bem, quem he meu natural, & quem he da minha terra, isso he divida; mas que me faça bem hum estranho, isso he favor maior que toda a grandeza. Sabeis porque he a Senhora huma imagem tão milagrosa? Pois he, porque he huma imagem estrangeira. Donde eu infiro, que mais protentosa he em Portugal a nossa Penha, do

Ioan. 6. v. 59.

Vmbra Eucharistica, verbo Petra.

que em França. Porque em França faz os milagres como natural, & em Portugal faz os milagres como peregrina. E parece, que não saõ tam grandes os milagres, que se fazem na mesma terra como natural; do que os que se fazem no lugar em que se vive estranho. Por isso nesta Casa saõ tantos os sinaes do nosso agradecimento; porque neste Templo experimenta o nosso Reyno tantos milagres.

106 Veyo hum dia Christo à sua patria, & pedirãolhe os habitadores de Nazareth, que fizesse nella milagres, assim como os fazia em Cafarnaum: *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac & hic in in patria tua.* Notai, que lhe não pedem absolutamente, que faça milagres em Nazareth, senão, que faça em Nazareth os milagres, que fez em Cafarnaum: sendo que para haverẽ de fazer gloriosa a Nazareth, parece que havião de pedir, que fizesse milagres de novo; porque só assim ficaria Nazareth mais exaltada. Porque como não tinhaõ exemplo aquelles protentos, vinhão a ser maiores aquelles prodigios. Pois porque não querem, que faça Christo milagres em Nazareth, como Nazareth, senão milagres em Nazareth, como em Cafarnaum? He o caso. Christo em Cafarnaum era estrãgeiro, Christo em Nazareth era natural: Christo fazendo os milagres em Nazareth, como Nazareth, fazia os milagres em Nazareth como natural; & fazendo os milagres em Nazareth, como em Cafarnaum, fazia os milagres em Nazareth como estranho; porque em Cafarnaum era Christo peregrino: & como Christo, conforme a Prophecia de Isaias, havia de ser penha: *Dabo in Sion lapidem:* lugar, que se entende da Pessoa de Christo, entendérão como discretos, q̃ para experimentarem delle as maiores maravilhas, não serião os seus milagres tam estupendos feitos delle, em quãto penha natural da mesma terra; senão delle como penha estranha de diversa

Luc. c. 4 v. 23.

Pro-

Provincia : milagres da penha de Nazareth como em Nazareth, isso não ; mas milagres da penha de Nazareth como penha milagrosa em Cafarnaum, isso sim : *Quanta audivimus facta in Capharnaum, fac & hic in patria tua.* Isto dizião os de Nàzareth a Christo. E vendo os prodigios , que a Senhora da Penha faz em Portugal , parece , que pòdem dizer os de França a esta miraculosa Imagem , vendo , q̃ ella como peregrina faz em Portugal tantos protentos , parece que lhe pòdem dizer à nossa illustre Penha , que faça na sua terra os milagres, que faz em a nossa patria : q̃ assim como para nòs se faz estranha, para ser protentosa; assim tambem para elles para ser protentosa se faça tãbem peregrina. Que jà que para elles se constitue livro: *Liber* : se ponha em estè mesmo livro para elles como penha estranha, jà que para nòs he penha estranha, ainda posta no livro : *Liber generationis Iesu Christi. Virgo fuit petra.*

107 Tenho acabado o Sermão , em que mostrei as singularidades do nosso livro : *Liber* : por ser penha : *Virgo fuit petra* : & as singularidades da nossa penha : *Virgo fuit petra*: por ser livro: *Liber*. Só falta satisfazer a tres circunstancias ; porque hoje tudo fique satisfeito. A primeira , aos moradores da Penha : a segunda ao Laus perenne, que hoje aqui concorre : & a terceira aos que solennizão a Penha com tãta pompa, com tanta grandeza, & com tanto amor. Todas havemos de satisfazer, & todas havemos de unir em huma só palavra , para que não façamos o Sermão largo. Ora principiemos pelos moradores da Penha.

108 Varias Imagens milagrosas da Mãy de Deos concedeu a Divina Providẽcia em o nosso Portugal a todas as Sagradas Religioens no nosso Reyno : a Senhora do Valle, a Senhora do Pilar, & outras muitas : mas fiando das outras Familias Religiosas os cultos de outras protẽtosas Imagens, só à Illustrissi-

ma Religião de Santo Agustinho concedeu da soberana, & ineffavel Imagem da Penha as veneraçoẽs. E pois só a esta Religião sagrada, se ha de conceder esta Penha milagrosa. Duvida he esta, que ja primeiro do que eu, a tocou neste mesmo Pulpito hum dos grandes Filhos de Agustinho: a que deu huma reposta muito engenhosa: eu tambem agora hey de dar a minha reposta a esta duvida. E digo, que assim havia de ser; porque sô desta maneira, parece q̃ podia Deos desempenharse com Santo Agustinho, de hũa palavra que lhe dera. Disse Christo em hũa occasião a Santo Agustinho, que naquelle mysterio era elle especialmente o seu sustento, porque era bocado de grandes aquella comida: *Cibus grãdium ego sum.* Pois se Santo Agustinho havia de ter sempre os olhos naquella mesa, por isso só a elle se lhe havia de entregar a Penha para a sua morada: por isso só a elle se lhe havia de entregar a Penha para a sua assistencia. Porque se Agustinho he Aguia; sendo elle Aguia, & o Sacramento o seu sustento, só havia de viver na Penha, para que ficasse sua aquella comida. Parece encarecimento de Prègador, & elle he Texto expresso da Escritura.

Illustr. D. Fr. Christ. de Almeid. no Sermão de N. S. da Penha, tom. 1.

109 A Aguia, diz Iob, vive na penha, para não tirar os olhos do seu sustento, & para contẽplar na sua comida: *Aquila in petris manet, in præruptis scilicibus moratur, & in accessis rupibus, & inde contemplatur escam.* Pois se o Sacramento he o sustento de Agustinho, sendo Agustinho a Aguia, a quem se havia de conceder a Penha para a sua assistencia, senão a Agustinho, já que para lograr ao seu sustento, vay a Aguia viver na penha. A Aguia, diz Iob, na penha tẽ a sua morada, & na penha edifica a casa, aonde vivem os seus filhos: *Aquila in arduis ponit nidum suum.* E se Santo Agustinho he a Aguia Imperial da Igreja, aonde, senão na Penha havia de pôr a sua Casa; aonde vivessem os seus Filhos. Se a Penha he a

Iob c. 39. v. 27 & 28.

Ca-

Casa da Aguia. Ou senão, digamos, que quando em Deos não fosse desempenho, o dar a Agustinho a Penha, foi em Agustinho empenho, em quanto Aguia, o trazer a seus Filhos para a Penha. Porque esta he aquella Sagrada Religião, que sem se reformar de novo, viveo, & ha de viver, sem necessitar de reforma, naquelle seu primitivo rigor, em que a fundou tão Grande Pay. Pois por isso os ha de trazer Sãto Agustinho aos seus Filhos para a Penha; porque a Aguia na Penha poem aos seus Filhos. Porque a Penha, diz o Balvacense, tem especial virtude para não declinar da grãdeza, com que se criou. Porque a não abrandão os annos, nem a mudão os tẽpos: *Scilex maxime prodest contra vetustatem, quia numquam senescit.* Por isso tendo esta Sagrada Religião tantos annos, nunca a vemos no estado da velhice, para a relaxação, senão no estado da mocidade, para o rigor. Porque a penha preserva de envelhecer: *Numquam senescit.* E sendo a sua grande virtude materia em todo o tempo para grandes encomios, nestes tres dias com maior especialidade, he que devem ser de todo engrãdecidos. Ouvi o a Isaias: *Laudate habitatores Petræ.* Louvay aos que vivem na Penha. E porque? O mesmo Propheta o disse: *Clamabũt. Ponent Domino gloriam, & laudem ejus.* Porq̃ elles, diz Isaias, estão no alto da sua Penha cantando a Deos louvores. E se esta he a causa, porque se hão de engrandecer os habitadores da Penha. Oh como estão hoje mais que nunca para louvados! Oh como estam hoje mais que nunca para engrandecidos, pois nesta sua Penha estão dedicãdo a Deos o maior culto em este seu Laus perenne! Oh como estão hoje as Aguias renovadas! Mas oh como estão hoje as Aguias engrandecidas! Oh como està hoje Deos em esta Casa glorioso, pois està em estes tres dias, das Aguias tão assistido: *Laudate habitatores Petræ, de vertice montium clamabunt. Ponent Domino*

Isai. c. 42. v. 11

gloriam, & laudem ejus. Isto quanto ao Laus perenne. E quanto aos moradores da Penha: & quanto aos que dedicão à Penha tão grande festa, que hey de eu dizer? Senão que vẽdose a Senhora da Penha tão venerada, se ha de toda empenhar em os seus favores. A Penha, diz Gaspar de Morales, referido pelo Castilho, saõ tantas as virtudes que tem para o remedio, quantas as veias, que lhe formou a natureza na sua composição: *Tot habet virtutes, quot venas.* E se esta he a efficacia da Penha para todos: para aquelles, a quem a Penha vive obrigada, oh como será a Penha excessiva! Oh como será a Penha protentosa! Se a Penha para os que a offendem he milagrosa, como se vio em o caso de Moysés, quando a ferio; para os que a servem, oh como será a Penha excessiva! Sem duvida, que por este grande zelo, & por este grãde amor, se ha de empenhar a Senhora com seu Filho, para lhe conceder a todos seus devotos, remedio nos apertos, saude nas enfermidades, augmẽtos nos bens, perpetuidade nas casas, felicidades na vida, ventura na morte com os auxilios da Graça.

SER-

SERMAM
DA SEXTA FEIRA DO
CONÇELHO,
PREGADO
Em a Capella Real da Vniversidade de Coimbra, em 24. de Março de 1684.

Quid facimus, quia hic homo multa signa facit? Ioann. 11.

110 OJE se faz em Ierusalé hum Concelho(Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor) Hoje se faz em Ierusalem hum Concelho, dessarrezoado no motivo, que para elle se toma, & tyrannico em a resolução, que nelle se determina. He dessarrezoado no motivo, pois contra a pessoa de Christo se faz hoje este Concelho. He tyrannico em a resolução, que nelle se determina, pois assentàrão hoje todos os votos,

que se tirasse a vida, àquelle Senhor, em quem o bem cõmum tinha o seu remedio, & toda Ierusalem suas esperanças. Se o fim do Concelho fora mais arrezoado, sem duvida, que os votos seriāo mais differentes, & a resoluçam dos Concelheiros menos conforme. Mas sendo o motivo do Concelho tam execrando, nam podia deixar de sair taõ bem votado. Nos Concelhos do mundo, quando he sem razaõ a sua proposta, saõ os votos muito conformes: mas quando he a sua proposta a mesma razaõ, saõ os votos mui differentes.

111 Ajuntáraõse hoje para votar neste Concelho, todos os Principes da Corte de Ierusalem; nenhum, sem duvida, faltaria na conferencia: porque como a materia da conservaçam propria se ventilava, nenhum havia de faltar em o Concelho. Eraõ os Principes dos Sacerdotes, os que se ajuntáraõ, para tratarem deste negocio. Bem me parecia à mim, que em huma acçaõ tam exorbitāte, haviāo de ser os Grandes os Concelheiros, pois os peccados grandes só parece, que se fizeraõ para os poderosos. Contra Christo era hoje este Concelho. E eu nam posso deixar de reparar, em que indo hoje os Concelheiros a conferir, o que neste negocio se havia de fazer; já de casa levassem a resoluçam de como haviaõ de votar, pois todos entràraõ contra Christo em o Concelho: *Adversus Iesum.* Mas como os votos desta conferencia eram os Sabios de Ierusalem, porque eraõ os Doutores de Israel (diz o doutissimo Padre Barradas) *Collegerunt Doctores, & Magistri legis*: & queriaõ conservar os seus lugares, que na melhor opiniāo estavaõ no Templo, onde tinhaõ as suas Cadeiras: *Tollent locum nostrum: idest Templum* (diz Maldonado:) *ubi erant Sedes Doctorum*: acrescenta o Silveira: & tratar do commodo da gente, q̃ naquella Vniversidade seguia o seu partido: *Et gentem nostram.* Nunca os Sabios votàraõ em estas materias,

Tom. 3. fol. 323

Fol. 1738. 93.

Tom. 1. fol. 419 q. 25.

rias, que de casa nam fosse já a resoluçam para o Concelho. Grande desgraça! E tanto, mais para se sentir, quanto em os Sabios he mais para se estranhar, que na materia das conveniencias das suas Cadeiras, & de acommodar aos do seu sequito, nam vão ao Concelho para haverem de votar, mas haverem de votar antes de ir ao Concelho! E que seja possivel, que até contra hum Christo se haja de votar: *Adversus Iesum:* quando ha cóveniencia, ou na nossa Cadeira: *Locum nostrum:* ou na nossa gente: *Gentem nostram?* Grande semrazão!

112 A materia que hoje se propôz para votarẽ neste Concelho, erão do Senhor as suas maravilhas. Grãde cegueira, tomarem por motivo de lhe darem a morte, o que só de lhe dar a vida podia servir de motivo! Se o Senhor fora peccador, sem duvida, que para lhe perpetuarem as suas culpas, eternizandolhe a sua vida, haveria na Corte de Ierusalem grandes Concelhos: mas sendo Iusto, para desterrarẽ do Mundo a sua virtude, acabãdolhe a sua vida, havia de ser de Ierusalem o seu empenho em o Concelho, que hoje fez no seu Palacio, & na conferencia, que hoje ouve na sua Corte. Que fazemos, dizião huns aos outros, porque este homem faz grandes maravilhas? Parecevos a proposta para o Concelho pouco ajustada? Pois para o Concelho foi esta a proposta mais importante. Porque a semrazão dos homens costuma fazer das maravilhas o maior delicto, para se castigarem, como se fora o maior peccado. Porque se vos não arguirem pelos vossos defeitos, hão de se exasperar com as vossas maravilhas. Se foreis homem de muitas prendas, tereis todo o mundo contra os vossos protentos. Se vos assinalareis em as vossas obras, hão de fugir de vós como inimigos, porque vos hão de perseguir como contrarios.

113 Este homem chamárão ao Senhor: *Hic homo.* Ou porque a inveja, para lhe des-

desluzir as obras, lhe tirava o nome: ou porque a sua cegueira não queria, que Christo fosse homem de nome, para lhe diminuir nas prendas. Ou se já não foi, que lhe tiráraõ o nome, quando lhe confessavaõ as maravilhas. Porque he opiniaõ commua de quasi todos os Expositores deste Texto, que só hoje se persuadíram, que Christo nam era da sua opiniam, porque nam era do sequito dos Romanos. Pois homem, que nam segue o que nòs seguimos, homem que naõ he do nosso sequito, nem da nossa opiniaõ, ainda que pelos seus protẽtos seja maravilhoso, tiremoslhe o nome, para q̃ nam seja assinalado. Esta foi hoje a politica dos Concelheiros. E este he o vicio dos Academicos, nam quererem que seja homẽ de nome, senam o que nam varéa da sua opinião, & o q̃ segue o seu partido. Se o deixamos obrar tantos protentos, continuavaõ os Fariseus na sua Iunta, levantarseha com o Povo, & os Romanos terám justo sentimẽto do nosso descuido, & tirarnoshaõ os nossos lugares. Decretam mal, por segurar aos seus lugares. E perdéraõ os seus lugares, porque decretáram mal. Queriaõ ficar mal com Deos, por ficarem bem com os homens: & ficáraõ mal com os homens, porque se nam quizeraõ pôr bem com Deos. Se lhe nam dermos algum castigo pelos seus protentos, verseha a nossa Gente bem perseguida, & a sua fama bem exaltada. Bons Cõcelheiros, que nam advertem na justiça para a sentença, senaõ em o respeito para tomarem resoluçam conveniente ao interesse, com que se conservem. Triste do bem commum, quando votam os que tem os olhos em o bem particular. Com a capa do bem commum, tratáram hoje os Concelheiros o seu negocio particular. Nunca para a cõveniencia faltou capa, nem para a semrazaõ sobreescrito.

Ita cõmunit. PP. & Expos.

114 Assim estavam duvidosos os Concelheiros, sem tomarem resoluçam em materia tam importante, atè q̃

pon-

ponderadas com toda a advertencia as conveniencias de ſe perpetuarem em os ſeus lugares, & de conſervarem a gente do ſeu partido : deu Caifaz o ſeu parecer, votando de morte contra Chriſto em eſte Concelho. E adverte o Evangeliſta , que prophetizára : *Et prophetavit.* E na verdade aſſim foi. Tãbem os Cõcelheiros do mũdo, ſe nam tem eſta propriedade, ao menos querem ter eſta ſemelhança; pois quando ſe vota, com o fim ha cõveniencia: *Expedit vobis:* ou do noſſo lugar: *Tollent locum noſtrum :* ou da noſſa gente: *Gentem noſtram :* atè votandoſe contra hum Chriſto: *Adverſus Ieſum:* vos querem perſuadir , que votaõ como Deos manda, porque votam como Deos lhe inſpira. Todos quando votaõ , ſe prezaõ de ſer Prophetas. Mas o peior he, que nam ſaõ Prophetas verdadeiros ; porque quem os inſpira, he a ſua võtade; & quem os governa, he o ſeu intereſſe. Seguíram todos o meſmo voto, & decretaraõ em o ſeu Concelho capitál ſentença contra Chriſto. Iá de hoje o podemos chorar morto , porque nos Concelhos do mundo, haverà mudança do bem para o mal; mas do mal para o bẽ, nam coſtuma haver mudança. Soube o Senhor a reſoluçam, que ſe tomou neſte Concelho. E retirandoſe da Corte, aonde andava, ſe partio para o deſerto de Ephrẽ, aonde eſtivera.

115 Eſta vem a ſer em ſumma a relaçam laſtimoſa, que hoje nos faz o Evangeliſta deſte Concelho. E como eu nam determino paſſar das palavras do thema em os diſcurſos, por iſſo ſó expliquei com maior largueza, aquellas ſobre que havia de diſcorrer, & ſobre que havia de diſcurſar. E como hoje prègo a Letrados, nam me meterei em dar conſelhos; porque o dar conſelhos , he ſó couſa que pertence aos Letrados : & aſſim nam eſtranharei hoje ao Concelho os ſeus erros, ſenam os deſacertos da propoſta do Cõcelho. Entremos pelo thema, & pelos diſcurſos, que nam ſeràm to-

todos politicos, nem todos espirituaes. E para que ao menos possa agradar a variedade, ajustaremos o espiritual com o politico, ficando por titulo ao Sermam: Os desacertos da proposta do Concelho: pois nam tem palavra, que nam seja hum erro, nem silaba, que hũa semrazaõ nam seja.

116 *Quid facimus quia hic homo multa signa facit? Quid facimus?* Que fazemos? Esta he a primeira palavra da proposta, que se poz em o Concelho, que hoje se fez em Ierusalem. E este he o primeiro erro, que em ella se descobre em a sua primeira palavra. *Quid facimus?* Que fazemos? Pede este negocio grande consideraçam, para obrarmos com acerto, o que convem em a materia, q̃ hoje se nos propõem neste Concelho. Este, *Quid facimus* dos Iudéos cahia sobre o modo, com que haviaõ de cómmeter o maior peccado, & sobre o modo, com que deviao fazer o maior delicto. E que para estas materias dissessem estes homens: *Quid facimus?* He o primeiro erro da proposta do Concelho: nam cuidar para arrepender, & cuidar para peccar. Que se determinassem hoje os Concelheiros de Ierusalem a commeter o maior delicto, & não cuidarem no modo, com que havião de evitar aquella culpa, senam no modo, com que havião de commeter aquelle peccado? Este he o primeiro erro moral, que se descobre na sua proposta.

117 Este grande erro teve hoje a proposta dos Cócelheiros em Ierusalem em este dia. E quem de nòs ha, que se livre todos os dias, q̃ nam caia neste erro? Quem ha de nòs, que não considere no seu peccado, para o commeter? E quem ha de nòs, q̃ considere na sua culpa, para a emendar? Quem ha de nòs, que tenha hum *Quid facimus* para o seu arrependimento? E quem ha de nòs, que nam tenha hum *Quid facimus* para o seu delicto? E oh se quizesse Deos, que nòs fossemos hoje tam discretos, que soubessemos emendar o *Quid*

fa-

facimus dos Iudéos para a ſua ruina, para a noſſa melhora! Que hum homem tenha hum *Quid facimus* de conſideração para ſe arrepẽder, & não tenha hum *Quid facimus* para delinquir? Grãde virtude! Mas que em nòs tudo ſeja *Quid facimus* para o peccado, & não tenhamos hum *Quid facimus* para a penitencia? Grande erro!

118 Peccou o Prodigo, & peccou o Avarento, de q̃ falla Sam Lucas no Capitulo doze: o Prodigo deixando a caſa do pay, em que vivéra, & apartandoſe para regioens muito diſtantes, aonde ainda não fora. O Avarento dentro em a ſua meſma caſa, convidando a ſua Alma para os ſeus peccados: *Anima mea, habes multa bona.* E ſendo do Prodigo bem enorme a ſua culpa, achou o pay com os braços abertos para o receber, & com huma grande commiſeração para lhe perdoar: *Miſericordia motus:* o Avarẽto não achou remedio para o ſeu peccado; porque ainda hoje paga no Inferno a ſua culpa: *Stulte, repetunt à te animam tuam.* E pois, ſe ambos peccárão, & ambos gravemente delinquírão, porque ſe ha de caſtigar do Avarento ſem remedio o ſeu peccado, & porque ſe ha de perdoar ao Prodigo o ſeu delicto? Tambem para Deos ha culpas venturoſas, & tambem para Deos ha culpas deſgraçadas? He certo que não. Pois como tẽ perdão do Prodigo o ſeu delicto, & como não tem remedio do Avarẽto a ſua culpa? Ora notai. O Prodigo, & o Avarento ambos peccárão; mas com eſta grande differença: que tendo o Prodigo, & o Avarento cada hũ ſeu *Quid facimus*: o Prodigo conſta que o teve para ſe arrepender, mas não conſta que o teve para peccar: & o Avarento conſta, que o teve para peccar, mas não conſta que o teve para ſe arrepender. Vamos vello no Texto. *In ſe autem reverſus.* Eis ahi o *Quid facimus* do Prodigo. E ſobre que cahio eſta cõſideração, ſobre o ſeu peccado, ou ſobre o ſeu arrepẽdimento? O Texto diz, que ſo-

Luc. 12. v. 19.
Luc. 15. v. 20.
Luc. 12. v. 20.
Luc. 15. v. 17.

sobre o seu arrependimento, & nam sobre o seu peccado: *In se autem reversus, dixit: Surgam .... peccavi. Quid faciam?* Eis ahi o *Quid facimus* do Avarento. E sobre que cahio este conselho, sobre o seu peccado, ou sobre o seu arrependimento? O Texto diz, que foi sobre o seu peccado. Porque affirma, que nam cahio sobre o seu arrependimento: *Quid faciam? Destruam horrea mea.* Ah sim, & o Avarento o seu *Quid facimus* he para a culpa, & nam para a emenda, & o Prodigo o seu *Quid facimus* he para a emenda, & naõ para a culpa; pois salvese hum, & percase o outro: hũ tudo he considerar, no como ha de peccar, & de nenhuma sorte no como se ha de arrepender: outro todo o seu ponto está no como se ha de arrepender, & nam como ha de peccar. Pois percase hũ, & salvese outro: hum com a perdiçam prove o seu erro: & o outro prove com a sua salvaçam ao seu acerto. Que maior acerto, que ser hum homem da sua salvaçaõ muito cuidadoso, & para o seu delicto pouco considerado? E que maior erro póde haver, que o dos homens nos peccados de *Quid facimus*? Póde haver maior ignorancia, que fazer hum homem grandes consideraçoens para o modo, com que se ha de tomar o veneno, & nam ter nenhuma consideraçaõ no modo, com que se ha de receber a triaga? Póde haver maior cegueira, que buscando hũ homẽ o mar para o seu naufragio, tenha grandes consideraçoens, para saber aonde está o pégo mais fundo, para nelle se lançar, & nam cõsiderar no como lhe ha de fugir? Póde haver maior doudice, que buscando hum homem o caminho, naõ cõsidere na maneira com que se ha de afastar da estrada mais arriscada, & que considere no como se ha de hir meter no atalho mais perigoso? Ha maior demencia, que buscando hum homem a doença mais perigosa, considere nó como ha de ter a maligna mais refinada, & nam considere no como ha de evitar a fe-

Luc. Ibi.

Luc. 12. v. 17.

Luc. ibid. v. 18.

febre mais intẽsa? Ha maior estulticia do que ter hũ homem hum *Quid facimus* para o q̃ o perde,& naõ ter hũ *Quid facimus* para o que o salva? Póde haver maior erro? Para haver peccado na vontade, he necessario, que preceda erro no juizo. Peccado sem consideração, he erro de accaso; mas peccado de *Quid facimus*, he erro de proposito. Que hum homem erre acaso, he desgraça; mas que erre de proposito, he malicia. Erro de acaso, he erro que tẽ remedio; mas erro de proposito, parece q̃ he erro que não tem cura.

.119 Iudas, dizia Christo, essa traição, que intentas fazer, essa traição, com que me pertendes entregar, fazea, mas seja com muita pressa: *Quod facis, fac citius.* Pois, Senhor, a huma acção tam fea, como a da entrega da vossa pessoa, aconselhais vós a pressa? Huma acção de tanta importancia ha de ser com pouca advertẽcia? Sim. E notai a razão. Christo estava todo cheio de cõpaixão, para lhe perdoar a Iudas o seu peccado: *Væ homini illi:* Iudas andava muito cuidadoso no como havia de cõmeter aquella culpa, considerando no modo, com que havia de commeter aquelle peccado: *Quærebat opportunitatem, ut traderet eum.* Ah sim, diz Christo: pois, homem, para que tenha lugar a minha piedade, de dar o perdão ao erro da tua culpa, obra com pressa a minha venda, para que parecendo na sua pressa hũ erro de acaso o teu delicto, não seja o teu peccado hum erro de *Quid facimus.* Que se o erro da tua culpa não for erro de acaso, parece que não terà nenhum remedio o teu erro.

Ioan.13 v.27.

Luc.22. v.22.

Matt.26 v.16.

120 E que sendo estes os erros de proposito, que não queirão os homens, que os seus erros sejão erros de acaso. Grande cegueira! Que não queirão aos seus erros apressados, que queirão sim aos seus erros vagarosos. Grande ignorãcia! Que não queirão ao seu erro, erro sem consideração, que queiram sim grande consideraçaõ para o seu erro. Grande locura!

Que

Que nam queirão, que acaſo os aſſalte a doença, que queiram que de propoſito os buſque o achaque. Grande miſeria! Que nam queirão, que acaſo os encontre a ruina, que queiraõ ſim, que de conſelho os commeta o naufragio. Grande laſtima! Que nam queirão, que acaſo ſe embaraſſem com a peçonha, & que queiram ſim que com advertencia os mate o veneno. Grande erro! E que não ſeja iſto ſómente erros dos Concelheiros de Ieruſalem, mas que ſejão ſim erros de todos os homens do mundo. Que todos ſejamos para a penitencia inconſiderados, & que ſejamos todos para o peccado muito advertidos! Que tudo em nos ſeja *Quid facimus* para a culpa, & que não haja hum *Quid facimus* para a penitencia!

121 Senam, dizeime, diſcorrendo por todos os Eſtados do mundo. Quem ha, que conſidere nos eſtragos da ſua conſciencia, para emendar os erros da ſua vida? E quem ha, que nam conſidere nas conveniencias do ſeu peccado, para aumẽtar os erros do ſeu delicto? Quem ha, que conſidere no que perde com a ſua culpa, para evitar a ruina, que lhe traz o ſeu peccado? E quem ha, que não conſidere no q̃ ſe lhe repreſenta, que grangea com as ſuas culpas, para commeter mais livremente os ſeus peccados? Qual he o Princepe, que conſidere na ſua injuſtiça, para divertir a ſua maldade? E qual he o Princepe, que nam conſidera no como ha de executar a ſua maldade, para perpetuar a ſua injuſtiça? Qual he o valído, que conſidera nos riſcos da ſua Alma, para evitar o ſeu valimento? E qual he o valído, que para eternizar ao ſeu valimento, nam conſidere no como ha de cõſervar a ſua privaçaõ? Qual he o Miniſtro, que conſidere nas injuſtiças dos ſeus deſpachos, para emendar o erro das ſuas ſentenças? E qual he o Miniſtro, que nam conſidere nas conveniencias do ſeu reſpeito, para offender a ſua juſtiça? Qual he o Concelheiro, que conſidera na ſem-

ſemrazão do ſeu voto, para fazer como deve a ſua conſulta? E qual he o Concelheiro, que nam conſidere no intereſſe, que tem na ſua conſulta, para aſſim dar o ſeu voto no Concelho? Qual he o politico, que conſidere huma ſó hora no governo moral da ſua Alma? E qual he o politico, que eſquecẽdoſe da ſua Alma para arruinar a ſua conſciencia, que nam conſidere todos os inſtantes nas Machiavelices da ſua politica? Qual he o amãte, que conſidere na falſidado do ſeu amor, para tirar aos olhos o véo da ſua cegueira? E qual he o amante, que naõ conſidere no véo da ſua cegueira, para ſe conſervar na falſidade do ſeu amor? Qual he o ambicioſo, que conſidere no que ſaõ os ſeus theſouros, para deſprezar as ſuas riquezas? E qual he o ambicioſo, que nam conſidere nas ſuas riquezas, para ter aos ſeus theſouros por idolo dos ſeus cuidados? Mas por iſſo ſomos todos tam cegos, como os Concelheiros de Ieruſalem foraõ ignorantes. Porque devendo conſiderar como ſe haviaõ de arrepender, elles ſó conſideráraõ no modo, com que haviam de peccar: *Quid facimus?*

122 Eſta he a deſgraça dos homens, nam haver nenhum nos ſeus peccados, q̃ nam ſeja como os Cócelheiros de Ieruſalem em os ſeus erros; mas a deſgraça mais para ſentir, he que tambem eſte erro ſeja contagioſo aos Academicos, & com huma generalidade tam grande, q̃ naõ ha na Vniverſidade peccado, que nam ſeja de *Quid facimus*. E iſto por duas razoens. Huma pelo lugar, outra pelos homens. Pelo lugar, por ſer Vniverſidade: pelos homens, porque ſaõ Sabios. Comecemos pelo lugar. Os peccados da Vniverſidade commumente ſe reduzem a duas eſpecies, a peccados de Cadeiras, & a peccados de Becas. E quantas conſideraçoẽs levaõ eſtes peccados? Quantas conferencias ſe fazem para eſtas culpas? Quantas vezes ſe diz *Quid facimus*, para ſe naõ dar a Beca ao que a merece?

E quantas vezes se diz *Quid facimus*, para nam levar a Cadeira aquelle, a quem se deve de justiça? Quantos Concelhos se fazẽ para estes fins? E que de consideraçoens nam levaõ à Vniversidade estes provimentos? E o que mais he para estranhar, he que nas consideraçoẽs das Becas, & nas conferencias dos provimentos das Cadeiras, às vezes nam costuma cahir o *Quid facimus*, sobre o menor merecimento, senaõ sobre a maior justiça? Ainda esta circunstancia faz mais aggravante este *Quid facimus*. Que nas conferencias particulares haja hum *Quid facimus*, para o provimento das Becas, para que se dê ao mais antigo, ou ao mais benemerito. Que nos Concelhos particulares haja hum *Quid facimus* para a Cadeira, para a levar o mais benemerito, ou o mais antigo, isso pedia a razão. Que haja hum *Quid facimus*, para se tirarem os premios da Vniversidade aos que tem para elle algum merecimẽto, mas nam tem a maior justiça. Isto nam era muito. Mas que os *Quid facimus* da Vniversidade sejaõ sempre, para tirarse o premio à maior justiça. Isto he o mais. Mas he mal commum.

123 Plantou o Pay de familias a sua Vinha, arrendou-a a huns lavradores: chegouse o tempo de colherlhe os frutos, mandou aos seus criados a cobrarlhe as rendas: & matáraõlhe os rendeiros aos seus primeiros servos. Mandou segundos, & fizeraõlhe o mesmo que aos primeiros. Mandou finalmente a hum unico filho que tinha: & achãdo o mesmo agasalho, que os criados, tiráraõlhe os lavradores a vida. Este foi o successo. Agora nas circunstãcias da morte entra o meu repáro. E he, que para matarem os servos, nam fizeram os lavradores nenhum Concelho: *Apprehensis servis occiderunt eos*: mas fizeraõ grandes Concelhos para matarem o filho: *Venite, occidamus eum. Venite, indicant verba hæc consilium*: disse o doutissimo Padre Barradas. Pois homẽs se

Math. 21. v. 35. & 38.

P. Barr. tom. 3. fol. 405.

se vos resolveis a fazer Concelho, para dar a morte ao filho, que era o Senhor da Vinha, porque tinha direito para ella: *Hic est hæres*: & considerais nos servos o mesmo direito: pois por isso diz o Silveira, q̃ lhe dais a morte: *Agricolæ occidunt servos, ne à vinea excludantur*: Porque nam fazeis Cõcelho cõtra os servos, & porque fazeis Concelho para o filho? He o caso. Estes lavradores, diz Hugo, Maldonado, & Barradas, eraõ os Concelheiros da conferencia, que hoje se fez em Ierusalem: nos criados reconhecião para a vinha alguma justiça; mas no filho consideravão o maior direito, pois confessaõ lhe pertencia a vinha por herança: *Hic est hæres*: & como elles erão os Doutos, & Sabios de Ierusalem: *Erant Doctores, & Magistri*: commumente o Concelho dos Doutores, não he contra os criados, aonde está a menor justiça; commumente he cõtra os filhos, aonde està o maior direito. Se tiveres tam pouca justiça, que vos nam pertenção as cousas da Vniversidade como por herança, tirarvolashaõ, mas sem Concelho: mas se vos pertencerem por justiça, & se tiveres tanto direito, que se fação como vossa herança, esperai pelos Concelhos contra a vossa justiça. Se fores o herdeiro: *Hic est hæres*: haveis de ter contra vòs muitos *Quid facimus*: porque ha de haver contra vòs grandes Concelhos: *Venite, occidamus. Verba hæc indicant consilium.* Eis aqui os peccados da Vniversidade. E vede se pelo lugar saõ peccados de *Quid facimus*, os peccados da Vniversidade. Vejamos agora, como tambem pelos homens, os peccados da Vniversidade saõ peccados de *Quid facimus*.

Silveir. tom. 4. f. 781.

124 Os homens de que se compoem a Vniversidade, todos saõ Sabios. O Sabio nũca pecca de ignorante, pecca sim de considerado. O Sabio ainda he Sabio, quando pecca. E que homẽs Sabios pequem. Que he isto, senão peccar de *Quid facimus*; porque he peccar de con-

consideração. Que os ignorantes pequem, esse nam he o maior mal; porque a sua ignorancia desculpa ao seu peccado: mas que o Sabio peque, esse he o mal maior, pois a sua sciencia acrescenta a sua culpa. Por isso os peccados da Vniversidade saõ os maiores peccados; porque saõ peccados de Sabios.

125 O peccado do primeiro Anjo foi maior que o peccado do primeiro homẽ: sendo que o peccado do primeiro homem tinha razão para ser maior que o peccado do primeiro Anjo. Porque o Anjo era mais nobre, & o homem era mais vil. Que o nobre se atreva ao mais illustre, essa não parece a maior culpa: mas que o mais vil se atreva a offender ao mais nobre, essa parece a maior offensa. Pois se esta razão devia diminuir a culpa do Anjo, & aggravar a culpa do homem, porque ha de ser menor a culpa do homem, & porque ha de ser maior a culpa do Anjo? He a razam. Adam quando peccou, diz David, fezse ignorante para peccar: *Homo cum in honore esset, non intellexit*: & o Anjo sendo Serafim antes de peccar, para peccar fezse Cherubim, q̃ he o mesmo q̃ Sabio: *Et tu Cherub quomodo cecidisti? Cherub, idest plenitudo sciẽtiæ.* E que hum homem peque quando he ignorante, isso não he o maior peccado: mas que hum homem se faça Cherubim, & isto para peccar: *Et tu Cherub .... quomodo cecidisti?* Eis ahi o maior delicto. Que hum homem seja Sabio antes de peccar, & seja ignorante quando pecca: *Non intellexit*: essa nam he a maior culpa: mas que hum espirito sendo Serafim amante, se faça Cherubim Sabio, & isso para cahir, & isso para peccar: *Tu Cherub cecidisti?* Eis ahi o maior delicto. O erro do Sabio dizem que he o maior erro: & se todo o Sabio erra, quando pecca, vede se pòde haver maior peccado, do que o erro do Sabio. Homens percitos chamou Santo Agustinho, aos Concelheiros do nosso Evangelho: *Perditi homines.*

Ex Ps. 48.v.13.

Ezech. 28.v.14

E

Auguſt. tract. 49 in Ioan.

E porque ? Notai. O peccado dos percitos he o maior peccado, porque he erro, que já não tem nenhum remedio: & como elles erão Doutores, & Meſtres: *Erant Doctores, & Magiſtri* : peccados de Meſtres, & Doutores, como ſaõ peccados de Sabios, parecem peccados de percitos, porque parecem peccados ſem remedio : *Perditi homines.* Eſte foi o primeiro erro da propoſta do noſſo Concelho, não ſó conſiderarem no como havião de peccar, & não no como ſe havião de arrepender, mas ſerem todos Sabios, ſerem todos homens de Concelho, & ainda peccarem : *Quid facimus ?*

126 *Quia hic homo.* Eſta he a ſegunda palavra da propoſta, que hoje ſe propoem em o Cõcelho de Ieruſalem. E eſte he tambem o ſeu ſegundo erro, que ſe deſcobre na ſua ſegunda palavra. Porque eſte homem : *Quia hic homo.* E pois os Iudeos, não ſabião o nome a Chriſto ? Sim ſabião. Não ſabião, que ſe chamava Ieſus? Quem o pòde duvidar. Pois porque lhe não chamão Jeſus, & porque lhe chamão eſte homẽ : *Hic homo* ? Grande erro, a hũ homem de tam grãde nome, querêllo aniquilar tanto, q̃ para lhe diminuir nas prendas, lhe tiravão o nome : *Hic homo.* Serem Sabios os Cõcelheiros, & poderem tam pouco para com elles, de Chriſto os ſeus merecimentos, que quando lhe devião eternizar a fama, lhe tiravão o nome. Eſte foi o erro dos Concelheiros de Ieruſalem na ſua propoſta : & eſte he tambem o erro, que tem todos os homens na deſarrezoada inclinaçam da ſua natureza. Quando vem, que o outro ſe acreſcẽta pelas ſuas prendas, tanto o hão de diminuir nos ſeus merecimentos, para lhe infamarem a ſua peſſoa, que lhe hão de tirar o nome, que lhe tem dado as ſuas maravilhas. Se os voſſos merecimentos vos fizerem homem de nome, aparelhaivos contra a tyrannia dos homens, que vos hão de tirar o nome, ſó por vos cortar pelo credito. Quem vos tira o nome, tiravos a honra;

pois parece que fica ſem honra hum homem, que fica ſem nome: & como os Cõcelheiros vião a Chriſto em Ieruſalem tam acreditado, por iſſo lhe tiràrão o nome, para lhe diminuirem no credito. Para muitos da noſſa Corte, diziāo os Concelheiros, tem eſte homem ganhado grande nome, para com elles tem creſcido muito o ſeu credito, pois para nòs lhe diminuirmos no credito, naõ ha melhor remedio, que tirarlhe o nome: *Quia hic homo.*

127 Grande cuidado deu aos Iudéos o titulo, que Pilatos mandou pôr em a Cruz ſobre a cabeça de Chriſto. Leraõlhe as ſuas letras, & foraõ pedir a Pilatos com grande inſtancia, que lhe riſcaſſe aquelle titulo: *Noli ſcribere.* E pois que importava, que Chriſto tiveſſe na Cruz ſobre a cabeça aquelle rotolo, para que os Iudéos lhe nam queiram permitir aquelle titulo? Olhai, naquelle titulo eſtava o nome de Chriſto: *Hic eſt Ieſus:* & como elles lhe queriaõ diminuir na honra, cortandolhe na morte pelo credito: *Morte turpiſſima condemnemus eum*: para lhe offenderem o credito, achàram, que era o melhor meyo tirarlhe o nome: *Noli ſcribere.* Melhor aqui meſmo: que tinha eſte titulo, para que nam conſintam os Iudéos, que Chriſto neſta occaſiam o tenha na cabeça? Notai. Eſte titulo eſtava eſcrito com muitas letras, Gregas, Hebraicas, & Latinas, & iſſo ſobre a cabeça de Chriſto: *Erat ſcriptum litteris, Græcis, Hebraicis, & Latinis*: & no titulo tinha Chriſto nome: *Hic eſt Ieſus*: pois homem, que tem tantas letres na cabeça, para lhe offender o credito: *Morte turpiſſima condemnemus eum*: a põto eſtá em lhe riſcar o titulo, para lhe tirar o nome: *Noli ſcribere.* E como todo o credito de hum homem eſtá no ſeu nome, por iſſo os Concelheiros do noſſo Evangelho, para lhe diminuirem a Chriſto o ſeu credito, aniquilandolhe as ſuas prendas, lhe chamavaõ eſte homem, para lhe eſcurecerem as maravi-

Ioan. 19. v. 21.

Ierem. 11. v. 19.

Luc 27. v. 38.

vilhas : *Hic homo.*

128 Adverti, que entrando hoje os Concelheiros apaixonados contra a pessoa de Christo: *Adversus Iesum:* todo o seu odio nam foi cōtra a pessoa, foi contra o nome; porque à pessoa confessáraõlhe as maravilhas: *Multa signa facit:* mas negáraõlhe o nome, porque lhe chamàraõ este homem: *Hic homo.* Pois porque lhe naõ aggravaõ a pessoa, se lhe offendem o nome? Olhai: queriaõlhe fazer a maior injuria, tratandoo com o maior desprezo, pois tiremlhe o nome, & nam lhe aggravem a pessoa. Se aggravarem a vossa pessoa, ainda depois de aggravado, podeis ser homem de nome; mas se vos tiram o nome, por onde se ha de conhecer a vossa pessoa. Os aggravos da pessoa, nam saõ a maior injuria; a maior injuria, que se vos póde fazer, he offendervos o nome, por onde se conhece a vossa pessoa: *Hic homo.*

129 Pedio Christo a seu Eterno Pay pela boca de David, que em nenhum caso se lhe riscasse o titulo: que esse mysterio tem, diz Lyra, o titulo do Psalmo sincoenta & oito: *Ne corrumpas in tituli descriptionem.* Sendo que se Christo queria evitar a injuria, que lhe haviaõ de fazer com este risco, melhor parece que era pedir ao Pay, q̃lhe naõ permitisse a bofetada, dispensandoo desta afrōta. Pois porque nam pede, que o livre da bofetada, & lhe pede, que nam permita o risco na escritura? He o caso. Christo queria evitar a maior injuria, pelo que acrescia nos homens o maior peccado: & assim pedio ao Pay, que o dispensasse da maior afronta. O darlhe a bofetada era injuria da pessoa; o riscarlhe o titulo, era tirarlhe o nome: pois, que a minha pessoa, diz Christo, se aggrave, aqui está o rosto para as bofetadas; mas que me tirē o nome, riscandome o titulo; isso nam: *Ne corrumpas in tituli descriptionem.* E quantas bofetadas destas, tirandovos o nome, cuidais vós, que se daõ no mūdo todas as horas? Sois Letrado, pois todas

Ita Lyra in Ps. 58 & in Ioan. 29 n. 16.

das as vezes, que vos tiraõ o nome, que vos grangeáram as vossas letras, se nam saõ golpes, que sinta a pessoa, saõ bofetadas, que vos cortaõ a honra: porque saõ bofetadas, que vos ferem o credito. Em nenhuma parte se fazem mais destas injurias, que nas Vniversidades; porque em nenhuma parte se fazem mais, que na Vniversidade, os tiros ao nome.

130 Eu reparei com muita curiosidade (& creio que ainda ninguem fez este repáro) na relaçam, que o Evangelista faz deste Concelho. Se leres este Evangelho, achareis huma cousa muito digna de repáro. E he, que em todo elle não descubrireis o nome de Christo: porque o *Adversus Iesum*, foy accrescentado pela Igreja: & o *Prophetavit, quod Iesus moriturus erat*, foi advertencia do Evangelista. Mas os Concelheiros, fallando em Christo quatro vezes, tres quando votárão, & hũa quando resolvérão; assim quando resolvérão, como quando votárão, em ambas estas occasioens lhe tiráram o nome. Chamárãolhe, *Hic homo*: & duas vezes *Eum* em a conferencia dos votos. *Hic homo: si dimittimus eum: omnes credent in eum*. E chamárãolhe tambem *eum* na resolução do Concelho: *Cogitaverunt, ut interficerent eum*. Pois não bastava o não ter nome na conferencia dos votos, senão que tambem lhe hão de tirar o nome na resolução da Consulta? Sim. Porque elles erão os Sabios, & Doutores da Vniversidade de Ierusalem: *Doctores, & Magistri*. E quando os Sabios votão contra algum sugeito, tirãolhe o nome em ambas estas occasioens; na occasião em que se vota no Concelho; & na occasião em que se resolve a Consulta: na occasião, em que se vota, para que não leve votos no Concelho: na occasião, em que se resolve, para que a consulta se não perca. Muitas vezes pouco importão os votos das Consultas, quando o oppositor tem nome, aonde se resolve o Concelho. Pois jà que votamos

con-

contra Christo, *Adversus Iesum*; tiremoslhe o nome, assim na resolução, como no Concelho. No Concelho, para irem contra elle todos os votos; na resolução, para que se logre a conferencia. Vede se na Vniversidade se fazem tiros ao nome, pois volo tirão, em todas as partes em que vos pòde ser conveniente. Na Vniversidade todos somos amigos da pessoa; mas não ha ninguem na Vniversidade, que não seja do vosso nome inimigo. Todos somos amigos da pessoa, porque a pessoa não he a que faz mal na Vniversidade: mas como o nome he o que dà, ou tira a Cadeira, como o nome, he o que dà, ou tira a Beca: por isso ao nome se faz o tiro. Na Vniversidade deve de praticarse, que só a offensa da pessoa vos aggrava: & assim não vos aggravão a pessoa: como se só isso fora delicto. Mas assim vos cortão pelo nome, como se não fora peccado. Isto he erro. Isto he engano. Porque maior peccado he tirarvos o nome, que offendervos a pessoa. As vezes o Rey conhece ao Oppositor pelo nome, & ignora a pessoa do Oppositor. Vede, se peccais gravemente, quando cortais pelo nome, que conhece, & não pela pessoa, q̃ se ignora.

131 A Pilatos dizia Christo, fallando da pessoa dos Judéos: O que me entregou a ti, cõmeteu o maior peccado: *Qui me tradidit tibi, maius peccatum habet.* Para entender este Texto, he necessario saber, que de Christo se fizerão duas entregas: huma fella Iudas, de Christo aos Iudéos; outra fizerãona os Iudéos, de Christo a Pilatos. Isto supposto: notai agora, que não diz Christo, que o maior peccado cõmetéra Judas em o entregar aos Iudéos, senão que maior fora o peccado, que os Iudéos commetérão em o entregar a elle a Pilatos. E pois Iudas não era o mais obrigado? Iudas não era o mais favorecido? E que sendo Iudas por tantos titulos o que havia de ser o fiel, fosse o traidor? Que devendo ser o maior

Ion. 19. v. 11.

maior amigo, fosse o maior contrario? Esta circunstancia parece que aggravando mais a sua culpa, devia fazer maior o peccado da sua entrega. Pois logo porque ha de ser maior o peccado de entregarẽ os Iudéos a Christo a Pilatos, & não o entregar Iudas a Christo aos Iudéos? Notai o Texto, que he bem mysterioso. He verdade, que ambos na entrega offendérão, assim Iudas, como os Iudéos. Mas com esta grande differença: que Iudas o empenho que teve na sua entrega, foi só offender a pessoa de Christo: *Quid vultis mihi dare, & ego eum* (Notai o *Eum*) *vobis tradã?* E os Iudéos da sua entrega todo o empenho foi tirarlhe o nome, para delle não ficar memoria: *Eradamus eum, & nomen ejus non memoretur amplius.* E vay tanto do aggravo da pessoa ao aggravo do nome, que só o tirarvos o nome he o maior peccado, & o aggravarvos a pessoa, parece que não he o maior delicto. Ah homens inimigos do nome, porque o tirais: & quanto fora melhor, já q̃ vos resolveis a ser inimigos, quãto fora melhor, não aborrecer o nome, do que aborrecer a pessoa: mas como o nome vos offende, contra o nome a inveja vos incita. Viam os Concelheiros do nosso Evãgelho a Christo, homem de grande nome pelas suas maravilhas: mas como erão Sabios contra o nome, foi o primeiro empenho do Concelho: & não advertindo, q̃ quanto mais a Christo negavão o nome, querendo diminuilo na fama, tanto mais estes cegos Concelheiros desfazião em sy pela sua inveja. Porque invejavão, & fazião ao Senhor huma cousa tam piquena, que o fazião homem sem nome: *Hic homo.* E que de hum homem sem nome tivessem inveja huns homens de tanta consideração? Grande erro!

Matt. 26 v. 15.

Ierem. 7 v. 11.

132 Ora não nos saiamos ainda destas palavras: *Hic homo.* Duas causas tiverão os Iudéos, para tratarem hoje assim a Christo no seu Concelho, desprezãdoo com hum atrevimento tam

gran-

grande : que ſendo Chriſto pelas ſuas maravilhas,& pela ſua peſſoa, hum homem tão grande, elles o tratavão com hum deſprezo tão manifeſto; que como ſe foſſe huma couſa muito piquena, lhe chamavão eſte homem: *Hic homo.* Huma era a conſervação dos ſeus lugares, que erão as Cadeiras, que como Doutores tinhão no Tẽplo: *Ne veniant Romani, & tollẽt locum. Ideſt Templum* (diz Maldonado.) *Vbi erant Sedes Doctorum*: advertio o Silveira. Outra era, não perderem as ſuas rendas: diz o A Lapide: *Tollent locum. Maldonatus intelligit Templum, hoc enim ſuis victimis, & lucris eripi à Romanis metuebant.* He agora muito para notar, que entrando eſtes Concelheiros a votar neſta Cõſulta com os olhos no intereſſe da ſua fazenda, & cõ os olhos no commodo dos ſeus lugares, quando votârão em o Concelho, eſquecendoſe da conveniencia da ſua fazenda, ſó lhe lembrou o intereſſe dos ſeus lugares: *Tollent locum.* Nam os incitava tanto a ambiçam da ſua fazenda, quanto os cegava a ambiçam dos ſeus lugares. Eraõ homens Sabios, eram homens Academicos: & na Vniverſidade, o que faz mal aos Sabios, nam he a ambição da fazenda, he a ambição do lugar. O coração do Sabio, como nas ſuas letras tẽ a maior riqueza, por iſſo o não desinquieta a ambição dos theſouros; mas como a ſua ſciencia lhe dà altos eſpiritos para o ſeu acreſcentamento, por iſſo a ambição dos lugares ſenhorea ao Sabio o ſeu coração. E quantos peccados ſe fazem na Vniverſidade por eſta ambição? Dizeime: Que peccados não cõmete hum homem pela ambiçam do dinheiro? Que deſvelos nam padece pela ambiçam dos theſouros? Que mares nam curſa? Que tempeſtades nam ſofre? Que ſuſtos nam experimenta? Que contratos nam faz? Que ceremonias não obra? Que injuſtiças não commete? E ſe a ambição do lugar he maior que a ambição do dinheiro: Vede que peccados não farà

Mald. f. 153. n. 93.

Silveir. tom 1. f.419.q. 15.

Ita A Lap in hunc locum, f. 424.

a am-

a ambição do lugar, quando a ambição do dinheiro faz commeter tantos peccados? Sendo a ambição do dinheiro tam mà, ainda a ambiçam do lugar he mais peſſima: he hum monſtro tam peſſimo, que monſtruoſidades nam cauſará na Vniverſidade em o coração dos Sabios. Os Sabios não querem peccar como os demais homens; atè nos peccados querem ſer os Sabios ſingulares: os demais homens com a ambição do dinheiro peccão ao menos; os Sabios cõ a ambição dos lugares peccão ao mais. E que maior deſgraça, que a dos Sabios? Que maior cegueira, que peccar hum homem ao mais, & não peccar ao menos.

133 *Qui me tradidit tibi maius peccatum habet.* Pilatos, diz Chriſto, quem me entregou a ti, tem o maior peccado. E porque cauſa não ferà a entrega de Iudas o maior delicto, & ha de ſer a dos Iudéos a maior culpa? Notai a cauſa. Iudas entregou a Chriſto, eſtimulado da ambição do dinheiro: *Quid vultis mihi dare? At illi conſtituerunt ei triginta argẽteos:* & os Iudéos entregáram a Chriſto levados da ambição dos lugares: *Venient Romani: & tollent locum noſtrum:* pois o maior peccado da ambição não eſtà no dinheiro, eſtà no lugar: *Maius peccatum.* E que na Vniverſidade entre Sabios haja eſtes peccados? E quẽ na Vniverſidade entre homẽs Doutos ſe cõmetão eſtas culpas? Grande cegueira! Mas ſabeis porque na Vniverſidade ſe cometem eſtes peccados? Pois he a cauſa, porque na Vniverſidade o que anda diante dos olhos, he a conveniencia dos noſſos lugares. E com hum objecto tam feio, como ſe não commeteraõ na Vniverſidade tantas culpas? He para reparar no modo, com que hoje Caiphaz quiz mover aos Concelheiros a votarem, como elle queria: não lhe diſſe mais, que duas palavras: *Expedit vobis:* Cõvemvos a vòs: & logo todos ſeguirão ſeu parecer. Pois com duas palavras ſe dobrão homens tam Sabios? Sim:

Matth. ubi ſup. v. 15.

que

que a conveniencia, *Expedit*, acaba tudo com os Academicos. E o peior he, q̃ sendo a conveniencia de quem vos obriga a votar ; à força vos querem meter na cabeça, que he vossa a conveniencia, porque a vòs convem : *Expedit vobis*. E que pela conveniencia do nosso lugar, se importar que se mate hum Christo, haja votos, que votem contra elle? Grande erro. Que pela conservação de huns lugares, que mais hoje, ou à manhaã havemos de deixar com a morte, se commetão tantas culpas ? Que por cousa de tam pouca entidade, se importar que atè a hũ Christo se tire o nome, atè a hum Christo se despreze, até a hum Christo se afronte, haja quem o afronte, haja quem o despreze, & haja quem lhe tire o nome? E isto porque? Ou pela conveniēcia da nossa gente: *Gentem nostram:* ou pela conveniencia do nosso lugar : *Locum nostrum*. Que por conveniencia do nosso lugar, ou da gente do nosso sequito, não ha de esse homem ter nome, que haja de ser só este : *Hic homo*. Grande erro, não so dos Concelheiros de Ierusalem, mas tambem dos que seguem os dictames da sua proposta : *Quia hic homo*.

134 *Multa signa facit*. Estamos na ultima parte da proposta do nosso Cõcelho, & tambem em o ultimo erro, que se inclue na sua proposta. Este homem faz grãdes maravilhas. Este he o terceiro erro. Aquellas maravilhas, que havião de obrigar a estes homens a fazer grandes Concelhos, para premiarem a Christo pelos seus protentos, forão motivo para votarem todos de morte contra elle em o Concelho. Este homem temse assinalado muito pelas suas maravilhas : *Multa signa facit*. Leva atràs de sy o applauso da Sala, porque tem por sy a voz do povo : *Totus mundus abit post eum*. (Ioan. 12. v. 19.) E já alguns dos nossos seguem tambem o seu partido, porque lhe conhecem o seu prestimo : *Multi abibant ex Iudæis*. Iá todos vão crendo nas suas letras : *Omnes credent in eum*. Pois

vo-

votemos o como lhe havemos de escurecer as maravilhas, para não ser homem assinalado: *Multa signa facit.*

135 Eu não posso deixar de estranhar esta resolução. Homens, não andaveis vòs até agora confessando as letras deste homem: *Magister*? Não o persuadieis vòs mesmos a que fizesse maravilhas, para que se assinalasse entre todos, porque assim o querieis: *Volumus à te signũ videre*? Pois como agora para votar nelle, jà o nam quereis assinalado? Porque? Porque só hoje se resolvéraõ, que Christo nam era do seu sequito; porque assentáraõ comsigo, que era contrario aos Romanos: pois em quanto se não tem declarado, como pòde seguir o nosso partido, faça maravilhas, porque pòde ser nosso: *Volumus signum*; para ser assinalado: mas como se declarou, nam o queremos assinalado, porque como já nam he nosso, jà o nam queremos Mestre maravilhoso: *Magister*. Se he nosso, ou pòde ser nosso, he grande homem, he homem muito assinalado, he homem muito prodigioso: mas quando se declara contra nòs, he cousa muito cómua, porque he este homem: *Hic homo*. Hoje he Sabio, à manhaã he ignorante; porque à manhaã jà naõ he nosso, & hoje, ou era do nosso sequito, ou podia seguir o nosso partido. Ha tal desgraça, que deitandose hum homem na sua cama Sabio, haja amanhecer ignorante. Sabeis como saõ as letras dos Oppositores, saõ como o dinheiro de Castella. Tem hum homem dez mil Cruzados, dá a moeda baixa, derepente ficou pobre. Tambem as letras da Vniversidade daõ baixa; porque derepente, ou sois Sabio, ou sois nescio. Mas Concelho aonde assim se vota, he Concelho de Caifaz. Que seja possivel, que por hum homem ser assinalado, haja de ser mais perseguido! Olhai. As prendas nos sujeitos grandes despertam a inveja dos homens. As vossas maravilhas chamam os homens a desafio, para vos per-

Matth. 12. v. 38.

perſeguirem : ſe tiveres alguns prodigios, ſereis objecto a menos invejas, ſeràm menos os voſſos contrarios: mas ſe forem muitos os voſſos protentos, aparelhai vos, que vos haõ de creſcer os inimigos.

136 Dous Concelhos fizeram os Fariſéos; hoje hum contra Chriſto, & à manhaã haõ de fazer outro contra Lazaro: mas no Concelho, que à manhaã haõ de fazer contra Lazaro, haõ de votar ſó os Sacerdotes: *Cogitaverunt Principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent.* Mas no de hoje votàram os Sacerdotes, & votàram os Fariſéos: *Collegerunt Pontifices, & Phariſæi Concilium.* Pois contra Lazaro ſómente votam os Sacerdotes, & contra Chriſto haõ de votar os Sacerdotes, & haõ de votar os Fariſéos? Sim: que em Lazaro ouve huma ſó maravilha, qual foi a reſurreiçam: & em Chriſto ouve muitos prodigios: *Multa ſigna.* Se as voſſas maravilhas forẽ poucas, tereis alguns Concelheiros contra vòs em a Conſulta: mas ſe forem muitos os voſſos protentos, haveis de ter todos os votos contra vòs em o Concelho. Se fores homem de alguma maravilha, tereis quando muito contra vòs hum Concelho de Sacerdotes; mas ſe fores homem muito aſſinalado, haõ de votar contra vòs os Fariſéos, & haõ de votar contra vós os Sacerdotes: *Collegerunt Pōtifices, & Phariſæi.* Se vos aventejares pouco, perſeguirvoshaõ os homens menos; mas haõ de vos perſeguir mais, ſe vos aventejares muito.

Ioan. 12. v. 10.

137 Contra a Eſtatua de Nabuco ſe armou huma pedra, & eſſa ſem maõs: *Abſciſſus eſt lapis ſine manibus:* mas contra a cabeça do Gigante ſe armáram ſinco pedras, hum homem, huma funda, & huma eſpada. Pois tantos contrarios para hum homem, & tam poucos inimigos para huma Eſtatua? Para hũa Eſtatua baſta hũa pedra, & eſſa ſem maõs: & para

Dan. 2. v. 34.

para hum homem he neceſſario outro homem, huma eſpada, huma funda, & ſinco pedras? Sim. Contra quem ſe fulminou o golpe na Eſtatua? Contra os pés, diz a Eſcritura: *In pedibus.* E aonde ſe pertendeu dar a ferida ao Gigante? Na cabeça, adverte o Texto: *In fronte.* Quer vos aumenteis tam pouco, que ſejais pés, quer vos aumenteis tanto, que ſejais cabeça, haveis de ſer perſeguido. Mas ſe fores pès, huma pedra ſem maõs ſe armará ſó cõtra vòs: porèm ſe vos aumentares de modo, que ſejais cabeça, tereis contra vòs huma eſpada, huma funda, hum homem, & ſinco pedras. Se ao aumento das prẽdas creſcem os contrarios às maravilhas, que muito que ſahiſſe hoje o Senhor com todos os votos contra ſy neſte Cõcelho, quando os prodigios eraõ tantos, que os meſmos inimigos diziaõ, que eram muitas as maravilhas: *Multa ſigna.* E iſto que ſuccedéo hoje em Ieruſalem, ſuccede todas as horas em os Concelhos do mundo. O que tem mais prendas, he o mais perſeguido. O que tem mais ſerviços, he o mais mal deſpachado. Porque tem contra ſy mais votos em os Concelheiros. Quem tem como Lazaro hum ſó prodigio, quando muito tem contra ſy huma Conſulta com alguns votos; mas nam terà effeito, como não teve contra Lazaro aquelle Concelho. Mas quem tiver mais prodigios, quem for mais maravilhoſo, quem for mais aſſinalado, acharâ em os homens hum Concelho inteiro contra o ſeu favor, & huma reſoluçam conſtante contra a ſua juſtiça. As maravilhas, que lhe haviaõ de dar o deſpacho, o faràm ſahir menos bem afortunado na ſua Cõſulta. Porque por amor das ſuas obras ſe faràm contra elle muitos Concelhos: *Multa ſigna.*

1. Reg. 17. v. 49

138 Eſtes ſaõ os erros, que deſcobri na propoſta, que hoje ſe poz em o Concelho. Quizera eu agora, que o

que

que os Concelheiros dizião para a sua ruina, emendandolhe os seus erros, dissessemos nós para as nossas melhoras: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* Que fazemos por amor de Deos? *Quid facimus?* quando Deos faz tanto por amor de nós: *Multa signa facit.* Criounos: o que não fez a tantos mil. Feznos racionaes: o que não fez a tantas feras. Redemionos: o que nam fez a tantos Demonios. Feznos Catholicos: o que nam fez a tantos Hereges. Deunos conhecimento do seu nome: o que não tiveram tantos Gentios. Deusenos em manjar: o que nam fez a tantos Anjos. Vniose cõnosco: o que não fez a tantos Espiritos. Isto fez elle por amor de nòs. E nòs o que fazemos por amor delle? *Quid facimus?* Se Deos fez tanto por amor de nòs: *Multa signa facit?* Que fazemos nos por amor de Deos? *Quid facimus?* Pagamoslhe o unirse comnosco, com fugir delle? Pagamoslhe o fazerse nossa iguaria, com o nam querermos a elle por nosso sustento? Pagamoslhe o darnos conhecimento do seu nome, com vivermos delle esquecidos? Pagamoslhe o fazernos Catholicos, com vivermos como Hereges? Pagamoslhe o fazernos racionaes, com o offendermos, como brutos? Pagamoslhe o redemirnos, com aggraválo? Pagamoslhe o criarnos, com perseguilo? Pois: *Quid facimus?* Estamos no ultimo quartel da vida, & que fazemos? *Quid facimus?* Passouse a mocidade, & que fazemos hoje, pelo que fizemos então? *Quid facimus?* Passouse a adolescencia, & que fazemos nòs agora pelo que elle então nos fez? *Quid facimus?* Estamos na velhice, & que fazemos pelo que Deos agora nos faz, & jà então nos fez? *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?* Ora considerai neste, *Quid facimus?* muito de vagar, fazendo hoje esta consideração de *Quid facimus?* de

arrependidos, para nam dizermos alguma hora, como o Rendeiro da vinha, hũ *Quid facimus* de desesperados. Imprimi na vossa Alma este: *Quid facimus?* & este *Quia hic homo multa signa facit.*

Luc. 16. n. 3.

E assim como os Concelheiros cuidáraõ nelle bem devagar, para peccarem, cuidai vòs nelle bem devagar, para vos arrepender: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit?*

SER-

SERMAM

Da Mudança que ſe fez de

N. S. DO VALLE,

Da ſua Capella para o Altar Môr, em quanto lhe faziáo huma Tribuna, para eſtar com maior decencia.

PREGADO

Em o Real Convento de Santo Eloy de Lisboa, em a tarde de 26. de Iulho de 1684. Em a qual ſe fez huma ſolenniſſima Prociſſaõ.

David, & omnis domus Iſrael ducebant Arcam Teſtamenti Domini in jubilo.... Et introduxerunt eam in medio Tabernaculi. 2. Regum cap. 6. verſ. 15. & 17.

139 RES mudãças da Arca do Teſtamento no Reyno de Iſrael, & tres mudanças da Senhora do Valle no Reyno de Portugal, ſaõ o aſſumpto deſta grande celebridade. De que reſulta à Mãy de Deos em a terra tanta gloria, & ao meſmo Deos em o Ceo taõ grãde credito. As tres mudan-

ças da Arca em Iſrael foram figura: as tres mudanças da Senhora do Valle em Portugal realidade. Ora vede como a realidade ſe ajuſtou em as mudanças com a figura. A Arca do Teſtamento teve tres mudanças entre outras muitas. A primeira da Cidade de Hebron para a Caſa de Aminadab: a ſegunda, da Caſa de Aminadab para a Caſa de Obededon: a terceira, da Caſa de Obededon para o Palacio de David. A Senhora do Valle tambem teve tres mudanças: porque ſe mudou a primeira vez da Cidade de Aragam para o Caſtello deſta Cidade: a ſegunda, do Caſtello deſta Cidade para eſte Altar: a terceira, deſte Altar para aquelle Throno. As primeiras duas mudanças da Arca nam conſta a ſolennidade, cõ que ſe fizeſſem: na terceira, diz a Eſcritura, que fizera David huma grande feſta, & huma Prociſſaõ ſolenniſſima: *David, & omnis domus Iſrael ducebant arcam teſtamẽti Domini in jubilo.* As primeiras duas mudanças da Senhora do Valle naõ ſe ſabe o applauſo com que ſe fizeſſem: da terceira ſaõ os voſſos olhos teſtimunhas do jubilo com que ſe ſolenniza. As mudanças ſendo tres na Arca, ſó na terceira ſe poz a Arca no meyo da Igreja em o Altar Môr: *In medio tabernaculi.* Só no meyo deſta Igreja em o lugar que ſerve de Altar Môr ſe poz a Senhora do Valle na ſua terceira mudança, ſendo nella tres as tranſmigraçoẽs. David mudando a Arca para o meyo da Igreja, para o Altar môr, ſignifica, diz o Autor das Allegorias, a hum Prelado elegido de novo: *David figura eſt eorum, qui eliguntur Prælati.* E quem havia de fazer a terceira mudança da Senhora do Valle para o Altar môr deſte Templo, ſenaõ hum Prelado eligido de novo? Iá que outro Prelado eligido de novo foi o que fez a terceira mudança da Arca para o Altar môr: *In medio tabernaculi.* David quer dizer o amado, conforme a interpretaçaõ dos nomes Hebréos, que andaõ em

Author Allegoriarũ, verbo David.

o fim

o fim da Biblia : *David, idest dilectus*. E quem senaõ hum Prelado, que tambem quer dizer o amado, ou pelo genio, ou pelo nome, pois do Evangelista amado té o nome, havia de ser autor desta mudança ? A terceira mudança da Arca, feita para o Altar mòr, foi para a casa de David, para aquelle especial lugar, que elle tinha em o seu Palacio. E se David val o mesmo que o amado, quē poderá duvidar, que do grāde Evangelista foi figura ? E se huma figura do Evangelista lhe deu na sua casa o seu lugar à Arca na sua terceira mudança: que muito, que na sua terceira mudança désse o Evangelista na sua Casa à Senhora do Valle em o Altar mòr o lugar, que elle tinha para a sua assistencia, já que o amado deu em a sua Igreja à Arca do testamento o seu lugar na sua terceira mudança. A terceira mudança, que a Arca fez para o Altar mòr, naõ foi para alli ficar, senam para se lhe fabricar hũa Capella, aonde pelo tēpo adiāte estivesse com maior decēcia : como lhe edificou ao depois El Rey Salamam. E quem não sabe, que esta terceira mudança da Senhora do Valle não he para ficar naquelle Altar ; mas para lhe erigirmos huã Capella, aonde esteja com maior decencia no tempo futuro ? Ultimamente a terceira mudāça da Arca, diz o A Lapide, fella David para ter a Arca em lugar mais honrado : *Adduxerunt arcam, ut magis honoraretur*. E quem ignora, que para a Arca ter mais condecoroso lugar, faz hoje a Senhora do Valle para o Altar mòr a sua terceira mudança.

In 2. Reguṁ c. 6.

140 Tendes visto a semelhança entre huma, & outra transmigração ; entre a transmigração da Senhora do Valle para aquelle Throno, & entre a mudança da Arca para outro Altar : vede agora as circunstancias, que em huma, & outra mudança concorrem ; & vos parecerà tam semelhante hum successo com outro succeiso, que avaliareis a mudança da Arca por profecia infallivel em

Israel da terceira mudança da Senhora do Valle em Portugal. E para que assim seja, eu não faço mais, que repetir o mesmo Texto, que vos propuz.

141. David, diz a Escritura, querendo dar principio a huma Capella, aonde puzesse a Arca do Testamento com toda a decencia, fez hũa Procissão solennissima com huma singular festa, para mudar a Arca do lugar, aonde estava, para outro lugar, que servia de Altar môr; até se lhe acabar a Capella, aonde a determinava collocar com maior decencia: *David, & omnis domus Israel ducebant arcam testamenti Domini in jubilo: & introduxerunt eam in medio tabernaculi.* Ora applicai todas as palavras deste Texto, aonde se refere a terceira mudança da Arca, à terceira mudança da Senhora do Valle, & vereis, que sem violencia algũa lhe vem quadrando todas as palavras.

142. David como Prelado: *Significat eos, qui eligũtur prælati.* E para que ate o nome do nosso Prelado nos não falte; hum Prelado, que tem o nome do amado: *David, idest dilectus*: com toda a sua Familia religiosa: *Et omnis domus Israel*: tirarão a Arca do Testamento, isto he, a Senhora do Valle, do lugar, aonde estava: *Ducebant arcam testamenti Domini*: & com huma grãde Procissaõ, & com grande gosto: *In jubilo*: a puzerão no meio do Altar môr depositada, para lhe haverem de edificar huma Capella: *Et introduxerunt eam in medio tabernaculi.* He tam propria esta accommodação a esta mudança, que me persuadia eu, que para satisfazer às obrigaçoẽs deste dia, bastava subir a este Pulpito, & repetir sómente estas palavras. E me parece, que não fazia pouco, não só pela occupação de prégar nesta manhaã; porque sómente vinte & quatro horas foi o prazo que tive para esta função: mas como a vossa devoção se não daria por satisfeita sómente com esta diligencia, para que satisfaça ao meu empenho, & à vossa cu-

curiosidade, quatro circunstancias, que tem esta mudança, hey de discorrer, para cabalmēte me desempenhar. A primeira, ser esta mudança para o Altar mór, não para alli perpetuamēte assistir, mas para dalli se haver de mudar: segunda, mudarse para o Altar mór deste Templo; & havendo nelle tres lugares, ser a sua mudança para o lugar do Evangelista: a terceira, mudar a Senhora de lugar, & não de inclinação; porque a mesma, que foi para o nosso remedio neste Altar, a havemos de experimētar naquelle Throno: a quarta, fazerse no dia da Mãy, a mudança da Filha. Entremos a discorrer.

I.

143 Faz hoje a Senhora do Valle para o Altar mór deste Templo a sua terceira mudança neste grande dia. E sendo esta mudança com tāta pompa, não he para a Senhora ficar naquelle Throno: mas para se tornar outra vez a mudar daquelle Altar para a Capella, que a devoção mais pia lhe ha de fabricar com a maior decencia. Pois se a Senhora do Valle tē feito já tantas mudanças, para se lhe haver de dar lugar, aonde esteja com maior veneração, como a havemos hoje de ver nesta sua terceira transmigração indo peregrina? Que a Senhora do Valle se mude deste Altar para àquelle Throno, a razão o pede. Porque he aquelle Altar, o melhor lugar que ha neste Templo: mas que se mude para não ficar naquelle Throno, que ainda haja de ter para outra parte outra mudança, isto he o que me enleia. E mais quando todas as acçoens, que se obrão, não sejão acasos; porque todas dependem de superior providencia, que nos governa. Esta he a minha maior admiração! Mas assim havia de ser. Porque como esta terceira transmigração, he mudança, que a Senhora faz para o Altar mór na Casa do Evangelista, quando a Senhora se muda terceira vez para tal lugar, com tal Casa, ain-

da se lhe segue outra mudança, porque não ha de ser alli perpetua a sua assistencia. A Senhora mudada já terceira vez, & na terceira para o Altar mór, em a Casa do Evãgelista, he para alli estar, mas por emprestimo: he para alli assistir, mas ha de ser sómente em quanto se lhe não edificar a sua Capella. No Texto temos grande prova.

144 Quando David mudou a Arca do Testamẽto para o seu Palacio, não para alli ser perpetua a sua assistencia, mas sómente para assistir naquelle lugar, em quanto se lhe não formou huma Capella: porque apenas lhe fez a mudança, quãdo lhe começou David logo a traçar a obra: *Ego habito in domo: arca Dei sub pellibus est.* Eu cuidava, que primeiro David lhe havia de intentar fazer a Capella, & ao depois traçar a mudãça: mas primeiro faz a mudança, & ao depois lhe traça a Capella? E se tem mudado a Arca para lugar tão decente, como não ha de ficar a Arca para sempre naquelle lugar? Ha de assistir a Arca naquelle Throno, mas ha de ser sómente em quanto se lhe não formar a Capella? Sim: que esta mudança foi a terceira, que esta mudança foi de lugares, que a Arca teve como proprios. Porque o primeiro foi na Cidade de Hebron, mudandose desta Cidade para a Casa de Aminadab: o segundo foi da Casa de Aminadab, transferindose para a Casa de Obededon: o terceiro foi na Casa de Obededon, transmigrandose para o Palacio de David. Porque os demais lugares, que teve a Arca, não lhe forão proprios, como diz o Texto: *Neque mansi in domo usque in diem hanc.* E para onde se fez esta mudança terceira? O Texto o diz: para o Altar mór: *In medio tabernaculi.* E David, que quer dizer? Que? *Dilectus*, o amado. Ah sim, pois eis ahi a razão, porque a Arca não ha de ficar naquelle Throno; porque quando a Senhora, terceira vez se muda para a Casa do amado, sendo para o Altar mór a sua terceira mudança,

1. Paralip. c. 17 v. 1. & 2. Reg. c. 7. v. 2.

1. Paralip. c. 17 v. 5.

não he para alli ficar; porque só alli ha de assistir em quanto se lhe não formar a sua Capella, para ter nella o maior culto, estando nella com a maior decencia. Para as outras mudanças acabese primeiro a Capella, & façase ao depois a transmigração; mas na terceira mudança, q̃ a Arca faz, sendo para o Altar mór em a Casa do amado, façase primeiro a mudãça, & ao depois se trace a Capella para a assistencia. Façase a mudança, não para ser perpetua a assistencia, mas para ser atè limitado tempo naquelle Altar a sua morada. E se esta he a terceira mudãça da verdadeira Arca, sendo esta transmigração para o Altar môr em a Casa do amado, que he o Evangelista; mudese terceira vez a Senhora do Valle para aquelle Altar; mas não para ficar sempre em aquelle Throno. Façase para aquelle Throno a sua mudança; mas sómente em quanto se lhe não fizer a sua Capella, ha de ter naquelle Altar môr a sua assistencia: *In medio tabernaculi.*

145 Ou se jà não he, que ha de ainda a Senhora do Valle ter outra mudança para acreditar a sua firmeza. A Senhora do Valle tem tomado a Portugal à sua conta, para o defender, & para o amparar: & em quanto não vir, que o nosso Reyno tem chegado àquellas summas felicidades, que lhe vaticinão tantas profecias, ha de andar a Senhora do Valle em huma perpetua mudança. Então a vereis mudar para a sua Capella: então a vereis sem outra transmigração. Esse he o amor da Senhora do Valle, que não quer ter socego, em quanto temos afflicçoens. Velaheis varias vezes mudada; mas então vos dais por seguros das vossas felicidades, quando a vires na sua Capella. Em quanto não forem tudo felicidades no nosso Reyno, vereis sempre a Senhora do Valle peregrina; mas então se hão de acabar as suas mudanças na Senhora, ficando na sua Capella, quando vierem as nossas ditas.

146 David depois de ter

ter mudada a Arca do Testamento, quizlhe edificar huã Capella, mas Deos não quiz, que lha fizesse David; porque somente quiz, que Salamão lha edificasse. *Non ædificabis mihi domum:* dizia Deos a David. *Ipse ædificabit mihi domum*: dizia por Salamão. E pois Senhor, David ha de mudar a Arca, mas não lhe ha de fazer a Capella? No tempo de David tudo ha de ser mudanças na Arca, sem ter lugar proprio, aonde assista; & no de Salamão jà a Arca se não ha de mudar, porque ha de ter propria Capella, aonde esteja? Sim. E notai. No tempo de David, ainda que Israel teve suas felicidades, não lhe faltàrão tribulaçoens a Israel; & no tempo de Salamão, diz Deos, que tudo haviaõ de ser ditas, & que tudo havião de ser felicidades: *Firmabo regnum ejus, & stabiliam thronum regni ejus, usque in sempiternum.* E esse he o amor daquella Divina Arca, que os que toma à cõta do seu patrocinio, em quanto os não vè com socego, anda ella tambem em mudanças, sem ter Capella propria, aonde assista; senão Altar emprestado, aonde se colloque. Esta he a Senhora do Valle para o nosso Portugal. Verdade he, que neste tempo a vereis já com menos mudanças; porque temos muitas felicidades: mas como de todo não chegou ainda aquella idade dourada, em que Portugal ha de vir a ser Imperio: por isso ainda hoje ha de estar alli de emprestimo sem a sua Capella como casa propria: por isso a vemos hoje para alli transferida, para ainda haver de ter ao depois outra mudança para a sua Capella: por isso a havemos de ver alli naquelle Altar mòr: *In medio tabernaculi*: não para alli assistir, mas para ainda se haver de mudar. Porque se a Arca foi figura, & a Senhora realidade; para que a realidade se conforme com a figura, façaselhe hoje para o Altar mòr a sua mudança com tão grande solẽnidade, isso a fim de se lhe edificar a Capella: como lá tresladou David

1. Paralip. c. 7. v. 4. & v. 12.

2. Reg. c. 7. v. 13.

a Ar-

a Arca do Testamento: ***David, & omnis domus Israel ducebant Arcam testamenti Domini in jubilo: & introduxerunt eam in medio tabernaculi.***

II.

147 A segunda circunstancia, que tem a mudança da Senhora do Valle na sua terceira transmigração, he q̃ se muda para aquelle Altar mór, para o lugar que nelle tinha o Evangelista. Naquelle Altar mór havia tres lugares; o do Evangelista, q̃ he o lugar para onde se muda a Senhora; o de Santo Eloy, que he aquelle, aonde agora está o Evangelista; & o de Sam Lourẽço Iustiniano, que he o mesmo, em que ainda assiste o meu grande Patriarcha. E sendo tres os lugares, que havia em aquelle Altar mór, só o lugar do Evangelista, he o que escolhéo a Senhora do Valle nesta sua terceira mudança. Mas assim havia de ser; porque só aquelle lugar era o que pertencia à Senhora. Como a Senhora leva comsigo o Valle do seu titulo, nunca a Senhora se poz no Valle, que se não visse em o lugar, que ao Evãgelista pertence: só em aquelle Altar, era aquelle o lugar, que ao Evangelista pertencia. Para onde se havia de mudar a Senhora, senão para o lugar, que o Evangelista tinha em aquelle Altar.

148 Quando Christo nascéo em o Presepio, diz huma penna Portugueza, q̃ escrevéo as desgraças de Eva rodeadas em Maria, referindo a opinião de gravissimos Autores, que o lugar do Presepio era herança do Evangelista, porque tinha delle posse Maria Salomé. Os curiosos o pòdem ver em Nicephoro, referido pelo mesmo Autor, fallando do Nascimento de Christo. E pois tão antigo he tomar a Senhora ao Evangelista o seu lugar? Sim, dizem os mesmos Autores. Porque o Presepio estava em hum Valle: & nunca Maria se poz no Valle, que não fosse lugar, q̃ a Ioão pertencesse. E se a Senhora do Valle he hoje a que se

Eva, & Ave, f. 395. 2. p. n. 3.

se muda, se comsigo leva ao seu Valle no seu titulo, para onde se havia de mudar, senão para aquelle Altar, & para aquelle sitio. Para aquelle Altar, para maior decencia; para aquelle sitio, para maior propriedade. Se jà não he, que dos lugares do Evangelista tem jà a Senhora posse muito antiga: pois aonde a nossa Vulgata le, q̃ no Calvario recebeu o Evãgelista a Senhora entre as suas cousas: *In sua*: le o A Lapide: *In suam habitationem*. E se no Evangelista he tam antiga esta hospedagem, & na Senhora esta posse, que muito que tome hoje a Senhora este lugar, sem offender ao direito, que o Evangelista tem àquelle Throno.

Ioan. 19 v. 27. A Lap. hic.

149 Sim, mas parece que ainda està a duvida em pè. Que o Evangelista acõmode a Senhora, isso està bẽ; mas que se desacommode à sy? Délhe dos tres lugares qualquer delles para o seu Throno; mas ha de dar à Senhora o seu Throno para o seu lugar? Sim. Olhai: o lugar do Evangelista era o melhor, que tinha aquelle Altar: & o Evangelista como tão cortez, não havia de dar à Senhora o melhor lugar?

150 Quando Pedro, & o Evangelista forão na manhaã da Resurreição á sepultura, Ioão chegou primeiro ao Sepulchro; mas Pedro entrou primeiro em a sepultura: *Alius discipulus praecurrit citius Petro. Et non introivit: venit ergo Simon Petrus sequens eum, & introivit.* Pois se Ioão vem primeiro, & Pedro ao depois, porque não entra Pedro depois, & Ioão primeiro? Por isso. Se o pedia a razaõ, embargavao a cortezia. Porque se Ioão tinha o direito para a primeira entrada, era cortezia dar a Pedro o primeiro lugar, por ser mais velho: & em materias de cortezia, ninguem he mais pontual que o Evangelista. E se cõ Pedro foi tam cortez o Evangelista, com a Mãy de Deos nam teria igual cortezia o Evangelista? Havia o Evãgelista de dar o melhor lugar a Pedro, tendo para elle Ioaõ sómẽte a posse, & naõ havia de

Ioan. 20 v. 4.

de dar o melhor lugar à Mãy de Deos? Isso poderia caber na esfera de outrem, mas na do Evangelista, como politico, & como cortez, não se havia de achar: por isso deixa ao seu lugar, para nelle a Senhora erigir ao seu Throno.

151 Mas se a cortezia esteve sempre no Evangelista em seu maior ponto, porque lhe não deu a primeira vez que a Senhora veio para esta Casa, logo o seu lugar naquelle Altar o Evangelista, para a Senhora logo nelle pôr ao seu Throno? Porque? Isso direy eu agora. A Senhora do Valle naquelle Throno ha de fazer maiores maravilhas, do que atè agora tem feito, porque a temos agora com maior decencia: pois agora lhe havia de dar o Evangelista o seu lugar, & não em outra occasião, porque quando veyo para este Altar, dõde agora a trãsferimos, tinha sómente a Senhora feito duas mudanças, huã de Aragão para o Castello desta Cidade, outra do Castello desta Cidade, para este Altar. E para as maravilhas serem grandes, não basta só estar em o lugar do Evangelista, mas o sugeito, que ouver de fazer essas maravilhas, ha de ter feito já de sy tres mudanças.

152 Tres beneficios entre outros muitos fez a Mãy de Deos aos homens: hum no mysterio da Encarnação, dando o seu consentimento cõ aquelle mysterioso *Fiat*: outro em Hebron em casa de Zacharias, santificando ao Bautista. outro em Belem em o Presepio, quando naquella mais ditosa noite que vio o mundo, pario o mais bello Infante: & sendo grãdes qualquer destes beneficios, o que nos fez em o Presepio, foi muito maior que os dous, que fez em Hebron, & em Nazareth. Porque o de Nazareth inda que foi grande, comtudo pozlhe a Senhora algumas duvidas: *Quomodo fiet istud*? O de Hebron, sendo maravilhoso, comtudo só se estendeu ao Bautista: *Ut facta est vox salutationis tuæ, exultavit infans*: mas o do Presepio esten-

Luc. 1. v. 35.

Luc. 2. v. 44.

estendeuse a todos. Razão porque foi maior beneficio? Pois porque ha de ser maior o do Presepio? Notai. A Senhora atè este tempo teve tres mudanças prodigiosas: a primeira, de Nazareth para Hebron, a santificar ao Bautista: a segunda, de Hebron outra vez para Nazareth: & a terceira, de Nazareth para o Portal. O Presepio era lugar do Evãgelista: pois Maria com ter mudanças no lugar que ao Evangelista pertence, faça os maiores beneficios. Nos demais lugares sem estas mudanças sejão os beneficios grandes; mas para serem excessivos os beneficios, juntemse as tres mudanças com este lugar.

153 Fazendo Christo grandes maravilhas na sua vida, as do Sacramento forão as maiores maravilhas: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*. E pois o Sacramẽto ha de ser o maior prodigio? Sim. No Sacramento ha tres cousas notaveis, a sustancia de pão, os accidentes, & o Corpo de Christo: a sustancia de pão mudase; porque em huma opinião destroese, & em outra anihilase, porque no Sacramento da sustancia de pão não ha nada: os accidentes mudãose; porque deixádo de inherir na sustãcia, existem per sy, ou com hum modo, a que os Theologos chamão Eucharistico, ou pela acção creativa, como querem outros: o Corpo de Christo tambem se muda; porque em Christo ubicase o seu Corpo por ubi circunscriptivo: & no Sacramento ubicase por ubi definitivo: & como o lugar, aonde o Sacramento se instituio, diz Nicephoro, era lugar do Evangelista: *Hæc domus devenit Ioanni in hæreditate paterna*: quando Christo quiz fazer maravilhas maiores, dispoz neste lugar estas tres mudanças. He o lugar do Evangelista, pois para se obrar a maravilha mais estupenda, unãose estas tres mudanças com este lugar. E como a Senhora do Valle ha de fazer naquelle Altar as maiores maravilhas, por isso sómente o Evangelista lhe dà neste

Ita Nicephor. relatus pelo Doutor Ieronymo Peixoto no Serm. do Evang. f. 2.

neste dia ao seu lugar, porque hoje he só o dia, em q̃ a Senhora para aquelle Throno faz terceira mudança. Ponhase sómente hoje a Senhora no meio daquelle Altar: *In medio tabernaculi:* já q̃ de hoje por diãte havemos de experimentar o maior excesso de seus favores, na singularidade de suas maravilhas.

III.

154 A terceira circunstancia, que tem da Senhora do Valle a sua mudança, he mudar os sitios, he mudar os lugares, mas não mudar a inclinação; porque a mesma inclinação, que a Senhora do Valle teve para nos favorecer naquelle Altar, ainda ha de conservar naquelle Throno. Estas mesmas testimunhas, que e m trofeo da nossa divida estão dependuradas por essas paredes, havemos de ter daqui por diante naquelle Altar. Olhai, a Senhora do Valle duas vezes tem já mudado de terras, de Aragão para o Castello desta Cidade; do Castello para esta Igreja; mas ainda que mudou os sitios, nunca variou as inclinaçoens. Porque aquella mesma piedade que teve com os Hespanhoes em Aragão, ainda hoje continùa em Lisboa cõ os Portuguezes: & a Mãy he muito antiga nella o ter a inclinação do Filho, variar os sitios, mas não variar os genios, mudar os lugares, mas ter sempre a mesma inclinação.

155 Quando Christo morreu, querendo dar o ultimo perdão ao mũdo de suas culpas, diz o Texto, que inclinára a cabeça para a terra: *Inclinato capite.* E pois Christo não podia dar o perdão, sem observar a circunstancia de se inclinar? Bem podia. Pois como se inclina para a terra, quando quer dar ao mundo a indulgẽcia? Olhai: elle bem podia, mas na vida para perdoar á adultera, para a terra, diz o Texto, que se inclinàra: *Inclinans se deorsum, digito scribebat in terra:* & como tinha variado de lugar, quiz mostrar, que não variava de inclinação. Eu pa-

Ioan. 19 v. 30.

Ioan. 8. v. 6.

para perdoar inclineime na vida: pois para perdoar, tãbem me hey de inclinar na morte: *Inclinato capite*. Ainda que os lugares sejão diversos, sempre o genio ha de ser o mesmo: os lugares pòdem ser dous, assim no Filho, como na Mãy; mas na Mãy, & no Filho he huma só a inclinação ainda em dous lugares.

156 Quando Christo veyo ao mundo pela sua Encarnação, diz o Texto, que para o Verbo descer inclinára o Ceo para vir: *Inclinavit cælos, & descendit*: & quando subio para o Ceo, diz o Texto, que subíra, mas não affirma o Texto, que ao Ceo inclinára: *Assumptus in cælum*. E pois quando vem, assim como se inclinou, porque se não inclinou tambem quando subio? Notai: se se inclinára, quando subio, assim como se inclinou quando desceo, assim como teve variedade nos lugares, assim tinha variedade nas inclinaçoens. Se forão duas as inclinaçoens, erão ter duas inclinaçoens, assim como teve dous lugares: mas sendo dous os lugares, & huma a inclinação, vinha a ter a mesma inclinação em dous lugares. E o timbre do Filho, he como o genio da Mãy, variar aos lugares, mas não mudar as inclinaçoens: & assim como o Filho tem a mesma inclinação em todo o lugar, assim a Mãy em todo o lugar tem a mesma inclinação: por isso naquelle Throno ha de ter a Senhora do Valle o mesmo genio, que em este Altar.

Marc. 26. v. 19

157 Este he o genio da Senhora do Valle. Mas não he esta a condição dos homens; pois todas as horas, que mudamos os lugares, variamos tambem as inclinaçoens: & com tanto excesso, que parece, que atè mudamos a natureza. Quantos em hum lugar saõ huns, & parecem outros. E quantos em outro lugar deixão de parecer o que saõ, por se fazer outros. Quantos em hum lugar parecem que saõ hum Moyses compassivo: & elles postos em outro lugar sam hum Faraô obstinado. Quã-

tos

tos em hum lugar sam hum Mardocheu humilde: & em outro lugar saõ hum Aman insolente. Quantos em hum lugar saõ hum Absalam affavel : & em outro lugar saõ hum Roboam indomito. Quantos em hum lugar sam hum Nabal nescio : & noutro lugar já saõ hũ Salamam sabio. Estes saõ os homens na diversidade dos seus lugares. Mas não he assim Maria naquelle Throno, & neste Altar. Porque a havemos de experimentar sempre a mesma, assim no Altar, como no Throno.

158 Descobrírão os Machabéos em huma cisterna huma pouca de agua: *Invenerunt aquam* : mas diz o Texto, que se convertéra logo em fogo, & em fogo muito grande : *Aqua superposita, accensus est ignis magnus.* Pois se atè agora he agua, como muda agora de natureza, passando a ser fogo? Quem a transformou em fogo, se era agua? Quem? Os lugares. Não vedes, q̃ a agua estava na cisterna, & agora tinhase mudado para o Altar : pois a diversidade do lugar lhe mudou a natureza. Se estivera sempre na cisterna, sempre a agua fora agua; mas como mudou de lugar, passou a ser fogo, aquillo que era agua. Em hum lugar a agua, era a mesma brandura : noutro lugar, era a mesma voracidade. Em hum lugar era fogo abrazador, aquillo mesmo, que em outro lugar era a brandura da agua. Isto, que he muito commum em todos os homens, não havemos nòs de experimentar em a Senhora do Valle. Porque a mesma, que foi para comnosco em este Altar, ha de ser para comnosco em aquelle Throno. A mesma brandura da agua cõ que nos ha de favorecer naquelle Throno, he a com que já nos acudia em este Altar. Por isso aquellas lagrimas, que lhe vistes em este Altar, as deixou suspensas em o seu rosto, para as conservar ainda em aquelle Throno, para q̃ nos constasse, que a mesma brandura das lagrimas ha de conservar hoje no Throno, que já tinha em o Altar. Por

Mach. 2. c. 1. v. 21. & c. 1. v. 22

isso com tanto gosto festejamos hoje esta mudança: *In jubilo.* Porque ainda que vemos na Senhora mudar os sitios, sempre a Arca ha de ser a mesma para o amparo; porque no meio daquelle Altar môr: *In medio tabernaculi*: ha de ser para o nosso remedio em todo o tempo sempre a mesma a Mãy de Deos! Por isso com tanta solennidade tresladada, porque sempre ha de ser a propria a sua inclinação: *David, & omnis domus Israel, ducebant arcam testamenti Domini in jubilo. Et introduxerunt eam in medio tabernaculi.*

IV.

159 A quarta, & ultima circunstancia, he no dia da Mãy mudarse a Filha. Porque no dia da Gloriosa Santa Anna, he que se faz hoje da Senhora do Valle a sua transmigração. Mas assim havia de ser. Porque como esta mudança redunda em maior honra da Filha: como a honra dos filhos se refunde nos pays, para acrescentar a Sãta Anna maior gloria, por isso dispoz a Senhora, que fosse a sua mudança em este dia. *Exultat gaudio pater* (diz o Espirito Santo) *Exultat pater gaudio filij: & gaudeat mater, quæ genuit te.* Alegrese o pay com o gosto do filho: & alegrese a mãy, que a gerou. Pois se o gosto, he só do filho: *Gaudio filij*: como ha de ser a alegria da mãy? E se a mãy ha de ter a alegria, de que lhe ha de à mãy resultar o gosto? *De bono filij*: diz o A Lapide. Do bem que possue o filho. Pois se o bem he do filho, como deve ser o gosto da mãy? O mesmo A Lapide: *Quia decus filij est decus parentis* Porque a honra dos filhos he hõra dos pays. Pois para que a Senhora acrescentasse neste dia a Sãta Anna a maior gloria, quiz que neste dia se lhe fizesse a ella aquella mudança, de que lhe resulta à Mãy de Deos a maior hõra. Quiz, q̃ neste dia fosse a sua transmigração, para que o gosto da Filha abrangesse tambem à Mãy. Quiz, que neste dia fosse a sua mudãça, para que

Prov. c. 23. v. 24. & 25.

A Lap. hic.

della

della resultasse a Santa Anna o maior credito, já que para ella havia de servir de maior honra. Se o bem era para ella em quanto Filha, quiz q̃ o gosto fosse de Sãta Anna em quanto Mãy: *Gaudeat mater de bono filij.* Se a honra era para ella, em quanto Filha, quiz tambem, que o credito fosse de Santa Anna em quanto Mãy: *Decus filij est decus parentis.* Antes para q̃ fosse de total gloria para Sãta Anna este dia, dependia, q̃ da Senhora se fizesse hoje esta mudança, para que se lhe principiasse a sua Capella, aonde como em propria casa tivesse a Senhora jà sem mudanças lugar, em que assistisse, & tribuna, em que estivesse. Em varias partes desta Cidade, deste Reyno, & de todo o mundo, tem a gloriosa Santa Anna, ou casas, q̃ lhe erigio a liberalidade dos Fieis, ou Capellas, que lhe levantou a piedade dos Catholicos: mas da Senhora do Valle, nem nesta Cidade, nem neste Reyno, nem em parte alguma sabemos, que tenha, ou Capella, ou Igreja. Porque nos não consta, que haja outra Imagem, mais do que esta, que tenha o titulo do Valle. Oh como se vé hoje Anna engrandecida! Oh como se vé hoje Anna gloriosa! pois já hoje principía a ver a sua ditosa Filha com casa, para que assista, & com tribuna, em que se exalte. Hoje só me parece, que para a Mãy he o dia do maior gosto, & o dia do maior applauso. Porque não lhe seria de tanto gosto o verse a sy em tão illustres Tẽplos, quantos tem por brazão o seu grande nome; como o de ver hoje principiarse huã Capella, & huma tribuna, onde á Filha se lhe perpetuasse a sua duração, para a nossa memoria.

160 Mandou Deos recontar a David todos os seus beneficios: como o fizera Rey sendo Pastor: como lhe despira o surrão para lhe dar a purpura: como lhe tirára o cajado para lhe dar o sceptro: como vivẽdo no campo sem lugar certo, elle lhe dera casa onde vivesse, & throno aonde assistisse: mas que sou-

1. Paral. c. 17. v. 17. & 18

soubesse, que aquella mesma casa lha havia de dar depois da sua morte. Porque ainda havia de permanecer o seu throno. Ouvio David esta tão grandiosa relação, postrase diante de Deos: & depois de confessar humildemente tudo quanto da mão divina recebéra, chegando à promessa, que Deos lhe fizera da permanencia de sua casa, & da perpetuidade de seu throno, disse assim: He possivel, Senhor, que como se fora pouco aos olhos de vossa divina liberalidade, quanto me tendes feito, assim me quereis gloriar, que ainda ha de haver casa, & que ainda ha de haver throno depois da minha morte? *Hoc parum visum est in conspectu tuo: ideoque locutus es super domum servi tui etiam in futurum. Quid ultra addere potest David, cum ita glorificaveris servum tuum?* E pois não se confessa David glorificado com ter casa, cõ ter Reyno, & com ter em sua vida throno: só se confessa de todo engrandecido, porque depois da sua morte, ha de durar o seu throno, ha de permanecer o seu Reyno, & ha de durar a sua casa? Sim. Porque em sua vida davalhe Deos a elle a casa, elle só tinha a posse do throno, & elle só tinha o dominio no Reyno: depois da morte prometialha para os filhos: *Suscitabo semen tuum post te, & firmabo Regnum ejus.* V. 11. Depois da morte de David, era a casa, & os filhos, propria; na vida de David ficavalhe sendo como de emprestimo, pois de David era o governo. E como David era pay, & os descendentes filhos, parece que entendeu David, que lhe não havia de dar tanta gloria o verse elle com casa como pay; como o ver com lugar proprio aos descendentes, como filhos: *Quid ultra addere potest, cum ita glorificaveris servum tuum.* Assim o entendeu David. E assim parece, que o entendeu a Senhora do Valle. Pois para que este dia ficasse para Santa Anna sobre todos o mais glo-

glorioso, quiz, que nellese lhe fizesse a mudança; para que lhe servisse a Santa Anna de gloria vélla com casa propria, aonde assistisse, & com tribuna, aonde estivesse.

161 Ou se não digamos, que por isso guardou a Senhora do Valle para este dia a sua mudança, porque neste dia, diz Sam Ioam Damasceno, propoemse Santa Anna como exemplo: *Hodie proponitur nobis Beata Anna, ut forma.* Santa Anna era huma Santa, que os seus bẽs repartia com a Igreja, tendo grande cuidado com a fabrica do Templo: pois por isso hoje a Senhora nola propoem por exemplo, do modo com que havemos de concorrer para a sua Capella. Olhai. A Senhora do Valle quer, que sigamos o exemplo de sua Mãy: sua Mãy não dava tudo para o Templo: repartia os seus bens, comsigo, com o Templo, & com os pobres. Que nos leve o Tẽplo alguma parte, isto he o que quer a Senhora do Valle. Ou não sey, se a Senhora do Valle quer, que lhe façamos aquella tribuna, para tentar a nossa Fé. Porque, como diz Laureto, a tribuna significa a Fé ornada com virtudes: *Altare est Fides ornata virtutibus.* Queira agora Deos, que agora a virtude da nossa liberalidade queira concorrer para o ornato daquella Capella. Cada pedra daquella tribuna, ha de ser huma pedra de toque para a nossa Fé. No Tẽplo quando se fabricava a Capella para a Arca, diz o Texto, que se não fazião os instrumentos, com que se fazia a obra. Seria porque como não faltava o dinheiro para as obras, erão escusados os avisos para concorrer para a fabrica da Capella. Aqui não sey se será necessario, que se oução os estrõdos das pedras, para concorrer para as obras da Capella. Mas em hum Reyno tam pio, não se poderá com razão temer esta falta. E para com huma Senhora, que de tam longe, para

D. Ioan. Damascen. Serm. 2. de Nativit. Virginis propè finem.

Sylva Allegoriarum, verb. Altare.

ra nos beneficiar, ſolicitou a noſſa companhia, ſerám as pedras, quando ſe formar aquella Capella, não deſpertadores do noſſo deſcuido, mas eterna lembrança da liberalidade Portugueza. E mais quando a Senhora do Valle deixou ſuſpenſas em o ſeu roſto aquellas lagrimas, que alli vem os voſſos olhos, como linguas, cõ que a Mãy de Deos nos pede a ſua Capella, & com que nos eſtà arguindo, ſe ouver deſcuido na ſua tribuna.

162 Iá ſabeis todos, que Ieruſalem he figura expreſſa da Senhora. E aquellas lagrimas, que deixou ſuſpendidas no roſto: *Et lachrymæ ejus in maxillis ejus*: diz o A Lapide, choráraõ ſe por duas cauſas: *Plorans: ploravit: duplicem planctum ſignificat; unum ob averſionem civitatis; alterum, ob deſtructionem Templi*: huma as deſgraças dos habitadores; outra a ruina do Templo, aonde ficou ſem lugar a Arca. E aqui o chorar a Mãy de Deos, deixando em o roſto as ſuas lagrimas, quem pòde duvidar, q̃ tal vez terà a meſma cauſa, que chore hũa vez para afogar em o mar do ſeu pranto a noſſa deſgraça: & que chore a outra, porque ſe vê ſem lugar decente neſte Templo, ſendo ella a melhor Arca. Por iſſo as lagrimas, que verteu, forão de cor de Alãbre [ainda que nem as lagrimas, nem a cor canonizo por milagroſas, porque iſſo me não pertence) porque o Alãbre tem virtude para atrahir. E para que ninguem ſe eſcuſe de concorrer para as ſuas obras, chora a Senhora do Valle humas lagrimas, com que atraia a todos para a ſua Capella. Mas porque a noſſa piedade he tão grãde, por iſſo ſuſpendo o diſcurſo, pelo que nos pertence.

A Lap. in hunc locum.

163 A vòs, Senhora, he que ultimamente vos vay buſcar eſta minha Oração. E vos peço huma ſó couſa. E he, que na voſſa mudança não ſucceda, o que aconteceu na mudança da Arca. A Arca quem lhe fez a mudança para o Altar mòr, não foi

o que

o que lhe fez a Capella. Porque a Capella fella Salamão, & a mudança fella David. O que vos peço, he, que permitais, que vos faça a Capella, o mesmo que vos fez a mudança: pagandolhe com cõseguir este seu intento, o grãde cuidado com que vos serve. E ao depois de vos ver collocada, já nesse Throno, & posta nessa Capella, lhe ponhais esses vossos piedosos olhos, para que depois deste desterro, vos faça companhia em o Ceo.

SERMAM
DOS PASSOS DE
CHRISTO,

PREGADO

Em o Convento de Santa Anna da Cidade de Coimbra. Anno de 1683.

164

NAM sei na verdade (Auditorio Catholico) nam sei na verdade, se a materia deste meu triste arrezoado, por sua grãde lastima, cabe mais em a jurdição da lingua, que na esfera dos olhos. Porque quando os casos saõ tristes, os successos lastimosos, se a lingua articula palavras para os definir, mais se offendem, do que se ponderão, mais se diminuem, do que se encarecem. Porque as lagrimas, com que se chorão, saõ as razoens com que se explicão. Os suspiros, cõ que se sentem, saõ os hyperboles, com que se exagerão. Os soluços, com que lastimão, saõ os discursos com que se declarão. Porq̃ quando as lastimas saõ grandes, só

de

de todo se encarecem, quando prendendo a lingua para o fallar, abrem as portas ao coração para o sentir. Então desperta a sua profundidade a nossa commiseração, quando os olhos saõ interpretes da dor, sem que a lingua explique a magoa, com que se afflige o coração. Ou porque os acertos de huma lingua eloquente não se derão bem com hum coração magoado: ou porque nunca esteve o coração magoado, que para os acertos não estivesse a lingua impedida.

Thren. c.2.v.18

165 Por isso Ieremias no lamentavel successo de Ierusalem destruida, mandando à lingua, que se suspendesse para as palavras, mandou aos olhos, que chorassem, para que sò os olhos discorresẽ: *Neque taceat pupilla oculi.* Porque como aquelle caso era o mais triste, melhor o havião de pôderar os olhos, com as lagrimas q̃ vertessem, do que a lingua com as palavras que dissesse. Em casos tristes suspendaõse muito embora as palavras na boca, mas não se suspendão as lagrimas em os olhos. Porque se se não pódem explicar sem os olhos, bem se pòdem declarar sem as palavras. Antes para que de todo se encareção, hão de faltar as vozes, mas nunca hão de faltar as lagrimas. Porque quando a magoa de tal sorte fere a Alma para o sentir, que ainda deixa lugar à lingua para fallar, nam he muy profunda a sua dor. Porque quem não perdéo o tino para o discorrer com a pena, que o chegou a affligir, ainda não atinou, com o que era o sentimento para o magoar.

166 Supposto pois, que o assumpto lastimoso desta triste tarde, he mais para os olhos, que para a lingua, he mais para as lagrimas, q̃ para as vozes; bem se deixa ver, que só razoens mal concertadas, só palavras pouco exprimidas, saõ as que pòdem dar principio em huma tarde tão triste a hum Sermão tão lastimoso. Sò lhe póde servir de thema a propria desordem, de ornato a confusam sem nenhum concerto, de pen-

pensamentos os suspiros, & a pena mais penetrante, da agudeza mais engenhosa. Porque he tão estranho o caso sobre que venho a prégar, que dando ao coração tantas magoas que sentir; tira ao juizo todo o acerto para discorrer. Temos hoje que ver, & juntamente que chorar, a mais sanguinolenta batalha, que se deu em o theatro do mundo. Entra em o conflicto para contender em a peleja, não menos que o Filho de Deos: & entrando com todo o seu poder na campanha, custoulhe tanto a vitoria, que com a sua vida comprou ao seu triumpho. E se lá antigamente convertéo a Corte de Ierusalem o dia da vitoria, em dia de lagrimas; porque no cãpo ficou morto Absalão, que a perseguia. Oh quãto he hoje mais para sentir esta vitoria; pois no campo fica sem vida o Filho de Deos, que nos emparava. E se quãdo se apresentou a batalha, & se entrou em o conflicto, foi tão universal a magoa: que como disse Santa Brisida, derepente se entristicérão os coraçcẽs dos homens: bem he, que na tarde em q̃ se traz à memoria huã campanha tão lastimosa, seja o nosso sentir excessivo.

1. Regũ 18. v. 33

167 Porque hoje, como então, se ha de ver em o Calvario apagada a mais brilhãte luz. Porque hoje, como então, se ha de ver em o Calvario sem rayos, ao mais luminoso Sol. Porq hoje, como então, se ha de ver em o Calvario acabada a mais innocente vida. Ha de se ver acabar hoje, como então, em o Calvario, a mais innocente vida, porque se lhe ha de oppôr hoje como contrario o mais refinado odio. Ha de se ver hoje, como então, em o Calvario sem rayos ao mais luminoso Sol; porque para ter o eclipse mais triste, ha de sepultar aos seus resplandores entre as pardas sombras do seu occaso. Ha de se ver apagada hoje, como então, em o Calvario, a mais brilhante luz. Porque se ha de extinguir hoje em o Calvario a mais resplandecente tocha. Hoje havemos de ver sahir ao innocente Abel, para o matar em o campo o aleivoso Caim. Hoje havemos de

Gen. 4. v. 8.

Gen. 22 v. 6.

de ver ſahir com o feixe de lenha aos hombros ao melhor Iſaac, mas para ficar, como o cordeiro, ſacrificado no monte. Hoje havemos de ver ſahir ao melhor Samſaõ aos hombros com as portas do ſeu triumfo, para morrer em o monte às mãos de ſeus inimigos. Hoje havemos de ver ao melhor Benjamin caminhando para o Egypto, para livrar aos irmãos da tyrannia da morte. Hoje havemos de ver ao melhor Abimelech com o ramo da arvore aos ſeus hõbros, não para ſe gloriar com o triumfo, mas para perder a vida em a batalha. Hoje havemos de ver ao melhor Ioſué levantar ao eſcudo, para principiar ao conflicto; mas ha de lhe cuſtar a vida a vitoria. Hoje havemos de ver ao melhor Naboth ſahir da Cidade, para ficar no cãpo morto. Hoje havemos de ver ſahir ao melhor Eleazaro, para ſe ſepultar no ſeu triumfo, perdendo a vida na campanha. Hoje finalmente havemos de ver ſahir à peleja o melhor Achab, mas contendendo todo o dia em a carroça da ſua Cruz, ha de morrer em a tarde, não ſó com hũa ſetta, q̃ lhe fira o peito; mas com huma lança, que lhe parta o coração, & cõ quatro cravos, que raſgandolhe as mãos, lhe hão de tambem atraveſſar aos pés. E viſta tão laſtimoſa, quanto mais infunde laſtima aos olhos, tanto mais deſafia de paſmos ao coração. E entre motivos de tão juſtificada dor, fica o coração tão magoado, que derretẽdoſe em lagrimas, para ſe verter pelos olhos, ſó acerta a diſcorrer com ſuſpiros, com que deſabafe a ſua ancia, explicando a ſua dor.

[Iud. 16. v. 3.] [Gen. 43. v. 15.] [Iud. 9. v. 48.] [Ioſue 8. v. 19.] [Reg. 3. c. 21. v. 13.] [Mach. 1 c. 7. v. 49.] [Reg. 3. c. 22. v. 35.]

168 Quiz o Profeta Ieremias prègar hum dia eſte laſtimoſo Sermão, & eſta triſte jornada. E eſte foi o thema que tomou, para principiar os ſeus diſcurſos: *Quis dabit capiti meo aquam, & oculis meis fontem lachrymarum.* Quem me dera hũ rio de lagrimas à minha cabeça, & de lagrimas huma fonte aos meus olhos. E pois nam baſtavão as lagrimas nos olhos, erão neceſſarias as lagri-

[Ierem. 9 v. 1.]

grimas em a cabeça? Sim. Na cabeça està o juizo. Ah sim, diz Ieremias, pois quãdo eu hey de prègar a desarrezoada morte do Filho de Deos em huma Cruz, referindo a lastimosa jornada de seus dolorosos Passos, não só quero lagrimas em os olhos, mas tambem quero lagrimas em a cabeça. Porque se as lagrimas em os olhos me hão de embargar a vista, as lagrimas em a cabeça me hão de embargar o juizo. E se os olhos não hão de ver, porque hão de chorar, quero que o entendimento não discorra, & por isso quero só que o juizo chore. Em outros quaesquer casos chorem os olhos, & não chore o juizo. Mas no Sermão lastimoso, em que se refere a morte afrontosa do Filho de Deos em o Calvario, chore o juizo, & chorẽ os olhos. Chorem os olhos para não ver: & chore o juizo para não discursar. Supposto pois, que esta tão afrontosa jornada he tanto para sentida, comecemos a enarrala, para que os nossos olhos dem principio às suas lagrimas, & comecem a desabafar de sentidos os nossos coraçoẽs magoados.

169 Mas ay! Com que palavras, dizia em desigual successo Lactancio Firmiano: E com que palavras vos hey de contar successo tam digno de sentir? *Quibus verbis?* Com que estylo vos encarecerei magoa tão penetrante: *Qua dilatione prosequar?* Como hey de ter animo para vos dizer, que chegou o nosso bom Iesus ao Calvario em hum estado tão lastimoso, que obrigado do cançasso do caminho, cahio sete vezes nesta jornada. E que não o vereis em estes lastimosos passos, como jà antigamente com o rosto sobre a face do homem: mas sobre os pés dos homens ao seu rosto. Não o vereis nestes seus dolorosos passos, servindolhe os homens de throno aos seus pés: mas a elle servindo de throno aos pés dos homens. Não o vereis com coroa para o triumfo: mas com as espinhas para o escarneo. Não o vereis com o colar ao pes-

Genes. c.2. v.7.

Psal.109. v.1.

pescoço para o adorno: mas com huma afrontosa corda em a garganta, para o arrastarem pela terra. Não o vereis despido, para haver de ter a melhor galla: mas sim despido para haver de ter a mais desarrezoada morte. Não o vereis beber em o caminho para ter algum alivio o seu tormento, como disse David: mas beber em o caminho para serem mais sensiveis as suas dores. Não o vereis sequioso, como em Sichar, para matar a sede: mas beber fel, & vinagre, para lhe multiplicar a pena. Não o vereis depois do cançasso do caminho, sentado em huma fonte de agua para o descanço, como em Samaria: mas banhado em varias fontes de sangue, & pregado em huma Cruz. Mas como a nossa maldade foi tão deshumana, que se atrevéo a executar tão grande tyrannia, bem he, que o que as nossas mãos se atrevérão a fazer, o diga a minha lingua, para se principiar a sentir. Conclue o mesmo Lactancio: *Sed si non piget facere, non piget tamen dicere.*

Ps. 109. v. 7.

Ioan. c. 4. v. 5.

Ioan. ib. v. 6.

170 Examinado o processo, em que estavão escritas as culpas, que se impunhão à pessoa de Iesus de Nazareth; sentenciou o Presidente Pilatos à morte o Filho de Deos. [Aqui principia a despertar a vossa piedade a materia deste primeiro Sermão.) Foi esta sentença a mais desarrezoada q̃ se deu em o Tribunal dos homens; pois se proferio contra a innocencia mais santa, sendo Iuiz a cegueira mais barbara, & Promotor o odio mais refinado. E que coração, Fieis, está vivo, que se nam faça em dous mil pedaços, de ver condenado à morte o Autor da mesma vida. Em a primeira Sexta feira de Março, que vio o mundo, condenou Deos o homem a dar passos, para no fim da jornada perder a vida em castigo da sua desobediencia: *Ejecit Adam de Paradiso. Morte morieris.* Mas quando foi para lhe notificar a sentẽça, as lagrimas de seus olhos, diz São Macario, foi a tinta com que escrevéo o processo: *Eâdem die qua lapsus est Adam,*

Gen. c. 3. v. 24. & c. 2. v. 17

Div. Mac. homil. 36.

Adam, lachrymatus est Deus. E hoje em huma Sexta feira de Março proferindo a tyrannia dos homens a mais desarrezoada sentença cõtra a innocencia mais justificada, para dar para a mais afrontosa morte os mais dolorosos passos; não se vem os effeitos da primeira sentença em a segunda. A primeira fundandose na certeza de culpas proprias, foi primeiro em o Iuiz sentida, do que fosse em o Reo executada. A segunda sendo por culpas alheias, foi primeiro executada, sem que ao depois fosse sentida. Contra Caim deu Deos sentença de passos: *Vagus, & profugus eris*: mas assinou extraordinarios castigos a quem se lhe atrevesse em os seus passos darlhe a morte: *Omnis qui occiderit Caim, septuplum punietur.* E hoje dandose sentença de passos contra o bom Iesus, sô se lhe assinarião premios, a quem no seu caminho lhe der a morte; & castigos a quẽ nesta sua jornada lhe quizer defender a vida. Quiz Deos dar sentença de passos para a morte a Sobna, Sacerdote, & Pontifice do seu Templo: *Mitte te in Babylonem, & ibi morieris.* Mas primeiro advertio por Isaias, que no dia em que executasse esta sentença, primeiro havia de obrigar a todos a sentir, & obrigar a todos a chorar: *In die illa vocabit Dominus ad planctum, & ad fletum.* E hoje sahindo a semrazam de Pilatos com sentẽça de morte para dar passos o Filho de Deos em a sua jornada, se vem os homens tão pouco sentidos, que em nada se mostrão os homens magoados. Quiz Deos dar sentença de morte contra o seu Povo, & achou quem defendẽdolhe a sua causa, lhe quiz embargar a sua sentença: *Aut dimitte eis hanc noxam; aut dele me: &c.* E hoje a sentença, que Pilatos deu contra o Filho de Deos, se executa, sem que haja quem formando embargos à sua resolução, evite ao bom Iesus tão cruel morte. Ora, meu Deos, para que nesta vossa causa se não proceda ao desamparo, eu me constituo

Gen. 4. v. 12.

Vers. 15. c. 4.

Isai. 22. v. 12. & 18.

Exod. c. 32. v. 32.

stituo vosso procurador neste litigio, lançando embargos á vossa sentença, para ver se se annulla o vosso processo: & como no Tribunal de Pilatos se sentencea hoje a vossa causa, no Tribunal de Pilatos hey de embargar hoje a sentença da vossa morte. Oh se estes embargos tivessẽ tanto de venturosos, quanto hão de ter de arrezoados. Mas não hão de ter nenhũa força as suas razoens; porque a mesma misericordia, que se havia de oppor hoje à justiça, para que se não executasse em Christo esta sentença, está confirmando esta sentença, para que morra o Filho de Deos cõ esta morte.

171 Primeiramente, Iuiz injusto, & Presidente preverso, tenho embargos ao teu processo, para não executares no Filho de Deos esta sentença. Porque as testemunhas, que jurárão nesta causa, saõ para o bom Iesus suspeitosas. Porque a ti te he manifesto, que a inveja dos Iudéos, que o accusarão, foi em a pessoa de Christo o seu delicto, formandolhe o odio dos Iudéos a sua culpa: *Sciebat enim, quod per invidiam tradidissent eum.* Matt. c. 27. v. 18 E neste caso dispoem o Direito, que seja nullo todo o processo, não valendo a deposiçam das testemunhas para prova em esta causa. Assim está expresso no *Cap.* 10. *de Accusationibus.* Não se deve logo executar a sua sentença, pois não faz prova contra o bom Iesus o teu processo. Examina bem as razoẽs dos embargos, pois para não perder a vida o Filho de Deos com tam afrontosa morte, tem o seu fundamento no Direito, cujas resoluçoens devem ser o teu Texto, para annullar a tua sentença. E se este principio não basta, para se defender do bom Iesus a sua causa: eu te formo novos embargos, para que não cõdenes como Reo a mesma innocencia. Quando ao Iuiz he publica a innocencia do accusado, he disposição de Direito, que o não condene o Iuiz. Porque muitas vezes mais val, que se livre o culpado, do que se condene ao inno-

innocente. Assim està determinado na *Ley Absentem, ff. de pœnis.* Deves logo retratar a tua sentença, pois confessas, que não achas no bom Iesus causa de morte: *Nullam causam mortis invenio in eo.* E vendoo tão accusado, ainda o publicas por innocente: *Innocens ego sum à sanguine justi hujus.* Mas ah meu Deos, que não sey, não sey se melhor seria em a vossa causa não querer provar a vossa innocencia, lançando embargos à vossa morte; pois ainda assim se ha de executar a vossa sentença; & com tyrannia tão barbara, que jà por ultimo Acordão, vos mãdão caminhar para o Calvario: & com tão grande semrazão, que não só querẽ, que percais a vida; mas que tambem leveis ás costas o instrumento da vossa morte, para vos ser mais penosa a jornada, & vos ficar mais sensivel o caminho. Mas já q̃ para vos não tirarem a vida, não saõ forçosos estes meus embargos, contra os instrumentos da vossa morte hey de formar embargos de nova razão; para ver se vos poupo as tyrannias, evitandovos serem os Iudéos os executores desta sentença, para teres algum alivio na vossa morte.

Ioan. c. 19. v. 6.

Matt. c. 27. v. 24.

172 He resoluçaõ de Direito na *L. Non e singulis ff. de regul. jur.* que se nam ha de commeter às partes a execução das sentenças, q̃ pertẽcem aos Magistrados. Logo ainda que profiras, Presidente injusto, contra a pessoa de Christo final sentença, não hão de ser os Iudéos os executores desta morte. Porque farám odiosas as Leys na tyrannia, com que hão de executar esta sentença. Porque como a sua vontade ha de ser o seu Texto, hão de exceder à tua sentença na execução tyranna do seu odio. Mas como para vòs, meu Deos, foi hoje o dia das vossas penas; para vos ser mais tyranna a vossa morte, não tem nenhum vigor estes embargos. E assim por ultimo Acordão, manda o Presidente Pilatos, que não sò principieis os vossos passos, para perderes em o Calvario a vos-

a vossa vida, por satisfaçam das minhas culpas: mas que os Iudéos vos dem a morte, sendo executores da vossa sentença. Contra todas as Leys vos condenão: mas como o amor vos formou a culpa, como o odio deu a sentença, & a misericordia fez hoje as partes da justiça, por isso haveis de morrer, não só com a maior afronta; mas tambem cõ a maior tyrannia.

173 Notificada ao Autor da vida a sentença de morte, fizerão dar ao bõ Iesus vinte & seis passos, atè ao lugar onde lhe puzerão os Iudéos a Cruz aos hombros. Atárão-lhe huma corda ao pescoço, firmárãolhe de novo a coroa de espinhos em a cabeça, & entre dous Ladroens o tirárão do Pretorio de Pilatos, fazendo objecto dos olhos, aquelle que só infundia lastimas ao coração. Grande espectaculo, diz Agustinho: *Grande spectaculum*: ver ao Filho de Deos assim afrontado, & vello de novo assim com as espinhas ferido. Ay meu bom Iesus desprezado, & quantos estragos fazem hoje na vossa cabeça os meus delictos, na barbaridade da vossa Coroa, & na afronta da vossa corda? Com cordas (dizieis vòs por Oseas) havieis de tirar ao vosso Povo da morte para a vida: *In funiculis Adam traham eos.* E hoje o vosso Povo cõ cordas vos leva da vida para a morte. Com cordas de amor, dizieis, que vos havieis de prender com os homens: *In funiculis charitatis.* E hoje os homens, com huma corda, que teceu o odio mais refinado, vos levão a rastos pelos pés das creaturas. Antigamente dizieis, que forão de honra as vossas cordas: *Funes ceciderunt mihi in præclaris.* E hoje não sei de q̃ vos possam servir, senão de afrõta as vossas cordas. Trocou o odio o fim das suas prizoens ao amor; porque se o amor vos prendéo para a hõra, hoje para afronta he que dá o odio a laçada. Mas deixo a consideraçam da vossa corda; porque me picão a novo sentimẽto as vossas espinhas. Ay meu Divino Io-

D. Aug. relat. a Sylv. tom. 5. hic.

Oseæ c. 11. v. 4.

Oseæ ibi.

nas, mais afflicto em a jornada do Calvario, do que elle em o caminho de Ninive em a sua tempestade. Porque se elle se vio coroado de espinhos, como dizem muitos Padres, foi em hum profundo mar de agua: mas vòs hoje coroado de espinhos vos vedes em hum mar de sangue. Hũa parabola propuzestes vòs, aonde dizieis, que a sementeira do trigo cahio entre as espinhas: *Cecidit inter spinas*. E se a sementeira era o Verbo de Deos: *Et semen est Verbum Dei*: hoje não se vem as espinhas debaixo do Verbo de Deos; antes o Verbo de Deos se vé debaixo das espinhas. Ay meu Jesus, & quanto mais vos penetrão essas barbaras espinhas, que vos coroão, do que as da çarça, que vos cercavão. Porque se na coroa vos picão, eu nam sey, q̃ na çarça vos ferissem. Divirto, meu Deos, o pensamento da pena que vos deram as vossas espinhas; porque me estála o coraçaõ com pena das vossas dores.

Luc. 8. v. 7. & 13.

Exod. c. 3. v. 2.

174 Assim afrontado, & ferido assim, começou o Filho de Deos a caminhar para o Calvario. Iá os Lavradores lãçaõ ao Filho unico do Senhor da vinha fóra della, para lhe darem a morte. Iá o melhor David com os pés descalços, & com as lagrimas nos olhos, principía a dar os seus passos para o monte das Oliveiras. Iá o melhor Moyses levãta a vara, para abrir para os seus passos o caminho no Mar Vermelho do seu sangue. Iá o melhor filho recebe o arco nas maõs para obedecer a seu pay. Iá o melhor Noé leva a arca a seus hombros, para nos livrar do maior naufragio. Iá o melhor Iacob sae com a sua escada, para nos facilitar ao Ceo a subida. Mas tam cançado com o pezado madeiro da sua Cruz, tam oprimido com o pezo das nossas culpas, que tendo o Filho de Deos em esta jornada caminhado com a sua Cruz às costas oitenta passos; cahio o Filho de Deos neste caminho. Grande fineza, Christaõs, & grande espectaculo, ver a Deos por terra

Matt. c. 21. v. 39.

2. Regũ c. 15. v. 30.

Exod. c. 14. v. 16.

Gen. c. 27. v. 3.

Gen. c. 7. v. 1.

Gen. c. 28. v. 12.

terra debaixo dos nossos pès para remediar as nossas culpas. Não sendo esta a primeira acção de Christo nestes seus passos, parece que foi a primeira fineza de Christo nesta jornada. *Primum*, dizia S. Paulo, *Primum descendit in inferiores partes terræ.* Foi a fineza de Christo tão grande, que primeiro descéo às partes inferiores da terra. E porq̃ nam seria sobre a parte superior da terra a primeira descida? Notai. No mundo ha terra inferior, & terra superior: a terra superior he o homem; a terra inferior he a terra, a quem os homens pizaõ com os seus pés: pois o pôrse Deos aos pès dos homẽs, diz Sam Paulo, essa foi a primeira fineza de Christo em seus dolorosos passos: *Primum descendit in inferiores partes terræ.*

Ad Ephes. c. 4. v. 9.

175 E pois, meu Deos, o pôresvos aos pés dos homens, he a primeira fineza do vosso amor nesta vossa jornada? Sim. Porque Christo queria remediar com os seus passos as nossas culpas. E para que nòs cahissemos em nòs, para emendar os nossos peccados, cahe hoje o Filho de Deos aos nossos pés. A pedra de Nabuco em a jornada que fez, pozse aos pès da Estatua para a derribar: *Percussit statuam in pedibus.* A Pedra era Deos, a Estatua era Nabuco, a descida era a jornada para o remedio. E quando Deos caminha a destruir o peccado, a primeira disposiçam he pôrse aos pés das estatuas das creaturas. Quiz Deos reduzir a Iudas o seu coraçaõ endurecido: & para derribar a estatua do seu delito, lá lhe foi buscar aos pès, diz Santo Athanasio: *Cor Christi palpitabat ad pedes Iudæ.* Ah Christaõs, & quantas vezes cahio Deos aos vossos pés nestes seus passos, para arruinar a estatua das vossas culpas: & sem acabares com os vossos peccados, ainda tendes em pé a estatua dos vossos vicios. Cahe o Filho de Deos em esta sua lastimosa jornada aos pés dos amantes, para que como pedra arruine a estatua do seu amor: & a esta-

Daniel. c. 2. v. 34.

estatua fica em pé, & Christo cahido aos pés da estatua. Cahe o Filho de Deos em este seu triste caminho aos pés do soberbo, para que como pedra postre a estatua da sua soberba: a estatua fica em pé; & Christo derribado aos pès da estatua. Cahe Christo em estes seus dolorosos passos aos pés de hum ambicioso; para que como pedra reduza a cinzas a estatua da sua ambição. A estatua fica entronizada, & Christo aos pés da estatua, & no pó envolto. E naõ vos confundis de ter a Deos cahido aos vossos pès, para remediares as vossas culpas, sem emendardes aos vossos peccados. Ou isto he ser loucos, ou he ser nescios? Lá antigamente desceo Deos, mas foi para levãtar o pó do homem: & hoje o pó do homem lança a Deos pela terra, para o pizarem os pés das creaturas.

Gen. c. 2 v. 7.

176 Assim opprimido, & assim cançado hia o Filho de Deos neste caminho, destituido de todo o alivio, & orfaõ de toda a consolaçam. Sentiase a Esposa, de que atraveçando todas as ruas de Ierusalem, não podéra encontrar ao seu amado: *Quesivi illum, & non inveni.* Mas ay, que hoje se podéra queixar o amante, de que atraveçando todas as ruas da Cidade, não pudesse achar a sua Esposa, para lhe fazer companhia ás suas ancias, & cõ a sua vista aliviarlhe as suas penas. Lastimavase lá antigamente a Esposa, de que perguntãdo em todas as ruas de Ierusalem pelo seu amante, ninguem lhe désse razão de seu Esposo: *Num quem diligit anima mea vidistis?* E hoje pudéra em o amante ser mais arrezoado o sentimẽto; pois perguntãdo com tantas boças, quantas erão ás suas feridas, em as ruas de Ierusalem pela sua Esposa, não achou della alguma noticia. Pedia a Esposa antigamente, que levassem ao seu Esposo as novas do grande tormento, a que em Ierusalem a tinha condenado o seu affecto: *Ut nuncietis ei, quia amore langueo.* E hoje podia pedir o Esposo à nossa piedade, que

Cant. c. 3. v. 2.

Cant. vbi sup. v. 4.

Cant. c. 5. v. 8.

que levassemos as novas à sua triste, & desconsolada Mãy, do grande tormento a ć em Ierusalem o tinha condenado o nosso odio. Mas como o amor da Mãy foi para o Filho tam excessivo, sendo esta a occasião de suas magoas, não lhe faltou com a companhia às suas ancias. Porque tẽdo noticia da sentença, com que Pilatos condenára ao bom Iesus, o veyo buscar ao caminho; para lhe dar os ultimos abraços, & com elles as ultimas despedidas.

177 Ah Senhora aonde hides, & para onde caminhais? Se a ver o vosso Sol? Oh que he já tarde; pois vai junto do occaso da morte, fugindo do berço da vida. E arriscase o vosso amor a que encontrando por essas ruas ao vosso amado, conhecendo só o vosso coração pelos affectos, o desconheção pelos finaes os vossos olhos: & que à primeira voz da trombeta, fazendo ecco em a vossa Alma, vos parta o coração com a vossa pena, & vos atravesse a Alma com a vossa ancia. Vede, Senhora, ć em tão lastimoso estado como está o vosso Filho, a vossa presença he para elle aguda setta, se para vós cruel espada. Ou he espada de dous gumes, que vos fere a vós, & corta por elle; pois o veremno os vossos olhos tão lastimado, he para a sua Alma a maior dor; se para o vosso coração he a maior pena. Lá se queixava pela boca de David, & affirmava, que a dor, que mais o ferira, foram os tormentos, que na madrugada recebéra: *Flagellatus fui tota die, & castigatio mea in matutinis.* (Ps. 72. v. 14.) Porque como vòs sois a Estrella da madrugada: *Stella matutina:* (Ex Litan. Eccles.) verse o vosso Iesus à vossa vista magoado, oh que aqui esteve o seu tormento, & aqui consistio o seu martyrio. Os contrarios intendemse hum à vista do outro. E como o vosso coração querendo as penas, he contrario ao do vosso Filho, porque está hoje avarento das dores. Oh como se ha de hoje intender hum coração à vista do outro coração. Oh como se ha de

de levantar no coração do vosso Filho nova tempestade de dores, quando o vosso coração quizer repartir as penas! Duas citharas igualmente temperadas, dizem os Philosophos, que a penna, que toca a huma, fere a outra. E para que quereis, Senhora, que em igual distancia, a pena, que fere ao Filho, vos corte a vòs. Para evitares logo no vosso Filho os sentimentos, & no vosso coração as amarguras, retiraivos, Virgem Santissima, à vossa casa. Porque està arriscado, que parando hoje em Ierusalem o Sol à vista da Lua, fiquem hoje ambos eclipsados; porque sem duvida ficaràm hoje ambos mortos.

Iosue 10 v. 13.

178 Sahio a Senhora da sua casa, para se encontrar com o seu Filho neste caminho, & a breves passos ouvio as vozes dos ministros da tyrannia, & os eccos da trombeta, que publicavão a maior crueldade, convidando os olhos para a semrazão mais excessiva. E sendo para nòs de paz o seu ecco, tocou a guerra ao coração de Maria a sua voz; pois desafiando a sua Alma para as dores, lhe entrou em o coraçam hum tropel de ancias. Ah muros de Iericó arruinados à vista da Arca, & à voz de huma trombeta! E quem vos dissera a vòs, que havia de haver tempo, em que à voz da trombeta, com que caistes, se havia de ver quasi arruinada a melhor Arca? Oh Arca, que não podestes cahir aos balanços de hum carro, & te pozestes quasi em ruina cõ a voz de huma trõbeta! Oh vara, que ao som da guerra abristes os mares, para livrar ao Povo, & hoje ao som de huma trombeta abres os mares, para te sepultar a ti na morte. Contra a pessoa de Christo retumbavão as vozes na trombeta; mas contra o coração de Maria fazia a trõbeta ecco no coração da Senhora. Contra David lãçou Saul a lança; mas lá foi pregarse na parede. Contra Christo erão os clamores; mas lá forão em a parede do coração da Senhora fazer ecco os tormentos. Contra Io-

Iosue c. 6. v. 5.

2. Reg. c. 6. v. 6

Exod. c. 14. v. 16.

1. Reg. c. 19. v. 10.

1. Regũ c.2.v.33

Ionathas lançou Saul a lâça; mas daqui entendéo Ionathas, que a David predefinio Saul a morte. Contra Christo deu Pilatos a sentença; mas contra a Mãy foi o processo: & assim foi na verdade; porque tendo Christo dado mais sessenta passos em esta jornada em a rua d'Amargura, avistou a Senhora ao seu Sol; mas jà tão tarde, que hia amortecido, & tão trocado do que antes fora, que jà hia todo cuberto das pardas sombras da morte: & tam junto do seu occaso, que já hia sepultado no Mar Vermelho do seu sangue. Vio a Senhora ao seu Filho: & foi a tempo, em que tinha dado segunda queda. E para que lhe fosse menos penosa, o tomou em os seus braços, para lhe dar algum alivio ao seu tormento. Vio ao seu Filho caido por terra, & a sy sem forças para o levantar. Vio a seu Filho aberto em chagas, & a sy, sem lhe poder atar as feridas. Vio ao seu Filho banhado em sangue, & a sy sem o poder alimpar. E cô elle assim cahido em seus braços contempla a piedade, que lhe diria a Senhora.

179 Ay Filho do meu coração, que se nòs fizeramos troca dos martyrios, dãdome a vossa Cruz para os meus hombros, nunca vos forão os vossos passos tão penosos, que cahis por terra desfallecido com o pezo da vossa Cruz. Se o vosso amor nos fez a ambos hũa só cousa, não vamos ambos a morrer por partes, caminhemos ambos para as penas. Porque em quanto me magoarem a mim, vos não maltratarâm a vòs. Queixoso està contra vòs o meu affecto; pois para vòs tomastes hoje todas as penas, sem repartires comigo as vossas dores. Morramos hoje ambos, Filho meu, vòs à força do vosso amor, & eu à tyrannia da vossa Cruz. E que differente vos tive eu nos meus braços na Lapinha de Bellem, do que hoje vos tenho nelles em a rua da Amargura. Então ouvi os vossos louvores, hoje ouço as vossas blasfemias. Entam se apregoavam as vossas glorias, hoje se apregoam as vossas afrontas. Entam vos vi adorado dos Reys,

Luc. c.2 v.3.

Matt. c. 2.v.11.

hoje vos vejo efcarnecido dos Iudéos. Então vos vi alegre com o voſſo naſcimẽto, hoje vos vejo trifte com a voſſa morte. Então vos vi no voſſo Oriente, hoje vos choro no voſso Occaſo. Então vos recebi em os meus braços com o maior gofto, hoje vos tenho nelles com a maior pena. Então podieis dar mate à propria neve, hoje pódes em confuzão a meſma ſombra. Então vi aos voſsos olhos banhados em lagrimas, hoje vejo aos voſſos olhos afogados em ſangue. Mas humas perolas de tanto cuſto ſó ſe podião trocar por huns rubins de tanto preço. Antigamente vos cõvidei eu a vòs, para que ſahiſsemos ao campo a colher os lirios: & vòs convidandome hoje a mim, para que ſaia ao campo comvoſco, colho ſó as eſpadanas de tanto ſangue, quãtas ſaõ as voſſas feridas. No campo vi eu ſempre as eſpadanas debaixo do lirio: mas ay! que hoje ſobre vòs, o melhor lirio, vejo eu as eſpadanas do voſſo ſangue. No campo debaixo da Roſa he que ſe vẽ as eſpinhas: mas ay! que aſſim vos trocáram hoje os homens, que ſobre a voſsa cabeça, que he a melhor roſa, puzeram as mais penetrantes eſpinhas. Antigamente vos convidava eu, para que ſahiſsemos a colher as maçaãs em o campo, & hoje que a voſsa laſtima me convida a colher no campo os frutos das voſsas penas, colho ſó rigores de eſpada, que me ferem a Alma com os ſeus golpes, & me partem o coração com as ſuas feridas. Ay Filho meu! & como na voſſa laſtimoſa viſta bebem os meus olhos eſpadas de dous cortes, que me ferem o coração, & me treſpaſsaõ a Alma; pois vos vejo abraçado com eſsa Cruz, ſem tresladares para os meus hombros eſse madeiro. Mas eu me hey de abraçar comvoſco, ou para q̃ vamos ambos unidos para o Calvario, ou para que ſe tresladem para mim as voſſas dores. E quando a vòs vos crucifique o odio por tyrannia, a mim me crucifique o amor por compaixão.

Cant. c. 6. v. 11.

Cant. c. 6. v. 11.

Mais

Mais quizera dizer a afflicta, & desconsolada Senhora: mas temendo os Iudéos, que ambos alli morressem com a grandeza da sua pena, & cõ o excesso da sua magoa, arrãcárão o Filho dos braços da Mãy, para o levarem para o Calvario com a maior pressa, aonde lhe tinhão aparelhado a morte com a maior tyrannia.

180 Levantado o Senhor da terra, & apartado dos braços de sua Máy santissima, continuou a sua jornada, fazendolhe o pezo da Cruz mais cruel o seu caminho. Porque hia o Filho de Deos tam desfalecido, que para que não désse terceira queda, foi necessario, que os mesmos inimigos lhe quizessem diminuir as penas, querẽdolhe aliviar as dores. E tendo dado mais setenta & hum passo neste caminho, presumindo, que antes de chegar ao Calvario perdesse a vida nesta jornada, lhe ajũtàraõ Simaõ Cyrenéo; para que repartindo se o pezo, ficasse a Cruz mais tolerada: Cõ tres dedos sustẽta Deos, sem cançar, ao mundo todo. *Tribus digitis apprẽhẽdit molem terræ*: diz o Propheta Isaias. E com dous hombros mostra Deos, que nam pòde sustentar a hũ madeiro. Mas como nelle hiaõ os nossos peccados: *Portavit peccata nostra super lignum*: por isso vai Deos tam opprimido, q̃ se vé em os seus passos sobre tam desfalecido, tam cançado. Nam o cança o caminho, cançao o pezo. Dizem os Philosophos, que os elementos nam gravitam em o seu centro; porque só fóra do seu centro he que gravitam os elementos. Os nossos peccados hiaõ em Christo fóra do seu centro, & por isso pezáraõ com tanto excesso, que nam só deraõ com elle por terra varias vezes neste caminho, mas obrigàram a que enfraquecendolhe as forças, buscasse com quem repartisse o pezo. Oh como pezaõ a Deos os nossos peccados; pois saõ os nossos peccados, o de que a Deos mais lhe pesa. Saõ para Deos o maior pezo, porque lhe servẽ a Deos de maior pesar.

Isai. c. 40. v. 12

D. Petr. Epist. 1. c. 2. v. 24.

Nòs

Nòs somos, diz Ieremias, o pezo de Deos: *Vos onus Dei estis:* mas diz, que nos ha de lançar dos hombros: *Projiciam quippe vos.* Porque naõ podendo Deos com tanto pezo, nós lhe multiplicamos mais culpas, para apurar mais a Deos as forças. E nam tememos, que lançandonos Deos das suas costas, nos nam queira mais tomar aos hombros? Grande cegueira! Nam tememos, que opprimido do nosso pezo, dé por terra comnosco, opprimido dos nossos peccados? Grande doudice! Tomemos nòs com hum hombro o pezo àquella Cruz, para ver o como carregaõ as nossas culpas. Que se nòs tomarmos o pezo aos nossos peccados, oh como nos haviaõ de pezar os nossos delictos. Mas por isso nam temos nenhum pesar dos nossos delictos, porque lhe não tomamos o pezo às nossas culpas.

Ierem. c. 23 v. 33.

181 Foi o Senhor continuando o seu caminho, & multiplicando aos seus passos, para de todo se avisinhar à sua morte, & para chegar de todo, como Sol, ao seu Occaso; mas tam enfraquecido, & tam lastimoso, que despertava ao mesmo odio para a commiseraçaõ de suas penas; pois hiaõ os seus olhos afogados em hum mar de sangue, levando seu divino rosto jà nam como espelho sem macula, mas com tantas nodoas, quantas foraõ as suas bofetadas. Espelho quebrado em tantas partes, quantos eram os golpes das nossas culpas. Espelho escurecido com tantas sombras, quantos foram os nossos peccados. Espelho manchado cõ tãtas descortezias, quãtos foram os nossos atrevimentos. Espelho estragado com tantas fealdades, quantos foram os nossos vicios; pois o pó, que com o concurso da gente, & com barbaro atrevimento lhe tinha subido ao seu rosto, com o sangue, que corria dos seus golpes, lhe offendiaõ a sua belleza, eclipsandolhe a sua fermosura, com as pardas sombras da sua morte. E assim tendo neste seu triste caminho dado mais cento & noventa & hũ passos,

Sap. c. 7. v. 26.

passos, compadecida de tanta lastima chegou aquella pia, & devota mulher, a quẽ o successo deu o nome de Veronica, a alimparlhe o rosto com huma toalha. E sendo a tinta o seu sangue, os pinceis as suas feridas, o pintor o seu affecto, lhe deixou Christo impresso em aquelle pano ao seu rosto. Ah Senhor, que já nam poderei dizer com David: *Avertisti faciem tuam à me:* que apartastes de mim o vosso rosto. Porque so poderei dizer cõ Iob, que puzestes nessa toalha diante dos meus olhos a vossa imagem: *Imago coram oculis meis.* Nam poderei dizer com Micheas, que nos escõdestes a vossa face: *Abscondisti faciem tuam ab eis:* pois só poderei dizer com Isaias, que nam apartastes de nós o vosso rosto: *Faciem meam non averti ab eis.* Naõ poderei dizer cõ Ionas, que fujo do vosso rosto: *Ut fugeret à faciẽ Domini?* pois só poderei perguntar com David, para onde fugirei da vossa face? *Quò à facie tua fugiam?* Iá parece, que me não podereis dizer, como a Moyses, que nam posso ver a vossa face: *Faciem meam videre non potes.* Porque só parece, que me podeis dizer cõ David, que olhe para o vosso rosto: *Respice in faciem Christi tui.* Ah meu Deos, que ja hoje nam vos posso perguntar, como Iob, porque causa escondeis o vosso rosto: *Cur faciem tuam abscondis?* Porque parece, que me respondeis com Ieremias, que sempre hey de estar à vista da vossa face: *Ante faciem meam stabis.* Jà hoje parece, que nãõ podeis dizer ao vosso Povo por Moyses, que havia de haver dia, em que lhe havieis de esconder a vossa face: *Celabo faciem meam in die illa.* Porque só podeis dizer com Ieremias, que hoje he o dia, em que do vosso Povo se nam hade apartar o vosso rosto: *Non avertam faciem meam à vobis.* Oh Senhor, & se se comprisse hoje outra vez em Ierusalem aquillo que muito de antes celebrava David, de que á vista do vosso rosto, se havia de mover a terra: *A facie*

Psal. 29. v. 8

Iob c. 4. v. 16.

Mich. c. 3. v. 4.

Isai. c. 50. v. 6.

Ion. c. 1. v. 3.

Ps. 138. v. 7.

Exod. c. 33. v. 23

Psal. 83. v. 10.

Iob. c. 13. v. 24.

Ierem. c. 15. v. 19.

Deut. c. 31. v. 18.

Ierem. c. 3. v. 12.

Ps. 113. v. 7.

Domini mota est terra: para que à vista da vossa face se movesse o nosso coraçam. Ah Senhor, & se se cumprisse hoje de novo, o que Isaias affirmava, que havia de succeder à vista da vossa face, que se haviaõ de mover os montes à vista do vosso retrato? *A facie tua montes defluxerunt*: para que á vista da vossa Imagem fossemos montes; como dizia o Propheta rustico, que nos doessemos das vossas penas, à vista do vosso retrato: *Viderunt te, & doluerunt montes*. E que ficando, Senhor, a vossa Imagem em essa toalha, havemos de ser nòs taes, que nam nos commovendo as vossas dores, havemos de passar sem nenhum sentiméto pela vossa Imagem: *In imagine pertransit homo?* Grande semrazam da nossa insensibilidade! Lavemos com as nossas lagrimas o sangue, com que està esculpido aquelle retrato. Vejamonos bem naquelle espelho, & emendemos os nossos defeitos à vista daquelle retrato. Oh quanto temos alli que ver! E quanto temos alli, q̃ emendar! Quanto temos que emendar em nós! E quanto temos que ver em elle! Nelle veremos os effeitos da nossa tyrannia, & emendaremos em nós as nossas culpas. Que se ellas nam foram tam excessivas, nunca o rosto de Deos estivera tam lastimado, que trocandolhe as feiçoens, poz em as sombras da morte, ao Autor da mesma vida. E já que o nosso sentimento, nam corresponde ao excesso, que nos pede huma vista tam lastimosa, seja o silencio o interprete da nossa magoa, por nam diminuir na nossa pena: *Silete à facie Domini*.

Isai. c. 64. v. 3.

Isai. c. 4. v. 3.

Abac. c. 3. v. 10.

Psal. 83. v. 7.

Soph. c. 1. v. 7.

182 Como jà ao Sol se lhe hia acabando o seu movimento, lhe foram seus inimigos apressando os passos, para chegarem com maior pressa ao seu occaso; porque temiaõ, que o dia acabasse primeiro, que elle em o Calvario morresse. Viaõ que quanto mais pizava do seu sangue, tanto mais se punha em sagrado nesta jornada: & assim o levàraõ com a maior

ty-

tyrannia, para que nam ouvesse impedimento à execuçam da sua morte. E tendo o Filho de Deos dado mais trezentos & trinta & seis passos neste caminho, chegáraõ à Porta Judiciaria, que ficava sendo a ultima parte da Cidade: donde o levàram com toda a pressa, para que se nam commovesse o Povo à vista de tanta lastima. Oh ingrata Cidade, pois lanças de ti ao melhor Naboth, para morrer em o campo com a morte mais tyranna, depois de te fazer o maior beneficio. Mais ingrata es para o bom Iesus, do que a Cidade de Gaza para Samsaõ; pois tẽdo esta as portas abertas para elle entrar, & fechadas para elle sahir: tu as tens abertas para o Filho de Deos sahir, & fechadas para elle entrar. Mais ingrata es para o Filho de Deos, do que a Cidade de Iericó; porque tendo seus exploradores impedimento para sahir, só para entrar naõ tiveram impedimento: & tu impedeslhe o entrar, & só lhe facilitas o sahir. Nam vos vereis hoje, meu Deos, à Porta Iudiciaria, como vos vio à outra porta o Propheta Ezechiel, como Princepe sentado comendo o paõ, para satisfazer à vossa fome; mas matando a vossa sede cõ as lagrimas dos vossos olhos, he que vos vereis em esta porta. Nam vos vereis em esta porta sentado em throno, como vos introduz Salamam: *Nobilis vir ejus, cum sederit in porta*: mas vervosheis outra vez em esta porta, com o pezo dos nossos peccados cahido por terra. Naõ vos vereis á porta sentado em throno com os Senadores, para mandar: *Cum sederit cum Senatoribus terræ*: mas vervosheis entre os Iudèos à porta, para lhe obedeceres, quando vos querem matar. A porta do Iuizo mãdaveis vós, que se puzessem os filhos, que nam dessem ouvidos aos pays, para ahi morrerem em castigo da sua culpa: *Ducent ad portam Iudicij, & morietur*. E hoje sendo os filhos os que nam ouvem a voz do Pay, vos trazem a vòs à Porta Iudiciaria, para ahi vos darem a morte, tiran-

3.Reg. c.21. v. 13.

Iudic.c. 16.v.1.

Iosf. 2. v.3.

Prov. c. 31.v.13

Prov. ibid.

Deutor. c.21.v. 19.

tirandovos no Calvario a vida. Nesta porta, meu Deos, vos nam vereis como Absalaõ furtar os coraçoēs à porta de Ierusalem: *Sollicitabat:* ou como lem outros: *Furabatur corda virorum.* Porque às portas de Ierusalem haveis de cahir por terra, nam achando agasalho em os coraçoens dos homens. Ahi ficareis pizado dos pés das creaturas; porque para vos desterrarem do seu coraçam, vos lançam fóra da Cidade. E o peior he, Senhor, que nam nos roubando aos coraçoens na porta, nesta porta vos haõ de formar a culpa do latrocinio, só pelo intento que tivestes deste furto. Oh meu Deos, como me parece, supposto que com diverso fim, ouvis hoje em esta porta, o que já antigamente ouvistes em esta Cidade. Antigamente vos dizia a Esposa, que fugisseis para os mōtes: *Fuge dilecte mi*; hoje tābem vos mandaõ fugir para os montes, deixando a Cidade. Mas entam, o empenho era fineza, porque queria a Esposa, que para vos buscar fossem seus os passos deste caminho: *Dic mihi, ubi cubas, ubi pascas:* & hoje querem que vos ausenteis, sendo este retiro à custa dos vossos passos. Entam a fugida havia de ser para o monte, para experimētares o maior alivio: *Super montes Bethel:* & hoje a fugida ha de ser para o monte, para experimētares o maior tormento. Entam havia de ser a fugida para vir: & hoje quer Ierusalem, que seja a ida para nam voltar. Porque assim se quer ver sem vòs, que para vos nam ver mais ao vosso rosto, vos quer tirar em o monte a vossa vida. As acçoens da morte correspondem às acçoens da vida. No vosso nascimento nam achastes quem em a Cidade de Bellem vos recebesse: & hoje em Ierusalem nam achais quem da Cidade vos nam lance. Differente despedida, meu Deos, fez Paulo de outra Cidade, do que vòs fazeis de Ierusalem em este dia. Porque dizendo o Apostolo, que o nam haviaõ de ver mais naquella Cidade; causou aos mo-

2. Regū c. 15. v. 6

Cant. c. 8. v. 14.

Cant. c. 1. v. 6.

Cant. c. 8. v. 14.

Luc. 2. v. 8.

moradores tam grande pena, que chorárão todos copiosas lagrimas: *Magnus autem fletus factus est: dolentes maxime in verbo, quod amplius faciem ejus non eßent visuri*: & hoje he excessiva a alegria, com que vos lançam; so seria grande a magoa com que vos recebessem. Mas como haviam de ser os vossos passos tam dolorosos, se nam achasseis tam ingrata correspondencia. Todos quando Paulo sahio pela porta daquella Cidade, o abraçàram, para o deter: & a vòs em esta porta todos vos arrastaõ pelas pedras com a maior tyrannia, para vos lançarem fóra da Cidade com a maior pressa. Mas huma jornada tam lastimosa naõ pedia menor semrazam, para o seu caminho ser em tudo o mais barbaro; pois era para Deos tam deshumano.

Acta Apost. c. 20. v. 37.

183 Chegando o Filho de Deos ao ultimo termo de seus dolorosos passos, baliza do primeiro caminho em q̃ se termina a sua jornada, estando distante da Cidade trezentos & quarenta & seis passos, encontrouse com humas mulheres, que compadecidas das suas penas choravaõ sobre o Senhor muitas lagrimas; pois hia o bom Iesus em tal estado, que movia a compaixam as mesmas pedras. Choravaõ com copiosas lagrimas os largos rios de sangue, que corriaõ de seu sacratissimo Corpo. Choravaõ as duras cordas, cõ que hia prezo, & as crueis feridas com que hia trespassado; pois hia tam lastimoso, que despertava à magoa mais penetrante ao coraçam mais endurecido. Oh se a nòs nos fosse commum o seu sentimento, assim como nos he commum o motivo de sua commiseraçam! Oh se foramos assim companheiros das suas lagrimas, como somos companheiros dos seus passos; pois nam devemos ser mais duros, nem Christo està hoje menos lastimado, do q̃ então hia ferido: pois renovando hoje o seu caminho, trazemos à memoria os seus passos. E se as lastimas referidas vos nam fazem em pedaços os coraçoens, porque

as minhas vozes nam despertáraó o vosso letargo, ouvi os eccos daquella trombeta, que se toca neste caminho, para que fazendo ecco em o vosso coraçam, dé a vossa lastima demonstraçoés da sua pena. Mas ay, que a trombeta, que hoje se toca, leva differente fim em o seu ecco. No dia do Iuizo ha de hũa trombeta chamar aos mortaes para ouvirem a sua sentença: & hoje quem vos disse a vòs, que o ecco daquella trombeta, com que o Filho de Deos sahe pelas ruas de Ierusalem, que nam he huma trombeta, q̃ vos chama para o Iuizo mais rigoroso. Hoje chamanos a trombeta, para que nòs os culpados ouçamos a sentença do innocente. E quem vos disse a vós, que nos naó chame, como a culpados, para ouvirmos a nossa sentença. Peccador cego, vemme dar conta do meu sangue, que derramey pela tua Alma. Dáme conta dos meus Sacramẽtos, que instituí para o teu remedio. Dáme cõta das minhas dores, que padeci pelos teus regalos. Dáme conta das minhas lagrimas, já que te nam aproveitáraó para a tua refórma. Hoje corro a Cidade, só para te pedir esta conta, & para entrar comtigo neste Iuizo. Acode à voz da minha trombeta, nam jà para curar as tuas chagas; mas para dar cõta das minhas feridas: pois te nam remediastes cõ as minhas dores. Assim bebestes o sangue, q̃ por ti derramey, como se fosse agua para o teu regalo; & não medicina para a tua cura. Assim zombastes das minhas chagas, como se por ti nam padecesse eu a dor de tantas feridas.

D Paul. 1. ad Corint. c. 15. v. 52

184 Oh homens ingratos, & que reposta tendes q̃ dar a tão justificadas queixas, & a tam arrezoadas vozes? E que ha de ser de nós em tão estreita conta? E que remedio havemos de ter em tam rigoroso Iuizo, se nada nos aproveitàráo do nosso bom Iesus os seus excessos? Que remedio? O pegarmonos à sua Cruz: o atarmonos com a sua corda: o trespassarmonos com as suas espinhas:

nhas: o banharmonos em o seu sangue: o pôrlhe aos seus pès os nossos coraçoens: & o appellarmos de vós, meu Deos, justo, para vós misericordioso.

185 Senhor, todos nos confessamos culpados, mas como vòs sois o Pay piadoso, mais ha de poder comvosco a bondade do Pay, do que a ignorancia dos filhos. Meu Deos, aqui estamos aos vossos pès, & tam sentidos por naõ acudirmos às vossas vozes, que aqui estaõ os nossos hombros para a vossa Cruz. Porque se a vòs vola puzeram por erro, a nós se nos deve por justiça. Aqui está a nossa cabeça para as vossas espinhas: que se nós fomos os culpados, nam he bem, que em cabeça alheia vejamos os castigos. Aqui está a nossa garganta para a vossa corda: porque como nós fomos os delinquentes, nòs devemos ser os castigados. Façamos as pazes, meu Deos. Seja o vosso Sangue a tinta, com que se escrevaõ os contratos, que havemos de guardar neste concerto, que nòs estamos prezos à vossa corda, para nos dares os castigos, que merecem os nossos peccados, se faltarmos ao que vos prometemos neste pacto. Ay meu Iesus, & como nos pesa de vos haver oprimido. E quẽ antes morrèra, do que assim vos maltratàra. Aqui estamos rendidos aos vossos pés. Mas oh que tarde, meu Deos. Mas se mais val tarde que nunca, jà que conhecemos o erro tam tarde, he para nos nam apartarmos dos vossos pès, & pegados com a vossa Cruz, & prezos com a vossa Corda, diremos todos com Iacob, q̃ vos nam havemos de largar, em quanto nos nam lançares a bençam. E sô para vos naõ largarmos dos braços, folgaramos, que nos nam lançareis a benção. E em ultima resolução, Senhor, ou bençaõ, ou braços.

Gen. 32. v. 26.

SERMAM DO ESPIRITO SANTO,

PREGADO

Na Miſericordia da Cidade de Lisboa: ſendo Provedor o Conde de Villar Maior.

Neſte dia ſe principiou a Viſita Géral. Em o Anno de 1681.

Ille vos docebit omnia. Ioann. 14.

186

Rande dia amanheceu hoje para todo o mundo; mas cõ maior eſpecialidade amanheceu hoje para a Miſericordia o maior dia. Amanheceu hoje para todo o mũdo aquelle ditoſo dia, de que dependérão as noſſas felicidades, pois para deſterrar do noſſo coração aquelle grande tormento, com que o Filho de Deos nos deixàra na ſua partida, deſce hoje o Eſpirito Santo ſobre a terra entre chuveiros de fogo, que abra-

abrazão, & entre suavidades de vento, que recreão. Mas com maior especialidade amanheceu hoje para a Misericordia o maior dia: porque para lhe dar os seus dictames para o seu governo, com o titulo de Provedor, se empenha hoje o Espirito Sãto em a sua jornada, vindo à Misericordia a fazer huma visita, entre chamas: que se para o abrazar o prendião, tambem vinha entre vento, que para lhe apressar os passos se empenhava com maior impulso para o fazer descer cõ maior pressa: *Veni Pater pauperũ. Mentes tuorum visita.* Mas notey eu, que não só o fogo foi lustroso throno da sua Magestade, & o vento a põposa carroça, que escolheu para a sua vinda (porque se a charidade em fogo o fazia arder, a Misericordia o obrigava nas pressas de vento a vir) mas sim, que vindo o Espirito Santo em fogo appareceu rodeado de linguas: *Dispertitæ linguæ*. Que quãto mais o amor se empenha em os excessos, em que se abraza, tanto mais se apura no acerto com que discorre, & na propriedade cõ que falla. Nunca se germanàrão bem acertos na lingua para o fallar, com faltas de fogo em o coração para o arder. Porque os fumos, que nascem do amor, não saõ fumos, que subindo ao amante á cabeça, sejão nuvem, que lhe embarguem o juizo: saõ sim luz cõ que apurandoselhe o entendimento para discorrer, mostre na lingua o acerto com q̃ pòde discursar.

Ex Ecclef.

187 He a natureza do fogo subir, mas contra as razoens da natureza do fogo, vemos descer em fogo ao Espirito Sãto neste dia. Porque se a natureza lhe embargava a vinda, o officio de Provedor: *Pater pauperum:* lhe facilitava o caminho para correr na descida como vento, jâ que se abrazava na jornada como fogo. He o Espirito Santo Provedor da Misericordia: que este he o epiteto com que a Igreja o intitula: *Veni Pater pauperum:* & na jornada, que hoje fez, ordenou huma visita geral: *Mentes tuorum visita.*

Que tem com a Misericordia humana tanta correspondencia este Provedor Divino, q̃ vendo fazer em estes dias em a terra huma visita à Misericordia dos homens, desce elle hoje a fazer outra visita. E pàra que se visse a propriedade, com que a visita dispunha, tomou hoje o Espirito Santo à Misericordia humana todos os officios, em que se reparte. Sinco saõ as classes, em que a Misericordia divide aos seus officios: Provedor, Escrivão, Visitador, Recebedor das esmollas, & Mordomo dos prezos. Estes officios, que em diversas pessoas se repartem, todos hoje no Espirito Sãto se unirão. Porque foi Provedor: *Veni Pater pauperum.* Foi Escrivão. Porque se o Espirito Sãto he o dedo de Deos: *Digitus paternæ dexteræ:* a Deos jà se vio escrever com o seu dedo: *Digito scribebat in terra* Foi Recebedor das esmollas. Porque de Deos recebéo todos os seus dons, para nolos cõmunicar: *Dividens singulis prout vult.* Foi Mordomo dos prezos: pois estando hoje os Discipulos em huã casa, lhe abrio o Espirito Santo a porta, para que sahissem, mandandoos prégar por todo o mundo: *Replevit totam domum.* E como entre o Divino Espirito ha tão primorosa correspondencia com a Misericordia humana: que muito desça hoje o Provedor Divino a fazer huma visita, em tempo que em outra visita se occupa da Misericordia humana o Provedor da terra. E como ambos em huma visita se empregão; hum tem à sua conta o aprender, que he o Provedor humano; o outro tem à sua conta o ensinar, q̃ he o Provedor Divino: *Ille vos docebit.* Hum guarda a sua visita para estes dias para aprender; o outro reserva a sua visita para estes dias para ensinar. E agora alcanço eu a razão, porque a Mesa da Misericordia guarda para este tempo a sua visita, para remediar nella aos pobres as suas miserias. Porque como até agora lhe faltavão os dictames para os seus acertos, porque ainda o Mestre não des-

Ex Eccles.

Ioan. 8. v. 6.

deſcêra , para lhe enſinar o modo,com que devião fazer a Viſita : guarda a Miſericordia para eſte tempo o ſeu empenho; para que recebẽdo do Meſtre os ſeus dictames , proceda ſem erro nas ſuas Viſitas. Se até hoje devião eſtar em a Miſericordia os bens enthefourados , porque até agora lhe faltárão as liçoens, para que com acerto ſe repartiſſem : neſte dia deve a Miſericordia abrir as portas para repartir na Viſita aos ſeus theſouros. Porque hoje deſce o Eſpirito Santo a lhe enſinar o modo, com que ſe hão de repartir na Viſita, em que ſem erro ſe devem diſpender.

188 *Seminate, & metite in ore miſericordiæ* : dizia Oſeas. Procurai à miſericordia os ſeus theſouros , mas ſem diſpender as ſuas riquezas, na meſma miſericordia haveis de colher a voſſa ſeára : *Et metite in ore miſericordiæ*. Pois em a Miſericordia ſe hão de ajuntar : *Seminate* ? E na meſma Miſericordia ſe hão de colher : *Et metite*? E quando ſe hão de colher ? O meſmo Oſeas : *Tempus autem, cum venerit, qui docebit vos.* Haveis de colher eſſes frutos , quando vier o que vos ha de enſinar. E pois os bẽs hão de ſe guardar na Miſericordia : *Seminate* : até o Meſtre vir ? E quando vier, logo eſſes bens ſe hão de colher, logo ſe hão de repartir : *Et metite* ? Sim. E notem. O Meſtre q̃ vem a enſinar, he o Eſpirito Santo, que hoje deſce : *Ille vos docebit omnia*. Ah ſim , diz Oſeas : pois guardemſe da Miſericordia os ſeus bens, juntemſe todos,& em todo o tempo: *Seminate* : mas a colheita, que delles ſe ha de fazer, a repartição , que delles ſe ha de diſpor, he para quãdo o Eſpirito Santo vier, & para quando o Eſpirito Santo deſcer : *Tempus autem, cum venerit, qui docebit vos.* Guardemſe os bens da Miſericordia como em celleiro, fechemſe as portas para ſe lhe não diſpenderem : *Seminate* : mas quando vier o Meſtre, abrãoſe da Miſericordia os theſouros; porque he já tempo da colheita : *Et me-*

Oſee 1. v.12.

metite. Porque ſe devem jà principiar as Viſitas. Porque ſe ſem as liçoens do Meſtre pòdem haver omiſſoens em o repartir; com as liçoens do Meſtre ha de haver acertos em o diſpender, com a perfeição que o Eſpirito Santo hoje vem a enſinar: *Ille vos docebit.* Fecharemſe na Miſericordia os ſeus theſouros, he avareza: mas fecharemſe atè os dias do Eſpirito Santo, he diſcrição. Iſto quizera eu hoje perſuadirvos: que o Eſpirito Santo na ſua jornada vem enſinar à Miſericordia o modo, que deve ter nas ſuas Viſitas.

189 Deixarey hoje as relaçoens, que neſte lugar ſe coſtumão fazer deſte myſterio. Porque me não falte tẽpo para os diſcurſos. Não irey hoje pelo theologico de myſterio tam profundo: Como o Eſpirito Sãto por formal razaõ da ſua proceſſam he Amor ſuſtancial, & ſubſiſtente: Como ſendo em Deos o entendimento, & a vontade a meſma couſa, proceda pela vontade, & nam pelo entendimento, o Divino Eſpirito: Como ſendo duas as Peſſoas, que o produzem, he unico o principio de que procede. Porque ainda que ſejam dous os ſuppoſtos, he hum ſò no Pay, & no Filho a virtude inſpirativa, porque ſe inſpira: Como a natureza, que ſe lhe communica, de tal ſorte ſe lhe dá, q̃ fica no Pay, & fica no Filho. Porque eſtas verdades tem para a ſua explicaçaõ melhor lugar em a Cadeira, do que no Pulpito. Individuome a eſte aſſumpto, para prègar com algũa propriedade em eſta Caſa. No Evangelho temos ao Eſpirito Sãto Meſtre: *Ille vos docebit*: na jornada temolo Provedor da Miſericordia: *Pater pauperum*: na Epiſtola temos a vinda, que foi a liçam, q̃ deu da jornada. De tudo nos valeremos, ficando por titulo ao Sermam: O Provedor Divino enſinando ao Provedor humano. Entremos pelos diſcurſos.

I.

190 *Ille vos docebit omnia.*

nia. A primeira liçam, que o Provedor Divino vem dar hoje na sua Visita à Mesa da Misericordia humana, he o modo com que veio. Escreveo Sam Lucas: *Factus est repente.* Veio derepente, & desceu cõ tanta pressa, cõtra as razoens da sua Magestade. Que quando ainda nam esperavam os Apostolos a sua vinda, se vio o Provedor Divino presente em o Collegio Apostolico. E por mais advertencia com que os Apostolos estavam, pois havia dez dias, que o esperavam, veio com tam arrebatado curso, & com tam notavel pressa, que sem que ainda esperassem que viesse, os apanhou derepente, como se ainda o termo da esperança se nam cumprisse: *Factus est repente.* Assim se ouve na sua visita o Provedor Divino: & assim se ha de haver o Provedor humano, com tantas pressas para o remediar, que ha de vir como derepẽte, para acudir. Adverti. O que vem derepente, por mais q̃ anciosamente se dezeje, ainda naquelle instante em que chega, se nam espera. Assim ha de ser a Misericordia tam apressada no remediar, que se adiante aos dezejos do necessitado para lhe acudir. Ainda se nam ha de esperar o remedio, quando já derepẽte se ha de ver a Misericordia com o alivio. Emfim ha de andar com tãta pressa a Misericordia para remediar, q̃ ha de chegar derepente para acudir, assim como o Espirito Santo desceu. Porque como vento deve a Misericordia correr; porque sempre deve a Misericordia cõ pressa caminhar.

191 Em hum magestoso Carro, que se firmava em quatro rodas, vio o Profeta Ezechiel os mais profundos mysterios, que Deos lhe revelou em as suas profecias. Mas entre as confusoens do pasmo, & os motivos do assombro, advertio, que o Divino Espirito escolhera as rodas do Carro para o seu throno, & nam a eminencia do Carro para o seu assento: *Spiritus vitæ erat in rotis.* Indigno parece na verdade para Magestade tam supre- (Ezech. cap. 1. v. 10.)

ma efte affento; & para tam foberano Princepe efte throno. Pois porque fe naõ colloca na eminencia daquelle Carro, que com foberanía fe levanta, fenam em as rodas, que com humildade fe abatem? Se a eminencia compete com os aftros, fe as rodas fe medem fómente com a terra, porque nam tomou o Efpirito Santo em os aftros, como lugar mais alto, o feu throno, & porque o ha de ter em as rodas, que andam em a terra, fendo o lugar mais humilde, a Mageftade mais fuprema, & o Princepe mais foberano? He a razaõ: o Efpirito Santo he Provedor da Mifericordia: *Pater pauperum*: & o Provedor da Mifericordia para acudir, anda em huma roda viva, para com preffa caminhar: *Spiritus erat in rotis*. Como a Mifericordia nam permite defcuidos, traz ao Provedor em huma roda viva, para o fazer caminhar cõ toda a preffa.

192 Na Mifericordia pódem haver preffas, & pòdem haver vagares. Mas os vagares eftarám em o neceffitado para vir: porèm as preffas devem eftar em a Mifericordia para focorrer. O neceffitado venha fem algũa preffa, mas a Mifericordia para o neceffitado corra fem algum defcuido. O neceffitado para a Mifericordia ande; mas a Mifericordia para o neceffitado corra. Satisfaçafe muito embora quem neceffita; mas nam fe contente cõ paffos quem remedéa. Tudo temos em o Efpirito Santo. Hoje eftavam os Difcipulos tam pouco cuidadofos, que adverte Sam Lucas, q̃ eftavam fentados: *Sedentes*. Mas o Efpirito Santo andou tam cuidadofo, que veio derepẽte fobre aquelle Collegio para vifitar aquella cafa: *Factus eft repente*. Pois fe eftes homens nem com hum fó paffo bufcam ao Efpirito Sãto, como veio o Efpirito Sãto com tanta preffa bufcar a eftes Difcipulos? Naõ vem, que nos Apoftolos eftava a neceffidade, & no Efpirito Santo a mifericordia: pois o neceffitado para a mifericordia caminhe tam vagarofo,

ſo, que nemhum ſó paſſo dé pelo ſeu remedio : mas a Miſericordia corra com tanta preſſa para lhe acudir, que ſe nam contente com paſſos para o remediar, ſenam com vir correndo em as azas derepente para lhe acudir : que ſe no neceſſitado póde haver vagares, na Miſericordia ſó deve aver preſſas.

Luc. 15. 193 Quando o Prodigo veio para caſa de ſeu pay, diz o Texto, que em o pay o vendo, nam ſe ſatisfez em o buſcar com acelerados paſſos; mas eſquecido dos ſeus annos, & do reſpeito, que devia à ſua peſſoa, ſe puzera o pay ao caminho correndo cõ muita preſſa: *Accurrens cecidit ſuper collum ejus.* V. 20. E pois, ſe o filho vem com moderados paſſos buſcar ao pay: *Et ſurgens venit* V. 19. : como ſe nam contenta o pay com andar, ſenam que para buſcar ao filho vai o pay a correr: *Accurrens pater?* Notem. O Prodigo vinha neceſſitado: *Hic fame pereo:* V. 17. & o pay para lhe acudir, diz o Texto, que tomou o officio de Irmaõ da Miſericordia para o ſoccorrer: *Miſericordia motus.* V. 20. E ſe para vir à Miſericordia buſcar o ſeu remedio, ſe ſatisfaz o neceſſitado ſó com paſſos: *Venit*: ſó com o correr ſe ſatisfaz a Miſericordia para lhe acudir: *Accurrens.* Melhor. O Prodigo quando veio, vinha deſpido, & vinha faminto, o pay corria a lhe matar a fome: *Occidite, & manducemus*: & a lhe dar o veſtido: *Induite illum.* V. 23. Veſtir aos nús, & dar de comer aos que tem fome, he obra de miſericordia. Ah ſim, pois para o Irmaõ da Miſericordia: *Miſericordia motus*: ſatisfazer ao ſeu officio, nam vai com os vagares de quem anda, ſenam com as preſſas de quem corre: *Accurrens pater.* Melhor ponderaçaõ em o meſmo lugar. Diz Hugo, que o pay do Prodigo nam corréra: affirma ſim, que voára: *Volavit pater in alis miſericordiæ ſuæ.* Hugo hic. E pois nam baſtava ao Irmam da Miſericordia o correr, he neceſſario ao Irmaõ da Miſericordia voar? Sim. Muita he a preſſa de quẽ corre; mas muito maior

he

he a preſſa de quem voa : o Irmaõ da Miſericordia para acudir , nam ſe ha de valer de qualquer preſſa para remediar ; mas ſim da maior preſſa para ſocorrer a miſeria : he grande a preſſa de quem corre ; mas he maior a preſſa de quem voa. Pois ſe o pay como Irmaõ da Miſericordia faz eſta jornada : *Miſericordia motus* : renuncie os paſſos para correr , & forme as azas da ſua miſericordia para voar : *Volavit in alis miſericordiæ ſuæ*.

194 Trabalhoſo he o officio da Miſericordia, pois nam ſó nos obriga a correr , ſenam tãbem a voar. E qual he a razam deſta preſſa? Eu o digo. Porque he tam cruel a miſeria , que toda a preſſa vem a ſer vagar para ſe ſatiſfazer. He tam grande a neceſſidade de quem padece, q̃ por mais preſſa que ſe ponha em remediála , he vagaroſo qualquer movimento , para ſatisfazéla : & como a Miſericordia tem tomado à ſua conta aplicar os ſeus remedios,a tempo que ao neceſſitado ſe acuda ; por iſſo a Miſericordia deve andar com a maior preſſa para lhe remediar a ſua miſeria. E ſe por mais que a Miſericordia ſe apreſſe para acudir , ſempre vem tarde para remediar : q́ ſerá ſe a Miſericordia ſe detiver ſem fabricar azas à ſua caridade aos Irmaõs da ſua Meſa , para a preſſa do ſeu caminho ? Gemerà o pobre ſem remedio , & ficará da Miſericordia offendido o ſeu officio, ſe a diligencia ſe naõ multiplicar para com preſſa lhe acudir.

195 Quando as Marias na alegre manhaã da Paſchoa foram à ſepultura de Chriſto, diz hum dos Evangeliſtas, que foram de noite : *Cum adhuc tenebræ eſſent* : & affirma outro, que foram de dia, ſendo jâ o Sol naſcido : *Orto jam Sole*. He eſte hum dos Textos mais difficultoſos que tem toda a Eſcritura. Fundaſe a ſua grande difficuldade, em que concorrem em eſte caſo dous impoſſiveis : ou que o dia concorreu com a noite, ou que erráram os Evangeliſtas , no que eſcrevéram. Errarem os Evã-

Ioan. 20 v. 1.

Marc. 16 v. 1.

gelistas, era impossivel; porque o Espirito Sãto lhe guiava as pennas, com que escreviam: concorrer o dia com a noite, tãbem era impossivel; porque as trevas da noite saõ privaçam das luzes do dia: & em hum sugeito, como sabem os Filosofos, a fórma com a sua privaçam se nam pòde unir. Porque nem divinitus pòdem concorrer. Pois, se a noite, & o dia ambos juntos se naõ pòdem encontrar, como forão de noite estas mulheres ao Sepulchro, se já era o Sol nascido, quando forão à sepultura. E se os Evangelistas não podiaõ errar, como podião ir de noite, se forão de dia? Direi. Não notais, que as Marias hião fazer huma obra de misericordia, tratando de ungir a hum corpo morto: *Ut venientes ungerent Iesum.* Ah sim, pois por mais que se apressassem, ainda que fossem de noite: *Cum adhuc tenebræ essent:* para lhe acudir, chegárão já tam tarde, que era já o Sol nascido: *Orto jam Sole.* Muito se apressárão, porque de noite sahírão; mas por mais que a misericordia estendeu as azas para com pressa chegar, veio jà taõ tarde, que era o Sol nascido. Vede pois, q̃ pressa será necessaria à Misericordia para acudir, se tanta pressa foi já tarde para remediar. Mas este defeito, que teve na sepultura aquella piedade, não tem hoje a nossa Misericordia em esta Corte; pois he tanta a pontualidade no acudir, que se multiplicão as azas em a Misericordia para voar, & por mais que a necessidade se apresse, mais a Misericordia se lhe adianta: porque hoje na pressa com que caminha, lhe dà o Espirito Santo hum novo dictame, porque se governa: *Ille vos docebit omnia. Factus est repente.*

Marci ubi sup. cap. 16. v. 1.

II.

196 A segunda lição, que na sua visita dá hoje o Espirito Divino à Misericordia, para que as suas Visitas sejão acertadas, foi a hora que buscou para vir, & a gala que trajou, quando quiz começar a visita. Veio de dia:

dia: *Hora tertia*: mas desceu como fogo: *Tamquam ignis*. Pois de dia entre lavaredas de fogo, não lhe restituiria o Sol seus rayos para este triumfo, jâ que elle lhe emprestou seus resplandores para o Sol cortar as suas galas? Não. O Sol de dia estáolhe os olhos vendo os seus rayos, & divisandolhe as suas luzes: mas o fogo de dia não se pòde ver, por mais que os olhos sejão linces em o penetrar. E como o Espirito Santo era Provedor da Misericordia: *Pater pauperum*: & descia a visitar: *Mentes tuorum visita*: de tal sorte havia de fazer a visita, que a Misericordia, cujo officio elle tinha, havia de buscar traças, para que se não visse; porque havia de buscar rebuços, em que se escondesse. Vá o Provedor à sua visita, que a isso o obriga a sua misericordia: mas indo de dia, và como fogo, que se não possa divisar, para que ninguem o possa conhecer: que esta he a obrigação, em que o poem o seu officio. Vejase muito embora a Misericordia por essas ruas, remediando as necessidades; mas và com tantas cautelas, q̃ ninguem saiba, nem a casa aonde entra, nem a casa donde sahe: que para haver esta ignorancia descende de dia o Divino Espirito, vem como fogo, que se não possa ver, nem se possa divisar.

197 O Espirito Santo, diz Christo, inspira aonde quer: *Ubi vult spirat*: todos ouvem a sua voz: *Vocem ejus audis*: mas ninguem sabe, nem para onde elle vay, nem para onde elle vem: *Sed nescis unde veniat, aut quò vadat*. Pois o Espirito Santo hão de ouvillo, & ninguem ha de vello? Hão de se ouvir as suas vozes, mas ninguem lhe ha de ver aos seus passos? Ha de inspirar onde quizer, todos o hão de ouvir, mas não se ha de saber, nem donde vem: *Unde veniat*: nem para onde vay: *Aut quò vadat*? Não. Porque o Espirito Santo he Provedor da Misericordia: *Pater pauperum*: & o Provedor da Misericordia ha de se ouvir, para que se saiba que vay; mas

Ioann. 3. v. 8.

mas ha de ir com tanto segredo, que sabendo todos q̃ elle anda no caminho, ninguem ha de saber, nem para onde elle vay, nem donde vem, nem a casa donde sahio, nem a casa para onde elle foi: *Nescis unde veniat, aut quò vadat.* Ouçase fallar: *Vocem ejus audis:* para q̃ certificandose todos da sua vinda, esperem todos na sua visita ao seu remedio: mas vâ com tanto segredo, que se ignore assim o principio de seu caminho, como o termo da sua jornada: hão de competir em a Misericordia os cuidados com as cautelas; tantas hão de ser as cautelas, com que se cubra, quantos os cuidados, com que se desvelle, sô porque o necessitado se remedee; mas cõ tanto segredo lhe hão de acudir, que se não possa ver para onde a Misericordia vai. Saia a Misericordia de dia para fazer as suas visitas, mas và como fogo a Misericordia por essas praças; porque se a sua caridade a faz sentir no abrazado de seus effeitos, a vossa necessidade a faz escõder nos seus ardores. Porque quando a Misericordia se costuma empenhar para remediar as necessidades, de tal sorte se ha de esconder, q̃ para se occultar, logo do fogo ha de cortar a sua gala, para lhe não divisarẽ ao seu incendio. Sintãose os effeitos da sua grandeza para a vossa miseria; mas escondase a misericordia para o conhecimento da vossa pessoa. Abrase a porta da Misericordia para se principiar a visita, mas abrindose de dia, vistase a Misericordia de fogo, para que entre o fogo, fique a porta encuberta, & a misericordia escondida.

198 Eu fui reparar com alguma curiosidade, que para lhe abrirem a Christo o seu peito, advertirão os Evangelistas, que primeiro se cubrîra o Calvario de profundas sombras, porque todo o mundo se envolvéra cõ obscuras trevas, de maneira, que primeiro se escondeu Christo entre as sombras, q̃ caufárão do Sol o eclipse, & então permitio, que lhe abrissem o peito trespassandolhe o co-

Luc. 23 v. 44. Ioan. 19 v. 34.

o coração: *Factæ sunt tenebræ super universam terram. Unus militum lancea latus ejus aperuit.* E pois se o peito se ha de abrir, que mais tem, q̃ ao lado se lhe corra a lança, a tempo que com as luzes do dia se lhe veja o peito, do q̃ abrirlhe o peito a tempo, q̃ com as sombras, de que se cubrio a terra, se lhe não podia divisar o coração? Maior duvida. Se para as demais feridas não esperou Christo, que as trevas viessem, para q̃ as recebesse, porque razão o peito se lhe não ha de abrir, senão depois que as trevas o occultárão, de maneira que o não vissem? Sabeis porque? Diz Santo Athanasio. Porque o peito de Christo he a porta da misericordia: *Latus Christi est porta misericordiæ.* Ah sim, & o peito de Christo he a porta da misericordia, pois abrase essa porta, para que por ella saia o nosso remedio; mas com tanto segredo, que ainda sendo de dia, não haja perspicacia que o possa ver. Porque as sombras o hão de occultar. Abrase de dia a porta da misericordia, mas cubrase de sombras o mundo. Sintase em nòs a efficacia daquelle sangue; mas ignorese a porta donde sahio para nòs aquelle remedio. Porque como da misericordia emanou, com tanto segredo ha de correr, q̃ com as trevas se ha de cubrir primeiro aquella porta, para se não ver aquella ferida. As demais feridas, como por attribuição não tinhão o serem a porta da misericordia, abrãose de maneira, que se vejão; mas a do peito como se lhe ha de attribuir o ser da misericordia a porta, para q̃ se abra, espere que o mundo se escureça, de tal sorte, que se as trevas a não escondessem, tal vez, que a porta da misericordia se não abrisse: *Factæ sunt tenebræ super universam terram. Unus militum lancea latus ejus aperuit.* Ha de ser a Misericordia como o mar, que se a todas as partes da terra chega a sua agua, he por huns meatos tão escondidos, que ninguem vê o modo, com que se communicão, nem a parte o segredo com que participão os rios

S. Athanasius.

do

do mar. Quem vé as aguas em huma fonte, bem conhece que ao mar deve aquella fonte, aquelle beneficio; mas ignora o segredo de como o mar enriquece aquella fonte. Vejase muito embora no necessitado, da Misericordia os seus effeitos; mas seja cõ tanta cautela, que conhecẽdose o beneficio, se ignore o modo com que se fez, & o como a Misericordia lhe acudio. Ha de se haver a Misericordia nas suas visitas, como se ouve o Espirito Santo na sua jornada. Veio elle como trovão: *De cælo sonus.* O trovão com o seu estrondo dá aviso de que da nuvem sahio o rayo; mas o rayo que despedio, vem tão escondido, que não ha olhos que o vejão. Ah sim, diz o Espirito Santo, pois saibase muito embora, que a minha misericordia vai fazer hoje a sua visita; mas ignorem os homens a porta, aonde ha de ir dar comsigo o rayo da minha caridade. Saibase, que eu ando pelo caminho; mas ignorem os homens o para onde encaminho eu os meus passos na minha visita. Haja muito embora noticia de q a visita principiou; mas haja ignorancia da parte para onde se ha de ir. Sintãose da minha misericordia os seus effeitos; mas eu me vestirei de dia da gala do fogo, para que indo a minha pessoa na visita a remediar, nam hajam olhos, q̃ me possaõ ver. Oh quem vos pudera hoje fazer publico aos vossos olhos, o quanto a Misericordia desta Casa aprẽdeu esta lição, pois estando a Misericordia sempre com os braços estendidos, ninguem sabe o como a Misericordia communica os seus favores. O menos que a Misericordia faz, he o que vòs vedes: sendo tanto o mais que a Misericordia faz; he o que vòs não sabeis. Porque o segredo, com que se obrão, embarga o conhecimento, que dellas tinham. Mas estes acertos, com que a Misericordia humana procede, saõ beneficos influxos, q̃ o Espirito Sãto lhe infundio para a haver de ensinar, que para lhe dar os dictames do como havia de dispor a sua visita.

visita, desceu hoje como Mestre o Divino Espirito: *Ille vos docebit omnia.*

III.

199 A terceira liçam, que hoje o Espirito Sãto deu à Misericordia em a sua jornada, foi, nam sómente o fogo, de que se vestio, mas o modo com que desceu, em as linguas de que se rodeou. Desceu hoje o Espirito Divino cercado de linguas; mas com tãta conformidade divididas, que para cada hum vinham essas linguas repartidas: *Dispertitæ linguæ.* Erão as linguas, em que descia, os dons que o Espirito Santo communicava. Haver repartiçam nos bens da Misericordia, para chegarem a todos, he a liçam, que à Misericordia da terra dá hoje o Provedor do Ceo. Esta he para as Visitas da Misericordia a liçaõ mais importante, serem as linguas com igualdade repartidas, serem os beneficios com igualdade cõmunicados, nam haverem na Misericordia respeitos, por onde a hum se dé mais, & ao outro se dé menos; senam distribuiremse com igualdade, communicaremse com repartição: *Dispertitæ.* E pois não seria hoje maior misericordia em o Espirito Sãto descer cercado de linguas, & communicálas com liberalidade; senão descer em linguas repartidas de tal sorte, que quando as communicasse, tanto levasse hum, como o outro: *Dispertitæ?* Não. Porque quando os bẽs se não repartem com igualdade, ha muitos queixosos, & poucos saõ os satisfeitos. Porque hum leva tudo, & o outro nada: a hum remedease a necessidade, & a outro acrescẽtase a sua miseria. Ah sim, diz o Provedor Divino: pois aprenda a Misericordia humana, que para todos ficarem satisfeitos, hão de ser os bens da Misericordia com igualdade repartidos: *Dispertitæ.* Porque não pòde haver maior misericordia, q̃ repartir os bens com tanta igualdade, que tanto receba hum, quanto o outro: tanto se dé a este, como àquelle.

200 No

200 No Socramento da Euchariſtia, diſſe David, que dobrára Deos a ſua miſericordia, porque duas vezes fora em eſte myſterio miſericordioſo: *Miſericors, & miſerator Dominus.* Pois na Euchariſtia duas vezes miſericordioſo? Sim. Não vedes, que repartindo Chriſto alli o meſmo pão: *Fregit panem:* tanto levou hum, quã to levou o outro: *Tantum iſte, quantum ille.* E repartir os bens com tãta igualdade, he multiplicar duas vezes a miſericordia; he ſer duas vezes compaſſivo, huma pelo q̃ ſe dá, & outra pela igualdade com que ſe diſtribue. Graças a vòs, Senhor, que quizeſtes, que na noſſa Corte ſe multiplicaſſe em eſta Santa Caſa a Miſericordia, pois compuzeſtes hũa Meſa, aonde repartindoſe da Miſericordia o meſmo pão, aſſim ſe reparte com igualdade, q̃ ninguem fica queixoſo. Aſſim ſe repartem da Miſericordia os ſeus theſouros, que todos levão a eſmolla com igualdade. Aſſim fizeſtes acertada a eleição dos Miniſtros, que para a Miſericordia eſcolheſtes, que no patrimonio dos pobres ſe vem os effeitos em o repartir, que o Eſpirito Santo teve em o diſpender. Porque aſſim como elle os dons com igualdade communicou, aſſim na Miſericordia com igualdade os bens ſe diſtribuem, em as viſitas que faz a Miſericordia: *Diſpertitæ linguæ.*

Ex Pſ. 110. v. 4.

201 Com a Miſericordia neceſſitar de igualdade para repartir, tambem a Miſericordia ha de ter ſua deſigualdade em o diſpender. Pois ſe a Miſericordia ha de ſer igual em o diſpender, como ha de ſer a Miſericordia deſigual em o repartir? Como? Aſſim como o foi o Eſpirito Santo. Deſceu elle hoje em linguas de fogo, vindo repartidas: *Diſpertitæ linguæ.* Viſitou a cada hum em particular: *Sedit ſupra ſingulos.* Pergunto: E os dons, que hoje repartio, levou tanto hum, quanto levou o outro? Não, diz o melhor Expoſitor dos Evangelhos, o Doutiſſimo Silveira; porque ſe acommodou à neceſſida-

Silveir. tom. 5. in Evãg. hic.

O de

de de cada hum, para assim os dispender: *Spiritus Sanctus se accommodat tenuitati nostræ*. O Espirito Santo repartio hoje com igualdade os seus dons, onde as necessidades estavão iguaes; & repartio cõ desigualdade, onde a miseria era maior: grande lição para a Misericordia; dentro na mesma Casa, dentro em o proprio lugar: *In eodem loco*: ha de haver em o Provedor igualdade em o repartir, & desigualdade em o dispender. Porque se ha de o Provedor accommodar à necessidade: para miseria igual, seja igual a Misericordia em o repartir; mas para a miseria desigual, seja desigual a Misericordia em o dispender. Porque se os bẽs da Misericordia assim se repartirem, tem a Misericordia huma grande conveniencia. E he acabaremse para a Misericordia as suas Visitas; porque se acabão para a Misericordia os necessitados. Quereis pouparvos em a Misericordia ao trabalho das vossas Visitas; pois reparti os bens da Misericordia conforme às necessidades. Porque quando os bens assim se dispendem, he impossivel haver pobres, que possam affligir a Misericordia, para os socorrer. Quereis que nam hajão pobres, pois reparti conforme às necessidades da Misericordia os seus thesouros.

202 Nos Actos dos Apostolos, no tempo da Primitiva Igreja, diz Sam Lucas, que assim vivião os Catholicos remediados, que não havia hum só que fosse pobre: *Non erat egens inter illos*. Nenhum pobre em annos tam miseraveis? E isto como podia ser? Não diz o mesmo Sam Lucas, que assim vivião elles da probreza amantes, que alienavão todos os seus bens, porque vẽdião as suas fazendas: *Possessiones vendebant*? Pois se então ninguem tinha nada, como podião deixar de ser pobres? O mesmo Sam Lucas o disse. Porque nesse tẽpo, diz o Texto, havia hum Collegio, que assim repartia os bens, que tinha, com os necessitados, que a cada hum

Act. Apost. c. 4. v. 35.

se

se repartia conforme a sua miseria: ***Dividebant illa omnibus, prout cuique opus erat.*** Ah sim, & os bẽs com igualdade conforme as necessidades se dispendião naquelle Collegio: pois por isso nam havia pobre nenhũ naquella Cidade: *Non erat egens inter illos.* E tanto q̃ ha esta igualdade, ha logo na Misericordia duas conveniencias, hũa do pobre para ficar rico, outra da Misericordia para ficar aliviada. Fica a Misericordia aliviada; porque não tem com quem dispenda: fica o pobre rico, porque fica a sua necessidade satisfeita.

203 He verdade, que na igualdade, com que os bens se repartem, accommodandose com a necessidade dos pobres, tem os pobres, & a Misericordia conveniẽcia: mas às vezes na Misericordia parece que não póde haver essa igualdade. Porque a respeito de quem patrocina, fará, que muitas vezes leve mais, o que necessita menos; & que outra vez leve menos o que necessita mais. Mas estes respeitos, que nos demais Tribunaes pòde haver, isto não ha em a Mesa da Misericordia. Porque na Misericordia o maior patrocinio, he a maior necessidade; a maior valia, he a maior miseria. Porque se a quem não he Provedor da Misericordia às vezes o respeito pòde tirar a liberdade para repartir como quizer; o Provedor da Misericordia ha de repartir com esta igualdade; porque se para os outros pòde haver respeitos, para elle nam ha patrocinios.

204 O Espirito Santo, diz Christo, inspira aonde quer: *Ubi vult spirat.* Iá sei, que todos entẽdẽ este Texto da inspiração *ad extra*, porque o Espirito Santo não inspira *ad intra.* Mas contra esta verdade tenho eu agora esta duvida. He certo, que assim como o Espirito Santo inspira *ad extra*, que tambem *ad extra* inspira o Pay, & inspira o Filho; porque as acçoens *ad extra*, não pòdem ser de huma só Pessoa, sem que sejão de toda a Trindade; porque saõ indivisiveis:

Ioan. 3. v. 8.

Actiones ad extra sunt indivisibiles à tota Trinitate. Pois se o Pay, & o Filho, he certo que inspirão *ad extra*, porque não ha de dizer Christo, que o Pay, & o Filho, que inspirão aonde querem, & só, que o Espirito Sãto aonde quer he que inspira: *Ubi vult, spirat?* Sabeis porque? Ora notai. O Pay, & o Filho saõ Deos, & o Espirito Santo além de ser Deos, como o Pay, & como o Filho, por attribuição da Igreja he Provedor da Misericordia; porque a Igreja o intitula Pay dos pobres: *Pater pauperum*: titulo, que não dà, nem ao Filho, nem ao Pay. Ah sim, pois ainda q̃ o Pay, & o Filho inspirem, digase sómente, que o Espirito Sãto inspira, onde quer: porque só com especialidade, quem tem de Pay dos pobres o officio, aonde quer he que inspira, porque não tem respeito, que lhe tire a liberdade, para communicar como quizer, os bens que da Misericordia ha de repartir: *Ubi vult, spirat.* Inspire logo hoje o Espirito Santo em linguas repartidas: *Dispertitæ linguæ*; mas com as necessidades conforme: *Se accommodat tenuitati nostræ.* Porque como he o Provedor Divino, que vem a ensinar ao Provedor humano, aprēda o Provedor humano nas suas visitas a ser igual na repartição dos bens da Misericordia para as necessidades, que remedéa: que esta he a lição, que o Espirito Santo hoje lhe dá em a visita, que hoje fez: *Ille vos docebit omnia. Dispertitæ linguæ.*

IV.

205 A quarta lição, que na sua visita hoje deu à Misericordia o Espirito Sãto, foi às pessoas a quem o Espirito Santo visitou: *Sedentes*: aos que estavão sentados. Lede com advertencia este Capitulo, que eu o li com bem curiosidade, & vede o mysterio com que Sam Lucas falla. Diz, que cumpridos os dias do Espirito Santo estavão todos juntos: *Cum complerentur dies, erant omnes pariter*: & que o Es-

Espirito Santo viera sobre os que estavão sentados : *Sedẽtes.* E pois estes homens não tinhão nome ? Sim tinham. Pois porque se lhe não exprimem os nomes ? Porque? Porque o Espirito Santo vinha hoje a visitar como Provedor : *Pater pauperum. Mentes tuorum visita.* Os nomes he o por onde as pessoas se conhecem. Ah sim, pois não se expressem esses nomes , que o Provedor na visita ha de conhecer a necessidade, & ha de conhecer a pessoa : o Espirito Sãto bem os conhecia como Deos, mas quiz mostrar , que como Provedor os ignorava, pois não tinhão nome porque se conhecessem. Oh que importante lição para a visita da Misericordia, conhecerse a necessidade para o remedio, mas desconhecer a pessoa, para se saber a quem se faz o beneficio.

Ioan. 11. v. 45. 206 Chegou Christo à sepultura de Lazaro. Resuscitou-o. Mas depois de Lazaro estar jà vivo, mandou que o desamortalhassẽ, mas que outrem fosse o que o desenvolvesse : *Solvite illum.* Dous repáros tenho neste caso. O primeiro, que o não mandou desamortalhar, para lhe dar a vida : o segundo, que elle o não desatou, mas mandou que outrem o desamortalhasse : *Solvite illum.* Vamos ao primeiro, & logo iremos ao segũdo. Pois Senhor, se a Lazaro quereis dar a vida , porque o nam mandais desamortalhar, primeiro que façais a resurreiçam? Nam. E isso porque? Adverti. Lazaro cõ a mortalha, diz o Texto, que tinha o rosto cuberto : *Facies ejus ligata erat sudario :* Lazaro com o rosto cuberto era Lazaro desconhecido; mas sem a mortalha ficava conhecido Lazaro ; porque tinha o rosto descuberto: o darlhe a vida era obra de misericordia. Ah sim , diz Christo: pois supposto que eu em quanto Deos conheço a este homem , em quanto obro a misericordia hey de me mostrar delle tam ignorãte, que sem lhe ver o rosto, para lhe conhecer a pessoa , o quero resuscitar ; porque se nam

V. 44.

presuma, que porque o conheço o resuscito; primeiro o hey de resuscitar, antes de lhe ver o rosto para o seu conhecimento. Vamos ao segundo repáro. Senhor, se a Lazaro mãdais tirar as mortalhas, porque lhe naõ tirais vòs mesmo o sudario? Porque? Porque quem desamortalhasse a Lazaro, vendolhe o rosto, havia de conhecelo. Ah sim, diz Christo, & eu remedeiolhe a Lazaro a sua miseria, pois desatai-o vòs muito embora, para o conheceres, que a mim cópeteme o ignorálo; a vòs, q̃ o nam remediais, pertença muito embora o conhecélo; mas a mim, que o remedeio, o que me importa, he ignorálo: *Solvite illum.* Conheça muito embora a Misericordia, em quanto misericordia, a necessidade; mas ignore a Misericordia a pessoa: conheça a Misericordia a miseria; mas desconheça a Misericordia ao miseravel: conheça muito embora em quanto particular a Misericordia a pessoa, mas em quanto Misericordia, desconheça a pessoa; para que se nam publique a miseria.

207 Estava Christo em o meio das turbas, chegou huma mulher enferma a tocarlhe os vestidos. Apenas cobrou milagrosamẽte a saude, começa Christo a dizer: *Quis tetigit vestimenta mea?* quẽ me tocou? *Quis?* Quem, Senhor, & vòs nam o sabeis? Pois como mostrais que o ignorais? Porque a desconheceis: *Quis?* Nam vedes, que usava com a mulher huã obra de misericordia, pois lhe dava a saude, estando enferma. Ah sim, diz Christo, pois ainda q̃ eu como Deos a conheço, em quanto homẽ, que a remedeio, quero mostrar, que a ignoro: por isso pergunto, como quem desconhece: *Quis tetigit?* Que a misericordia quando acudir à pessoa, ha de ignorála quando lhe dà o remedio à sua miseria: ha de ser nas suas visitas como foi o Espito Santo em a sua jornada, q̃ conhecendo as pessoas, dispoz que se lhe occultassem os nomes: para mostrar, que desconhecia aos mesmos, que

Marc. 5. v. 30.

reme-

remediava: *Sedentes.* Saibase, que a Misericordia remedéa a todos na sua visita; mas estes todos a quem na sua visita remedéa a Misericordia, nam lhe saiba os nomes, quãdo lhe conhece as miserias: que isso he o que o Provedor humano ha de fazer; porque isso he o que o Espirito Santo na sua visita lhe ensinou: *Ille vos docebit omnia.*

V.

208. A quinta, & ultima liçam, que hoje o Espirito Santo ensinou à Misericordia, foi vir fazer hoje a sua visita; mas ficar na companhia dos visitados: *Spiritus Sanctus apud vos manens.* Soubese, que veio, mas nam se soube, que se fosse. O Filho veio, & tornou; mas o Espiritiro Santo, diz Santo Athanasio, nam sabemos q̃ partisse, depois que veio á terra: *Spiritus Sanctus veniens non est rursus assumptus.* Pois se o Filho veio, & partio, o Espirito Santo assim como desceu, porque se nam ausentou? Porque? Porque o Filho era sómente Deos; & o Espirito Santo além de ser Deos, era Provedor da Misericordia: *Pater pauperum.* E se quem naõ he Provedor da Misericordia pòde faltar com a sua companhia ao necessitado, o Provedor sempre lhe ha de assistir, porque nunca o ha de desemparar. Faltem muito embora ao miseravel na sua afflicção as assistencias de outras pessoas, que o Provedor da Misericordia sempre ha de assistir ao necessitado, para sempre remediar as suas miserias. O Espirito Santo sempre fica, porque sempre remedéa.

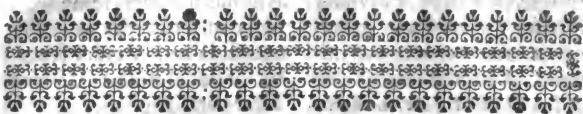
209 Posto Christo na Cruz fez a seu Eterno Pay esta amorosa queixa: *Deus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Deos, Deos meu, porque me desemparastes? Ou Christo aqui fallava cõ Deos em quanto hum, ou com Deos em quanto trino. Naõ podia ser com Deos em quanto hum, porque em Deos hum, nam ha *Deus, Deus*: nam ha duas vezes Deos, senam hũa só. Fallou

Matth. 27.v.46

logo de Deos, em quanto trino. Porque em Deos trino, pòde haver, & ha, Deos, Deos, em as Pessoas Divinas. E esta he a cõmua aceitaçam deste Texto. Mas aqui tenho eu a maior duvida. Se repete o nome de Deos em as Pessoas, & as Pessoas in divinis saõ tres, porque nam repete tres vezes o nome de Deos? Repita tres vezes este nome ineffavel de Deos, para expressar toda a Trindade. Queixase de Deos a primeira vez, & de Deos segunda vez: *Deus, Deus.* E porque naõ de Deos terceira vez? Direi: Deos, a primeira vez nas Pessoas, he o Pay; Deos a segunda vez nas Pessoas, he o Filho; & Deos a terceira vez nas Pessoas, he o Espirito Santo: & como Christo estava afflicto, & se queixava de desemparos: *Ut quid dereliquisti*: desempare muito embora o Pay, & desẽpare muito embora o Filho; mas como o Espirito Santo he Pay dos pobres, desse não se queixa, porque este nam demsempara. Venha logo hoje o Espirito Divino; mas venha para ficar: *Apud vos manens.* Porque como vem ensinar a Misericordia, aprẽda o Provedor, que assim ao miseravel deve assistir, que nunca o possa desemparar: *Spiritus Sãctus apud vos manens. Ille vos docebit.*

210 Tenho acabado o Sermam, em que mostrei ao Provedor Divino, ensinando na sua visita ao Provedor humano, a ser em as obras de Misericordia cuidadoso: *Factus est repente*: a ser nas visitas acautelado: *Hora tertia tamquam ignis*: a repartir os bens da Misericordia com igualdade á miseria do necessitado: *Dispertitæ linguæ*: a ser no conhecimẽto da necessidade advertido, mas da pessoa, que remedéa, ignorãte: *Ubi erant sedentes.* E ultimamente a ser de tal sorte pontual, que nunca ao pobre desempare: *Apud vos manens.* Falta só agora, que vòs, Provedor Divino, assim como hoje descestes à Misericordia para a ensinar em a vossa visita, assim desçais hoje sobre os nossos coraçoens, para nos instruir, & para nos ensi-

enſinar. Vinde, Provedor Divino: *Veni Pater pauperum:* a ſoccorrer as noſſas miſerias. Vinde, Eſcrivaõ piedoſo: *Digitus paternæ dexteræ*: para nos riſcares em o livro da Iuſtiça, & nos eſcreveres em o livro da Miſericordia. Vinde, Viſitador cuidadoſo: *Mentes tuorum viſita*: para que conhecendo as noſſas miſerias, remedee a voſſa miſericordia as noſſas neceſſidades. Vinde, Recebedor das eſmollas: *Donum Dei*: para diſpender cõnoſco os voſſos theſouros. Vinde, Mordomo dos prezos, para que tirãdonos da cadea da culpa, nos abrais a porta da Graça.

SER-

SERMAM
DA INVENÇAM DA
CRVZ,
PREGADO

Em o Convento de Santa Monica da Cidade de Lisboa, estando o Senhor exposto.

No Anno de 1681.

Exaltari oportet Filium hominis. Ioan. 3.

211

QVE dissera Adam em este dia, se se pudera encôtrar comnosco em esta hora? (Todo poderoso, & amoroso Senhor sacramẽtado. Bẽ me parecia a mim, que ao Sacramento se havia hoje de ajuntar a Cruz em este dia. Porque se os homẽs forão tam deshumanos, que para aggravo da vossa pessoa quizerão jũtar a Cruz com o Sacramento: *Mittamus lignum in panem ejus*: vòs para despique do vosso aggravo, & para credito do vosso affecto havieis de ajũtar

Ieremi. 11. v. 19.

tar o Sacramento do vosso Corpo, àquella Cruz onde tivestes a vossa morte: *Accepit panem, benedixit.* Na arvore da vida estava o bocado: *Comedit.* E se o Sacramento he o bocado: *Comedite:* & a arvore da vida a Cruz Sagrada: *Arbor paradisi:* como nam havia hoje o bocado juntarse à arvore, de quẽ foi fruto. No espinheiro, aonde Elias adormecéo, se vio o paõ: *Subcinericius panis.* E se aquelle espinheiro foi figura da Cruz, & a Cruz foi o prototipo, como se naõ havia de descobrir em o prototipo, o que se achou em a figura? Naquella arvore desafiou Elias a morte: *Petivit animæ suæ, ut moreretur*: & dormio Elias o seu sono: *Obdormivit*: & teve o paõ juntamente: *Subcinericius panis*: & como nam havieis de ter hoje comvosco em esse throno ao paõ, se hoje estais em a arvore, aonde dormistes o sono: *Accubuisti ut Leo:* & onde desafiastes a morte: *Mortem vocavit.*)

Matth. 26. v. 26

Gen. 3. v. 7.

3. Regũ 19. v. 6.

Vbi sup v. 4. & 5

Gen. 49 v. 9.

D. Hier. ad illud

Ioan. 19. v. 30. Inclinato capite.

212 O que dissera Adam em este dia (dizia eu) se se pudera encontrar comnosco em esta hora? Sem duvida, que quanto se confundisse a sy pela sua desgraça, tanto se assombraria de nòs pela nossa dita. Se vira huma arvore, donde colhendose os frutos doces da vida, se nam acham nella os dissabores tristes da morte. Se vira, que aquella mesma arvore, cujo fruto gostado o privou a elle da vida, que hoje o seu fruto comido nos desterra a nòs a morte. Oh que invejoso, & que desaggravado se veria Adam em esta hora, se a nòs nos visse em este dia! Virase Adam invejoso, por ver que nos dava a nós a vida o fruto de hũa arvore, que lhe dera a elle a morte. Virase Adam desaggravado, pois veria nos seus descendentes restituida por huma arvore aquella ventura, de que a elle o privou a sua desgraça. Na sepultura de Adam, dizem graves Authores, que por industria de Seth nascéra a Cruz. E que no lugar aonde Adam teve a morte, nos nascesse a nòs a Cruz, aonde venturosamẽte logramos a mais ditosa vida.

Vt vidĕre est apud Paleot. & apud Lyram sup. Caput 5. Ioan.

Oh

Oh que inveja para Adam! E oh que gloria para nòs! Que da Cruz as raizes tocando, o deixem em a ſepultura entre os horrores da cova, & as confuſoens da cinza: & que a nòs os ramos da meſma Cruz, fazendonos ſombra, nos tirem do ſepulchro da morte para o theatro da vida! Sem duvida, que ſe as cinzas de Adam nam eſtiverão já hoje frias, com a poſſe da morte ha tantos annos, q̃ cobrariam hoje novos eſpiritos veſtindo pompoſa gala das folhas deſta arvore para feſtejar a noſſa dita: jà que della cortou os lutos, em q̃ o envolvéo a ſua deſgraça. Duas deſgraças experimentou Adaõ em o primeiro dia, que ſe abrio a porta à noſſa ruina: huma a perda da ſua vida, & outra a perda daquella arvore. Eſteve a deſgraça em perder a vida, porque ficou Adam ſujeito á morte; eſteve a deſgraça em perder a arvore, pois na ſua auſencia nam podia Adam conſervar a vida. Hoje eſtà Adam ſatisfeito, porque a tudo ſe vé Adam reſtituido. Reſtitueſelhe a arvore, pois ficando até hoje eſcondida, lhe fica já hoje manifeſta. Reſtitueſelhe a vida, porque ſe a auſencia lhe dava a morte: *Ne comedat, & vivat*: hoje a viſinhança do fruto lhe promete a vida, & lhe deſterra a morte em a invençaõ da arvore: *Qui manducat, vivet.* Eſta he a Cruz ſagrada no dia da ſua Invençâo myſterioſa. Hoje amanhecéo para os homens o dia do ſeu remedio, pois deſenterrandoſe a Cruz do ſepulchro do eſquecimento, aonde a barbaridade de Adriano a ſepultou, para ficar para os homẽs eſcondida; ſae hoje triumfante aos noſſos olhos na grande piedade com que Conſtantino a buſcou, & no grande zelo, com que Santa Elena a deſcobrio: & como hoje da Cruz foi achada a ſua Invençam myſterioſa, quizera eu, que ſômente nos fizeſſe o gaſto em eſta hora ao diſcurſo, para cabal ſatisfaçam do meu empenho. Mas quando eu procurava fazer eſte Sermam cõ todo o acerto, vejo, que o Evangelho, que

Gen. 3. v. 23.

Ioan. 6. v. 57.

que havia de servir de luz ao meu discurso, que esse mesmo me mete em profundas sombras, nam vendo ao caminho, por onde guie aos meus passos. Porque com a Invençam da Cruz parece q̃ nam ha Evangelho mais improporcionado, que o que a Igreja canta neste dia solennissimo. Para a Exaltaçam da Cruz, por sy mesmo está o Evangelho aplicado: *Exaltari oportet*: mas para a Invençam, como se lhe ha de apropriar, se nelle parece q̃ nam ha palavra, donde a Invençam se possa colligir? Se o que com grande cuidado se escondéo, necessita de grãde luz, para diligentemente se descubrir, no Evangelho caminhamos tanto às escuras, que nam tendo alguma luz para a Cruz escondida se achar, estamos metidos em huma profunda noite, para a Cruz se nam descubrir: *Venit ad eum nocte*. Se perguntardes aos Expositores deste Evangelho, porque razam guardou Nicodemus para a noite a sua jornada; responder vos hao, que assim o fez, porque estando até alli escõdido, nam queria por Discipulo de Christo ser achado. E se Nicodemus para se cõservar escondido se apadrinhava cõ as sombras da noite: *Venit nocte*: como ha de ser no Evãgelho a Cruz manifesta, se no Evangelho temos huma noite, em que està a Cruz escondida? Como? Mostrando ser este Evangelho para a Invençaõ da Cruz o mais proporcionado. Mas esta proposiçam parece que tem mais de paradoxa, que de verdadeira; pois tem este Evangelho com a festa hũa improporçam tam conhecida, que todos fogem a este Sermam. Porque para seguir deste dia o seu mysterio, tem tanta difficuldade este Texto, que a Estrella mais resplandecente do Ceo militante de Agustinho prégando em este dia affirmava, que a grande difficuldade deste Sermam o fazia dezejar ser mais ouvinte neste dia, do que ser Prégador em esta festa. E tanto he isto assim, que conhecendo nós todos o erro, que commetemos

Silveir. sup. hoc Evang

Illustr. D. Fr. Christ. de Almeid. Serm. da Cruz. 1. p.

mos em prègar da Cruz neste dia aos seus louvores, a grande difficuldade, que a Invençam tem para se prégar, nos faz cahir a todos neste erro. Ora eu sem presusumir voar mais alto, aonde tantos Engenhos tem aspirado, hey de mostrar a Invençam da Cruz em o Evangelho, hey de prégar em este dia da Invençam da Cruz o seu mysterio. Eu o mostro com toda a clareza, & com alguma especulaçam.

213 De noite buscou hoje Nicodemus a Christo: ou porque a sua ignorancia fazia maiores pazes com as trevas da noite, do que capitulava tregoas com as luzes do dia: ou porque o seu medo só o fazia buscar a Christo com tanto segredo, & fugir do dia com tãta cautela: mas prégandolhe Christo da sua Cruz os seus mysterios, estava de Nicodemus o seu entendimento tam confuso, que para penetrar os seus segredos estava Nicodemus muito ignorante: *Hæc ignoras.* Christo a fallar, & Nicodemus a nam acabar de entender: *Quomodo potest?* Até que desterradas as sombras, penetrou Nicodemus da Cruz os mysterios. Valhame o Ceo! Atè agora a Cruz ignorada, & já agora os mysterios da Cruz conhecidos? Sim. E notai. Huma cousa, quãdo se ignora, està para o entendimento sepultada, porque està na ignorancia do entendimento escondida: mas tanto que está penetrada, fica já para o entendimẽto manifesta. Porque fica para o conhecimento desenterrada. Ah sim, pois ignore muito embora Nicodemus atè agora da Cruz os mysterios; mas já hoje alcance da Cruz os segredos. Porque se para o seu conhecimento estava a Cruz enterrada, hoje desfazendoselhe as ignorancias, ha de a Cruz ficar manifesta: porque hoje se ha de descubrir, depois que na sua ignorancia se escondéo, aquella Cruz, que até agora se naõ achava. Porque atè agora se desconhecia, hoje ha de ter a sua Invenção. Porque hoje se ha de descubrir, depois que

ma-

naquella ignorãcia se enterrou. Se a ignorancia lha escondéo : *Hæc ignoras* : o conhecimento lha ha de declarar, porque o entendimẽto lha ha de descubrir : *Exaltari oportet.*

214 Notai: que para Christo lhe facilitar mais a Nicodemus da Cruz sagrada a Invençam maravilhosa, lhe affirma, que da mesma sorte, que Moyses levantou a serpente em o deserto, que assim a Cruz ha de ser manifesta, & assim se ha de descubrir; porque assim se ha de manifestar : *Ita exaltari oportet.* Pois assim como levantou Moyses a serpente, assim ha de Nicodemus achar a Cruz: *Ita?* Sim. Como levantou Moyses a serpente? O Texto o diz: *Posuit pro signo*: polla como sinal. Maior duvida. Pois como sinal ha de Nicodemus achar a Cruz? Sim. Quando huma cousa se nam conhece bem, para se achar quando está escondida, poemselhe sinal, para que se descubra, & poemselhe sinal, para que se nam perca, para que pelo sinal sempre se veja, & pelo sinal sempre se ache : & como havia pouco tempo, que Nicodemus achára a Cruz, que na sua ignorancia se lhe escondéra, ainda a Cruz naõ estava bem conhecida. Ah sim, diz Christo; pois homem, aqui tens por sinal esta mesma Cruz; porque se por desconhecida póde ter o risco de nam ser achada; pelo sinal ha de ser descuberta, porque pelo sinal ha de ser conhecida, para ser manifesta: *Sicut exaltavit. Posuit pro signo.*

Num. 21. v. 9.

215 Melhor. Explicou Christo a Nicodemus os mysterios da sua Cruz, mas o nascimẽto do homem foi o meyo termo, que Christo tomou para declarar da Cruz a Invençam : *Oportet nasci.* E o nascimento do homem, que proporçam tem com o dia, em que a Cruz se acha, para que o nascimento do homem explique da Invençam da Cruz o mysterio que tem? Tem muita proporçam, diz o Sinaíta : *Homo ad formam Crucis figuratam habet imaginem.* O homem

mem he huma Cruz. Mas com esta differença: que antes do nascimento he huma Cruz enterrada, porque està em o ventre escondido; mas em o nascimento he huma Cruz achada, porque fica no nascimento manifesta. Pois homem, diz Christo hoje a Nicodemus querendo mostrarlhe da sua Cruz a Invençam, para que saibas, que hoje he o dia, em que a Cruz depois de escõdida fica manifesta, sabe que hoje he o dia do nascimento. Porque neste dia aquelle homem, q̃ atè o nascimẽto, como Cruz enterrada se escondia no vẽtre, hoje està achada, porque hoje pelo nascimento fica manifesta: *Oportet nasci.*

216 E se isto vos nam satisfaz, para se descubrir a Invençaõ da Cruz no Evangelho, eu torno a mostrar cõ maior evidencia. Chamou Christo hoje a Nicodemus hum ignorante: *Hæc ignoras.* E pois, Senhor, a hum homem tam entendido chamais vós hũ nome tam afrõtoso? Sim. Nam vedes, que Nicodemus queria tomar o nascimento do homem em este dia, pela entrada que fazemos no ventre, aonde nos criamos: *In ventrem introire:* & como o homem em o vẽtre he Cruz escondida, & no nascimento he Cruz achada, & nam podia haver maior ignorancia, que quando o dia era da Invençam, em que a Cruz se descubrio, presumisse Nicodemus, que ainda era o dia, em que a Cruz se escondéra: *In ventrem introire. Hæc ignoras.*

217 Cuido, que tenho mostrado com alguma evidencia a Invençam da Cruz no Evangelho, & com igual clareza, & especulaçam descuberto em hum Evangelho tam esteril a solennidade da Cruz, que celebramos: & quando me persuadi, a que tinha conseguido, o que atè agora nem li, nem ouvi, que outrem fizesse, ainda tenho outra difficuldade a que acudir, porque a assistencia do Sacramẽto, com a Invençam da Cruz, ainda nam està satisfeita, porque ainda nam està combinada. Mas se no Evangelho descubrimos a

sua

sua Invençam prodigiosa, tãbem no Evangelho havemos de achar a assistencia do Sacramento admiravel. Eu me engano, se o nam consigo.

218 Em dous mysterios fallou hoje Christo a Nicodemus, no do Bautismo, & no da Cruz: no do Bautismo: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua:* & no da Cruz: *Exaltari oportet.* E pois, Senhor, se vós sómente quereis publicar a Nicodemus da vossa Cruz a Invençam, para quė fallais em o Bautismo, quando quereis descubrir a vossa Cruz? Notai. No Bautismo, dizem os Theologos na materia da Eucharistia, está embebido hũ voto, que diz respeito a Eucharistia, como fim de todos os Sacramentos, por ordem à perfeita uniaõ com Christo. Ah sim, pois por isso falle Christo em o Bautismo, que se o Bautismo diz respeito ao Sacramento; achou, parece, Christo, que sendo hoje o dia, em que a Cruz se descubrio, estava pedindo este dia a assistencia do Sacramento; & que quãdo o mysterio da Cruz se prègava, se devia fallar em o Bautismo, & fazerse mençam delle, como Sacramento que diz respeito à Eucharistia: *Nisi quis renatus ex aqua.* E vimos a ter no Evãgelho naõ só a Cruz manifesta; mas tambem o Sacramẽto explicado. E teremos nós tambem a Invẽçam da Cruz no Sacramento? Sim temos. Vede, se me engano.

219 Quando Christo instituio ao Sacramẽto (Vede as circunstancias, cõ que o Evangelista refere a sua instituiçam prodigiosa) recebéo o paõ, & partio: *Accepit panem, fregit.* (Luc. 22. v. 22.) E para q̃, meu Deos, para que partis o paõ, quando instituis o Sacramento? Para que? Ora notai. Que fizeraõ os homens? Que? Tinhaõ escondido a Cruz dentro em aquelle paõ: *Mittamus lignum in panem ejus.* (Ierem. 11. v. 19.) Ah sim, diz Christo, & a Cruz está aqui dentro em este paõ escondida; pois eisaqui o paõ partido, para que a Cruz fique manifesta: o estar o paõ inteiro, faz com que a Cruz

no paõ se esconda. Pois eisaqui o paõ partido, para que aquella Cruz, que no paõ se sepultàra, no mesmo paõ se manifeste: *Fregit*. E vimos a ter a Invençam da Cruz no Sacramento, & a Invençam da Cruz no Evangelho. Mas ainda o assumpto està no Evangelho escondido, quando já temos em o Evãgelho tudo manifesto. Ora vamos ler ao Texto as suas clausulas, para descubrir ao panegirico em o Evangelho ao seu assũpto.

220. Convem, diz Christo, que a Cruz seja levantada: *Exaltari oportet:* pois da Cruz ser levantada depende a conveniencia. Argumento assim: Se a Cruz ha de ser levantada, ouve logo em a Cruz dous estados, hum em quanto cahida, & outro em quanto levantada. Pois porque razão nam està a nossa conveniencia em a Cruz no estado que teve em quanto cahida, & porque ha de estar toda a nossa dita, no estado, que teve a Cruz em quanto levantada? *Exaltari oportet*. Ora advirtão. A Cruz em quanto cahida, era a Cruz em o estado de enterrada: a Cruz levantada, era a Cruz em o estado que teve depois de manifesta. Mais claro. A Cruz cahida era a Cruz por Adriano enterrada; a Cruz levantada, era a Cruz por Santa Elena descuberta, depois que Adriano a escódéra: Ah sim, diz Christo, & a Cruz teve dous estados, hum em que se descubrio, outro em que se escondéo; pois as conveniencias, que o mundo teve na Cruz, não consistírão sómẽte em que no mundo ouvesse a Cruz; consistírão sim, em que ouvesse no mundo hum dia, em que a Cruz se descubrisse, & hum dia, em o qual a Cruz se manifestasse: *Exaltari oportet*. Logo se na Invenção da Cruz estiverão do mundo as suas conveniẽcias, as conveniencias que na Invenção da Cruz ouve, saõ o assumpto do Sermão. Entremos pelo discurso.

221 *Exaltari oportet*. Que importára, que a Cruz em o mundo aparecesse, se depois de enterrada nam ouvesse hum dia, em que se descubrisse. He este mundo hũ

mar.

Ps. 103. n. 25. mar. *Hoc mare magnum*: disse David. Aonde os montes lhe servem de cachopos, os valles de baixos, as torres de fortalezas, os palacios de balizas, os homens de navegantes, as arvores de baixeis, as aves de peixes, os rios de porto, os caminhos de linha, & os perigos de barra. E se para se surcar do mar as ondas necessitamos de navio, em que se navegue, que importára, que hũa vez o baixel aparecesse, se se tornasse a esconder, de maneira que nunca mais se descubrisse. Fora tanta a nossa desgraça, que flutuando no meyo das aguas perdessemos a vida nas mãos da morte, porque havendo navio que até o meyo da viagem nos guiasse, faltava baixel, que até o porto nos conduzisse. He a Cruz remedio universal dos homens. Que ventura era haver o remedio, mas de sorte, que não pudesse aproveitar a medicina? Que importava, que ouvesse a triaga, se se não pudesse descubrir, para se applicar à peçonha? Grande foi a nossa ventura com a Cruz; mas hoje só somos cabalmente venturosos, porque só hoje somos cabalmẽte afortunados. Dous estados teve a Cruz: hum desde a morte de Christo atè o dia de hontem; outro do dia de hoje até o fim do mundo. O estado, que durou atè hontem, foi o de escondida pelo odio de Adriano: o q̃ principiou hoje, he o de manifesta pelo zelo de Santa Elena. E ainda que nestes dous estados sempre a Cruz esteve em a nossa companhia; vay tanto para a nossa conveniencia nas circunstancias, que a Cruz teve nestes dous estados, no ser até hontem escõdida, & em o estar hoje manifesta, que pouco importára o tela, se se nam descubrisse. Porque só no estado, em que a Cruz se manifesta, he que está a nossa ventura, não no estado de hontem, mas sim no estado de hoje. Porque a felicidade do homem não consistio tanto em haver para elle Cruz escondida, como em haver para elle Cruz manifesta. Ora notai.

222 Resolveuse Deos a castigar aos moradores de Ierusalem, & o introduz o Propheta Ezechiel fallando cõ os Anjos, cõ estas bẽ escuras palavras: *Senem, adolescentulum, & virginem, parvulum, & mulieres interficite.... Omnem autem, super quẽ videritis Tau, ne occidatis.* Caminhai a Ierusalem cuidadosos, ninguem escape ao rigor de vosso castigo: porèm adverti, que naquelles, aonde vires a letra Tau, que esses hão de viver, & que esses não haveis de matar. E pois para estes homẽs terem a felicidade da vida, he necessario, que nelles se veja esta letra: *Super quem videritis.* E porque não diz Deos aos Anjos, que aquelles, que tiverem esta letra, fiquem com a vida: senão que nam empreguem os tiros da morte naquelles, aonde a letra se visse? Porque não bastarà o tela, & porque he necessario o descubrirselhe? *Super quem videritis?* Notai. Quando huma cousa de tal sorte se possue, que se não pòde ver, està escondida; mas quando se vê, fica manifesta. Esta letra conforme a Versaõ Syriaca, era a Cruz: *Littera Tau est forma Crucis:* & como o ficar com a vida era a maior felicidade naquelle geral castigo, não bastava terem a Cruz, sem ser vista, porq̃ isso era o estar a Cruz escondida: era necessario, q̃ a Cruz se visse; porque isso era ter a Cruz jà manifesta. Ainda que tenhão a Cruz, possam acabar; mas em a Cruz se descubrindo, hão de viver; porque ainda que àquelle Madeiro sagrado avinculasse Deos o nosso remedio, parece que esta felicidade se não une à Cruz em o estado de escondida, senão ao estado, em que se manifesta, depois que na terra se escondéra. Aquella grande conveniencia, que os homẽs tiverão no seu amparo, não parece, que consistio tanto em a Cruz escondida os amparar, quanto em a Cruz manifesta os defender.

Ezech. c. 9. v. 6.

223 No sepulchro de Adam, dizem gravissimos Autores, referidos por Nicolao de Lyra, & Paleoto, que

por industria de Seth nascéra a Cruz; porque tirandose da arvore do Paraiso, de que Adam comêra, alguns ramos; Seth os tresplantàra em a cova, aonde o Pay descançava. Valhame o Ceo! Nam acabo de entẽder o designio da Providencia Divina com o nascimẽto da Cruz em esta cova. Do Paraiso sei eu, que para Adão morrer o lançou Deos fóra, temendo que a arvore lhe désse a vida: *Ne forte vivat*: & agora querendo que Adam ficasse na cova, permite, que Seth lhe plantasse a mesma arvore na sepultura? No Paraiso, para que Adam morra, anda Deos com advertencia para o apartar da Cruz: & agora plantase a arvore na cova de Adam, & fica Adam na sepultura? Sim. E notai o mysterio. Tres cousas ouve no Paraiso, & tres cousas ouve em o sepulchro. Ouve Adão em huma parte vivo, & ouve Adam em outra parte morto. Ouve os ramos da arvore, & ouve as raizes; que ramos, & raizes tem hũa arvore plantada. Adam no Paraiso como estava vivo, a parte a que se chegava da arvore, erão os ramos, de que a arvore se vestia: na sepultura como Adam estava enterrado, a parte que lhe tocava, erão as raizes, em que a arvore se sustentava. Os ramos em huma arvore plantada, he a parte descuberta, & as raizes em a arvore he a parte escondida. Ah sim, pois Adam quando importa que morra, tirese do Paraiso, aonde a parte, com que da arvore se ampára, he a da Cruz, q̃ está manifesta: mas quando Adam importa q̃ fique morto, junteselhe da Cruz huma parte, mas essa escondida; porque se aqui com a Cruz manifesta ha de viver, alli cõ a Cruz escondida ha de ficar Adam em a sepultura.

Lyra sup. Joan. c. 5.

Gen. 3. v. 22.

224 Mas vejo, que os mais entendidos, que me ouvis, me estais arguindo, & me estais condenãdo, de que ainda que na sepultura de Adam ouvesse parte da Cruz escondida, que tambem ouve parte da Cruz manifesta: assim como no Paraiso ouve parte da Cruz, que na raiz

se escódéo, & parte da Cruz, que nos ramos se manifestou. Pois se a arvore era a mesma,& se a Cruz era a propria, qual he a causa, porque Adam logra tão encontradas venturas. Ora já que vos não satisfaz a differéça em Adão ter da sua parte em a sepultura a parte em que a Cruz se escondia, & no Paraiso os ramos, em que a Cruz se manifestava : demos outra reposta, póde ser que mais engenhosa,& pòde ser que mais verdadeira. Na Cruz posta em o Paraiso teve Adão duas cousas, A Cruz descuberta nos ramos , & o fruto pendente do tróco. Que no Paraiso tivesse a Cruz manifesta, isso dita a razão, pois via Adão da arvore os seus ramos : que no Paraiso tivesse o fruto , isso diz o Texto: *Comedit de ligno* : mas na sepultura teve Adam a Cruz, anda que manifesta , nos ramos. Mas com tudo a parte, que alli se plantou,não ha Padre que diga, nem Expositor que affirme, que aquella arvore désse algum fruto em aquella sepultura. Pois que importava o fruto em a Cruz para lançar a Adam do Paraiso, para morrer, & não ter fruto,para que Adão esteja com a cópanhia da Cruz, ainda em a sepultura? Que? Muito, diz a Glossa. Porque o fruto da arvore no Paraiso tinha-o Adam por Sacraméto : *Comedit de ligno* : *quod erat Dei pro Sacramento*. Ah sim, & Adão tem em huma parte a Cruz descuberta, & ao Sacramento exposto; pois jà que Adão ha de morrer, fuja Adão dessa Cruz. Oh dia de hoje por todas as circunstancias prodigioso, pois em ti não só temos a Cruz manifesta, mas tambem ao Sacramento exposto em aquelle throno. Parece que se apostou hoje o Ceo ao seguro das nossas conveniencias; porque se com a Invençam da Cruz sómente pudessem estas faltar , unidos estes dous mysterios, a Invençam da Cruz , & o Sacramento, podemos ter maior confiança; pois temos em a uniam destes dous mysterios a maior conveniencia.

Gen. 3. v. 6.

Interlinealis hic.

225 A Gedeão naquella gran-

Iudic.6. v.16. grande batalha, com que vẽcéo aos Madianitas, lhe promettéo Deos a vitoria, com que alcançando Gedeão o triumfo, ficou em o mundo o seu nome celebrado, & o seu valor conhecido. Mas he muito para reparar, que segurandolhe Deos a vitoria: *Percuties Madian quasi unum virum*: que desconfiou Gedeão do triumfo. E tanto, que fez a Deos varias pergũtas, & lhe pedio sinaes para se segurar da vitoria: *Si salvum facis per manum meam populum Israel, sicut locutus es. Ponam hoc vellus lanæ in area: si ros in solo vellere fuerit, & in omni terra siccitas, sciam, quod per manum meam liberabis Israel.* Ibid v. 36. Afflicto Gedeão com os cuidados da guerra, & com os temores da morte, descéo ao valle, & applicando o sentido, ouvio referir a hum dos Soldados Madianitas, fallando com outro, q̃ vira em sonhos, que descia do monte hum pão subcinericio: & que o companheiro respondéra, nam he senão a espada de Gedeão. E na cõfusaõ das sombras da noite disse aos seus Soldados este illustre Capitam estas, bem notaveis palavras: *Surgite, tradidit Dominus in manus nostras castra Madian.* Iudic. c.7. v. 15. Levantaivos, que já temos triumfado dos Madianitas. Aqui agora a minha duvida. E tão seguros saõ os successos da guerra, que antes de Gedeão dar a batalha jà diz que alcançou a vitoria? Atégora diz Deos a Gedeão, que ha de vencer, & elle desconfia se alcançarà o triumfo: agora ouve referir o sonho da espada, & logo se segura, que ha de vencer? Não tinha Gedeão aquella espada antes deste sonho? Sim tinha. Pois se agora em a espada poem o seguro da vitoria, com[antes] de ouvir o sonho, com a mesma espada desconfia Gedeão do triumfo? Notai. He verdade que Gedeão sempre teve a mesma espada; mas com esta differença: que antes do sonho era somente espada; & agora era espada, & era pão: *Videbatur mihi quasi subcineritius panis gladius Gedeonis.* Iudic. c 7 v 13. & 14. A espada tem Cruz, & se Ge-

Gedeão desconfia da espada sem pão: oh que da Cruz junto com o pão se fia Gedeão com tanta confiança, que mostra ter para o triumfo a maior certeza, pois se acclama Gedeão com a vitoria: *Surgite, tradidit enim Dominus in manus nostras castra Madian.* Tanto que Gedeão se vio amparado da Cruz, & do Sacramento, assim deu por infallivel a sua ventura, que as contingẽcias da guerra jà tinhão perdido as incertezas para o seu triũfo. Temos logo na união destes misterios hoje a maior conveniencia. Bastaria, pergunto eu agora, para a nossa felicidade, ter a Cruz, & o Sacramento da nossa parte? Parece que não. Porque tendo a, podia tudo estar escondido, podia o Sacramento não estar manifesto, & podia a Cruz ainda conservarse oculta: & para a Cruz, & o Sacramento nos servirem do mais forte escudo, parece q̃ he necessario, que o Sacramento se manifeste, & que a Cruz se não esconda. No mesmo lugar.

226 Sendo ainda de noite quando se deu a batalha, deu Gedeão huma luz a cada Soldado: *Dedit eis lampades.* E para que? Se Gedeão quer dar o assalto, para que acautelà com as suas luzes ao inimigo? Notai. Aquillo que està entre as sombras da noite, està escondido; & com as luzes fica manifesto. Ah sim, diz Gedeão, eu tenho aqui a Cruz: *Gladius Gedeonis*: & tenho o pão: *Subcineritius panis*; pois acendà-se luzes, porque se as sombras tem a Cruz, & o pão escondido, as luzes faràm que o pão, & a Cruz fique manifesto, que à vista da Cruz, & do Sacramento sem sombras, em que se escondão, & entre luzes, em q̃ se manifestem, està o triumfo tam seguro, que antes da batalha já se pòde acclamar a vitoria: *Surgite: tradidit enim Dominus in manus nostras castra Madian.* E se da união destes dous mysterios, ambos descubertos, depende a nossa conveniencia: Oh que grande dia amanhecèo hoje, pois quiz a Divina Provi-

Iudic. 7. v. 16.

videncia, que a Cruz fosse achada; & que o Sacramento estivesse manifesto! E já hoje não tem o mundo que temer; pois estes dous mysterios se encontrão unidos, & concorrem ambos manifestos. Quiz Deos, que na Invenção da Cruz sagrada não tivesse alguma contingencia a nossa dita. E para que não ouvesse para nòs a menor desgraça, não quiz que hojo sómente a Cruz se descubrisse; mas permitio, que na solennidade o Sacramento se expuzesse. Porque se sómẽte com a Cruz manifesta, poderia haver desgraça, que se nos atrevesse, com a Cruz, & o Sacramento exposto, ficavamos tão seguros, que só em a Invenção destes dous mysterios ambos descubertos tinhamos a maior conveniẽcia.

Joan. 14 v. 30.

227 Reparei eu sempre com grande advertencia naquella inclinação, que Christo fez no Calvario. Tres cousas fez Christo em huma só acção. Huma diz o Texto; duas advertem os Padres. Inclinou a cabeça. Dillo o Evangelista: *Inclinato capite.* Chamou a morte. Affirmao Santo Athanasio: *Mortem vocavit.* Olhou para o peito. He comum entre os Expositores. Pois para que olha Christo para o peito, quando chama a morte com tanta ancia? Inclina a cabeça, para que a morte venha; mas olha para o peito, ao tẽpo que chama a morte? Sim: No peito de Christo estava o Sacramento; mas como o coração ainda não estava aberto, estava ainda o Sacramento em o peito escõdido, com a inclinação, que Christo fez da cabeça, manifestou aquella parte da Cruz, que a cabeça occultava. Ah sim, diz Christo, pois morte vem com muita pressa; porque està aqui este peito, jà a Cruz està manifesta; mas aqui no peito ainda o Sacramento està escondido. E se tu ouveres de vir, ha de ser em quanto estes dous mysterios se não unirem. Porque se com a Cruz manifesta pòdes vir, com a Cruz descuberta, & o Sacramento exposto, jà não poderás chegar.

In hunc locum.

Não

Não fujas morte. Porque quanto mais te detens, tanto mais te ausentas, ficandote maior a jornada: & como he maior a distancia, necessitas de maior vagar, para chegares, & podem os homens serem mais diligentes no abrir, do que tu apressada em o correr. Se vieres agora em quanto só a Cruz está descuberta, ainda vens cedo: porém se chegares depois do peito aberto, já vens tarde: *Mortem vocavit*. Grande foi logo a nossa dita na verdade em a união destes dous mysterios, devemse hoje multiplicar as nossas alegrias, porque se multiplicárão hoje as nossas venturas. Hoje temos dous seguros reaes para a cõfiança, hum na Cruz, que se descubrio, outro em o Sacramento, que se manifestou. E se à vista do Sacramento podemos viver seguros, no patrocinio da Cruz podemos estar descançados. Duas cõveniencias temos hoje; huã em o Sacramento, que se descubrio, outra em a Cruz, que se manifestou. E se o Sacramento nos faz desterrar todo o medo, & a Cruz, que se descubrio, nos deve segurar a todo o bem: por muitos titulos devemos hoje estar descançados; hum por razão do Sacramento, outro por razão da Cruz. E com tanto seguro como não havemos de ter hoje a maior conveniencia? Devemse multiplicar hoje as confianças, por não ficar nenhum dos mysterios offendido; devemse multiplicar os descãços, só porque nenhum dos mysterios fique queixoso; porque sendo hum só o descanço, ou huma só a confiança, ou a Cruz fica offendida, ou o Sacramento fica queixoso. E para q̃ nem a Cruz, nem o Sacramento fiquem offendidos, sejão hoje duas as confianças, jà que sam hoje dous os patrocinios.

228 Fugio Elias à morte, que Iezabel lhe dispunha, & chegando a hum espinheiro, se lançou Elias a dormir. Acordou Elias do primeiro sono, & estando com a imaginação da morte bem afflicto, tornou a dormir segundo sono com maior descanço

3. Regũ 19. v. 5. & 6.

ço que o primeiro : *Obdormivit in umbra juniperi, & rursum obdormivit.* Dous sonos em tal occasião ? Grande mysterio. Hum homem fugindo à morte tam descãçado. Hum homem com huma afflicção tam capaz de o divertir, suspende duas vezes os seus cuidados, lançandose a dormir, sem que o susto lhe desassocegue o coração ? Sim. O espinheiro, aonde Elias se deitou, era a Cruz, disse Ruperto, que naquelle deserto Elias descubrio: *Projecit se in umbra juniperi: idest cõfugit ad Crucis lignum.* E ahi junto a essa Cruz vio ao pão : *Et subcinericius panis.* Ah sim, diz Elias, pois eu com o Sacramẽto, & com a Cruz, como tenho dous seguros, hey de me mostrar com duas confiãças. Hey de me mostrar duas vezes descançado, para que a ambos os mysterios me mostre eu agradecido. Hey huma vez de descançar por conta da Cruz ; & por conta do Sacramento hey de dormir segundo sono. Duas vezes me hey de lançar a dormir ; porque tenho dous patrocinios : dormir hum só sono, isso he deixar indeciso, em qual dos mysterios he a minha confiança. Pois para que o mundo saiba, que de ambos me amparo, conste ao mundo, que de ambos me confio. Porque duas vezes descanço, & duas vezes adormeço : *Obdormivit, & rursum obdormivit.* A morte de Elias era o castigo, que Iezabel lhe dava, & à vista do Sacramento, & da Cruz se deu Elias por seguro ; pois como descançado multiplicou Elias os sonos, por multiplicar à vista destes dous mysterios as confianças. E se para Elias foi tão conveniẽte a Cruz, & o Sacramento, somente em figura : quanto seràm hoje para nòs, não as figuras, mas tambem as realidades. Mais venturosos fomos nòs em a união destes dous mysterios, do que Elias em a uniao daquellas duas figuras. Porque se de Iezabel lhe não chegârão a Elias os castigos : comtudo sabemos, que ainda com aquelle pão, & com aquelle espinheiro

Rupert. lib. 5. de Trinit.

che-

chegârão a Elias de Deos os ameaços: mas na Invençam destes dous mysterios, na união destas duas realidades, assim fomos venturosos, que em quanto estes dous mysterios se conservarē unidos, parece que ainda dos castigos de Deos estamos seguros.

229 Comeu Judas em o Cenaculo do pão Eucharistico, na opinião daquelles Padres, que dizem que Iudas commungàra. Mas he muito para advertir, que tanto q̄ Iudas commungou, lhe disse logo Christo, que o que intentava, executasse com toda a pressa: *Quod facis, fac citius.* Homem apressate, vay com cuidado, caminha com aceleração, parte com diligencia a entregarme, vay com muita pressa a venderme. E pois, Senhor, aconselhais a pressa a huma acção tam fea? A hum traidor dizeis vòs, que seja apressado? Sim. Deixadas as opinioens varias dos Theologos em esta materia, a mais commua, & mais certa, he que o Sacramento em tanto dura, em o nosso peito, em quanto o calor natural não consome as especies de pão: & como toda a pressa he causa de maior calor: *Motus est causa caloris:* dizem os Philosophos: tanto menos, diz Christo, ha de durar em ti esse Sacramēto, quanto o calor se multiplicar para a corrução dessas especies. Aqui agora a maior duvida. E pois, Senhor, & para que quereis vòs, que se aparte o Sacramento de Iudas? Notai. No pão, que Judas commungou, havia duas cousas: havia a Cruz escondida, que os homens alli enterràrão: *Mittamus lignum in panem ejus:* a qual Christo descubrio, quando partio o pão: & havia o Corpo de Christo posto debaixo daquellas especies, em que he o que consiste a razão de Sacramento. E como as culpas de Iudas estavão bradando por hum grande castigo; & tam grande, que o mesmo Iuiz, que o havia de dar, era o primeiro que se compadecia do mesmo, a quem como reo castigava: *Væ homini illi:* diz Christo: Pois homē apres-

Ioãn 13. v. 27.

Ierem. 11. v. 19.

Luc. 22. v. 22.

apressate, para quê essas especies se corrompão, para que esse Sacramento se acabe, & para que essa Cruz desappareça. Apressate, para q esses mysterios se dividaõ. Apressate, para que essa Cruz ahi não esteja. Movete, para que esse Sacramento com essa Cruz se não una. Porque como te quero castigar, em quanto tiveres a Cruz manifesta ao Sacramento unida, parece que me suspendes o castigo, porque estes dous mysterios te defendem: *Quod facis, fac citius.* Oh mysterios admiraveis! Oh mysterios protentosos! Que conveniencias em vòs não temos, quando vos unis. Importava, q̃ ambos hoje unidos concorresseis, para que assim nos segurasseis. E se sómente quando a Cruz se descubrio, nos segurou Christo as conveniencias. Oh como ficão hoje mais infalliveis, quando o Sacramento se unio à mesma Cruz, que se manifestou. Importa que a Cruz se levante, para que a Cruz nos defenda: *Exaltari oportet.*

230 Cõvem, diz hoje o Filho de Deos a Nicodemus, convem que a Cruz seja manifesta, & eu em ella exaltado: *Exaltari oportet.* E porque, Senhor? Porque importa, que a Cruz se manifeste? Para que? Para que haja hum dia, em que se o homem foi desgraçado, haja tambem outro dia, em que o homem seja venturoso. O dia, em que o homem foi desgraçado, foi quando perdéo a Cruz lá no Paraiso; porque então ficou sujeito a toda a desgraça; ficando sujeito a todo o mal. Ah sim, diz Christo, & na perda da Cruz teve o homem toda a ruina, pois importa que a Cruz se ache, para que os homens fiquem venturosos. Ficou a fortuna senhora dos homens, no dia em q a Cruz para elles se escondéo; pois para que a fortuna seja a escrava, & os homens sejão senhores, importa que a Cruz se manifeste. No dia em que a Cruz se perdéo, ficarão os homens afflictos: pois para que se acabe toda a sua pena; importa que a Cruz se manifeste,

feste. Olhai. Os males sam muito atrevidos; porque cõ confiança entrão em o Palaçio dos Principes, & na cabana dos Pastores: tem hum dominio muito largo; porque tem hũa jurisdiçaõ muito ampla. Mas se tiverão cõtra nós esta jurisdiçam, em o dia que a Cruz para nòs se escondéo, hoje a perdéram, em o dia em que a Cruz se descubrio. Porq̃ se em quanto a Cruz escondida tem os males valor para acommeter; com a Cruz manifesta, logo fojem como cobardes, porque se não atrevem como valentes.

Apoc. 7 v. 3. 231 Nam queirais, dizia hum Anjo no Apocalypse, nam queirais fazer mal à terra, até que se ponha o final de Deos em os seus servos: *Nolite nocere terræ, quò ad usque signemus servos Dei in frontibus eorum.* E pois só até se pôr o final de Deos se haõ de os males divertir? Logo depois de posto o final poderám de novo cõmeter? Pois logo porque nam pede o Anjo, que se suspẽda o mal por todo o tempo, senão que se não execûte, em quanto se não puzer o final, dando lugar a que se atrevão, depois que o final se imprimir? Sabeis porque? diz o Doutissimo Padre Salmeirão. Porque o final, que havia de apparecer, era a Cruz. Porque no rosto dos Bemaventurados lá em a Gloria se havia de imprimir: *Beatos omnes signandos esse in Patria pro frontibus Cruce.* Ah sim, pois em quanto a Cruz não apparecer, tratem os Anjos de evitar a todo o mal. Porque depois quando a Cruz apparecer, a mesma Cruz por sy os defenderá: que se antes da Cruz apparecer se pòdem atrever os males para nos perseguir, depois da Cruz nos amparar, haõ de fugir. Porque os ha de fazer desapparecer a mesma Cruz, & nam com qualquer movimento, mas sim com a maior pressa. Porque tanta opposição tem a Cruz com os nossos males, que em a Cruz apparecendo, logo os males vão fugindo. Salm. in cap. 24. Matth.

232 Duas vezes, entre outras muitas, se vio a morte

em

em a Escritura: huma, dando passos: *Ante faciem ejus ibit mors*: outra, a cavallo: *Ecce equus, & qui sedebat super illum, nomen illi mors.* Pois se a morte he a mesma, como em huma parte anda tão senhora, que passea; & em outra, tão medrosa, que corre? Se a morte tem pés, & quer fugir, apresse os passos para correr: mas quer caminhar com tanta pressa, que sobe a cavallo para correr, & se poem a cavallo para fugir? Sim. Adverti em o que diz o Evangelista que vira primeiro, & logo alcançareis o mysterio. Diz que vio sahir a hum hōmem com hum arco em as mãos: *Exivit, & habebat arcum in manu.* O arco, diz Paleoto, he a Cruz. *Existimat arcum esse Crucem*: diz o Doutissimo Padre Silveira. E tendo a morte pés, com que ande, tanto que vio a Cruz, ficou tão medrosa, que se poz a cavallo, para cō maior pressa fugir. Tanto que a Cruz apparecéo: *Exivit*: que remedio ha mais q̄ ausentar: tanto que a Cruz se descubrio, logo a morte se poz a cavallo: mas não subio para triumfar; subio sim para correr. Não subio para seguir, subio sim para se ausentar, quebrou o seu arco, & desapontou a sua setta. Porque não tēdo as suas settas ferro, para nos acōmeter, se virárão sô contra a morte para a ferir. E as penas, que nas settas a fazião voar para nòs, saõ já agora azas, com que a morte quer fugir. E bem pudera então a Cruz dizer à morte: *O mors, ero mors tua.* Oh morte, corre com toda essa pressa, porque se não fugires de mim com tanta ancia, eu havia de ser a tua morte.

Habac. c.3.v.3. Apoc. c.6.v 8. Vbi sup. v. 2. Tom.1. in Apocal. q.4. f.583. Osee 13 v.14.

232 Com azas vio Zacharias a morte: *Ecce volumen volans. Ecce falx volans*: le o Syriaco. Pois a morte com azas? Não tem pés a morte? Sim tem: *Ante faciem ejus ibit mors.* Pois se a morte tem pés, & juntamēte azas, porque causa não anda? E porque razão voa? Notai. As azas formam huā Cruz, & tanto que a morte vio a Cruz junto de sy, nam quiz sómente andar, nam

Zach.5. v.1. Habac. 3.v.5.

quiz

quiz sómente correr; mas só se satisfez com o voar, para poder fugir com maior pressa. Mas enganouse a morte, que quãto mais dava às azas, para fugir da Cruz, tanto mais a Cruz a hia perseguindo. Porque quanto mais estendia as azas, tanto mais formava em sy a mesma Cruz. E se esta he a Cruz para a morte, sendo a morte o maior mal, vede se no dia, em que se descubrio a Cruz, tivemos nòs a maior dita. Oh dia em tudo felicissimo, em que se nos descubrio a maior dita na Invençam da Cruz sagrada. Mas que muito, q̃ para nòs seja a Cruz maravilhosa, se até para o mesmo Deos parece que em a sua mysteriosa Invençam foi a Cruz admiravel. Até para Deos foi a Invẽçaõ da Cruz conveniente; porque pertẽdendo os homens com a esconder desterrar a sua lembrança da nossa memoria, fica hoje à nossa memoria restituida a sua lembrãça. Pertendendo os homens esconderlhe o seu scetro, hoje se lhe poz em a cabeça a sua coroa. Pertendendo os homẽs escõderlhe o seu throno, hoje se manifesta o seu Reyno. Pertendendo escurecerlhe a sua divindade, hoje se lhe apura a sua honra. Tanta cõveniẽcia teve Deos nesta Invenção gloriosa, que sendo Deos huma cousa tão grãde, & hũa cousa tão soberana, parece que para a sua soberanía dependéo de algũ modo da Invenção da Cruz. Eu acabo.

234 Reparei com alguma advertencia, em que o Demonio incitasse a Iudas, para que vendesse a Christo, & que tambem incitasse aos Iudéos, para que o prendessem: mas tanto que vio a Christo sentẽciado, fez enforcar a Iudas, & incitou à mulher de Pilatos, que lhe divertisse a morte. Todos estes desvellos, diz S. Ignacio, que forão temores, que o Demonio tivera da Cruz: & por isso queria divertirlhe a Christo a sua morte: *Cum paranda esset Crux, Diabolus tumultuabatur, & pœnitentiam immittit proditori, & mulierculam turbans in somnis,*

D. Ignaz. in Epist. ad Polycarp. relatus à P. Silv. tom. 5. q. 2. fol. 498.

nis,ut à crucifixione ceßarent. Pergunto. A Cruz desde o tempo de Salamão não estava já em Ierusalem? Assim o dizem alguns Autores, referidos por Paléoto, & por Nicolao de Lyra. Pois se atè agora se atreve a Deos sem respeito à Cruz, como agora respeitando a Cruz, se nam atreve com Deos? Até agora dispoemlhe a morte, & não tem medo da Cruz; agora com medo da Cruz divertelhe a morte? Sim, diz Lyra, referindo a opinião de alguns Hebréos. Porq̃ a Cruz até agora esteve escondida; porque foi por Salamão enterrada: *Diu latuit Crux:* & agora manifestouse: *Imminente passione apparuit.* E se a Cruz escondida ha hũ Demonio, que se atreva a hum Deos; com a Cruz em a sua Invenção, não ha jà quem se lhe opponha. Se antes que a Cruz se descubra, hum Demonio se atreve, na Invenção da Cruz assim treme, que já respeita. E se na Invenção da Cruz se vio o Filho de Deos tão glorioso, que com medo da Cruz lhe quiz o mesmo Demonio divertir a morte: como não havia de ter tambem em essa mysteriosa Invenção muita conveniencia o Filho de Deos? *Ita exaltari oportet.*

In cap. 45. Ioan.

235 Tenho acabado o Sermão, não porque se acabasse a materia para o discurso; mas porque o tempo ao mesmo discurso poem embargos. Cheguemonos todos à sombra desta Arvore maravilhosa, colhamoslhe aos seus frutos, crucificandonos em os seus ramos. E já q̃ hoje se manifesta, para que se não perca segũda vez depois de achada, enterremóla em o nosso coração. E se ella he seguro Baixel, embarquemonos todos em esta Nao, para irmos dar comnosco em o porto da Gloria.

SERMAM
DE
SAM ROQVE,
PREGADO

Na Capella Real, em a ſolennidade que annualmente lhe conſagra a Confraria da Corte.

No Anno de 1684.

Sint lumbi veſtri præcincti. Lucæ 12.

236

Emos hoje no Paço a feſta da Corte (Muito alto, & poderoſo Rey, & Senhor noſſo) Temos hoje no Paço a feſta da Corte. Porque neſte dia ſe empenha a Corte, em ſolennizar no Paço o maior Rey, a feſta do maior Santo. He hoje Cortezão o aſſumpto, aſſim pelo lugar, como pela materia. Pela materia, não ſó por ſer peregrina, pois he Sam Roque o alvo, onde tira o diſcurſo neſta hora; mas tambem

bem Real; porque estando Sam Roque na companhia dos Bemaventurados ha já tantos seculos, ainda hoje corre o seu sangue sem a menor mancha pelas veas de quasi todos os Principes da Europa. Pelo lugar, pois he hoje Cortezão o auditorio. Mas bẽ era, que a nossa Corte se desempenhasse hoje cõ Sam Roque, já que Saõ Roque poz em tantas obrigaçoens a nossa Corte. Ou era bem que fosse eterno o nosso agradecimento, já que Sam Roque para eternizar para a nossa Corte o seu amparo, se fez peregrino, para ser em tudo peregrina a sua protecção para a nossa Corte. Aos outros Santos solennizalos a Corte, será obsequio; mas a Sam Roque solennizálo no Paço, além de ser voto que lhe pagamos, he culto q̃ lhe devemos: pois sendo Francez em o sangue, foi Cortezão de Portugal na profissaõ. Sendo Francez por geração, foi Cortezão de Portugal por nascimento. Iá sabem todos, que as Ordens Militares se estendérão por todo o mundo, servindolhe as quatro partes, em que se divide grandioso, para theatro de suas proezas. Mas a Ordem de Christo he sómente especial Ordem dos Portuguezes, não só por ter na nossa terra o seu principio; mas tambem por se não communicar a outros Reynos. E que mysterio tem o nascer Sam Roque com o Habito de Christo sobre o peito esquerdo: *Rubicunda Cruce in sinistro pectore?* Se não dizernos, que se he Cavalleiro Francez pelo sangue, que he Portuguez por profissaõ. Se Francez por geraçam, Portuguez por nascimento. E que outra cousa vinha a ser aquella Cruz vermelha posta sobre o peito esquerdo de Roque no seu nascimento? Senão hum penhor, cõ que nos segurava Roque desde entam o seu patrocinio, & que tomando à sua conta a protecção do nosso Reyno, havia de defender ao nosso Portugal como hum Cavalleiro professo da Ordem de Christo. E a hum Santo, q̃ se fez Portuguez por affecto

In ejus Vita.

para amparo da noſſa Corte; quem duvída, que por obrigação lhe devia a Corte de Portugal eternizar a ſua memoria para deſempenho da ſua divida. E que ſe os Sereniſſimos Reys de Portugal o tomáraõ por Advogado do Paço, & Protector da Corte, que hoje a Corte no Paço em demoſtração do ſeu agradecimento lhe devia dedicar o maior culto na pompa da maior ſolennidade.

237 O Evangelho, que hoje nos ha de abrir caminho ao diſcurſo para o Panegirico de ſuas excellencias, lhe vem tam proprio, que ſó para Roque parece que ſe fez eſte Evangelho. E ſe nos outros Sermoẽs a applicação he o maior trabalho do Prégador, hoje a ſua propriedade nos eſcuſa deſte trabalho: pois aſſim ſaõ para Sam Roque proprias as ſuas clauſulas, que parece forão para Sam Roque exemplo, & juntamente treslado. Treſládo em a execução pontual de Roque; exemplo em a preſcripção primoroſa de Chriſto. E ſenão lançai os olhos da voſſa curioſidade pelo eſpaçoſo campo da ſua protentoſa vida, & combinai com ella as expoſiçoens, com que os Padres explicárão do Evangelho os ſeus dictames, & vereis, que o Evãgelho, das acçoẽs de Roque he o melhor Texto: & que as acçoens de Roque ſaõ do Texto a mais diſcreta Gloſſa: ou porque as acçoens de Roque ſaõ do Evangelho a mais heroica eſtâpa: ou porque o Evangelho he das acçoẽs de Roque o melhor retrato. Ora notai.

238 Cingivos, & apertaivos, diz hoje Chriſto, fallando com os ſeus Apoſtolos neſte Evangelho: *Sint lumbi veſtri præcincti.* E iſto he o meſmo, diz Aguſtinho, Barradas, A Lapide, & Maldonado, que mandálos peregrinar: *Sint lumbi veſtri præcincti. Iubet eos peregrinare, & præcingi cingulo peregrinationis.* E a quem ſervio de aperto a peregrinação mais que a Roque? Iá peregrino huma vez de França para Italia: jà outra vez peregrino de Italia para Frãça;

Ita Auguſt. relatus in Biblia Maxima ad hunc locum. Barrad. A Lap. Mald. hic.

&

& com tanto aperto, que o poz a primeira peregrinação ás portas da morte, & a segũda peregrinação lhe tirou a vida. A peregrinaçaõ, que Christo manda fazer ao Varão Apostolico no Evangelho, he apartálo dos tumultos da Corte, para se não offender a sua virtude com as poeiras do Paço, tirandolhe das cousas temporaes o seu affecto. *Lumbi præcincti ob amorem rerum sæcularium*: glossou Agustinho. E qual foi o fim de Roque na sua peregrinaçam? Senão abnegarse ao mundo, deixando o governo de seus estados, aborrecendo as cousas da terra, & fazerse peregrino só para viver da Corte desterrado. Haveis de ser peregrinos. *Debent præparari ad iter*: diz o Doutissimo Barradas: mas ninguem ha de saber o para onde ides: *Sed non exprimitur quo ituri.* Roque sahe de Mompilher a peregrinar; mas o para onde he a sua peregrinaçaõ, ninguem o sabe. Ou porque o Evangelho assim o inculca, ou porque o peito do Principe para as revelaçoẽs dos segredos ninguem o sonda. Tende luzes em ambas as maõs, continùa Christo: *In manibus vestris.* Porque não quero, diz o Silveira, que huma mão me sirva a mim, & outra ao mundo. Porque nam quero, que entre o mũdo, & a minha pessoa se repartão os vossos affectos: *Ne una manu mundo, altera Deo inserviant.* Oh como teve Roque ambas as mãos occupadas, pois para que o scetro lhe não levasse huma, & Deos outra, deixou Roque o seu Paço, para que naõ dividisse entre Deos, & o mũdo o seu cuidado. Acendei luzes: *Lucernæ ardentes*: para que vos abrazeis na caridade do proximo, fazendovos companheiros das suas doenças, como se forão vossas as enfermidades. *Ut resplendeant per charitatem*: cõmenta o mesmo Expositor. E que luz resplandecéo mais que a de Roque na tocha de sua abrazada caridade? Iá indose meter nos Hospitaes de Roma a curar os apestados, até que veio a adoecer

Ita Aug. apud Silveir. tom 4. hic.

Ita Barrad. fol. 406. n.

Silveir. tom 4. fol. 41[illegible] n. 40.

Ubi sup. fol. 410.

da sua mesma enfermidade: já em Mompilher, até que veio a morrer com a sua propria doença. Estai com cuidado para abrir a Deos as portas, quando bate: *Ut cum venerit, confestim aperiant ei.* E se pelas enfermidades he que Deos bate, como diz Gregorio: *Pulsat per ægritudinis molestias*: Quem foi mais pontual que Roque em o abrir todas as vezes q Deos bateu? Iá na volta de Italia para França, quando adoecéo em o caminho: já em França, quando morreo em o carcere de Mompilher. E com tanta pressa, que nam parece q era a maõ de Deos mais apressada no bater, do que foi a de Roque pontual em o abrir. Haveis de estar vigilantes, diz o Senhor, em a segunda, & terceira vigia, porque não sabeis o dia, nem a hora, em que Deos vos bata ás portas da Alma. E presupposta esta incerteza, não quero que para a ultima hora guardeis o negocio da vossa Alma: *Et si in secunda, & si in tertia vigilia venerit. Vult ut omnibus momentis simus parati*: acrescenta o Silveira. Vede o como foi Sam Roque pontual em a sua vigia; pois aos doze annos se dispoz para abrir, todas as vezes que Deos se determinasse a lhe bater. Esta he toda a letra do Evangelho. E esta mesma he a de Sam Roque toda a sua Historia. Vistes já Texto mais conforme cô o assumpto? Ouvistes já assumpto, que fosse mais conforme cô o Evangelho? Por isso eu dizia, que este Evangelho era juntamente exemplo, & juntamente treslado; treslado em a pontual observancia de Roque; & exemplo em a preposiçaõ de Christo.

Homil. 13. in Evang.

Hic ubi sup.

239 Ora presupposta esta protentosa consonancia, entre Roque, & o Evãgelho, perguntai agora ao Doutissimo Turgilo, o para que dispoz Deos entre o Evãgelho, & Roque tanta correspondencia, fazendo hum Santo tam admiravel? E respondervosha, que assim o fez, para que se segurasse o mundo, que Roque em quanto Princepe, & que Roque em quan-

Turg. in Thesaur. Côcionator. fol. 55.

quanto Santo,era remedio da peste: *Pro pestilentiæ incommodo voluit admittere Beatum Rochum.* Sam Roque teve no mundo dous estados; o estado de Princepe,& o estado de Sãto: & assim no estado de Santo,como no estado de Princepe, sempre he Advogado da peste. A peste dividese como genero summo, em peste Physica, & em peste Cortezaã: a peste Cortezaã dividese em peste moral, & em peste politica. A todos estes estados da peste se estende de Sam Roque o seu amparo. Em quãto Princepe he Advogado da peste politica dos Reynos; & em quanto Santo he Advogado da peste moral das Cortes. E como no nosso Reyno supponho que nam ha peste politica que curar, nam tem Sam Roque, em quãto Princepe, no nosso Reyno a que acudir. E como só terà alguma cousa que remediar, em quanto Santo; nam tratarà hoje o nosso discurso da protecçaõ de Saó Roque em quanto à peste Physica, & à peste politica; mostraremos somente a Sam Roque como Advogado do Paço, curando as pestes moraes da Corte. Este he o assumpto. Entremos em o Sermaó: que eu o farey com toda a brevidade; porque bem sey, que se nam livra de ser molesto todo o Prégador, que prégа muito.

I.

240 A primeira peste moral de q̃ se enferma na Corte, he aquella mesma de que adoecem todos os homens, que saó apestados. A peste Physica nam he outra cousa, dizem os Medicos, mais que huma boa calidade com màs obras: porque he hum bom sangue inficionado com as calidades de veneno. Aquelles generosos espiritos, que havião de nascer do bom sangue para a cõservaçam da vida, se convertem em veneno, que repentinamente acõmete ao coraçĩo, contrariando as acçoens vitaes. Porque como seu contagio destroe a todo o tẽperamento: esta he a peste Physica, & esta tambem he

a peſte moral da Corte: màs obras em hum bom ſangue, huma boa calidade cõ màs obras, he mal de peſte. Os apeſtados da peſte Phyſica, nam ſó padecem o ſeu achaque, mas tambem aos outros pegão o contagio da ſua doença. *Peſtilentes*, diz Saõ Baſilio, *non ſolum ſe ipſos perdunt, ſed etiam in alios ſuam peſtem transferunt.* Tambem as màs obras no bom ſangue, he mal de contagio: porque nam ſó he doẽça, de que enfermão as boas calidades, mas tambem he achaque, de q̃ adoecẽ os demais homens. Os demais homens adoecem pelo exemplo: os grandes perigão pela doença: a peſte he commua a todos. Porque o contagio he commum, & he venenoſo. Os exemplos dos grandes tambem ſam venenoſos, & ſaõ communs: cõmuns porque vos fazem cahir no meſmo vicio, que o grande cõmettéo; venenoſos, porque ſaõ males de cõtagio.

D.Baſil. in Com. in Pſal. 1.

241 Eſta he a primeira peſte moral da Corte. E eſta he a primeira peſte da Corte, que cura Sam Roque como Advogado do Paço. Senão conſideray naquelle grãde deſvello, com que S. Roque ſe cingio, & naquelle grande cuidado, com que S. Roque ſe apertou com tanta admiraçam do ſeu Paço, que o venerava por Santo toda a ſua Corte. Porque ſe as màs obras em os grandes ſaõ mal de contagio, que ſe pegão nos vaſſallos; para deſterrar da Corte eſte contagio, devẽ os grandes ſer virtuoſos. Para que naõ morraõ os vaſſallos apeſtados com os exemplos dos grandes, demlhe os grandes para as ſuas acçoens os ſeus exemplos. As acçoẽs dos illuſtres, ou boas, ou màs, ſempre ſaõ imitadas; pois para que ſe acabe, diz Roque, em a Corte o contagio dos peccados, peguemoslhe nòs os grãdes o exemplo das virtudes. Os exemplos, que os vaſſallos tomaõ das noſſas culpas, ſaõ a peſte da noſſa Corte, pois apertemonos como Santo, diz Roque, já que ſomos illuſtre pelo noſſo eſtado, para que a noſſa virtude ſirva aos noſſos vaſ-

vassallos de exemplo. *Ut per bona opera proximis præbeamus exemplum*: diz Saõ Gregorio.

Vbi sup.

242 Oh Divino Roque, & que grande exemplo que dais aos poderosos, para nos seus vassallos curarem a peste das suas Cortes, serem as suas obras conforme com o seu sangue, para que nam sejam contagiosos os seus defeitos. Saõ os grandes a respeito dos piquenos em as suas acçoens como o corpo, & saõ os piquenos a respeito dos grandes na imitaçaõ dos seus exemplos, como a sombra. Porque assim como a sombra segue o movimento do corpo, & o corpo naõ segue o movimẽto da sombra; assim os grandes, se naõ imitaõ as acçoens dos piquenos, os piquenos imitaõ as acçoẽs dos grandes. Saõ os grandes como imagens, & saõ os piquenos bem assim como hũa copia destas imagens. Porque se na copia nam ha erro, que nam seja defeito, que se tresladou da Imagem; assim tambem nam ha nenhum defeito nos grandes, que se naõ veja copiado nos piquenos. E se estes saõ os piquenos a respeito dos grandes, pòde haver maior peste na Corte, que as màs obras no bõ sangue?

243 Adoeceu ElRey Ezechias, quizlhe segurar o Propheta a sua vida, & para que nam crece, que havia de ser aquella a ultima doença, lhe diz, que escolha por final da sua saude, ou que o Sol do relogio de Achaz adiante o seu curso, avisinhãdo ao Occaso os seus rayos; ou que o Sol retrocedesse aos seus rayos por dez gráos ao Oriente. Escolhéo o Rey o segũdo milagre, & retrocedéo a sombra no relogio de Achaz por dez linhas: *Volo ut revertatur umbra*. Perguntam agora os Expositores, se succedéo este prodigio sómente em o relogio de Achaz, ou se se vio este prodigio em todos os relogios daquella Corte? He opiniam commua, que em todos os relogios daquella Corte retrocédéo a sombra por outras dez linhas: Pois se no relogio de Achaz sómente se pedia aquel-

4. Regũ cap. 20. v. 9.

aquelle milagre, como fuccede em todos os relogios aquelle prodigio? Se fó em hum relogio fe pede aquelle final: *In horologio Achaz:* Como fe ha de ver aquelle final em todos os demais relogios? Sabeis porque? Porque era o relogio do Paço, diz Abulenfe: *Erat horologium in Palatio Regis.* E nam fei o que tem o Paço, ainda para os relogios, que todos retrocedẽ ao feu curfo, quãdo no relogio do Paço retrocede a fua fombra. Tam fielmente fe copião as fombras do Paço, que bafta crefcer as fombras em hum fó relogio, para que crefça nos mais relogios a mefma fombra. E fe os relogios aonde não ha a dependencia para a fua confervação, refiftão pela fombra do Paço ao feu curfo, q̃ ferà nos homens, onde a fua confervação tem dependencia da fua lifonja. He o Paço dos poderofos, dizia o outro grande Politico, hum bem fundado relogio, aonde o pezo he o governo, o Sol, o grande, & os vaffallos, as horas: & affim como as horas fe governão pelo curfo do Sol, affim os piquenos fe governão pelos exemplos dos grandes. Se o curfo do Sol no relogio he apreffado, faõ as horas em o relogio piquenas: fe o curfo do Sol no relogio he vagarofo, faõ as horas em o relogio dilatadas: fe o Sol efconde os feus rayos, tudo no relogio fam fombras: fe o Sol refplandece, tudo no relogio faõ luzes: fe o Sol pàra, tudo no relogio he confufaõ para as horas, porque fempre aponta o Sol na mefma linha.

Abul. in 4. Reg. c. 20. q. 22.

244 E fe tanta efficacia como ifto tẽ para os piquenos o exemplo dos grandes, vede como ferà contagiofo efte exemplo. Se for Santo, como feràm imitadas as fuas virtudes. Se for máo, confideray como ferà peftilencial efte contagio. Por iffo os grandes tem maior obrigação que os piquenos. Porque fe dos piquenos nam imitam as fuas acçoens os grandes: & como lhas nam imitam, por iffo os piquenos nam tem obrigaçam de lhe dar efte exemplo. Mas como

como o exemplo dos grandes,he para os piquenos imitação infallivel, tem os grãdes obrigaçam de tirar este contagio. Hum homem homem, tem obrigação de ser Santo, ainda que o não pareça. Mas hum homem grãde tem obrigaçam de o ser, & de o parecer. De o ser, para tratar da sua Alma: & de o parecer, para dar o exemplo a que o obriga o seu estado. Por isso David dizia, que os Reys que se não salvavam por muita virtude: *Non salvatur Rex per multam virtutem.* Porque se para se salvar, era necessario mais de muito: nam se salvão por muita virtude: isto he, diz a Glossa, por serem sómente Sãtos: *Nec facti sua virtute salvantur*: mas por mais de muito, mostrando a sua santidade, pelo seu exemplo: *Non modo spiritualia, sed exteriora.* Mais claro. Nam lhe basta serem Santos para sy: mas tambem lhe he necessario serem Santos para nòs. A hum homem homem, bastalhe muita virtude; porque lhe basta ser Santo: a hum homem grande, helhe necessario mais de muito, porque deve parecer justo. A hum homem homem, basta o que basta: mas para hum homem grande nam basta, o que basta, & he necessario o que sobeje. Temos prova em Sam Roque. Temos prova na Escritura. E temos prova no Evangelho. Comecemos pelo Evangelho.

Ps. 13. v. 16.

Gloss. hic.

245. He muito para reparar neste Evangelho, que para beatificar Christo aos seus servos, se ha com mui diverso estylo em este Texto. Porque para beatificar a huns, quer que se cinjam, & que se apertem: *Sint lumbi vestri præcincti*: quer, que tenham luzes nas maõs: *Lucernæ ardentes*: quer que vigiem: *Beati servi quos invenerit vigilantes*: & que a todo o tempo se estenda a sua vigia: *Et si venerit in secunda vigilia, & si in tertia vigilia venerit: beati sunt.* E logo no Verso quarẽta & dous deste mesmo Capitulo, para beatificar a outros Servos, requere sómente humã condiçam, qual he o dispender os

bens

bens do mundo: *Fidelis dispensator beatus est.* Pois para huns servos serem bemaventurados, basta a renuncia, & para outros, he necessario a renuncia: *Lumbi præcincti ob amorem rerum sæculariũ*: Saõ necessarias as tochas acezas: *Lucernæ ardentes*: As vigias: *Vigilantes*: E isto em todo o tempo: *Et si in secunda, & si in tertia vigilia venerit?* Sim, diz o A Lapide. Porque neste Evangelho falla Christo com os homens, & falla Christo com os Apostolos: *Ad omnes fideles loquitur, maxime ad Apostolos.* Os Apostolos eraõ Principes: *Constitues eos Principes.* Pois para os homens homẽs serem bemaventurados: *Beatus servus*: baste huma só cousa; mas para serem bemaventurados huns homens Apostolos, que tem a dignidade de grandes, huma só cousa basta. Para huns homens homens, basta a renuncia, que isso he o que basta: mas para huns homens grandes, nam basta só a renuncia, he necessario a renuncia nos apertos: *Lumbi præcincti*: as tochas nas maõs: *Lucernæ ardentes*: as vigias, & em todo tempo: *Et si in secunda, & si in tertia vigilia venerit.* Porque para esses serem bẽaventurados, isso he nam bastar o que basta; mas bastar o que sobeja: *Beati sunt.* Isto quanto ao Evangelho. Agora em Sam Roque.

Ita A Lapid, hic.

246 Duas acçoens fez Sam Roque, ambas nascidas daquelle generoso coraçam: huma o abraçarse cõ a Cruz de Christo, trazendoa no peito: *Rubicunda Cruce in sinistro pectore*: & a segunda, foi deixar aos seus Estados, fazendose por amor de Christo peregrino. E pois nam bastava tomar a Cruz, era necessaria a peregrinaçam? Sei eu, que para Christo assinar o q̃ nos basta para nos salvar, sómente nos manda abraçar com a sua Cruz: *Si quis vult post me venire, tollat Crucem suam.* Pois se o tomar a Cruz basta, como abraça Roque a Cruz, & depois se faz peregrino? Sabeis porque? Porque era grande, & porque nascéo illustre. E entẽdéo Roque, como Sãto que

Matth. 16. v. 24.

que para a falvaçam de hum homem illuftre, naõ lhe baftava a Cruz fem a peregrinaçam: antes lhe era neceffaria a peregrinaçam, & mais a Cruz. Para Roque em quanto homem, baftavalhe a Cruz, & fobejavalhe a peregrinaçam: mas para Roque em quanto homem, que tinha Eftados, eralhe neceffario a peregrinaçaõ além da Cruz. Para Roque em quãto homẽ, baftavalhe a Cruz, & fobejavalhe a peregrinaçaõ. Porque em quanto homem a peregrinaçam eralhe fuperflua. Mas para Roque em quanto grande, lhe era neceffario em quanto poderofo, o mefmo que em quanto particular, lhe era fuperfluo. Na Efcritura.

247 He certo, & he de Fé, que Deos formou a Eva de huã cofta de Adam: *Tulit unam de coftis ejus, & ædificavit in mulierem.* Ifto fuppofto, perguntaõ agora os Expofitores, com quantas coftas foi formado Adam? Porque não podia ter mais, nem menos que vinte & quatro. Porque tantas faõ as coftas, em que fe fortalece o corpo humano, como fabem todos os Anatomafticos. Adam nam podia fer criado com vinte & finco, para depois de formada Eva ficar homem perfeito com vinte & quatro. Porque nefte cafo fahiria Adam monftruofo das maõs de Deos. Nam podia fer criado com vinte & quatro, para depois de formar Eva ficar com vinte & tres. Porque nefte cafo ficava Adam defeituofo. E Adam affim como nam podia fer monftro, affim tambem na ordem da natureza nam podia ter defeito. Porque nam teve a Omnipotencia entre os homens precifamẽte homens, producçam aonde melhor fe efmeraffe a Arte, occupãdo Deos em a fua fabriça todo o feu defvelo: diz Tertuliano: *Confidera totum Deum occupatum.* Pois logo com quantas coftas fe formou Adam? Todos os Autores afentão, que com vinte & finco. Argumento affim. Logo Adam era monftro? Nam era, diz o Abulenfe, & o A Lapide. Porque efta

Gen. 2. n. 21. & 22.

esta mesma costa lhe era a Adam necessaria, & lhe era a Adam superflua. *Illa costa erat superflua, & erat necessaria*: diz o Tostado. Maior enleio. Pois a mesma costa era superflua, & era necessària? Sim. E notai. Adam teve dous estados. Foi Principe: *Dominamini*: & foi La[v]rador: *Ut operaretur*. Ah sim, pois para Adam Lavrador vinte & sinco costas, era cousa superflua; porque só vinte & quatro eraõ necessarias: mas para Adam illustre, vinte & sinco costas lhe eraõ necessarias; porque para elle em quanto grande lhe nam bastavaõ só as vinte & quatro. Melhor. Diz Santo Thomás, que em Adam havia duas cousas, a razam da pessoa particular, & a razam de cabeça entre todos os homens. Para Adam em quanto pessoa particular, vinte & sinco costas lhe eraõ superfluas, porque lhe bastavam vinte & quatro: mas para Adam como cabeça, naõ lhe bastavaõ vinte & quatro, porque lhe eraõ necessarias vinte & sinco. Para Adam homem particular, como lhe basta o que basta, huma costa mais de vinte & quatro, lhe he superflua: *Erat superflua*: mas para Adam poderoso, o que para elle lhe era superfluo; em quanto illustre, lhe era necessario. *Costa Adæ* (diz Santo Thomás) *ut privatæ personæ superflua erat; necessaria tamen quatenus ipse erat caput*. Estas saõ as pensoens de ser cabeça entre os demais homens: porque estas saõ as pensoens de ser illustre. Oh Divino Roque, & como satisfizestes a estas pensoens, pois nam só vos vimos cingido com a Cruz da mortificaçaõ, que he o que basta para os demais homens: *Tollat Crucem suam*: mas tambem peregrino para o nosso exemplo, q̃ he o que sobeja. Porque se tinheis por officio, como Advogado do Paço curar as pestes da Corte, cingistesvos para nos pegar o contagio das vossas virtudes: apertastesvos para nos dar a vossa vida por exemplo, para que o vosso exemplo desfizesse as sombras da vossa vida.

Abul. in cap. 2. Gen f. 90. §. Sed dicet aliquis. A Lap. f. 74 §. Dices.

D. Th. apud Patr. A Lap. f. 75 §. Hinc.

Nam

Nam vos ſatisfizeſtes com a Cruz,que iſſo he o que baſta: fizeſtesvos peregrino, q̃ iſſo he o que ſobeja. Mas iſſo vos era a vòs neceſſario, pois tendes por officio curar as peſtes da Corte : *Sint lumbi veſtri præcincti. Pro peſtilentiæ incommodo voluit admittere Beatum Rochum.*

II.

248 Muito nos detivemos em eſta primeira parte. Até eſſe mal nos fez. Serei mais breve nas que nos faltam. A ſegunda peſte moral da Corte, he como ſegundo modo de que ſe fórma a peſte Phyſica. A peſte Phyſica, dizem os Medicos conforme a opinião de Ficinio, he hum vapor concreto no ar, o qual em ſy não he veneno ; porque não vem a ſer em ſy couſa alguma : comtudo em ſe chegando ao ſangue, converteſe logo em refinada peçonha. *Peſtis* (diz Ficinio) *eſt vapor in aere cõcretus , non tamen ſecundum formam venenoſus , ſed facilé in naturam veneni tranſit.* Eſta he tambem a ſegunda peſte moral da Corte. Vapores,que em ſy naõ tem nada , porque he aeria toda a ſua entidade , fazelos o ſangue peçonha,não ſendo elles veneno. O vapor da peſte he hum aggravo (diz o meſmo Autor) que o ar faz ao ſangue como inimigo : *Vapor eſt inimicus ſpiritui.* E não ſendo eſſe aggravo nada, o ſangue o faz veneno, convertendoo em peçonha. Eſta he a peſte Cortezaã : aggravos, que ſaõ vapores ſem algum ſer, fazellos o bom ſangue ſer peſte. Ora vâmos ver em Sam Roque o como ſe cura eſta peſte.

Ficin. in Epidim. antid. c. 1.

249 Sae aquelle generoſo eſpirito de Roque, de Mompilher para Italia. Eis toda Italia declarada contra Roque. Lá o aggravão, lá o ferem, lá o maltratão. Volta de Italia para Mõpilher. Eilo em França perſeguido, aggravado,& prezo. Offendida com as ſombras da infidelidade a ſua innocencia. Olhai como era geral o contagio , pois em toda a parte lhe fazia tiro ao ſangue. E q̃ effeitos fez naquelle genero-

ſo

so sangue este vapor? Que? Não se cõvertéo no seu sangue em veneno; antes o seu sangue o fez mudar em triaga. Porque no amparo de Roque teve remedio de Mompilher o contagio: & a peste de Italia, oppondose-lhe Roque ao seu vapor com tal excesso, que se acabou para huma, & outra Provincia o seu veneno. Pois este effeito faz aquelle vapor neste illustre sangue? Sim: que a peste do aggravo acabase, nam fazendo o sangue caso do vapor. Grande peste, vapor que vos não pòde offender, fazerse veneno com o vosso sangue. Hum sangue illustre, como o de Roque, não faz o vapor nelle impressam: porque nunca o bõ sangue se corrompe. Se quereis os grandes ver se estais apestados, vede se o vosso sangue communica espiritos de veneno ao vosso aggravo. E se o vosso sangue he puro, como pòde communicar espiritos, que saõ peçonha, o vosso sangue? O sangue apestado he sangue corrupto. E se vos prezais de puros no sangue, para que o apestais para o corromper? Que o sangue dos piquenos se contamine com este vapor, està bem; porque hum sangue, que tem tantas manchas, pòdese corromper; porq̃ o poderà o vapor apestar: mas hũ sangue illustre, hum sangue soberano, hum sangue puro, como o quereis apestar. Se vos prezais, que a vossa boa calidade se não pòde corrõper? Sangue illustre o vapor não o apesta: porque o vapor não o corrompe.

250 E se vos prezais do vosso sangue ser puro, como o quereis corromper, admittindolhe vapor, com que se possa apestar? Eu não vos nego, que o vosso sangue sinta haver vapor tam atrevido, que se queira oppôr à vossa fidalguia: mas para a corrupçam, para se tornar veneno, isso nam convem ao sangue dos poderosos. Até em Sam Roque temos este exemplo. Sam Roque muitas vezes se queixou por parte da sua innocencia contra os vapores, que a semrazão dos homens levantava contra a sua pessoa:

ſoa: & com lhe chegarem à honra, pois o tratavam como eſpia, preſumindo nota em a ſua fidelidade, nunca para ſe trocar em veneno aquelle vapor, achou diſpoſiçam em o ſangue deſte illuſtre Francez. Para o ſentimento lá teve o vapor lugar no ſeu coraçam: mas para o veneno ſempre achou reſiſtencia. O coraçam illuſtre para eſte effeito naó admitte eſtes vapores: lá pódem entrar; mas ſó ſe devẽ conſervar no peito, em quanto não quizerem apeſtar o ſangue dos grandes. Lâ entrem, mas com tanta repugnancia, que ſó ſe conſervem em quanto o coração não tem porta.

251 Atraveſſáram a Chriſto o peito com huma lança, & adverte o Texto ſagrado, que logo do peito de Chriſto ſahíra ſangue, & agua, & que ambos corréram com grande preſſa: *Exivit ſanguis, & aqua.* Pois logo, & com tanta preſſa? E nam baſtaria ſahir o ſangue, ou nam baſtaria correr a agua? Senão que ha de correr a agua, & ha de ſahir o ſangue, & tudo com preſſa, *Continuò?* Sim. Na morte fizeraõlhe a Chriſto os Judéos dous aggravos, diz Sam Cyrilo Alexandrino, hum com o ſangue, outro com a agua: o da agua foi quando Pilatos lavou as maõs para o entregar aos Iudéos; o do ſangue foi, quando os Judéos o pedíraõ. Eſtes dous aggravos lá tiverão no coraçam de Chriſto o ſeu aſſento; nam para a vingança, mas para o ſentimento da offenſa; mas com tanta violencia, que logo com a ferida, que a lança abrio, ſahíram ambos, nam ſahio ſó o da agua, ficando lá o do ſangue; ſahio o do ſangue ſem ficar lá o da agua: antes tam dezejoſos, que começàram logo a correr, tanto que no coraçam a porta ſe lhe abrio: *Continuò exivit ſanguis, & aqua. Propter* (diz Sam Cyrilo) *Propter duas cædes, alteram judicantis, alteram verò clamantis.* Que como o coração de Chriſto era coração tam illuſtre, tam máo agazalho haviaõ de achar nelle aquelles dous vapores, que fazião muita dili-

Ioan. c. 19. v. 34.

Cyril. in Ioan. 19. & in Catena 13.

gencia para sahir, & Christo mostrando, que não podia morrer com estes dous vapores para o sentimento no coraçam; mostrou aos homens o peito com a cabeça: *Inclinato capite*: para que abrindolhe no coraçao a porta, sahissem do peito aquelles vapores, a quem o sangue dos homens costuma fazer peçonha, nam sendo elles em sy veneno. Advirtam em Sam Roque, que atè parece, que tresladou em sy esta acçaõ do mesmo Christo.

252 Està Sam Roque prezo no carcere, sem se dar a conhecer. Morre. Faz seu testamento. Escreveo em huma taboa, offerecendo liberalmente remedio da peste aos mesmos, que o perseguiam, expressando o seu nome, para que o conhecessem naquella Provincia. Pois não morre Roque sem esta diligencia? Nam. Porque nam quiz, que suspeitassem da sua pessoa, que atè apestàra o vapor ao seu sangue. Quiz mostrar, que não podia morrer, sem que nos confiasse, que fizeraõ em o seu sangue tam pouca impressaõ aquellas offensas, que sahirão todas do peito derretidas em hũma abrazada caridade. E para mostrar, que do coraçam lhe sahíraõ, deixa remedio com a sua morte aos mesmos, que lhe queriaõ desluzir a sua fidelidade, offendendolha com a nota de treidor ao seu sangue. Isto fez Christo. E isto fez Roque. Mas nam sei se fazem isto mesmo os Cortezaõs. O que eu suspeito, he, que quãdo muito lhe sahem do peito o vapor da agua, mas là fica no coraçam o vapor do sangue. Ainda eu tenho esta peste moral por peior peste q̃ a peste Physica. Porque na peste Physica se o vapor offende o sangue, acabandose o vapor, nam fica o sangue apestado. A peste moral, tanto que chega a tocar no sangue, he peste que se nam acaba. Porque se herda com o sangue ao vapor. Na peste Physica o vapor communica o veneno ao sangue. Na peste moral, o sangue he que communica o veneno ao vapor. Na peste Physica he reme-

medio mudar de lugar, por fugir ao contagio. Na peſte moral como em toda a parte eſtà o meſmo ſangue, lá vai com o ſangue para qualquer parte o contagio. Na peſte Phyſica nam he a duraçaõ de muito tempo. A peſte moral nam tem conto os annos que dura. A peſte Phyſica acaba na cova, & enterrado o apeſtado, já o ſeu mal nam he contagioſo. A peſte moral do ſangue nam acaba na cova, porque ainda infunde contagio dentro em a ſepultura. E quantos deſtes apeſtados haverà na noſſa Corte, a quem acómetendoos o vapor ha mais de duzentos annos, ainda hoje eſtaõ apeſtados, & nam tem eſcrupulo de andarem entre nòs, tendo hum mal tam contagioſo ha tanto tempo? O peior contagio, q̃ ha em a peſte Phyſica, he aquelle, dizem os Medicos, a que elles chamaõ Contagio *diſtans*, Contagio de longe. Tambem o contagio de longe he o peior cõtagio da peſte moral do ſangue: porque como foram mais os offendidos, coſtumaõ ſer mais os apeſtados. A peſte Phyſica, dizem os Medicos, que pega o ſeu cõtagio, *immediatè*, deixando as ſuas calidades, ou nos veſtidos, ou nas prẽdas do apeſtado. Tambem na peſte moral ha contagio immediato, o qual fica no ſangue, q̃ ſe herda; porque ahi ſe imprime a ſua calidade. Ora jà que Deos vos dà, aos grandes, a Roque para exemplo de curar as voſſas peſtes, tomai os grandes o exemplo de Sam Roque. Aprendei a deſprezar o vapor, q̃ ſe quer imprimir no voſſo ſangue. Aprendei os illuſtres a nam deixar, ainda depois da morte, em teſtamento a voſſa peſte, já que Roque deixou o remedio da peſte no ſeu teſtamento. Curaivos hoje em quanto Cortezaõs, de hum contagio taõ maligno, jà que hoje ſe vos propoem para a cura a hum Santo, que he Advogado deſte contagio: *Sint lumbi veſtri præcincti. Voluit pro in commodo peſtis admittere Beatum Rochum.*

III.

253 A terceira, & ultima peste da Corte, he aquella mesma, q́ tem a propriedade da peste Physica. A peste Physica he hum vapor, q́ sempre acomete ao melhor; porque ao coraçam faz o tiro, ou em o cerebro quer imprimir o veneno. E já sabeis todos, que do corpo humano estas saõ as partes mais nobres. Tambem esta he a ultima peste moral da Corte, ser o melhor o mais perseguido. Em Roque temos tambem o exemplo desta peste. Porque se o considerais em Italia, ahi o encontrais perseguido, sendo Roque peregrino. Se o considerais em Mompilher, ahi vereis, que contra hum Roque milagroso se armaõ os tiros de seus vassallos. E o que he mais para sentir, he nam fazer a peste moral os seus tiros, como os costuma fazer a peste Physica. A peste Physica contra o bom Physico, que recorre com todo o ente, he que arma o seu contagio. A peste cortezaã contra o bom moral he que se arma. Porque os virtuosos he que cõmette. Os ares da Corte, dizia o Seneca, sempre saõ apestados; porque sempre estaõ corruptos. Na Corte nam póde haver ninguem a quem nam apeste o seu clima; mas a peste maior, he contra a maior virtude: por isso a virtude foge dos seus ares, para que a nam eficiona o seu clima. A peste Physica primeiro se apesta a sy em o vapor, para que acommeta ao coraçam, ou para que faça ao cerebro os tiros: assim saõ tambem os Cortezaõs na sua peste; pois para perseguir a maior virtude, todos querem ser apestados, para que destruaõ a maior virtude com o seu contagio. He muito para reparar, que não chamasse David apestados aos Concelheiros de Ierusalem, quando fizeram contra Lazaro o seu Concelho, sómente quando votáraõ contra Christo, disse, que se apestára todo o Concelho de Estado da Corte de Ierusalem: *Concilium malignantium*

Psal. 21. v. 17.

tium obſedit me. Pois os meſmos Concelheiros apeſtados contra Chriſto, & nam contra Lazaro? Sim : que em Chriſto reconheciaõ maior ſantidade, pelos ſeus milagres, do que em Lazaro. E ſe ſe não apeſtârão contra hum Lazaro, todos enfermárão de peſte contra Chriſto; contra o melhor armárão o contagio, para lhe apeſtarem a virtude. Na prizão de Roque temos prova deſta verdade. Prendem a Roque em Mompilher. Começa a fazer milagres. E publicando as ſuas obras, & a ſua virtude, eſtà Roque metido no carcere. Pois, Cortezaõs deſarrezoados, ſe eſtas maravilhas ſaõ fiel teſtimunha da innocencia de Roque, porque ſe nam acaba a peſte da voſſa perſeguição? Por iſſo meſmo. Porque para ſer na Corte perſeguido por apeſtado, nam ha maior culpa, que ſer virtuoſo. Se fores homem homem, ſereis apeſtado cõ menor cõtagio: mas ſe fores homem ſanto, haveis ſer apeſtado com maior contagio; porque contra vòs ſe arma maior veneno.

254 Sendo Iacob, & Iſrael a meſma peſſoa, he muito para reparar, que mãdando ElRey Balac ao Profeta Balão, que o perſeguiſſe, lhe adverte, q̃ perſigua a Iacob; mas iſſo com huma perſeguição muito ſingela: *Maledic Iacob*: porém advertelhe, q perſigua a Iſrael com a maior perſeguiçam q̃ póde haver: *Propera, & deteſtare Iſrael.* Aſſim explicão communmente o *deteſtare* os Expoſitores. Pois ſe Iſrael, & Iacob he a meſma peſſoa, como para Iacob baſta huã perſeguição, & eſſa commua, & para Iſrael huã perſeguição a maior que ſe pòde conſiderar, & a maior q̃ ſe lhe pòde fazer? He o caſo. Iacob quer dizer *Supplãtator*, hum homem que vive no mundo: & Iſrael interpretaſe, *Videns Deum*, hum homem contemplativo, que ſó com Deos tem o ſeu trato. Pois eisahi a cauſa, porque ſendo Iſrael, & Iacob a meſma peſſoa, a differença dos eſtados lhe fez maiores as perſeguiçoens. Hum Iſrael

Num. 23. 7.

em quanto Iacob, isto he em quanto homem, bastarlheha a peste de huma só perseguiçam; mas hum Iacob em quanto Israel, isto he em quanto Santo, ha de se apurar contra elle o veneno, para que seja maior a sua peste. Hum Israel, que sómente he Iacob, tem contra sy huma peste commua: *Maledic Iacob*: mas hum Iacob Israel, ha de ser apestado com hũa peste singular: *Propera, & detestare Israel.* Estes saõ os ares da Corte para a virtude. Mas isto he sómente naquellas Cortes, aonde Saõ Roque nam he o Protector do Paço, & o Advogado da peste: mas naquella Corte, onde Sam Roque he o Advogado da peste, & o Protector do Paço, nam he assim. Porque só acaba na Corte o contagio, mas tambem infunde aos Principes virtude de curar esta peste, afeiçoandoos à virtude. E já me nam admiro, que o primeiro movel das nossas acçoens se empenhe tanto na cura deste contagio, tendo especial amor à virtude, pois tem por Protector do seu Paço a hum Santo, que nam só cura a estas pestes, mas tambem communica aos Principes virtude para curar este contagio. E para que isto nam pareça lisonja, vamos ver em S. Roque a prova desta verdade. Prendéraõ a Sam Roque em Mompilher: & em quanto lhe durou a vida, esteve aquella Corte apestada, & os q̃ governavão aquelle Estado tambem: contra Roque armárão a sua peste; pois não obstante os seus milagres, foi perseguida a virtude de Roque em toda a vida. Morre Roque no carcere, & he cousa notavel, que logo se acabou a peste naquelle Estado, & se tornou a perseguiçam dos que governavão aquella Corte, em amor da sua virtude. Pois depois de morto Roque? Sim: que no seu testamento nomeouse Saõ Roque por Protector daquelle Paço, & por Advogado daquella Corte. E esta he a ventura de quẽ logra o seu amparo, que não só fica livre da peste; mas fica com amor à santidade. Por isso eu dizia,

que

que nam era admiraçam na noſſa Corte nam haver eſta peſte no noſſo Reyno. Porque Sam Roque he o Protector do noſſo Paço: & ſe aſſim ſe cingio para remediar os apeſtados, quem duvída, que ha de ſer maior o ſeu amparo, aonde como a Protector ſe recorre à ſua virtude: *Sint lumbi veſtri præcincti. Voluit pro incommodo peſtis admittere Beatum Rochum.*

255 Tenho acabado o Sermão: mas naõ poſſo deixar de reparar em hũa grande impropriedade, que me parece ſe deſcobre neſta feſta. Porque nam parece, que havia de ſer em o Paço o lugar deſta grande ſolennidade. Porque ſe a Saõ Roque o tomárão os Sereniſſimos Senhores Reys de Portugal por Advogado da peſte da Corte, por occaſiaõ da peſte que ouve em eſte Reyno no tẽpo do Sereniſſimo Senhor Rey D. Ioaõ o Terceiro: pela meſma occaſião não havia de ſer no Paço eſta feſta. Porque entam do contagio ficou ſomente a Corte apeſtada; mas do mal da peſte não ouve alguem no Paço, que foſſe ferido. Logo como o contagio lá foi do Paço para fòra; lá fóra do Paço parece q̃ ſe havia de fazer o voto; lá a Corte levantar o Altar, já que experimenta de Roque o patrocinio: mas o Paço, q̃ nam he o apeſtado, ha de levantar a Roque o Altar, obrigado por voto? A Corte experimenta o amparo, & o Paço he que dedica a ſolennidade? Sim: que os Sereniſſimos Reys de Portugal naõ ſaõ ſómente Reys; mas tambem ſaõ Pays: & aſſim nos amaõ a nós os ſeus vaſſallos, que ſendo noſſos os males, ſaõ ſeus os votos para o noſſo remedio. Se já nam foi, q̃ como o Sereniſſimo Rey Dom Ioaõ o Terceiro queria ſegurar a noſſa Corte, para que nam padeceſſe mais eſte contagio, para que tiveſſe effeito eſte dezejo, quando a Corte era a apeſtada, o Paço lhe havia de dedicar a Roque o Altar, o Rey lhe havia de fazer o voto, para que ſe acabaſſe o contagio para a Corte.

256 Caſtigou Deos a

2. Regũ c. ult.

Corte de Israel em o tempo de El Rey David com huma grande peste, tam grande, q̃ durando na opiniaõ de muitos Autores somente tres horas: em tam pouco tempo morréraõ setenta mil homẽs, diz a Escritura: *Mortui sunt ex populo septuaginta millia virorum*: & nam ferindo a peste a ninguem do Paço, porq̃ só foi apestada a Corte: *Mortui sunt ex populo*: descuidouse a Corte de buscar remedio àquelle contagio, & David vendo no seu Reyno tam grande castigo, fez voto a Deos, edificandolhe de novo hum Altar dentro naquelle lugar, aonde edificou o seu Paço: *Ædificavit altare Domino.* Pois o Paço nam he o ferido, a Corte he somente a apestada, & a Corte naõ levanta o Altar, a Corte nam faz o voto, o Rey he o que faz o sacrificio? Sim. Diz o Abulense, que David queria, que se acabasse o cõtagio da Corte, para q̃ sempre ficassem os seus vassallos livres da peste. *Ædificavit altare, ut cessaret pestis*: diz o Abulense. E quando os Reys pertendem extinguir o contagio nos seus vassallos, quando elles nam saõ os feridos, & só a sua Corte he a apestada, dos Reys haõ de ser os votos para o remedio, os Reys levantam o Altar, para que cesse o castigo. E como os nossos Serenissimos Reys queriaõ, que para nòs cessasse o castigo, livrandonos deste contagio: *Ut cessaret pestis*: elles deviam fazer o voto para o remedio, levantando o Altar em agradecimento do beneficio: *Ædificavit altare.* Isto se vio na Corte de Israel, & isto se vé na Corte de Portugal: & assim como a Corte de Israel nam tornou a ser apestada depois do Rey levantar o altar, & fazer o voto pela peste da Corte: assim espero eu em Deos, que naõ ha de o nosso Reyno padecer mais este contagio, depois que o Paço levantou aquelle Altar pela nossa peste, consagrãdo a Saõ Roque o nosso Reyno, pois Deos o admittio por Advogado da peste: *Pro incommodo pestis voluit admittere Beatum Rochum.*

Fol. 284 q. 44 Er c. iã ibi hegitur,

quòd iste locus postea fuisset Palatiũ Regis.

SER-

SERMAM
DA
PVRIFICAÇAM
Com o titulo da Luz,
PREGADO

Em a Capella Real da Vniverſidade de Coimbra, ſendo Iuiz da feſta Ioſeph de Vaſconcellos, 2. de Fevereyro do Anno de 1685.

Poſtquam impleti ſunt dies purgationis Mariæ ſecundùm Legem Moyſi. Luc. 2.

257

Mãy de Deos (Illuſtriſſimo, & Reverẽdiſſimo Senhor) A Mãy de Deos, a Rainha dos Anjos, & a Senhora dos homens, no dia da ſua myſterioſa Purificação com o ſoberano titulo da Luz dedicamos hoje a maior feſta, na pompa da maior ſolemnidade. A eſta meſma feſta, que hoje conſagramos a Mãy de Deos em eſte dia, por eſpecial Eſtatuto deſta Real Vniverſidade, parece alludio em ſombras a Vni-

Vniverſidade de Athenas; pois em eſte meſmo dia, ſe viāo em o Templo daquella Vniverſidade com ritos gētilicos, y com dogmas ſuperſticioſos, com luzes acezas em as mãos aos ſeus Sabios, eſperando ao filho da Deoſa Ceres, que ſe perdéra neſte dia. Hoje para purificar as luzes de tantos Sabios, de tam grande ſombra, ſe vē em o Templo da Vniverſidade aos ſeus Sabios com luzes acezas em as maõs, eſperando ao filho de Maria, que eſtava perdido para o conhecimento dos homens. Mas ſe a Senhora ſe foi hoje purificar, para purificar a meſma purificaçam: bem era, q̃ na Vniverſidade acendeſſem hoje os Sabios as ſuas luzes, para purificarem de tantas ignorancias as luzes dos Sabios da Vniverſidade de Athenas. Aquella Vniverſidade foi a primeira, que cōſagrou aos Deoſes eſta feſta: era bem, que para purificar aos erros deſta feſta conſagraſſe hoje eſta Real Vniverſidade à Māy do verdadeiro Deos eſte applauſo. E ſe ainda aſſim com o brilhante vulgo de tam reſplandecentes luzes erão cegos aquelles Sabios, hoje os noſſos Sabios com ceremonias Catholicas haõ de desfazer àquelles Cegos as ſuas trevas, apartandoos da falſidade dos ſeus ritos.

258 Mas he muito para reparar, que ſendo hoje eſte grande, & alegre dia para toda a Igreja o dia da Purificaçaõ de Maria a titulo da meſma Purificaçam, hoje para a noſſa Vniverſidade he o dia da Purificaçam a titulo da Luz. He hoje para toda a Igreja eſte dia o dia da Purificaçam de Maria a titulo da meſma Purificaçam. Porque ſó ao ſeu myſterio dedica hoje a Igreja o ſeu culto: *Dies purgationis Mariæ*. He hoje para a noſſa Vniverſidade o dia da Purificaçaõ a titulo da Luz; porque como Luz na ſua Purificaçam he que ſolenniza hoje a Univerſidade a Māy de Deos. Mas para em tudo ſer purificado eſte grande applauſo, aſſim ſe havia de dedicar à Māy de Deos hoje eſta feſta; por-

porque como a solennizamos hoje purificada na Vniversidade por Estatuto: nunca ouve Estatuto para a solennidade da Purificação na Vniversidade, aonde a Purificação se não ajuntasse com a Luz. Porque nunca se encontrou na Vniversidade a Luz, que se não ajuntasse cõ a Purificaçam. Grande confirmação me parece q̃ tem este meu juizo nas clausulas deste mesmo Evangelho: cõ que viremos a unir, sem encarecer muito, a difficuldade da materia às principaes circunstancias do assumpto. Ora notem.

259 Entrou hoje em o Templo a Mãy de Deos, & apenas deu nelle os primeiros passos aquella peregrina Senhora: *Cum inducerent eum parentes ejus:* quando logo começou Maria a resplãdecer como Luz. *Dum Maria templum purificanda intrat, nullus apex in hac caeremonia est, qui non perspicua significatione praeconetur Mariam esse lumen, & lucem:* diz hum grande Sabio da Vniversidade de Salamanca, o Doutissimo Zerda. Quando Maria entrou em o Templo (grandes palavras para a circunstãcia deste dia) Quãdo Maria entrou em o Templo a purificarse, entrou como lume, & foise a purificar como Luz. Porque não tem nenhuma ceremonia a Purificação, aonde se não divisẽ em Maria os rayos da mais brilhante luz. Porque especialmente na sua Purificação ardéo Maria como lume. Porque na Purificaçam formou de sy a Senhora huma tocha. Onde sendo o seu affecto o lume, da sua luz cortou os rayos o seu resplandor: *Suspicor lucidam ardere facem, quae in Purificationis solennitate maximoperè affulget:* diz o mesmo Padre: pois em a entrada do Templo: *Dum intrat:* logo se vé Maria como lume, que arde: *Lumen:* logo se vé Maria como Luz, que resplandece: *Lucem:* logo se vé Maria como tocha, que alumea: *Facem?* E que especialmente na Purificação brilha? *Quae in Purificationis solennitate maximoperè affulget?* Sim. Porque

Luc 2. v. 27.

Acad. 23. f. 482 n. 1.

Acad. 23. f. 482. §. 2. n. 2.

que o Templo era a Vniversidade, diz o Doutissimo Padre Sylveira: *Ibi erant sedes Doctorum*: na entrada do Templo começava o acto da Purificaçam: *Non ingrediatur templum, donec impleantur dies purificationis suæ.* E para que no Templo se solennizasse a Purificaçam, havia naquella Vniversidade Estatuto: *Secundùm legem*: pois quando da Universidade: *Ibi erant sedes Doctorum*: se solenniza a Purificaçam: *Dies purgationis*: & isso por Estatuto: *Secundùm legem*: juntase em Maria a Luz: *Lumen, & lucem*: com a ceremonia da sua Purificaçam. Nessa Universidade, quando Maria se vè purificada: *Dum purificanda*: logo se vé como luz resplandecente: *Lumen, & lucem*: que com mais pompoza galla brilha em a mesma Purificaçam: *Quæ in Purificationis solemnitate maximoperè affulget.* Era logo conveniente, que se unisse hoje o titulo da Luz com a ceremonia da Purificação; ou que o titulo, que tivesse a Universidade para a celebridade da Purificaçam, fosse a luz, jà que por Estatuto: *Secundùm legem*: se vé a Purificação celebrada na Vniversidade com tanta põpa: *Dies purgationis.* E notai, que encontrandose hoje em este dia a Luz com a Purificaçam, nam solenniza a titulo da Purificação a Vniversidade á Luz: antes a titulo da Luz, he que solenniza a Vniversidade à Purificaçam. Nam solenniza a Vniversidade à Luz a titulo da Purificação; porque independente da Purificaçam venerou sempre a Vniversidade à Luz: solenniza, sim, à Purificaçam a titulo da Luz: porque por amor da Luz he que solenniza à Purificação. E senão, demos mais dous passos atràs, & busquemos o principio desta festa, & vereis clara prova desta verdade.

Sylveir. tom. 1. f. 429. q. 25. n. 116. & 117.

Exod. c. 12. v. 14.

260 Esta mesma festa, que hoje se consagra à Mãy de Deos em este dia, independente deste dia, se lhe consagrou já antigamente ao seu soberano titulo da Luz nesta Vniversidade, agora so-

ſolennizaſe no dia da Purificação na Vniverſidade, ao meſmo titulo. E que myſterio tem, permanecendo o titulo, mudarſe o dia: ſenam conſtarnos, q̃ o ſolennizarſe Maria na Vniverſidade como Luz, nam he a titulo de Purificação: antes, o ſolennizar a Vniverſidade à Purificação he a titulo da Luz? Por iſſo, ſe ſem o dia da Purificaçaõ ſolẽnizou a Vniverſidade à Luz; ſem a Luz não ſolennizou a Vniverſidade à Purificaçaõ; porq̃ a Purificação naõ he o titulo, q̃ a Vniverſidade tẽ para a Luz; antes a Luz he o titulo, que a Vniverſidade tẽ para ſe celebrar a Purificação. E ſe quereis ver iſto cõ maior clareza, & maior engenho, façamonos outra vez na volta do Evangelho.

261 O acto da Purificaçam, que ſe celebrava no Templo, era a titulo do parto de Maria: porque por eſte titulo diz o Evangelho, que ſe foi a Senhora purificar cõforme a Ley: *Impleti ſunt dies purgationis Mariæ, ſecundum legem.* He verdade, que deſta ceremonia eſtava izenta a Mãy de Deos; porque não foi o ſeu parto daquelles, a quem obrigava a Ley da Purificaçam: mas como nem a todos conſtava a eſpecialidade, porq̃ a Ley a excluíra; a titulo do ſeu parto, foi celebrar a Senhora a ſua Purificaçam; pois o titulo, porque ſe celebra no Templo a Purificaçam, ha de ſer de Maria o ſeu parto: E com tanta dependencia do parto a Purificaçam, que ſe nam havia de celebrar no Templo a Purificaçam, ſe nam fora o parto? Sim. Porque Maria no ſeu parto foi verdadeira Luz, porque pario ao mais inextinguivel lume: *Maria lumen eſt, quæ lumen peperit*; diz o Almerienſe: & como Maria no parto foi Luz: *Lumen eſt*: & o Templo era Vniverſidade: *Ibi erant ſedes Doctorũ*: o titulo porque ſe ſolenniza na Univerſidade a Purificação, he o parto do lume: *Lumen peperit.* Porque no ſeu parto foi Maria Luz: *Lumen eſt.* E ſaberſeha, que ſe obſerva aquelle eſtatuto: *Secundùm legem*: para a ſolennidade da Purificaçam com

Acad. 4. f. 136. n. 61.

tan-

tanta dependencia da Luz, que a Maria nam ter o seu parto, aonde como luz: *Lumen est*: pario o lume: *Lumen peperit*: nam se havia de celebrar naquella Vniversidade, de Maria a sua Purificação. Em proprios termos, primeiro que eu, & cõ maior clareza o disse Timotheo Hierosolymitano; pois affirma, que com especialidade se celebrou hoje naquelle Templo, & naquella Vniversidade a titulo da Luz o acto da Purificaçaõ. Porque o motivo porque Simeaõ celebrou com tanta pompa a Purificaçam de Maria, foi porque divisou hoje na Mãy de Deos huma inextinguivel luz, com que hoje resplandecéo em a sua Purificação: *Iustus solam Virginem quodam Divino, infinitoque lumine circumfusam animadvertit*. E os reflexos de tão brilhãte luz forão a causa porque se celebrou a sua Purificaçam naquelle Templo cõ tanta pompa: que levantou Simeão a voz, para naquella Vniversidade lhe cantar a galla: *Quia viderunt oculi mei salutare tuum*: & para q̃ nos constasse, que a Luz na Purificaçam lhe roubou os affectos, a Luz na Purificaçam foi a materia do seu panegyrico: *Lumen ad revelationem gentium.*

Apud Acad 4. f. 484. n. 7.

Luc, 2. v. 30.

262 Temos vindo às circunstancias do assumpto, seguese agora, já que por falta de espirito nam podemos seguir de Simeão os seus voos, ao menos seguir de Simeaõ as suas vozes: & supposto que ficava disculpado em me levar hoje a Luz todo o tempo ao discurso, faltando da Purificaçam ao seu mysterio, pois o primeiro Prègador deste assumpto absorto nas excellencias da Luz: *Lumen ad revelationem gentium*: deixou o discurso da Purificação: comtudo, eu por nam faltar, nem ao mysterio, nem ao titulo, em tudo tratarey, assim do titulo, como do mysterio. E se Maria, como diz Ludolpho Cartuxano, se foi hoje purificar como Luz sabia, para se graduar Doutora em a Purificação: *Voluit subjici Purificationi, ut Doctrix existeret*: já que hoje prégamos a Purificaçam de Maria aos Doutores,

Luc 2. v. 32.

Lud. in Vita Christi hic.

tores, mostraremos em o discurso a Maria exemplo dos Doutores no acto da sua Purificaçam. Este he o assumpto, que havemos de discorrer. Reduzirei à brevidade os seus periodos; porque bẽ sei se nam livra de ser molesto todo o Prègador, q̃ prèga muito.

I.

263 *Postquam impleti sunt dies Purgationis Mariæ.* Nam ha Expositor nenhum deste Evangelho, que nam repare muito na Purificaçam da Senhora, que se escrève neste Texto; pois sacrificando hoje a Mãy de Deos a fama ao discredito, expondose à nota de purificada, satisfez hoje à Ley da Purificaçam: digo, que sacrificou hoje a Mãy de Deos a fama ao discredito, quanto aos olhos do mundo, que na realidade nam podia ser desacreditada aquella Senhora, cujo parto foi virgindade, cuja Purificaçam foi pureza, ou cuja pureza honrou a mesma Purificaçam. A Senhora nam estava sugeita à Ley, porque tinha a Mãy de Deos privilegio para nam satisfazer ao preceito. Pois se a Senhora estava izenta deste preceito, porque obedece tam pontualmẽte a este preceito, nam usando do seu privilegio? Querse expor à nota de purificada? Quer sugeitarse ao que dirá o Mũdo da sua pureza, vendo que se vai purificar como as demais mulheres? Satisfaz a huma Ley, de que està izenta? Obrigase a hum preceito, de q̃ està privilegiada? Sim. Dizem os Iuristas, que o privilegio he ferida da ley: *Privilegiũ est vulnus legis*: & como Maria neste dia com especialidade resplandeceo como Luz sabia: *Suspicor lucidum ardere facem, quæ in Purificationis solemnitate maximopere affulget*: porque se graduou Doutora: *ut Doctrix existeret*: antes havia de escolher aos olhos do mundo a afronta da Purificaçam para sy, do que, para a Ley a ferida, usando do seu privilegio. Estas saõ as duras pẽsoens, que comsigo traz aos

Dou-

Doutores a ſua luz, que por nam ferir o Sabio à Ley com o ſeu privilegio, ha de obedecer ao preceito, ainda á cuſta do ſeu reſplandor. Em huma luz ſabia, em hum Doutor Academico, mais parece, que cabem as afrontas, que os privilegios; pois para não dar na Ley a menor ferida, ha de ſacrificar a ſua peſſoa ainda à maior afronta; pois aquella Senhora, q̃ hoje ſe graduou Doutora para o ſeu exemplo, lhe deu hoje na ſua Purificaçam eſta doutrina.

264 Pedio Chriſto a ſeu Eterno Pay, que diſpozeſſe a ſua providencia, que lhe nam deſſem a lançada no peito, quando eſtiveſſe nos braços da Cruz: *Erue à framea Deus animam meam.* Aſſim entẽde eſte lugar o Doutiſſimo Lorino: *Poſſumus intelligere deprecationem iſtam, ne vulnus lateris affigeretur:* ſendo que, parece, que havendo Chriſto de pedir diſpenſação ao Pay para os ſeus tormentos, que antes devia pedir ao Pay, que lhe evitaſſe a bofetada, diſpenſandoo do ſeu tormento, & nam a lançada, evitandolhe eſte golpe. Porque eſta ferida haviaſe de dar depois da morte, & eſta bofetada, havia Chriſto de a receber eſtando vivo. Além de que, eſta bofetada ſendo para Chriſto hum grande tormẽto, havia de ſer tambem para a peſſoa de Chriſto huma grande afronta: & a lança, nam era para Chriſto afronta, nem era tormento. Nam era tormento, porque já eſtava morto: *Ut viderunt eum jam mortuum:* não era afrõta, porque o ferir não he injuria: & aquella bofetada, era injuria, porque aſſim o julga o Mundo: era tormẽto, porque eſtando Chriſto vivo havia de ſentir aquelle golpe. Pois logo, como não pede, que o diſpenſe o Pay da bofetada, ſe lhe pede, que lhe não permita a providencia a ferida do peito? He o caſo. Chriſto no peito tinha a Ley, como diſſe David: *Deus meus, & volui legem tuam in medio cordis mei:* & como a lança havia de raſgar o peito, havia a lança de ferir

Pſal. 21. v. 21.

Lorin. tom 1. f. 309. litt. D.

Ioan. 19. v. 32.

Pſal 39. v. 9.

rir a Ley. Christo era luz: *Erat lux vera*: pois que a minha pessoa se afronte, sendo eu luz por officio, aqui está (diz Christo) o rosto para as bofetadas; mas que a Ley se fira, rasgandome a lança o peito, isso não: antes sofrerei a afronta de huma bofetada, do que no peito a menor ferida, só porque a Ley, que está no coração, não experimente o menor golpe: *Erue à framea Deus animam meam.*

Ioan. 1. v. 9.

265 Esta he a pensaõ grande das luzes. E se a luz da Mãy teve com a luz do Filho muita semelhança, q muito, que naõ use a Senhora hoje do seu privilegio, expondose á nota de purificada, só porque a Ley com o seu privilegio não ficasse ferida. Observou hoje Maria a Ley por Luz, de que estava izẽta por Mãy; era Doutora: *ut Doctrix existeret*: & o observar as Leys he o principal Estatuto dos Doutores. Olhai. Os Doutores tem por officio o serem luz, porque tem por obrigação o serem Soes. Não duvido, q muitas vezes pela pessoa estejam os Doutores desobrigados da Ley, mas por razão da luz hão de observar ao preceito: pois vemos, q aquella Senhora, que pela sua pessoa, & pela sua dignidade estava desobrigada da Ley, pelo Officio de Doutora: *Ut Doctrix existeret*: se foi hoje purificar: *Dies Purgationis secundùm legem.* Grande he o resplandor da luz, mas traz comsigo grande pensaõ esse resplandor. Hum Doutor he como hum Sol; mas o seu luzimento depende da sua observancia: hum Doutor pouco ajustado, he hum Sol mui desluzido; porque se não pòdem unir nelle as quebras da Ley com os resplandores da luz. Sabeis porque nas Universidades nam costuma haver muitos Sabios luzidos? He porque nas Vniversidades nam costuma haver muitos Sabios observantes. Como pòdem logo Sabios alumiar como Sol resplandecente, se nelles se vir a Ley de Deos pouco observada? Como pódem resplandecer como luz, se de-

ſtroem com os ſeus vicios os Sabios os ſeus reſplãdores. A luz do Sabio não depende tanto de ſciencia, quanto depende da obſervancia.

266 Quando Adam comèo do pomo, diſſe David, que ficára Adam hum ignorante: *Homo cum in honore eſſet, non intellexit.* He certo, que Adam não perdéo a ſciencia; antes para acreſcentar a ſciencia (eſta foi a tentação) he que comèo Adam daquelle pomo. Pois ſabendo Adam até aquelle tempo ao humano, com aquelle bocado queria ſaber Adam ao Divino: *Sicut Dij ſcientes.* Pois ſe Adam nam perdéo a ſciencia: antes buſcou meyo para ſer mais ſabio, como foi Adam ignorante? *Non intellexit?* He a cauſa. Nam vedes, que quando Adam comèo da fruta, quebrou Adam o preceito, que tinha para não comer da arvore? Pois ainda com tanta ſciencia he Adam mui ignorante. Porque a luz da ſabidoria não depende tanto da ſciencia, quanto depende da obſervancia. Deixou de ſer luz ſabia, ao tempo em que deixou de ſer luz obſervante: *Non intellexit.* Hum Sabio com muita ſciencia, & pouca obſervancia, he hum neſcio: hum Sabio com muita obſervancia, & pouca ſciẽcia, he muito douto. Porque os rayos, com que brilha o reſplandor da luz, ſó lhos dá a obſervãcia da Ley. Em que cuidais vós, que conſiſte a luz da Sabidoria? Por ventura, em ſaber muitas queſtoens? Não por certo. Veſe ſim em ter à Ley, grande obediẽcia. Por iſſo aos Doutores, quando lhes dão o grao, ao tempo em q̃ lhe poem a Borla na cabeça, lhe poem em a mão hum Livro: para lhes moſtrar aos Doutores, que a ſua ſciencia naõ depende tanto das inſignias, com que ſe moſtra a ſua ſabidoria, como do Livro, de que devem ſer obſervantes. Quando á riſca guardão as diſpoſiçoẽs do Livro, entam ſe conhece eſpecialmente a ſua luz. Em a Purificação da Mãy de Deos temos a prova deſta verdade.

Pſal. 48. v. 19.

Gen. 3. v. 6.

267 Sendo a Senhora ſempre Luz, porque em todo o tempo foi Maria Sol:

Mas

Maria lumen est : hoje sobre todos os mysterios da sua vida brilhou mais o resplãdor da sua luz: *Quæ in Purificationis solemnitate maximoperè effulget.* Pois hoje mais que nunca? Se sempre luz, como hoje mais especialmẽte Sol? Porque? Porque sendo sempre observante, hoje mais do que nunca fez publica a sua obediencia; pois estando dispensada da Ley, executou hoje aquelle mesmo preceito, de que a mesma Ley a tinha dispensada. Hoje mais do que nunca luzida, porque hoje mais do que nunca observãte: *Dies Purgationis secundùm legem.* Vistes na Mãy em a sua Purificação o exemplo? Ora vede agora, ó Sabios, no Filho a confirmaçam.

268 Em tres occasioens se virão em Christo os resplandores do Sol: no Presepio, no Thabôr, & no Calvario. No Calvario, porque ahi, diz Hugo, & Theodoreto, referidos na Glossa, foi Christo melhor Sol parádo às vozes do Pay, do que o Sol às vozes de Iosué: *Stetit Sol: istud præfigurabat opus Salvatoris prodigiosum. Sol in aere stans est Christus in cruce.* No Thabôr, porque ahi esteve Christo tam resplandecẽte, que como o Sol esteve luzido: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* No Presepio, porque ahi luzindo Christo como Sol, esteve resplandecente como luz: *Orietur vobis Sol justitiæ.* He comtudo muito para reparar, que descrevendo a Christo como Sol nestes tres estados os Prophetas, os Evangelistas, & os Padres; nem os Padres, nem os Evangelistas, nem os Prophetas, lhe chamárão a Christo Sol no Horto. Pois se a pessoa de Christo sempre foi a mesma, se sempre Christo foi Sol, & se sempre Christo foi luz: *Erat lux vera*: porque se lhe nam divisaõ no Horto os resplandores da luz? Se era Sol, porque se lhe não virão no Horto os resplãdores do Sol? No Presepio he luz, & parece luz? No Thabôr he Sol, & parece Sol? No Calvario he Sol, he luz, & parece luz, & juntamente Sol. E no

Iosue 10. v. 13. Theod. in Gloss. Hug. hic.

Matt. 17 v. 2.

Malach. 4. v. 2.

Ioan. vbi sup.

Horto sendo Sol, não parece Sol? Sendo luz, não parece luz? No Calvario, no Thabòr, & no Presepio, sendo luz, cõserva os rayos da luz, & no Horto sendo luz, não se lhe vem os resplandores do Sol? Sim. E notai o mysterio. No Presepio (diz S. Paulo) pontualmente observou Christo o preceito do Pay: *Factum ex muliere, factum sub lege.* No Thabòr, todo o seu empenho era praticar no modo, com que havia de observar do Pay a sua mesma Ley: *Dicebant de excessu, quem completurus erat in Ierusalem.* Na Cruz, por satisfazer á Ley, perdéo a vida: *Factus obediens usque ad mortem*: & no Horto, pedia ao Pay dispensação da Ley, para o não obrigar o preceito da morte, que voluntariamente aceitou, dandolhe o Pay para isso privilegio, se fosse possivel: *Pater, si possibile est, transeat à me calix iste.* E até o mesmo Christo, conservando sempre ao resplandor da luz, & aos rayos do Sol, nos quiz ensinar, para exemplo das luzes, que o mesmo he querer privilegio, para que a Ley se não satisfaça, que ser Sol sim, mas Sol, q̃ se lhe não vem rayos: que ser luz sim, mas luz, a quem se lhe não vé já o resplandor: Sol com rayos, quando luz observante, mas luz com o resplãdor escondido, quando Sol privilegiado.

Ad Gal. 4. v. 4.

Luc. 9. v. 31.

Ad Phil. c. 2. v. 8.

Matt. 26. v. 39

269 Oh que exemplo tam notavel para as luzes da nossa Universidade! Quereis ver, se sois Sabios luzidos? Pois olhai para vòs, & vede se sois Sabios observantes. Como podeis ser Sabios luzidos, se não foreis observantes da Ley de Deos? O Sabio he luz: & como pòde elle ser luz, se com a sua vida abraça as trevas? O Sabio he Sol: & como pòde elle ser Sol, se com a sua vida se mete nas sombras? O Sabio he luz: mas he luz cõ semelhanças da luz de Deos. E se a luz de Deos nam tem sombras: *Deus lux est, & tenebræ in eo non sunt ullæ*: como pòde ser luz com semelhanças de Deos, se for luz com trevas? Deve logo o

Ep. 1. Ioan. c. 1. v. 6.

Sa-

Sabio ser observante, para q̃ seja Sabio luzido. E se a Mãy de Deos se graduou hoje Doutora: *Vt Doctrix existeret*: para dar aos Doutores este exemplo: *Ad dandum obedientiæ exemplum*, acrescẽta Ludolfo: devem hoje os Doutores tomar da Mãy de Deos este exemplo; pois se quiz expôr à nota de purificada, por satisfazer à Ley como observante: ficando por esta observancia na Purificação tam luzida, que especialmente brilhou como luz na mesma Purificaçam: *Quæ in Purificationis solemnitate maximoperè effulget.* Porque na sua Purificaçam especialmente resplandecéo a sua observancia na sua obediencia: *Postquam impleti sunt dies Purgationis Mariæ.*

Vbi sup.

II.

270 Temos visto o porque a Senhora se fogeitou ao preceito da Purificação, estando izenta da Ley: & se he grande o motivo para admirar o ver a Maria purificada; quando da Ley da Purificação estava izenta: nam he menos para admirar o ser Maria luz: *Maria lumen est*: & vermola purificada. A luz nunca suppoem sombras, a Purificação commumente continha máchas. E se a luz não póde fazer cõpanhia com as trevas, como se vai Maria purificar, se he luz resplandecente? Se o Sol não póde ter sombras: como se vai hoje purificar o Sol, como se tivera trevas? Se o cristal não pòde ter nodoa: como se vai hoje purificar o cristal mais puro, como se tivera mancha? Mas sabeis porque hoje se vai purificar o cristal, como se tivera mãcha, não tendo nodoa? O Sol, como se tivera trevas, nam tendo sombras? A luz, como se tivera sombras, sendo a que desfaz as trevas? Pois he, diz Ludolfo, para que luzisse Maria para nós na Vniversidade de Jerusalem com o seu exemplo, era Doutora: *Ut Doctrix existeret*: pois para nos ensinar naquella Universidade com a sua luz, he que se vai purificar, para nos aproveitar com

o ſeu exemplo: *Voluit ſubjici Purificationi, & legi ad dandum obedientiæ exemplum.* Grande documento deu hoje a Senhora com a ſua Purificação naquella Vniverſidade aos Sabios de Jeruſalem: não ſerem ſómente luz para ſy, ſenão communicarem tambem a ſua luz. Não ſerem ſó luz para luzir, ſenão tambem luz para enſinar. Maria ſem a Purificação tinha em ſy os reſplandores da luz; mas para luzir para nós com a efficacia do ſeu exemplo, ſe purifica, para nos cõmunicar da ſua luz o reſplãdor: & por iſſo luzia hoje em a Purificação com tal exceſſo, que ſe lhe deſcobrio a luz no roſto: *Iuſtus ſolam Virginẽ lumine circumfuſam animadvertit*: como ſe a communicação dos ſeus rayos acreſcentaſſe o reſplandor à ſua luz. Hum Sabio cõ grande luz ſómente para ſy, he luz piquena; mas eſſe meſmo Sabio com luz para outrem, he luz mui grande. Hum Sabio quando luz para ſy, luz menos; mas hum Sabio quando luz para outrem, então luz com mayor exceſſo. Na Senhora temos a prova.

271 No ſeu parto, diz Zerda, foi Maria luz; mas foi luz de lume: *Maria lumen eſt, quæ lumen peperit:* porèm na ſua Purificaçam foi luz, que reſplandecéo como luz, & foi luz, que brilhou como lume: *Nullus apex in hac cæremonia eſt, qui non perſpicua ſignificatione præconetur Mariam eſſe lumen, & lucem.* Pois Maria no naſcimento luz como lume: *Lumen eſt*: & na Purificação brilha como lume: *Lumen eſt*: & reſplandece como luz: *Lucem*? Sim. Porque no naſcimento luzio para ſy, & na Purificaçam luzio para nós. Luzio no naſcimento para ſy, porque para ella foi ſó a grandeza: *Fecit mihi magna*: na Purificação luzio para nòs, porque para nos aproveitar com o ſeu exemplo, ſe foi a Senhora purificar: *Ad dandum exemplum.* E ſe quando a luz tem os reſplandores ſómente para ſy, he luz de lume: *Lumen*: quando os ſeus rayos ſaõ

Luc.c.1 v. 4.

ſaõ para outrem, luz como lume: *Lumen eſt*: & luz como luz: *Et lucem.* Quereis ver na Vniverſidade ſe ſois grande luz? Pois vede ſe tẽdes grande Emisferio, a quem communiqueis os rayos da voſſa ſabidoria. Vede ſe o Zodiaco, que corre o voſſo reſplandor, he para poucos, ou he para muitos: que ſe vós ſómente foreis o Zodiaco dos voſſos rayos; nam ſaõ grandes os voſſos reſplandores: porém ſe outrem for o voſſo Emisferio, hão de creſcer muito as voſſas luzes pela communicação dos voſſos rayos. Luzes, que para ſy ſó tem o reſplandor, ſaõ luzes piquenas; luzes, que outrem tem por communicação aos ſeus reſplandores, eſſas he que ſam grandes luzes.

272 Quando Deos criou a fabrica do Mundo, naquelle meſmo dia em que a producção da terra foi empenho de ſeu braço omnipotente, creou Deos tambem a luz: *Dixitque Deus, fiat lux*: ao quarto dia formou d'eſſa meſma luz ao Sol: & advertindonos a Eſcritura, que no primeiro dia a luz era ſómẽte luz: *Fiat lux*: nos advertio, que no quarto dia era luz grande: *Fecitque Deus duo luminaria magna.* Pois ſe da meſma luz ſe cortáram os rayos ao Sol, ſe da meſma luz ſe formou a pompoſa galla de ſeu reſplandor, como he eſſa luz no primeiro dia ſómente luz: *Fiat lux*: & he grande luz no quarto dia: *Luminaria magna?* Do Texto ſe tira a repoſta. Quãdo Deos creou a luz no primeiro dia, não lhe aſſinou esfera aos ſeus rayos, com o que ſó para ella ficárão os reſplandores: porém à luz do Sol no quarto dia lhe poz por obrigação o ſerem para a terra os ſeus rayos: advertindo, que eſſa luz nam havia de ſer a esfera do ſeu reſplandor: *Vt lucerent ſuper terram.* Ah ſim? Pois ſeja luz ſómẽte com o epitheto de grande luz, huma luz tam prodiga de ſeus reſplandores, que a outrem communica os ſeus rayos: *Vt lucerent ſuper terram*: & ſeja luz ſómente, cõ o titulo de luz, hũa luz tam

Gen c. 1 v. 3.

Ibid. v. 16.

avarenta de ſeus rayos, que ſó ſam para ella os ſeus reſplandores: *Dixitque Deus: Fiat lux.* Se todos os que ſois Sabios vos prezais de ſer luz grande, eſtendei aos outros os voſſos rayos. Quereis ſer luz, que avulte muito? Pois não queirais ſer ſó Doutor para vòs: ſede tambem Doutor para os outros. A luz do Sabio para ſy ſómente, he huma luz reprimida; a luz communicada, he huma luz manifeſta. Com a luz ſó para vòs não avultais muito, cõ a luz para os demais nam avultais pouco. Quereis ver com grande credito a voſſa luz? Pois ſeja luz communicavel. Quereis ſer hum Doutor muito engrandecido? Pois ſejão para outrem os voſſos rayos; & não ſejão ſó para vòs os reſplandores da voſſa luz. Neſte Evangelho temos expreſſa prova deſta verdade.

273 Sendo Maria luz, aſſim na Purificaçam, como no Preſepio: no Preſepio: *Maria lumen eſt, quæ lumen peperit*: na Purificaçaõ: *Aulicus apex in hac cæremonia eſt, qui non præconetur, Mariam eſſe lumen, & lucem.* He para reparar com muito fundamento, que no Preſepio ſe naõ tomou a ſua luz por materia do Panegyrico; ao menos não conſta do Texto: porém na Purificaçam tanto avultou o ſeu reſplandor, que abſorto Simeão nos ſeus realces, formou à luz de Maria grandes louvores, fazendolhe largos panegyricos: *Benedixit eis Simeon, dixitque ad Mariam.* Pois ſe a luz foi ſempre a meſma, ſe os rayos brilhárão com igual proporção em ambos os myſterios, como em hum a luz ſe engrandece com tanto exceſſo, & no outro ſe nam falla da luz, nem huma ſò palavra? He a cauſa: porque no Preſepio luzio Maria com a ſua luz; mas todos os ſeus rayos forão para ſeu reſplandor: *Mihi magna*: & hoje na Purificação luzio com tal reſplandor, que para nós foraõ os ſeus rayos: *Ad dandum exemplum.* E ſe ſe não falla na luz, quando para ſy reſplandece, não ha quem nam engrandeça à luz, quãdo aos ou-

Luc. 2. v. 34.

outros alumea. Se quereis, que se falle na vossa luz, alumiai aos outros com o vosso resplandor; communicai aos outros os rayos da vossa luz: q̃ Doutor, que he só para sy, & não para os outros, nam he Doutor em que se falle.

274 Louvou Deos muito a Job as Estrellas da madrugada: *Vbi eras, cum me laudarent astra matutina?* Sendo, que lhe não fez mẽção das Estrellas do dia. Pois se no dia ha as mesmas Estrellas, que ha em a madrugada: se falla nas Estrellas da madrugada, porque nam falla nas Estrellas do dia? He o motivo. As Estrellas, saõ geroglifico dos Doutores: *Qui erudiunt multos, quasi stellæ.* Ora notai agora. As Estrellas do dia luzẽ, mas he só para sy a sua luz, porque ninguem lhe divisa o seu resplandor: as Estrellas da madrugada luzem, mas he para todos a sua luz, pois a todos alumeaõ com os seus rayos. Pois luz de Doutor, que como Estrella do dia he só para sy, não he luz, em q̃ se falle: mas luz de Doutor, que he como Estrella da madrugada, que he para todos, he luz, que se acredita, porque he luz, que se encarece. Hum por avarento de rayos se faz indigno de panegyricos; outro por liberal de resplãdores em sy offerece materia a dilatados encomios: em hũ não se falla por cousa piquena; do outro não ha quẽ não falle por cousa grãde: *Cum me laudarent astra matutina.* Hum não se lhe divisa o que sabe: outro publíca o muito que comprehende: hum tem rayos como se não fora luz; outro tem tanta luz, q̃ se lhe multiplica o resplandor: hum cõ a mesma luz avulta pouco; outro cõ a mesma luz avulta muito. Porque hum cõmuníca a luz, & outro conserva o resplãdor. E a mesma luz, que communicada resplandece, nada avulta, quando nada communíca: a mesma luz communicada resplandece, mas a mesma luz sem communicação nada resplãdece, porque nada luz.

Iob c. 38. v. 7.

Dan. c. 12. v. 3.

275 No dia do Juizo, disse Christo, que se havia

de

de escurecer o Sol: *Sol obscurabitur*. O como haja de succeder este fatal sinal em o dia do Iuizo, he questão entre os Sagrados Expositores. Alguns dizem com Abulense, que Deos lhe ha de tirar no dia do Iuizo a luz, deixandoo sem resplandor. O Doutissimo Magalanio, nosso Portuguez, affirma, que o Sol no dia do Iuizo ha de ter a mesma luz que hoje tem: *Mihi habiturum tunc Solem splendorem probabilius judico.* Pois como se ha de escurecer: hoje com o mesmo resplandor tam luzido, no dia do Iuizo com a mesma luz tam pouco resplandecente? Hoje com os mesmos rayos tam brilhante, no dia do Iuizo tam pouco brilhante com os mesmos rayos? Sim, diz o mesmo Author. Porque no dia do Iuizo, ainda q̃ o Sol tenha a mesma luz, nam a ha de communicar: *Eam tamen non esse communicandam*: & o mesmo resplandor, que communicado faz ao Sol luzido, nam communicado, o não faz resplandecente. Com o mesmo resplandor luz, & se escurece o Sol: escurecese, quando o não communica, & quando o communica, fica o Sol tão lustroso, que só então parece que fica resplandecente. Todo o Sabio he Sol; mas ha huns, que saõ como Sol cõsiderado no dia de hoje, & outros como o Sol considerados em o dia do Iuizo. O Sabio, que communica a sua sciencia, he o Sol resplandecente: o Sabio, que não cõmunica a sua sciencia, he hũ Sol escurecido: *Sol obscurabitur.*

Matth. 24. v. 29

Abul. c. 24. Matt. q. 155.

Magal. in Iosue c. 10. f. 349. sect. 1. annot. 4.

Supr. Abul.

276 Oh Luz soberana a de Maria na sua Purificação! Cujos rayos te acrescentàrão o resplandor, pois a todos cõmunicastes a tua luz! Oh luz em tudo prodigiosa! Cuja liberalidade acrescentou aos teus rayos a tua grandeza! Oh verdadeira Doutora, pois a todos déstes hoje o exemplo, para aprenderem de ti esta doutrina! Foste luz verdadeiramente na tua Purificação, pois sem occultar aos teus rayos, a todos communicaste o teu exemplo. Tudo quanto ha, tem de-

determinada esfera; só nam ha determinada esfera para a luz; a tudo corre, & a tudo alumea. Pois como pòde no Sabio estreitarse á limitada esfera a sua luz, não passando só delle os rayos da sua luz? Toda a luz deve ser communicavel, mas cõ esta differença: que as luzes, a quem a Vniversidade nam serve de esfera, pòdem ser luz para alguns, mas a luz da Vniversidade deve ser luz para todos. Na Senhora em a sua Purificação, & no Evangelho temos a prova. Põderemos agora a Purificação, & logo iremos ao Texto.

277 Foise hoje a Senhora purificar, não a titulo de Purificação, diz o Cartuxano, mas a titulo de obediencia: *Voluit subjici Purificationi ad dandum obedientiæ exemplum.* Pois não bastava a Purificação para titulo, senão a obediencia para satisfazer a esta ceremonia? Não. Porque se a Senhora se fora purificar a titulo da Purificação, dava só ás mulheres Hebréas este exemplo; porque só a ellas naquelle tempo se lhe poz esta Ley por obrigação: mas indose purificar a titulo de obediencia da Ley Divina, a todas as mulheres de como havião de obedecer à Ley de Deos dava este exemplo: & como o Templo era Vniversidade: *Ibi erant sedes Doctorum*: & Maria luz: *Lumen, & lucem:* a huns só nam se havião de estender os seus rayos; a todos se havião de communicar os seus resplãdores. Agora no Evangelho.

278 Simeão teve revelação, de que havia de ver a Christo: & fundado nesta revelação, diz o Sagrado Texto, que esperava a consolação do seu povo: *Expectabat consolationem Israel.* Luc. 2. 25. Chegou pois o ditoso dia, em que tiverão termo as suas esperanças, & tomando a Christo em os seus braços, já confessa, que he luz de todo o Mundo: *Lumen ad revelationem gentium.* Ibid. v. 32. Pois atè agora esperava-o sò para o povo, agora já diz que he para todos? Sim: que agora via-o como luz: *Lumen*: &

no Templo, que era a Universidade: *Ibi erant sedes Doctorum*: & a luz na Universidade não he só para huns, he para todos: sem se considerar na Vniversidade, será para huns: *Consolationem Israel*: mas para todos he o seu resplandor, considerada na Vniversidade essa luz: *Ad revelationem gentium.* E he tanto isto assim, que para as luzes da Vniversidade nam bastão serem luz para toda a sua esfera, he lhe necessario, além da sua esfera, serem luzes para todos. As esferas, commumente, das luzes da nossa Vniversidade, saõ, Sam Pedro, & Sam Paulo: para as luzes de Sam Paulo, nam basta cõmunicarem só à sua esfera o seu resplandor: para as luzes de Sam Pedro nam basta communicar o seu resplandor à sua esfera: para as esferas baste a gloria, de que a luz he sua, mas os rayos da luz haõ de ser para todos sem respeito à esfera. Atè na luz de Christo se vio isto na Purificação; pois a luz foi para todos: *Lumen ad revelationem gentium*: se a gloria foi sô para aquelles de quem era luz: *Et gloriam plebis tuæ Israel.* Contentese a esfera cõ a gloria, de que a luz he do seu povo: *Plebis tuæ*: mas os resplandores da luz haõ de ser geraes: *Ad revelationem gentium.*

Ibid. v. 32.

279 Oh como seràm grandes as luzes da Vniversidade, se tomarem este exemplo; pois para lhes dar este exẽplo, se foi hoje a Senhora purificar como Doutora. Reparei, que se graduou hoje a Senhora em hũ Templo, & em huma Universidade: para mostrar, que não dava só em a sua Purificação exemplo aos Sabios, que se graduão na Vniversidade; senão tambem aos Sabios, que se graduão no Tẽplo. Todos os Sabios tomão o seu grao, ou no Templo, ou na Vniversidade: & para dar exemplo a todos os Doutores, se graduou hoje a Senhora na Vniversidade, & no Templo; porque tudo era aquelle Templo. Era Templo, porque nelle se offerecião os Sacrificios: era Vniversidade, porque nelle

esta-

eſtavão as Cadeiras dos Doutores. E para que vos conſte, que tomou hoje a Senhora o grao, vede as circunſtancias que teve a ſua Purificação.

280 A primeira couſa, que ſe faz a hum Doutor, he ver os Livros da Matricola, para ſe ſaber ſe tem já tẽpo, & paſſaremlhe certidão da Matricola. Iſſo fez hoje o Evangeliſta Sam Lucas, pois como Secretario paſſou fé, que Maria tinha todo o tẽpo, que mandava a Ley: *Impleti ſunt dies ſecundum legẽ:* à Matricola ſegueſe o fazeremſe os Actos, & fazeremſe conforme a Ley: *Secundùm legem:* ao tempo preſcripto pela Ley ſe ſeguio fazer Maria o Acto da Purificaçam, conforme mandava o Eſtatuto. Feitos os Actos, ſegueſe o grao. Feita a Purificaçam, ficou Maria Doutora: *Vt Doctrix exiſteret.* Dado o grao, dous eloquẽtes Oradores fazem ao Doutor grãdes panegyricos. Feita a Purificação teve Maria dous Oradores, que publicárão as ſuas excellencias; quaes forão Simeão, & mais Anna Profetiza. Acabadas as Oraçoens, diſtribuemſe as propinas. Tambem ouve propinas em eſte Doutoramento: *Obtulerunt par turturum, aut duos pullos columbarum.* Vltimamente, acabada a função do Doutoramento, como manda o Eſtatuto, recolheſe o Doutor para ſua caſa. Até eſta circunſtancia não falta no Evangelho. Porque adverte Sam Lucas, que ſatisfeito o Acto da Purificação, como mandava a Ley, ſe recolhèo Maria para ſua caſa: *Vt perfecerunt ſecundùm legem, reverſi ſunt in civitatem ſuam.*

Ibid. v. 24.

Ibid. v. 39.

281 Acabouſe o Doutoramento. Mas quem foi o Padrinho? Quem? Ioſeph. Dilo o Texto: *Cum inducerent eum parentes ejus.* Pois Ioſeph he o que aſſiſte à Senhora? Duvído aſſim. He certo, que o Myſterio da Encarnação ſe celebrou, ſem q̃ Ioſeph aſſiſtiſſe. He provavel, que a Viſitação ſe feſtejou, ſem que Ioſeph acõpanhaſſe a Maria. Na adoração dos Magos, muitos Authores dizẽ, que não aſſiſtio

Ibid. v. 27.

Sam

Sam Ioſeph. Pois ſe Myſterios tam grandes ſe celebrão ſem Ioſeph, o de hoje porq̃ ha de ſer Ioſeph o que lhe aſſiſte? Porque? Porque o de hoje era o da Purificação, & na Vniverſidade, que era o Templo: & ahi não ha celebrar a Maria purificada em a Univerſidade, ſem que ſe faça a ſolennidade cõ Ioſeph. Ioſeph lhe aſſiſte, porque ſem Ioſeph na Vniverſidade não ſe celebra a Purificação. Oh ditoſo Ioſeph, cuja aſſiſtencia condecóra tanto a eſte Acto. E como participareis hoje dos rayos deſta ſoberana Luz? Como vos alumiarà a Purificaçam deſte Sol, desfazendo as trevas das difficuldades, para alcançares as Sciencias: dandovos huma vida muito larga, como merecem tantas prendas, para que ao depois dos Actos da vida recebais a Borla de Doutor lá em a Gloria?

tem

SERMAM

DA

Terceira Quarta Feira da

QVARESMA.

PREGADO

Na Capella Real da Vniversidade de Coimbra, em 21 de Março do Anno de 1685.

Dic, ut sedeant hi duo filij mei. Nescitis, quid petatis. Matth. 20. v. 21. & 22.

§. I.

282

DOus Oppositores, & ambos do mesmo Collegio, pertẽdendo em a Vniversidade de Christo, saõ a representação politica, & a historia Christaã deste Evãgelho (Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor.) Dous Oppositores, & ambos do mesmo Collegio, pertendẽdo em a Vniversidade de Christo, saõ a representação politica, & a historia Chri-

staã

ftaã defte Evangelho. Que os Oppofitores foffem do mefmo Collegio, he coufa que confta do Evangelho cõ toda a clareza: que as Cadeiras, a que fe oppunham, foffem Cadeiras da Vniverfidade, o diz o Doutiffimo Padre Sylveira: *In fchola Chrifti primas fedes ambiunt.* He comtudo muito para reparar, que quando menos por primeira intrancia já fe não davão eftes noffos dous Oppofitores por bem defpachados, fenão cada hum cõ fuaCadeira de Prima naquella Vniverfidade: *Primas fedes.* Valente prefunção de Oppofitores! Mas em fim tinhão Collegio, & tinham valía: *Acceffit mater.* E cõ valía, & Collegio, todo o Mundo tem fua prefunçam.

Sylveir. tom.4. f. 710. in Expof. 2. n. 38.

283. Foi pois o cafo, que defcobrindo Chrifto o fegredo da fua morte aos doze Difcipulos do feu Collegio, contandolhe todas as circunftancias, que havião de ufar com elle feus inimigos: em efte tempo pois em que elle fallava em efta materia com tanta clareza, lhe pedírão os noffos dous Oppofitores as duas Cadeiras. Notavel Supplica, & em tal tempo! E para efte tempo guardão eftes dous pertendentes o fallar em efta materia? Sim: que erão Oppofitores a Cadeiras da Vniverfidade: & os Oppofitores a eftes lugares, em toda a converfaçam a fua Cadeira he a materia da fua pratica: ou em toda a pratica entrometem por converfaçam o fallar na pertençam da fua Cadeira. E notai, que diz Sam Marcos, que no caminho lhe fallàrão a Chrifto nefta materia: *In via.* Pobres dos Miniftros de quem depẽdem eftes defpachos, pois até no caminho fe não pòdem ver livres de os perfeguirem com eftes negocios: ou ainda quando fe eftaõ para a fua morte aparelhando, fe não pòdem ver livres das pertençoens das Cadeiras: antes para fegurar ao feu defpacho, em toda a occafiam vão introduzindo o caminho para o feu negocio. E que feja poffivel, que ou o pobre do Miniftro converfe:

Marc. 10 v. 32.

Et

Matth. 20. v. 17 & 18.

Et ait illis secretò : ou o pobre do Ministro se retire: *Assumpsit duodecim secretò* : ou o pobre do Ministro morra: *Condenabunt eum morte*: ou o pobre do Ministro caminhe: *Ecce ascendimus Ierosolymam*: sempre lhe parece aos pertẽdentes o tempo opportuno para estes negocios? Se caminha, o hão de ter com a sua pertenção: se morre, primeiro o haõ de matar com a impertinencia da sua supplica: se se retira, não se pòde livrar dos seus requerimentos: & ultimamente, se conversa, o haõ de divertir com a pratica da sua Cadeira. He na verdade isto queixa geral de todos os Ministros. Mas he, porque na verdade he isto hum mal commum de todos os pertendentes.

284 E o que mais he, que se esta impertinẽcia podéra ter em todos os pertendentes alguma desculpa, só nos nossos dous Oppositores nam pòde ter nenhuma desculpa esta impertinencia. Que pertenda com tanta ancia ao seu lugar, quem nam tem certeza, de que ha de levar a Cadeira, na contingencia de se ver premiado, tem sufficiente desculpa, quem faz lembrada, com a sua pertenção à sua justiça. Mas q̃ hoje haja em hum Collegio dous Oppositores depois do Princepe ter prometido Cadeira a todos os que erão daquelle Collegio: *Sedebitis & vos*: ou parece na verdade muita ambiçam dos Oppositores, ou muita desconfiança dos pertendentes. Homens se tẽdes a palavra Real por fiadora do vosso provimento, porque razão meteis de novo Memorial para segurar a vossa pertençam? Se todos os do vosso Collegio hão de sair despachados, se todos tendes promessa de levar Cadeira *Sedebitis & vos*: para que importunais de novo ao Princepe com a vossa supplica? Sabeis o que foi? diz Chrysostomo. Foi temor de preferencias, & temor de antiguidades: *Timebant Petrum sibi præferri*. E ainda quando ha Cadeira certa, se começa a entrar o temor da preferencia, ainda no mesmo Collegio, o pobre do Rey o ha de pagar, porque lâ lhe hão de ir requerer: *Accessit ad Iesum*.

Matth. 19. v. 28.

Chrys. homil. 66.

285 Ou seja já nam he, que se bem reparais, os nossos dous Oppositores nam pedião hoje Cadeiras, pedião sim lugares para o assento: *Ut sedeant à dextris, & à sinistris.* Olhai, Christo tinhalhe prometido de os prover a todos ao mesmo tẽpo: *Cum sederit filius hominis, sedebitis & vos.* A nós, diziam os Oppositores, a todos nos hão de passar a nossa provisaõ ao mesmo tempo: com o que nas Cadeiras não póde ser precedermos hũs aos outros; pois já que na Vniversidade não podemos preceder aos outros nas Cadeiras, façamos agora supplica, para ver se podemos ser os primeiros nos lugares, para lhe preferirmos ao menos nos assentos: *A dextris, & à sinistris.*

Matth. 19.v.28

286 Ouvio Christo o requerimento. E para fazer o provimento destas duas Cadeiras, mandou aos Oppositores fazer ostentaçam do seu talento: *Potestis bibere calicem.* Foi o mesmo perguntarlhe, se podião beber o calix, que examinarlhe ao seu prestimo, diz o Doutissimo Sylveira: *Satis difficile examen proponit Christus.* No que eu agora repáro, & no q̃ vòs haveis de reparar todos, he, que sendo a opposiçam hum bem rigoroso exame: *Difficile examen:* a facilidade com que ostentáram estes dous pertendentes: *Possumus:* Para tudo temos talento, & para o pezo do lugar bastantes hombros: com agradecimento tam fino, que os homens, em quem haveis de fazer este provimẽto, saõ capazes de beberem por vosso respeito o calix da morte. E para que cousa se naõ offecerá hum pobre de hum Oppositor, para vos fazer a võtade? Não ha negocio, que não saiba, nem prestimo, que não tenha. A desgraça está, em não adivinhar o pobre do pertendente, o com que vos póde lisongear, que por vos fazer a vontade beberá tragos da morte: *Possumus.* Pois já se elles depois de tãto serviço ouvem por despacho, hum *Nescitis quid petatis*: he bom despacho a taes horas, & a tal tempo.

Matth. 20.v.22

Sylveir. tom.4. f.708. q.11.n. 84.§.4.

Matth. vbi supra.

Coita-

Coitados; & como lhe custa caro este desengano. Na verdade, que a não ser materia que já seguio hum dos maiores Engenhos da nossa idade, o consolar a estes mal despachados, era a veia, que hoje haviamos de sangrar: mas visto nos não ser licito pôr o pensamento, aonde tão grãde talento applicou já o discurso: farnoshemos hoje em outra volta. E para que nenhum Oppositor tenha a desgraça de ouvir na Vniversidade hum *Nescitis quid petatis*: ensinarlheemos hoje o como hão de pertender as suas Cadeiras. Esta he a materia, que havemos de seguir. Entremos agora em o Sermão, que eu prégo bem de repente, não só pela brevidade dos dias, mas pela occupação intermedia de outros Sermoens. Que só me poderia obrigar a subir ao Pulpito, quem me faz lisonja de me mandar, todas as vezes q̃ eu o posso servir.

§. II.

287 Não posso na verdade consentir, que todo o nosso desvelo dos Prégadores seja sempre advertir aos Ministros, o como se hão de haver com os pertendentes, sem nunca nos parecer accõmodado o ensinar aos pertẽdentes, o como se hão de haver com os Ministros. E esta he hũa das Bemaventuranças, que eu cõsidero nos pertendentes: supporem todos as suas pertençoens tam justificadas, que ninguem lhe faz advertencia do modo, cõ que hão de fazer a sua supplica. Ora eu, que ainda não sei por experiencia, o quanto doe o ser pertendente, não hey hoje de prégar aos Ministros; hey sómente hoje de instruir aos pertendentes. Se quereis, Oppositores da Vniversidade, sair bem despachados, aprendei primeiro a theorica de ser pertendentes. E se não quereis ouvir nas vossas pertençoẽs por despacho hum *Nescitis quid petatis*, ponde os olhos no nosso Evangelho, & aprendei em cabeça alheia a ser pertendentes.

288 *Dic.* Esta he a pri-

 mei-

meira palavra da Supplica dos nossos dous Oppositores. Senhor, queremos, que nos deis na vossa Vniversidade a cada hum de nós sua Cadeira. E para nòs conseguirmos este despacho, basta, que nòs o peçamos, & vòs o digais: *Dic.* Queremos Cadeira, & haveisnos de despachar cõ muita pressa; porque haveis de fazer a este negocio em huma só palavra: *Dic.* E tanto sem vagar, que se não ha de meter tempo de permeio entre a nossa pertenção, & o vosso despacho: *Dic.* Parecevos, que vão bem encaminhados os nossos dous Oppositores? Na verdade, que se o Ministro, a quem se fizer esta, ou semelhante supplica, for homem de consciencia, o *Nescitis quid petatis* deve ser o com que defira a esta pertẽção. Quereis Cadeira? E toda a justiça, que tendes para esse lugar, não se funda no que vòs sois, senão no que o outro diz: *Dic.* Quereis ser Lente? E todo o prestimo, que allegais em favor da vossa justiça, he porque outrem falla em vôs: *Dic.* Quereis de Oppositor Academico passar para Cathedratico? E quereis, que com palavras vos fação capaz da Cadeira? *Dic.* E cousa tam facil he o ser Mestre, que he negocio que se faz com palavras? Isto he ignorancia de Oppositores. Desenganaivos, que os homens Sabios naõ se fazem dizendo: *Dic*: fazemse obrando; porque os homens Sabios fazemse com obras, & naõ se fazem com palavras.

289 Quando Deos fez a fabrica deste Vniverso, q̃ vemos, he muito para reparar na diversidade, com que criou o Ceo, com que criou a luz, com que fez o mar, & criou a terra, & com que ultimamẽte formou o homem. Quiz fazer o Ceo, & disse Deos, que se fizesse o Firmamento: *Dixitque Deus, Fiat firmamentum:* & assim se fez: *Et factũ est ita.* Quiz crear a luz, & disse Deos, que se fizesse a luz, & foi feita a luz: *Dixitque Deus, Fiat lux, & facta est lux.* Quiz formar o mar, & fazer a terra, & disse, que se ajuntassem

Gen. c. 1. v. 6.

v. 3.

as

as aguas em hum só lugar, & fosse mar, & o que ficasse sem agua fosse terra: & assim se fez tudo: *Dixit verò Deus: Congregentur aquæ in locum unum, & appareat arida: & factum est ita.* Só ao homem nam o fez Deos assim: entrou em Concelho, foise ao campo Damasceno, pegou no barro, & empenhou Deos na sua formação, quando menos, diz Tertulliano, os maiores vagares da sua Omnipotencia, & os desvellos mais encarecidos de seu cuidado. Porque se occupou Deos com o homem cõ concelho, com obra, & cõ providencia: *Considera totum Deum occupatum, concilio, opere, & providentia.* Pois a voz omnipotente basta para a terra, basta para o mar, basta para a luz, & basta para o Ceo, & para Adão não ha de bastar a voz? A Adam ha de formálo Deos com cõcelho: *Concilio*: com obra: *Opere*: & com providencia: *Providentia*? Sim: que Adam foi o primeiro Sabio, que ouve no mundo: ou para melhor dizer, foi o primeiro Mestre, a quem Deos levantando a Cadeira no Paraiso, dãdolhe o mundo todo por sala, & os homens todos por ouvintes, constituio primeiro Cathedratico, onde se aprẽdessem todas as sciencias. Pois hum homem, que ha de ser Mestre publico, não se faz com palavras, fazse com concelho: *Concilio*: fazse cõ obra: *Opere*: & fazse com providencia: *Et providentia*: em fim não se faz dizendo: *Dixit*: fazse obrando: *Faciamus.*

V. 9.

V. 26.

290 E que nem Deos costume fazer aos homẽs Sabios com palavras. E que haja Oppositores, que se persuadam, que com palavras os pòdem fazer Sabios Academicos? Mas elles na verdade tem disculpa. Porque nas Vniversidades costuma haver quem faz com palavras aquillo, que só Deos costuma fazer com obras. Quantos vos parece a vòs, q̃ haverá nas Vniversidades, q̃ não saõ Letrados pelo que saõ, & que saõ grandes Letrados, pelo que se diz? E quantos nam saõ Letrados,

pelo que se diz; sendo grandes Letrados pelo que em sy saõ. Mas destas monstruosidades não tẽ culpa os Oppositores: aquelles, a quem importa, que assim sejão os Oppositores, estes he os que tem culpa destas monstruosidades. Senão, discorrei hũ pouco comigo.

291 Entra hum pobre de hum Oppositor a ser pertendente na Vniversidade, & primeiro que vá lá à fonte requerer a sua justiça, começa a Vniversidade a acreditar, ou a desacreditar ao seu talento. Se he vosso, ainda que não saiba nada, dizeis, q̃ he hũa cousa grande. Olhai o *Dic*. Se não he vosso; ainda que seja cousa grande, dizeis, que nam sabe nada. O pobre do Oppositor, que vê, que na Vniversidade cõ palavras se fazem os homens capazes de Cadeiras, vai requerer a sua Cadeira: & cuidando, que lá naquelle grãde mar corre o mesmo vento, que neste piqueno rio, quer lá seguir o mesmo Norte; quer lá levar o mesmo rumo: & como lá he diversa altura, quando requere, q̃ com palavras o fação Lente: *Dic*: O nam sabeis o que pedis, he o com que se despacha o Ministro: *Nescitis quid petatis.*

292 Outro erro politico se encerra na mesma clausula desta Supplica, *Dic*. Despachainos, & seja com tanta pressa, que cõsigamos a nossa Cadeira em huma palavra: *Dic*. Huns homens cõ tam pouca consciencia, que ha dous dias, que escaçamente sabião só conhecer a dous ventos, tam depressa se cegão já comsigo proprios, q́ se achão capazes de serem Lentes? Tam lisonjeiros da sua presunção, que desatendendo da sua incapacidade, já presumião, quãdo menos, que podião ser Cathedraticos? E isto com tam pouco tempo de Oppositores. Dizeime. Atreverseha alguem a atravessar os mares sem ter muito estudo da Carta? Atreverseha alguem a fazer retratos, sem saber a Arte da Pintura? Atreverseha alguẽ a demarcar a terra, sem saber Cosmografia? He certo, que

que não. Pois tam depressa, & com tam pouco tempo já sabeis todos os caminhos, por onde haveis de apostilar? Iá sabeis todas as tintas, com que se dão cores a todas as opinioens? Iá sabeis todos os baixos, que tem a Carta, para fugir aos perigos, que tem todos os argumentos? Iá ultimamente tam depressa, & com taõ pouco tempo, estais capazes de presidir em todas as materias, & instares em todas as opinioens? E já estais tam feitos, que para fazer tudo isto, basta só que vos digão, que subais á Cadeira: *Dic*? Isto he erro. Os Oppositores hão de ir para as Cadeiras cõ vagares. Cadeiras com pressas, nam sam Cadeiras para a honra, sam precipicio para o credito. Notai.

293 Quando o Demonio levou a Christo ao pinaculo do Templo, depois de o collocar na sua eminencia, intẽtou logo precipitàlo daquella altura: *Mitte te deorsùm.* Pois para esta queda se empenha o Diabo com tanto desvello? Sobeo àquella altura, & logo lhe traça o precipicio daquella eminencia? Sim. E notai. No Templo estava a Vniversidade, o pinaculo era huma Cadeira de Doutor, que naquella Vniversidade tinha Christo. *Pinaculum erat sedes Doctorũ:* diz Alberto Magno, Sam Paschasio, Anselmo, Cartuxiano, & Hugo. Maior duvida. Pois dalhe a Cadeira como a Doutor da Vniversidade para o precipicio? Sim. Como o levou elle para a Cadeira? Todos os Padres dizem, que pelos ares. Pois tanto que vòs na Vniversidade vires ir alguem para a Cadeira pelos ares, entendei, que isso não he Cadeira para o assento, he Cadeira para o precipicio: *Mitte te deorsùm.* Nam he a Cadeira despacho, he tentação a Cadeira. Porque não faltão Textos, com que formandovos argumentos para responder, poderà ser, que com elles vos chegueis a embaraçar: *Mitte te deorsùm. Scriptum est enim.* Mal aconselhados Oppositores, acabai já de advertir, que o vosso perigo não està tanto

Matt. 4 v. 6.

Referũtur a P. Sylv. tom. 1. f. 426. q. 25. n. 116.

Ita Suares de Ang. lib. 4. c. 31. n. 2. & Sylv. tom. 1. f. 429. q. 24. n. 113.

Matth. ubi sup.

tanto na vossa subida, quanto no modo com que subis. Subi com vagar, se não quereis cair com pressa. E se não quereis ouvir hum *Nescitis quid petatis*, por despacho das vossas Cadeiras, tirai ao Memorial da vossa pertençáo o *Dic*, em que se funda a vossa justiça: *Dic*.

§. III.

294 *Vt sedeant.* Esta he a segũda clausula da Supplica dos nossos dous Oppositores. Dizei q̃ nos dem Cadeira, para nos sentarmos: *Vt sedeant.* Temnos cançado já muito a vida de Oppositor: agora serà bem, que descancemos com a Cadeira, que nos derem. Se estes dous Oppositores foram como os Oppositores da nossa Vniversidade, sem duvida, que elles serião mais sofridos: porque se elles viram a muitos com tres, & quatro opposiçoens, ainda sem Cadeira; sem duvida, que com huma unica opposiçam se nam deraõ já por tam cançados com a vida de Oppositores. E pois quereis Cadeira para descançar? E ainda agora sabeis, que para trabalhar he que se dão as Cadeiras? E o peior he, que se ouver hum Ministro taõ circunspecto, que a hum destes Oppositores responda como Christo com hum *Nescitis quid petatis*; na opinião destes nam pòde haver homem mais injusto. Oppositor impertinente, se a Cadeira he hum campo de batalha, se a Cadeira he huma guerra de entendimento, & tu mesmo confessas, que já não estás para essa guerra, & já nam pòdes entrar nesta campanha, porque só pertendes o descanço, para que metes Memorial para te darem Cadeira? A Cadeira nam he lugar, aonde descançados dormem os sentidos: he sim atalaya aonde à lerta devem vigiar os cuidados. E se tu já nam pódes fazer essas atalayas, para que te queres meter cõ essas vigias? A Cadeira he para tyrannizar o entendimento. E se o teu entendimento não está já para esses trabalhos, para que te queres me-

meter em esse martyrio? A Cadeira he para dar tratos ao juizo. E se o teu juizo jà não tem vigor para soportar esse martyrio, como te queres condenar a esse tormento? A Cadeira he para conversar sempre com mortos. E se cada letra te ha de parecer hũ defunto, para o medo, como queres andar metido entre esses sustos? A Cadeira he para entezicar sobre os livros. E se a febre continua da tua ambiçaõ te tem já posto em este estado, para que te metes com opposiçam de Cadeiras? Nam queres a Cadeira para exercitar o talento, queres a Cadeira para tomar o descanço? Queres a honra da Cadeira, sem a molestia do magisterio? Queres a dignidade de Lente, sem o trabalho de Cathedratico? As Cadeiras da Vniversidade, sem serem beneficios, tem bem grandes pensoens. E o peior he, que custão muito as letras, com que se comem. Cadeiras da Universidade não se dão para o descanço: *Vt sedeant:* daõse para o trabalho.

295 Christo, Senhor nosso, proferio em hum dia grandes queixas contra os Escribas, & a materia dellas foi sentaremse os Escribas sobre a Cadeira de Moyses: *Super cathedram Moysis sederunt Scribæ.* Na verdade, q̃ parece semrazão esta queixa do Senhor. Porque os Escribas, diz o A Lapide, erão os Doutores: *Scribæ erant Doctores.* Pois para quem, senão para os Doutores, he que se fizerão as Cadeiras? Se algum ignorante subisse àquelle lugar, estava muito justificada esta queixa: mas hũs homens Sabios, huns homẽs Doutos? Sim. E notai. Os Doutores, diz Iansenio, quãdo subião à Cadeira para ensinar, não se sentavão, porque quando ensinavão, estavão em pè: *Non sedentes, sed stantes.* Pois eisahi o porq̃ se queixa Christo: que sejam taes os Doutores, que devẽdo estar na Cadeira em pé para ensinar, elles para nam ensinarem, he que estam na Cadeira? Que sejam taes, q̃ subaõ à Cadeira para se sentar, quando havião de estar em

Matt. 23.n. 2.

A Lap. in Evãgel. f. 422 §. Nota.

Iansen. in Concordia cap 54. relatus à Sylv. tom 4. f. 828. q 1.n 4.

em pé, porque subíraõ à Cadeira? Que naõ subaõ à Cadeira para o trabalho de quẽ ensina, senam para a sua vidade, de quem descança? Que subaõ para se assentar : *Sederunt*: quando para estar em pé, he que haviaõ de subir? Oh que huma ambiçam tam cega, já que levou despacho de Cadeira, he digna de todo o sentimento, pois admitte o honroso da Cadeira sem abraçar o molesto do magisterio.

296 Nenhuma cousa ha mais trabalhosa, que hũa Cadeira. Trabalhosa na opposiçam, antes do Oppositor se despachar. Trabalhosa na posse, depois do Oppositor a conseguir. Trabalhosa na opposiçam: porque sempre o pobre do Oppositor anda a cair para a adorar. Cahe diante do Princepe, para que o despache. Cahe diante do Valído, para que o favoreça. Cahe diante do Ministro, para que o consulte. E o peior he, que depois de pertender com tantas quedas aos seus despachos, depois de tanto cahir, & de tanto adorar; esses mesmos, a quẽ adorão, para lhe darem a Cadeira, em lugar de lhe darem a maõ para a lograrem, lhe daõ de maõ, para que lá nam cheguem. Elles ficam tantas vezes adorados, & o pobre do Oppositor por huma vez de todo cahido. He trabalhosa a Cadeira na posse, pelo summo trabalho com que se satisfaz à obrigaçam da Cadeira. Hum pobre de hum Lente he o mais desgraçado homem, que ha no mundo; porque nunca tem huma hora de descáço, nunca tem huma hora de alivio: aquelle lugar, que para todos he de descanço, para os Lentes ainda he lugar de trabalho.

297 Iá me tomára, dizia o Santo Iob, na sepultura, para descançar na cova, có aquelles que edificam sepulturas: que assim le Pineda o *Qui ædificant solitudines* da nossa Vulgata: *Requiescerem cum Regibus, qui ædificant sibi solitudines: idest sepulchra.* Duas implicaçoens me parece que tem Iob neste seu dezejo. A primeira: Se

Iob 3. v. 14.

Iob

Iob dezeja o descanço: *Requiescerem*: como diz, que quer estar com homens, que edificão: *Qui ædificant*? E se quer edificar, como dezeja Iob a cova, se na cova acaba todo o edificio? O edificar he hum summo trabalho: na sepultura lograse hũ perpetuo descanço. Pois como no lugar do descanço pòde Iob ter ainda trabalho? Os edificadores, quando trabalhão, não descanção, & quãdo descanção, não trabalhão. Pois logo como ha de trabalhar Iob no edificio: *Qui ædificant*: Quando dezeja pôrse no lugar do descanço: *Requiescerem*? Olhai. Iob era Lente Academico; porque elle mesmo disse, que tinha Cadeira publica, & Cadeira de Doutor, diz Pineda: *In platea parabãt cathedram mihi. Sedes ut Magistro, ac Doctori parabatur*. E sendo a cova o lugar commum do descanço para todos os homens, a cova he ainda o lugar, onde o Lente trabalha. Porque ainda na cova o Lẽte edifica. Melhor. Iob apetecia o trabalho: *Qui ædificant*: & dezejava o descanço: *Ut requiescerem*. Pois para descançar em quanto homem, diz Iob, tomára eu a cova; mas para trabalhar em quanto Cathedratico, para isso ainda està ahi a sepultura. Na sepultura bem poderei eu descançar em quanto homem: *Ut requiescerem*: mas na sepultura ainda hey de trabalhar em quanto Lẽte: *Qui ædificant*.

Iob 29. v. 7.

Pined. tom. 2. f. 551. n. 3. §. Vt in platea.

298 E na verdade assim he. Senão considerai vòs a hum Lente. Em qualquer parte que o considereis, sempre o vereis pensativo, sempre o encontrareis extatico, sempre imaginativo. Homem, que he isto? Que ha de ser? He ser Lente. Sempre penoso, porque sempre com a Cadeira molesto. Adverti. Diz Sam Basilio, q̃ estes nossos dous Oppositores pedirão hoje a Christo duas cruzes: *Crucem pro Regno supplicabant*. Pois no Reyno de Christo cruzes? No Ceo martyrios? Naquella Patria commua de descanço ainda trabalhos? Sim, que pedião Cadeiras. E se no Ceo fora

D. Basil. Oratione 24. relatus à Sylv. tom. 4 f. 702. n. 44.

pos-

possivel haver martyrio, ainda no Ceo as Cadeiras parece q não deixão de ser cruzes. E se no Ceo nem as Cadeiras parece q deixão de ser cruzes; se fora possivel haver no Ceo molestia, ainda no Ceo parece que os Lentes não deixarião de ser crucificados: *Vt sedeant. Crucem pro Regno supplicabant.* Pois se estas saõ as Cadeiras da Universidade: Como quereis vòs, os Oppositores, levar Cadeiras, se no Memorial, em que fazeis a vossa Supplica, pedis Cadeira para o vosso descanço? Como pedis Cadeira para termo do vosso trabalho, se o vosso trabalho deve ter principio na vossa Cadeira? Oppositores, que ainda não estais providos, tirai o *Vt sedeant* dos nossos Oppositores, do vosso Memorial, se não quereis, que a vossa pertenção tenha o despacho da Supplica: *Ut sedeant. Nescitis quid petatis.*

§. IV.

299 A terceira clausula do Memorial dos nossos Oppositores, he *Hi.* Com nam ter esta palavra mais q duas letras, he cousa notavel, que todas as letras da Universidade se reduzem a esta palavra: *Hi.* Senhor, as Cadeiras, que se vos pedem, haveis de advertir, q saõ para estes: *Hi.* E pois, que mais tem estes, que os outros? Que tem? Tem huma cousa muito grãde. E que cousa? Que? O serem estes: *Hi.* Não vedes, que estes, que erão do seu Collegio? Pois, Senhor, para dares Cadeiras a Oppositores, olhai, q em nenhuns pòde cair melhor esta merce, que nestes, porque estes saõ do vosso Collegio: *Hi.* E nisto fundais vós o levar na Universidade Cadeira? Pois, *Nescitis quid petatis.* A Cadeira, não se dá ao Oppositor, por ser daqui, ou dalli, por ser este, ou aquelle: dá-se ao mais benemerito, seja aquelle, ou seja este. Seja dalli, ou seja daqui. O contrario disto he semrazão. Mas eu não sei na verdade, o que hey de aconselhar aos Oppositores. Não sei se lhe aconselhe, que ponhão esta clausula no seu Memorial, ou se risquem do seu Memorial a esta

a esta clausula. O que eu por agora posso dizer nesta materia, he que no tempo, q̃ nos alumiou este Sol, que já nos foge, que no tempo em que nos presidio esta brilhãte Estrella, que já se ausenta, para despertar mais a nossa saudade, depois de ter escrito com a sua justiça o seu nome nos nossos coraçoens, se ouvesse quẽ no seu Memorial puzesse esta clausula, sem allegar pelo seu merecimento, mais que esta circunstancia, ouvia hum *Nescitis quid petatis*, para o seu despacho. Mas a quem requerer fóra deste tempo, eu me resolvo a lhe aconselhar, que esta seja a principal circunstancia, que allegue no seu Memorial em favor da sua justiça, se quizer, q̃ na Vniversidade lhe dem Cadeira: porque na Vniversidade he cousa taõ cõmua, serẽ os seus lugares somente para estes, & não para aquelles, para estes, que saõ do vosso sequito, & não para aquelles, que não saõ do vosso Collegio: que haver, quem na Vniversidade dé lugar, a quem não segue o seu partido, he cousa tam nova, que não ha cousa, que mais se estranhe.

300 Aquelles dez Leprosos, que Christo curou em hum Castello, entre elles hia hum Samaritano, gente opposta aos Fariséos, não só pela diversidade das opinioens, mas em tudo aos Fariséos tam opposta, que andavão os Fariséos, & Samaritanos divididos em parcialidades, & ao mesmo Christo gente tam contraria, que não só lhe não permittiram em huma occasiaõ, que entrasse na sua Cadeira: *Non receperunt eum*: mas ainda lhe chegavão a negar hum pucaro de agua: *Tu Iudæus cum sis, quomodo bibere à me poscis, quæ sum mulier Samaritana?* Curou pois Christo a estes dez Leprosos, & mandou os ao Templo aos Sacerdotes: *Ostendite vos Sacerdotibus*: & adverte o Texto, que vendo os Fariséos, o que Christo fizera a este Samaritano, estranhandolhe muito esta acção, começárão a desesperar delle ser o Messias, perguntandolhe pelo tempo em que havia de ser a sua

Luc. 17. v. 14.

Luc 9. v 53.

Ioan. 4. v. 9.

Luc. ibid. 17. v. 14.

Ibid. v. 16.& 20

a sua vinda : *Hic erat Samaritanus. Interrogatus autem à Pharisæis : quando venit Regnum Dei.* Pois, homens, se vós vedes em Christo tanta piedade, como lhe estranhais agora o curar elle a este Leproso? Porque estranhais o mandar elle ao Templo este miseravel, para que se cure da sua lepra? Se essas maravilhas saõ testimunhas, de que o Messias he vindo, como lhe perguntais agora pelo tempo, em que ha de vir o Messias? Nam notais, diz o Sylveira, que o Templo era a Vniversidade : *In Templo erant sedes Doctorũ?* Pois que Christo seja tal, dizem os Fariséos, que dé naquella Universidade lugar a hum homem, que lhe he cõtrario? Que dé lugar naquella Vniversidade a hum homem, que não he do seu sequito, mandandoo para o Templo, onde estavão os Doutores? Isso he hũa cousa tam nova, que por nunca vista, he que se estranha. Nós esperavamos, dizião os Fariséos, que com a vinda do Messias tivessemos a redenção, de que o Templo fosse nosso, & sómente dos nossos: agora vemos, que com a sua vinda tem nelle lugar, quem nos he opposto; pois ainda que para elles viesse jà a sua redenção, para nós ainda parece que não veio o nosso Messias : *Quando venit Regnum.* E pode haver maior semrazão, que o outro pobre, porque não he dos vossos, haja de ficar com a sua lepra, & porque he aquelle, não ha de entrar no Tẽplo? Que porque não he este, não ha de ter lugar na Vniversidade entre os mais Doutores? E que entre Fariséos, q̃ erão homens, que governavaõ com os Escribas, que eraõ os Doutores, que ensinavaõ, como diz o A Lapide, tambem se pratique esta materia? Que entre Doutores, & Mestres se pratique esta semrazão, de que o ser este pòde muito para a Vniversidade? Oh quem desterrára da Vniversidade este *Hi*, para que no mundo nam ouvesse queixosos! Mas isto na Vniversidade he mal, q̃ parece, que não tem cura.

Sylv. tom. 1. Ill.

A Lap. ubi sup. f. 422.

Por-

Porque como nas Vniversidades todos saõ Sabios, o serem huns estes, & outros aquelles, he consequencia, q̃ trazem comsigo as letras. Como nas sciencias ha varias opinioens em todas as materias, assim tambem nos sequitos ha opinioens muito varias. Já lá o dizia Saõ Paulo.

1. Ad Corint. 1. v. 5.

301 Escrevia elle aos de Corintho, & dizia assim: Vós meus Corinthios todos sois grandes Letrados: *Divites estis in omni verbo, & in omni scientia:* mas dizemme, que ha contendas entre vòs: *Audio contentiones esse inter vos:* Ouço dizer, que nam sois todos huns, porque huns de vòs dizem, que sois daqui, & outros dalli. Os dalli dizeis que sois de Paulo: *Ego Pauli.* & os daqui dizeis que sois de Pedro: *Ego Cephæ:* & entre Sabios as contendas, por ser de Pedro, & Paulo, he muito antigo o serem por amor de Paulo, & Pedro, huns, estes, & outros, aquelles. He tam antigo, que he já do tempo de Sam Paulo. E mal tam antigo vede se he mal incuravel? Pois se nas Vniversidades he tam antigo este *Hi,* Oppositores, ultima resoluçam nesta materia. Vede vòs, se lá onde se despachão as Cadeiras, corre o mesmo vento, como cá onde se fazem as Consultas. E se encontrares lá as mesmas aguas, deixaivos ir com ellas, não tireis o *Hi* da vossa Supplica. Porque isso he navegar contra o vento: porém se lá os Ministros forem tam rectos, que procedam com exacçaó nestes provimentos, douvos por conselho, que na Vniversidade, para nam ouvires hum *Nescitis quid petatis,* o *Hi* seja a primeira palavra, que vá na primeira regra da vossa Supplica. Mas lá na fonte nam appareça tal *Hi* na vossa Supplica, se não quereis ouvir à vossa pertençaõ, dos Ministros hum *Nescitis quid petatis,* por amor do vosso *Hi: Hi. Nescitis quid petatis.*

V. 11.

V. 12.

§. V.

302 *Duo.* Esta a quarta palavra do Memorial dos nossos

nossos dous Oppositores. Senhor, as Cadeiras, que tendes que prover, saõ duas: *A dextris, & à sinistris?* Pois tratai de fazer nestes o provimento, porque tambem saõ dous os Oppositores: *Duo.* Nam deixais a ninguem queixoso; porque se tendes duas Cadeiras, tambem por agora sô por Oppositores se declaram dous: *Duo* Dizeime, meus pertẽdentes: E pois não ha mais Oppositores do q̃ vós? Sim ha. Porque para todas as creaturas racionaes vagou o supremo Rey essas Cadeiras, para fazerem todas as creaturas racionaes opposiçam à Gloria. Pois, homens, se ha tantos Oppositores a essas Cadeiras, como dizeis, que vo las dem a vós, suppondo q̃ não ha mais Oppositores, porque vòs sois dous, & ellas duas? *Duo. A dextris, & à sinistris?* Eu lhe nam acho outra razaõ, mais do q̃ haver entam hum só Collegio. E já entam se devia sem duvida de praticar, que ainda que haja muitos para as Cadeiras, só saõ Oppositores os que tem Collegio: ou ainda que haja muitos Oppositores, fazem sò, os que tem Collegio, numero entre os Oppositores, que haõ de ter Cadeiras. Mas quem requere com este pretexto a sua Cadeira, sem duvida deve ter por despacho da sua supplica hum *Nescitis quid petatis* para a sua pertençam. Porque parece injustiça, havendo mais Oppositores, & sómente duas Cadeiras, levar ambas as Cadeiras o mesmo Collegio. As Cadeiras nam respeitam os Collegios; respeitam os merecimentos: as Cadeiras daõse às pessoas, & nam se daõ aos lugares.

303 O Ceo, diz Christo, nam està aqui, ou està alli: *Neque dicent esse hinc, aut esse illic.* Pois aonde està, Senhor? *Intra vos est.* Respõde o mesmo Christo: Està dentro de vós. E pois que mais tem o estar o Reyno do Ceo em vòs, do que estar aqui, ou estar alli? Està em vòs correspondẽdovos a vòs; & nam està daqui, ou dalli, porq̃ nam respeita alli, nẽ respeita aqui? Sim. O Ceo he

Luc. 17. n. 11.

he Cadeira , como disse o mesmo Deos : *Cælum sedes mea* : pois como o Ceo he Cadeira , por isso està em vós, & nam està daqui , ou dalli. Porque a Cadeira respeitando a vossa pessoa, nam respeita o lugar dalli, ou daqui, ou sejais daqui , ou sejais dalli. A Cadeira nam se dá ao lugar, dásevos a vós: *Intra vos est.* Pois se a Cadeira respeita a pessoa, como pòdem os Oppositores allegar só a sua justiça pelos seus lugares , para elles sô serem os Oppositores ? Mudai de estylo, pertendentes, se quereis sair despachados, & cõtentese o vosso *Duo* com huma Cadeira, se ouver mais Oppositores : que requerer de outra maneira , he querer alcançar por despacho hum Nam ha que deferir : *Duo. Nescitis quid petatis.*

Isai.66. v.1.

§. VI.

304 *Filij*. Esta he a quinta palavra do Memorial destes dous pertendentes. Porque eraõ filhos : *Filij*. Pertendiaõ hoje os Oppositores as duas Cadeiras , porque no seu sangue, diz Santo Thomás, fundàram toda a sua justiça , para lograrem aquelles despachos: *Iure sanguinis.* E vós no vosso sangue, he que fundais o vosso direito? Pois , *Nescitis quid petatis*. Estes dous Oppositores , para serem Lentes, ainda não tinhão merecimẽto, diz Rabano : *Sedem à Domino, quam nondum merebantur, inquirunt* : & como se não achavão com aquelle talento, que pedia tam grande officio, puzeram os olhos no seu sangue , para o levarem pela sua qualidade ? Mas hoje jà se pòdem desenganar os Oppositores , que a razão da sua pessoa pòde muito pouco para estes despachos, se nam ajuntarem à sua pessoa a razão de benemeritos. Sois taes homens , que sois meus parentes : *Filij*. Quereis Cadeiras , para que vos falta o merecimento : *Non merebantur*. Só com essa justiça? Pois a Cadeira nam se dá ao sangue, dáse ao merecimento.

D. Th. relatus à Sylv. tom.4. f.710.n.100.

Raban. relatus à Sylv. tom. 4. f. 707. q.1.n.79 § Decimo.

305 Pozse huma hora

Psal.109 v. 3. o Eterno Pay a fallar com seu Filho, & disselhe estas bem obscuras palavras: *In splendoribus Sanctorum genui te.* Em vòs, Filho meu, estaõ recopilados todos aquelles resplandores, que pelos Santos estão divididos. E a que fim se poria o Eterno Pay cõ o Filho em estas praticas? Se era para lhe dar a conhecer a sua perfeição, parecia cousa escusada; porque estas noticias tinha jà o Filho não por huma sciencia só, senão por muitas. Pois se isto assim he, que razão teria o Padre Eterno para fazer nesta occasião alarde destas virtudes? He notavel a razão. Dava então o Pay ao Filho huma Cadeira, como consta Ibid. v. 1. do mesmo Texto: *Dixit Dominus Domino meo, sede: &c.* & quiz, que constasse ao Mundo, que lhe não dava a Cadeira, porque era Filho, senão porque era benemerito. Quiz, que constasse, que não levava a Cadeira a titulo do sangue, senão a titulo do merecimento. Porque importa pouco para levar a Cadeira, o ser filho, se à razão de filho faltar o ser benemerito: *Sede. In splendoribus Sanctorum genui te.*

306 Se assim se dessem em o Mundo todas as Cadeiras, se se não pagassem cõ os despachos das Cadeiras as obrigaçoens do parentesco, & as dividas do amor, como havião de ser benemeritos todos os despachados? E quantos, que tem os lugares, havião de ouvir as suas supplicas hum *Nescitis quid petatis* à sua pertenção? Como se havião hoje de consolar os nossos dous Oppositores, pois em não levar a Cadeira, não lhe havião de faltar companheiros na fortuna? Quanta gente, que està em grandes lugares, não havia de subir ao trono? E quãta gente, que está no trono, não havia de levar o lugar? Mas ainda assim com se despachar no Mundo commummente com este pretexto: se não quereis, que vos afrontem os vossos despachos, tirai do vosso Memorial, ò pertendentes, esta clausula. Porque no caso em que levveis Cadeira, não sabeis o q̃ pe-

pedis. Porque vos fazem a maior injuria, quando procurais a maior honra. E sempre por este titulo sois mal despachados, quando por este titulo vos dão o lugar. Porq̃ sempre a falta do vosso talento està dizendo *Nescitis quid petatis* à vossa pertenção: *Filij. Nescitis quid petatis.*

§. VII.

307 A sexta, & ultima palavra para o discurso do Memorial dos nossos dous pertendentes he, *Mei.* Outras seis, que se incluem na Supplica destes dous Oppositores, seràm em outra occasião materia para novo assumpto, Nesta palavra, *Mei*, que he a ultima do seu Memorial, se fũda toda a sua justiça. Estes dous Oppositores, dizia hoje a sua valia, haveis de provêlos, Senhor, porque saõ meus: *Mei:* & eu sou tal pessoa, que se para as Cadeiras elles ainda não tem merecimento, se olhares para os meus serviços, vereis, que por elles se lhe deve a estes meus este despacho. E já q̃ eu não sou capaz de levar Cadeiras pelo meu sexo, os serviços da pessoa, q̃ eu sou, juntos aos seus serviços, bem merecem este despacho. Eu sou do vosso sequito, & estes meus dous filhos, jà que tem a capacidade do sexo pela sua parte, em paga dos meus serviços haveis de despachar a sua pertençam, deferindo ao seu requerimento. E vós por serviços alheios pertendeis ser despachados na Vniversidade cõ Cadeira? Pois, *Nescitis quid petatis.* Ha tal semrazão, que por serviços do vosso, que foi do meu sequito, haveis de querer vós na Vniversidade levar Cadeira? Oh quem desterràra das Vniversidades este *Mei.* Porque hum dos vossos foi do meu sequito, & vòs sois do meu Collegio, pelo que outrem fez vos haõ a vòs de despachar? Serviços alheios saõ muito bons para se premiarem com outros despachos; mas não saõ para se premiarem com Cadeiras. Mulher, que hoje requeres em favor destes pertendẽtes,

que fizeste tu, & que fizeram teus filhos? Deixaste a tua casa depois da morte de teu marido? Pois pede ao Rey, que por esse serviço dê hum lugar na sua casa a estes teus filhos. Estes teus filhos deixáram huma barca? Pois pedelhe o governo de hum navio. E se te persuades, que saõ homens de valor, & de cabeça, assim pelos teus, como pelos seus serviços, pede ao Rey, que lhe dé o governo de huma Praça. Mas logo haõ de ser despachados com Cadeiras, & isto por serem teus, *Mei?* Serviços alheios saõ muito bons, para se premiarem com outros despachos, mas com Cadeiras nunca se despacharam esses serviços.

308 Eu reparei, que pedindo estes dous Oppositores, na opiniam de Basilio, a Christo a morte da sua Cruz: *Crucem pro Regno supplicabant*: Christo nam lhe permitio a morte como cruz, prometeolhe sim a morte como calix: *Calicem quidem meum bibetis.* Senhor, a vossa morte achase nas Escrituras, como calix, & como cruz, estes homens pedemvola como cruz, & nam como calix. Pois logo como os despachais com a morte, como calix, & nam como Cruz? *Calicem quidem meum bibetis.* Notai. A morte em quanto calix, disse o mesmo Christo pela boca de David, foi hum despacho de honra, que lhe deu o Pay: *Calix meus inebrians quam præclarus est.* & a morte em quanto Cruz, foi huma Cadeira, diz Agustinho, com que o Pay despachou ao Filho: *Crux fuit Cathedra Christi docentis.*: & como elles requeriaõ a morte fundados no serviço da Mãy, *Mei*, achou Christo, que serviços alheios podendose premiar com despachos de honra, só nam se podiaõ despachar com despachos de Cadeira; com Cadeira nam, com calix sim: *Calicem quidem meum bibetis.* Assim sahirão despachados da summa rectidão de Christo estes dous Oppositores; & assim sahirão de todos os Ministros, que forem justos,

os

Ibi sup.

Matt. 20. v. 23

Psal. 22. v. 5.

D. Aug.

os que nas Vniversidades assim pedirẽ os seus premios, os que por serviços de outros quizerẽ ser Lentes: *Mei. Nescitis quid petatis.*

§. VIII.

309 Estes saõ os erros, que devem evitar no seu Memorial todos os Oppositores, se nam querem que lhes digão, que nam sabem o que pedem, quando pertendem as suas Cadeiras. Mas sendo estes erros todos muito grandes, ainda tiverão os Oppositores outro erro maior; pois esquecidos do espirito, diz Chrysostomo, so por fim temporal pedião as suas Cadeiras. E quem assim requere, quer seja Oppositor, quer seja Lente, he hum ignorante, porque nem sabe o que tem, se he Lente, nem sabe o que pede, se he Oppositor: *Nihil spiritale petebant.* De que importa ao Theologo ser Oppositor, ou levar Cadeira, aonde com a especulaçam sempre trate cõ Deos, se como se não ouvera Deos, vive na sua Cadeira? *Nescitis quid petatis.* Nem sabe o que tem, nem sabe o que pede. De que importa ao Canonista ser Oppositor, ou levar Cadeira, para trazer diãte dos olhos para o ensino a explicaçam do titulo *De vita, & honestate Clericorum*, se elle sendo Ecclesiastico vive como hum secular dissoluto? *Nescitis quid petatis.* Nem sabe o que pede, nem sabe o que tem. De que importa ao Jurista ser Oppositor, ou levar Cadeira, aonde o seu trabalho seja intimar a todos a observancia do titulo de *Iustitia, & Iure*, se elle não sabe o nome à Iustiça? *Nescitis quid petatis.* Nem sabe o que tem, nem sabe o que pede. De que importa ao Medico ser Oppositor, ou levar Cadeira, para saber as resoluçoẽs do Corpo humano, se elle não sabe fazer anatomía à sua consciẽcia? *Nescitis quid petatis.* Nem sabe o que pede, nem sabe o q̃ tem. De que importa ultimamente ao Mathematico ser Oppositor, ou levar Cadeira, aonde observe a variedade dos tempos, se elle nem

Chryſ. homil. 66.

huma só hora considera nas inconstancias da vida? *Nescitis quid petatis.* Nem sabe o que tem, nem sabe o que pede. Só huma cousa ha em todo este Mundo, que quando se tem, & quando se pede, não saõ nescios os homens, nem na sua posse, nem na sua pertenção. E que será? Que? He a Graça de Deos. Desta podeis todos ser pertendentes, dizendo ao Mundo hum *Nescitis quid petatis*, quando vola diverte. E entam ouvireis de Christo aquelle despacho, que hoje nam deu aos Oppositores: *Meum est dare vobis, & quibus paratum est à Patre meo.*

SER-

SERMAM
DA
Profissaõ de Soror
MARIA IOSEPHA
DA ASSVMPÇAM:
PREGADO

No Convento de Nossa Senhora da Saudação, estando o Senhor exposto. No Anno de 1678.

Ille vos docebit. Ioann. 14.

310

E este mundo, em que vivemos (Soberano, & Amoroso Senhor Sacramẽtado) Se este mundo, em que vivemos, não fora hum theatro de enganos, em q̃ andamos: Se essas riquezas, por quem cegamente nos perdemos, naõ fora huma terra da propria sustancia do que a que pizamos com os pés: Se a vontade, a quem obedece a melhor potencia da Alma, não fora hum farol, que sem luz nos guia ao precipicio

 mais

mais laſtimoſo: Se a pureza, ultimamente, não fora a melhor joya, q̃ poſſuimos: deſculpa tinha em ſeus erros, quem ſem advertir em ſeus enganos, por não cativar a ſua liberdade, deixa de arvorar as bandeiras de vencida em huma potencia, que ſempre deſenrola os Eſtandartes de triumfante. Quem, por perpetuar eſſes bens da terra, não mete debaixo dos pés a eſſas riquezas do mũdo, idolo da maior eſtima, que venera o noſſo affecto, deſpojandoſe da joya do maior preço, & do theſouro da maior eſtima.

311 Mas, oh altos juizos de Deos! Oh incõprehenſiveis ſegredos da Providencia Divina! Que não penetrando eſtes deſenganos, a cabeças, que já de deſenganos ſaõ encadernados livros, vejamos a huma Minina cõ eſte deſengano metido na cabeça! Que ſe deſengane no mundo, quem nelle contou largas Primaveras, parece juſtiça: mas que ſe reſolva ao ſeu deſprezo, quem nelle contou tam poucos dias, parece crueldade? Que ſe ſepulte a roſa na tarde, a duração do dia deve ſer na ſua experiencia o ſeu aviſo: mas que na madrugada nẽ faça caſo da purpura, que a eſpera, nem das eſperanças, com que entre as flores lhe fabríca a natureza o ſeu throno, he hum prodigio, que enlea, porque he hũa reſoluçam, q́ laſtíma: mas huma Alma, a quem Deos ama com tanto exceſſo, que no dia, em que ſe lhe acaba a Meſtra da Religião, que até agora a doutrinou, lhe manda o Eſpirito Santo por Meſtre para haver de a enſinar: *Ille vos docebit*: Que muito, que com a doutrina de tam Divino Meſtre obre Maria com tanta prudencia, que deſminta com as ſuas obras aos ſeus annos? Para Maria na Caſa da Saudação ſe entregar a Deos, já ſem vontade propria, por ter cativo os foros da liberdade: *Ecce ancilla Domini*: foi preciſo, que o Eſpirito Sãto ſobre ella deſceſſe: *Spiritus Sanctus ſuperveniet in te.* E para Maria hoje como Religioſa na Caſa

Luc. 1. v. 38.

Ibid. v. 35.

ſa

sa da Saudação se entregar a Deos, era necessario, que como Mestre lhe assistisse hoje o Espirito Divino : *Ille vos docebit.* Quando Maria se desposou com Ioseph, he opinião de muitos Padres, & resolução de quasi todos os Expositores, especialmente de Sam Ieronymo, que o Espirito Santo em figura de huma Póba mostrára a Maria, quē devia ser o Esposo, & quem havia de escolher a sua eleição mysteriosa. E se hoje he o dia dos desposorios de Maria Iosepha, que muito, que o Espirito Santo a acompanhe, para com a doutrina, q̃ lhe ditar como Mestre, lhe mostre por argumētos quem deve ser o seu Esposo.

Ita D. Hier. de ortu Virgin.

312 Quem de tamanho dia considerar todas as suas prodigiosas circunstancias, todas verà a tres predicamētos reduzidas : Ao Espirito Santo, que como Mestre ensina : a Maria, que como Religiosa, professa : & a Christo Sacramentado, que como Esposo lhe assiste. E para eu fazer este Sermão cō todo o acerto, estou obrigado a ajustarme com todas estas tres circunstancias, & tecer deste meu Panegyrico os fios com tal traça, que a toda esta Trindade comprehenda o discurso do meu Panegyrico. Ora assim será, & de tudo tratará o meu Sermão. E já q̃ o Espirito Santo, Christo Sacramentado, & Maria, saõ as tres partes, de que se compoem a grandeza deste dia : por conta do Espirito Santo fique apostillar à Religiosa as materias, que deve aprender no ditoso acto da sua Profissaõ : Maria executarà os dictames de Mestre : o Sacramento confirmarà os discursos. Entremos pois no Sermam, que como hoje saõ muitas as obrigaçoens, a que acudir, não nos podemos em tudo dilatar.

313 Quatro saõ as materias, que apostilla hoje o Espirito Santo para ensinar a esta Esposa de Christo: a deixação que faz, a escolha da Religião onde entra ; o sobrenome que toma, & a Casa onde professa. Estas saõ as materias, que o Espirito

Santo

Santo le hoje como Meſtre: apoſtillemos nós agora eſtas materias, para vermos na noſſa Profeſſa a efficacia deſta doutrina. E principiemos pela renuncia do mundo, já que de ſeu deſprezo he a primeira lição, que o Divino Meſtre enſina, a quẽ como Religioſa profeſſa: *Ille vos docebit.*

314 Eſſe Mundo naufragio das conſciencias, engano dos olhos, feitiço dos ſentidos, enganoſa Seréa dos cuidados, & enleio dos penſamentos, premovida das razoens do Meſtre, deixa hoje Maria reſoluta: & o que por eſtimado, trazem os demais nas mininas dos ſeus olhos, por deſprezado ſacrifica hoje Maria aos pés de Chriſto. Eſſe mundo, que para todos he tam difficultoſo holocauſto, he hoje para eſte eſpirito Religioſo facil ſacrificio. Porém ſe o mundo he a couſa de menor entidade, que ha, que he o que o Eſpirito Santo hoje enſina a Maria neſta renuncia? Para veres o pouco que Maria faz, vede primeiro o pouco, q́ Maria deixa. O mundo he hum todo ſucceſſivo, que caminhando ſempre para a caſa da morte, ſó tem de ſeu hum inſtante. Sendo as flores parte do mundo; inda o mundo he menos que as flores. Porque eſtas tem termo prefixo para a morte, & tem tẽpo certo para a vida. Porque florecem pela manhaã, & murcham na tarde. O mundo a meſma hora que temos para a ſua poſſe, pôde ſer a hora da ſua renuncia. Sendo os rios parte do mundo, ainda o mundo he menos que os rios. Porque os rios tem ſeis mezes de correr, & tem ſeis mezes de ſecar. O mundo he hũ ente tam pouco permanẽte, que indo correndo pelas ruas do tempo, he hum Correio géral, que por toda a parte corre, & por toda a parte caminha. Pois ſe o mundo he eſte, que fineza enſina hoje o Divino Eſpirito a eſta Eſpoſa advertida na reſolução, com que o deſpreza, & no deſapego cõ que o deixa? Direy. He verdade, que o mundo he tudo iſto, & menos ainda que tudo

do isto he mundo: mas que tendo Maria liberdade para deixar este nada, que na nossa estimação he tudo, & que hoje não tenha liberdade para buscar esse tudo, ainda que em sy não seja nada: que tendo liberdade para o deixar, hoje se impossibilite para o tornar a possuir. Aqui està a grandeza da materia, & aqui consiste a singularidade da fineza: que tendo Maria liberdade para vir do mundo; perca hoje para tornar ao mundo a liberdade: que podendo vir buscar a Deos deixando o mundo, nam possa hoje por buscar o mundo, deixar a Deos. O que não só, he a lição da maior importancia, mas he para Maria a fineza de maior credito.

315 Conhecendo os enganos do mundo, & o pago, que dão do mundo seus enganos, deixou a Magdalena aquellas falsas lisonjas, cõ que lhe prẽdia seus affectos, & aquellas mentirosas promessas, com que lhe arrastava os seus cuidados. Chega aos pés de Christo resoluta, sumergindo as duas Estrellas de seus olhos em o mar de suas lagrimas. Vendo o Senhor a sua fineza, publicou nam haver outrẽ mais que a Magdalena excessiva: *Dilexit multùm.* E pois em que esteve aqui da Magdalena o extremo, para Christo lhe encarecer tanto o seu excesso, que a canoniza no amor por tam excessiva, que affirma, que fora a sua fineza o mais a que podia aspirar o excesso? Que isso val o *Dilexit multùm.* Lede as clausulas do Texto, & alcançareis logo o mysterio. Diz o Texto, que tendo Maria liberdade para deixar o mundo a impulsos de seu gosto, por buscar a Christo: *Ut cognovit:* não teve liberdade, para que deixando a Christo, tornasse ao mundo. Porque esperou por hum preceito, q̃ a obrigou a voltar: *Vade in pace.* E que havẽdo na Magdalena liberdade para vir, para voltar não ouvesse liberdade? Que vindo com vontade propria, para hir não fosse já propria a vontade? Oh que no amor só muito che-

Luc. 7. v. 47.

chegou à Magdalena o excesso, porque aqui párão todas as finezas : *Dilexit multùm.*

316 Mas se Maria teve liberdade para vir, quem tirou a Maria para voltar a liberdade? He a nossa vontade huma Senhora tão independente, que ninguem lhe pòde tirar a sua determinação. Pois se esta he a nossa vontade, quem tirou hoje a liberdade a Maria a esta potencia ? Que facil reposta, que tem neste dia esta grande duvida. Quem cativou a Maria o seu gosto, & lançou dourada cadea á joya da sua liberdade, foi a voluntaria profissaõ, a que hoje se quiz obrigar. E que huma profissaõ impossibilitasse a Maria, para tornar àquelle mundo, a quem deixou huã vez. Oh que logo parece isso lição de hum Mestre, que essencialmente he amor: porque isto he o mais a que o extremo pòde subir! Porque havẽdo muito poucos amores, que atéqui cheguẽ, nenhum além desta fineza passa.

317 Tornemos à Magdalena, para prova do conceito. Aos seus pés publicou Christo por excessivo ao seu amor : *Dilexit multùm*: em tam superior grao, que não pòde haver maior extremo. E pois as finezas da Magdalena, em que jubilárão nesta occasiaõ, para Christo canonizar ao seu extremo pela mais rara fineza? Iá dissemos, que a grandeza do amor da Magdalena cõsistíra, em que tendo liberdade para vir para Deos, & deixar o mundo, já não tivesse liberdade para voltar ao mundo, & deixar a Deos. E quẽ lhe tirou a liberdade? Quem? Perguntai-o a Agustinho: *Venit confessa, ut rediret professa.* A força de huma profissam, diz Agustinho, foi a q̃ deixou a Maria sem liberdade. E que huma profissaõ voluntaria fosse quem impossibilitasse a Maria para tornar ao mundo? Oh que nesse acto levou o seu amor a palma a todo o extremo, subindo ao maior excesso: *Dilexit multùm!*

318 Oh Esposa de Deos ama-

amada, a quem deixãdo elle livre os foros da voſſa liberdade, lhe rendeis hoje o coração, ſó por lhe cativar hoje o alvedrio? Iſto fez Maria Magdalena. E ſendo iſto o meſmo, que vós fazeis, nella parece que foi divida, & em vòs fineza. Que obre iſto huma Maria peccadora, he divida, porque não pede menor ſatisfação tam grande culpa: mas que iſto faça hoje huma Alma, que pelos ſeus annos parece innocente? Grande vitoria ſua contra a noſſa cegueira. Que Maria profeſſe depois de largas experiencias. Oh fraqueza do coração humano! Mas, que fexando os olhos às experiẽcias do mundo, faça hoje outra Maria muito mais heroica profiſſaõ. Oh valentia de huma Eſpoſa reſoluta! Que Maria profeſſe ſervir a Deos depois de colher do mundo os frutos. Oh intereſſe! Mas q̃ Maria ſem colher ao mundo as flores, profeſſe hoje ſervir a Deos. Oh deſapego! Que huma Maria no dia da ſua profiſſaõ faça deixação do mundo com muitas lagrimas, he fazer de alguma maneira penoſo ao ſeu ſacrificio. Mas que com hum coração mui conſtante, & com huns olhos muito enxutos, faça hoje outra Maria a Deos o ſeu holocauſto: iſſo he acreſcentar o ſeu merecimẽto. Logo ainda (ó Eſpoſa venturoſa) que o ſugeito, q̃ he objecto do voſſo deſprezo, ſeja hum nada pela ſua eſſencia, pela circunſtancia do voſſo deſprezo, obrais hoje na ſua renuncia o maior exceſſo.

319 Ora eu ainda quero conſiderar outra circunſtancia na grande reſoluçam deſte ſacrificio, com huma ſingularidade, que acredita bẽ ao ſeu deſprezo. Reſolveſe hoje Maria a deixar o mundo, & para iſſo foge Maria da ſua patria, vindo buſcar a Deos deſterrada da ſua terra. Oh que grande conſtancia de hum coração! Oh que grande empenho de hum amor! Sei eu, que para Abraham deixar a ſua patria, ſendo já os ſeus annos viſinhos ao Occaſo, foi preciſo, que Deos o mandaſſe: *Egredere de*

de terra tua: & como se não bastassem as vozes, lhe fez Deos varias promessas: *Faciam te in gentem magnam.* E que Maria podendo buscar a Deos na sua terra, sem preceito deixe a sua patria, isto quando seus annos não passaõ da Primavera? Oh efficacia da doutrina do Divino Mestre! Mas oh valentia de Esposa resoluta! As perolas (diz Plinio) que querem dizer união: *Margaritæ, idest uniones.* E se cada Esposa de Christo he huma perola para Deos resplandecente, vermos nòs a nossa perola cortar pela união do seu ser no seu fugir, só por fazer mais custoso ao seu sacrificio. Oh que singular fineza a do seu desprezo! E pois não bastava para esta Alma Religiosa, deixar o mundo, & ficar na sua patria, senão que foge da sua patria, quando deixa ao mundo? Sim bastava para o sacrificio, mas não bastava para a fineza. Maria assim deixa hoje o mundo, que desprezando as suas pompas, quer hoje morrer para os seus enganos: & vendo a sua idade ainda no seu Oriente, deixou hoje a sua patria, para se pôr no seu Occaso. Considerase ainda envolta nas mãtilhas do berço; & para se vestir dos horrores do tumulo, se ausenta hoje da sua terra. Quiz acabar hoje de todo para o mundo, & vendo, que para conseguir este intento, a morte era o mais efficaz meio para conseguir aquelle fim, foge hoje da sua patria.

Gen. 12. v. 2.

320 Por Isaias mandou Deos notificar a Sobna Sacerdote, & Pontifice do seu tempo, que em castigo dos seus peccados o havia de levar a Babilonia, & que ahi morreria com a morte segunda: *Mittet te in terram latam, & spatiosam: & ibi morieris morte secunda.* Assim se le na Glossa este Texto. E que genero de morte he esta? Pòde haver para hum homem mais que huma só morte? A Fé nos ensina, que não: *Statutum est hominibus semel mori.* Pois, que segundo genero de morte he logo este, que Sobna ha de sentir, & que genero de morte he este, que

Isai. 22. v. 18.

Ad Hebr. 9. v. 27.

Sobna

Sobna ha de experimentar? Ora notem. Sobna era hum homem, a quem Deos mandava deixar a sua patria: *Mittet te.* Pois ainda que todos os homens tenhão huma só morte, ha de ter Sobna duas mortes; huã como homem homem, & outra como homem, que deixa a patria. Morre com duas mortes,quẽ se aparta da patria do seu nascimento: huma, quando a deixa, & outra quando acaba. Porque equival pela morte a renuncia da patria. Provemos isto com o Sacramento.

321 Memoria da Paixão chamou a Igreja ao Sacramento: *Recolitur memoria Passionis ejus.* E que tem a morte com o Sacramento? Perde nelle por vẽtura Christo a vida? Não. Pois como equival pela morte o Sacramento? Notai. Naquelle mysterio estão os accidẽtes, apartados da sustancia. A sustancia, he a patria dos accidentes, porque da sustancia nascérão, & da sustancia se eduzírão. Pois mysterio, aonde os accidentes se vem sem patria, he mysterio, que representa a morte: *Recolitur memoria.* Se pois pelo rigor da morte equival a renuncia da patria, como podia hoje mostrar Maria a efficacia,com que sacrifica hoje o mundo aos pès de Christo,senão com esta renuncia? Como podia mostrar, que vivendo para Deos, acabava para o mundo, senão cõ este desprezo? E para acrescentar o merecimento ao seu sacrificio, quiz tambem hoje da sua vida fazer holocausto, cortando com hum só golpe pelo mundo para o desprezo, & pela sua vida para o Sacrificio. Se já não he, que para fazer hoje mais excessivo o seu sacrificio, não quiz hoje na sua terra fazer o seu holocausto. Porque quiz andar muitas legoas, para pòr hoje aos pés de Christo como despojo da sua victoria, rendida a sua vontade. E he tão notavel esta circũstãcia, q̃ faz na estimação de Deos crescer este sacrificio.

322 Dous sacrificios se encontrão em o Testamento Velho, ambos feitos a Deos por

por dous pays; mas com huã notavel differença: hum, que fez Abraham, de Isaac, pondoo no altar para o sacrificar como victima a Deos: *Posuit eum in altare super struem lignorum:* outro, q̃ fez Iephet, de sua filha: *Reversa est ad patrem suum, & fecit ei, sicut voverat.* Ora vede agora a differença, que ouve entre hum, & outro sacrificio, entre hum, & outro holocausto. Abraham intentou degolar a Isaac; mas por ordem de Deos, não teve effeito o sacrificio: Iephet, intentou fazer da filha o sacrificio, & de facto a degolou para o holocausto. E Deos estimando superiormẽte o sacrificio de Isaac pelas promessas, q̃ fez a Abraham: *Quia fecisti rem hanc, benedicam tibi:* se leres a Escritura, não encontrareis, que do da filha de Iephet fizesse alguma demonstração para o seu agrado, nem se deu por obrigado a dar a Iephet pelo sacrificio da filha a paga, que prometéo a Abraham pelo de Isaac. Pois se maior parece que foi o sacrificio de Iephet, que o de Abraham, qual he a causa, porque estimando muito a ambos os sacrificios, se dà por obrigado de hum, & não do outro? Do Texto he a razão. Abraham estando na patria, aonde nascéo Isaac, caminhou muitas legoas para o hir sacrificar em hum monte fóra da sua terra: *In die autem tertio elevatis oculis vidit locum procul:* & a filha de Iephet estando fóra da sua terra: *Dimisit eam:* veyo para a sua patria, para nella se fazer o sacrificio: *Expletis duobus mensibus reversa est ad patrem suum.* E acresce tãto por esta circunstancia hum sacrificio, a respeito de outro sacrificio, que ainda que Deos estime hum, & outro holocausto, dáse por mais obrigado daquelle, onde Isaac se faz victima fóra da sua patria, do que daquelle, onde a filha de Iephet, se faz victima na sua terra. Oh que grande sacrificio foi o de Isaac! Mas oh que igual parece hoje a victima de Maria! Porque não só fóra da sua patria se levãta o altar para o holocausto, mas

Gen. 22. v. 9.

Iudic. 11. v. 39.

Gen. 22. v. 16.

Gen. 22. v. 4.

Iudic. 11. v. 38.

mas ainda hum monte. He o lugar para ambos os sacrificios: *Super unum montium.* Gen. 22. v. 2. A ventagem, que Isaac levou à filha de Iephet no seu sacrificio, considero eu hoje no sacrificio, que de sy faz a Deos esta Alma a respeito das demais Esposas de Christo. As que levantão o altar na sua patria para a victima, saõ como a filha de Iephet: esta, que para o holocausto em hum monte fóra da sua terra faz o altar para a victima, he como Isaac. E se o sacrificio de Isaac foi mais superior que o da filha de Iephet: o de Maria he mais excessivo, que o das outras Almas Religiosas. Mas se o Divino Espirito he hoje o Mestre, que lhe dá as liçoẽs: *Ille vos docebit*: para q̃ avultasse a sua fineza, lhe ensina do mundo a sua renuncia, cõ humas circunstancias tam protentosas, que para credito da sua fineza, não só lhe dictou a renuncia, mas tambem as circunstãcias do desprezo: como queria mostrar o excesso do sacrificio, designoulhe o lugar para o holocausto. Vamos ver isto no Sacramento.

323 Naquelle mysterio obra Christo huã fineza tam grande, que diz Sam Dionisio Areopagita, que nelle nos ama com o maior extremo: *Ad summum dilexit, cum communionem nobis fecit*: & Santo Thomás affirma, que naquelle mysterio obrára Christo huã acção tão estupenda, que vencéra a todas as suas maravilhas: *Miraculorum ab ipso factorum maximum.* E porque causa? Notai. O Sacramento he hum pão, que tem por patria ao Ceo: *Hic est panis, qui de Cælo descendit*: Ioan. 6. v. 59. mas sendo no Ceo pão, para delle se fazer sacrificio, desce cá para a terra. He pão, que no Ceo não he sacrificio, & só na terra he que se offerece em holocausto. Pois mysterio, aonde o pão deixa a sua patria, para se offerecer em sacrificio fóra da sua terra, he mysterio de tão superior esfera, que não só he a maior fineza, mas tambem a maior maravilha. Esta maravilha, & esta fineza, que se vê no Sacra-

cramento, fallando com a proporção, que se póde dar entre o Divino, & o humano, parece, que se dá no vosso sacrificio, ó Esposa de Christo. Mas não me admiro, que assim obreis no acto da vossa profissaõ, pois o Espirito Santo, he o vosso Mestre: *Ille vos docebit.*

324 A segunda lição, que o Espirito Santo dá hoje a esta Alma Religiosa, he a Religião em que professa. Resolveose Maria a tomar aos seus hombros a Cruz da Religião, & o Espirito Santo lhe ensinou, que a Illustrissima Religião de Sam Domingos fosse o Ceo, que escolhesse, para resplandecer como Estrella do Firmamẽto na Igreja Militante. Ora vede o como aprendéo Maria bem a lição. Assentou cõsigo esta Esposa de Christo fazer do mundo throno aos seus pés pelo seu desprezo, & para duas partes teve a sua vocação; ou para o Cõvento do Paraiso, ou para este Real Convento. E mudando Maria de sitio, só não mudou de Religião. Mas assim havia de ser. Porque como o Espirito Santo era o Mestre, & Maria a que entrava na Religião, só a de Sam Domingos havia de ser a Religiã), que escolhesse.

325 He opinião de muitos Padres, & especial de Sam Jeronymo, que o Espirito Santo em figura de pomba, por hum final externo, lhe designou à Mãy de Deos, quando se resolveu a se desposar, que escolhesse por Esposo a Sam Joseph: *In ejus cacumine Colũba de Cælo veniens consedit.* Notavel caso! Pois se Maria he a que se desposa, porque não ficará só à sua eleição o Esposo? Sabeis porque? (diz Sam Remigio) Sam Ioseph significa a Ordem do Grande Patriacha S. Domingos: *Per Ioseph Ordo Prædicatorum designatur*: & como Maria era, a que se desposava, & o Espirito Santo o que lhe dava as liçoens como Mestre, só na Religiam de Sam Domingos, he que havia de celebrar Maria os seus desposorios. Porque quando o Espirito Santo he o que ensina, & Maria a que se

D. Hieron. vbi sup.

Et etiã Cartux. c.3 f.13.

D. Remig. in Math. relatus à P. Mariq. f. 116. tom 1.

se despoſa, ſó para eſta Religião eſpecialmente parece que guia o Eſpirito Santo: *Per Ioſeph Ordo Prædicatorum deſignatur.*

326 Para eſta Sagrada Religião, movida do Eſpirito Santo vieſtes, ó Eſpoſa de Chriſto amada: mas bem ſe vê na gala, de que vos veſtis, a propriedade com que a Religião eſcolheis. As perolas enſina Plinio, que ou ſaõ brancas, ou ſaõ pardas: & a razão da diverſidade, de q̃ ſe veſtem, he da maneira, q̃ o Sol no ſeu naſcimento apparece. Se o Sol eſtá claro, ſahe de branco a perola veſtida: ſe o Sol eſtá nublado, veſteſe a perola de pardo. Se pois hoje eſtá o Sol tanto ás claras no ſeu ditoſo naſcimento, que muito que de branco corte hoje as ſuas galas eſta perola. Oh como foi acertada a eleição da Religião, que fizeſtes, pois entre todas, parece, que do voſſo Eſpoſo lhe rouba mais os agrados. Quiz o Eſpirito Sã-to, já que era o voſſo Meſtre, que avultaſſe a voſſa grandeza entre todas as Eſpoſas de Chriſto: por iſſo vos fez eſcolher eſta Religião, aonde o Sol, que vos alumiaſſe para o Ceo, foſſe Domingos, & a cor, de que vos veſtiſſe, foſſe branca.

327 Affirma a Eſcritura Sagrada, que Samuel entre todos os que miniſtravão no Templo, ſe engrãdecêra diante de Deos: *Magnificatus eſt puer Samuel apud Dominum.* E pois ſó entre todos os que ſe ſacrificavão ao ſerviço de Deos por voto no Templo, ſe levanta Samuel com tal primazia, que até diante de Deos avulta a ſua grandeza? *Magnificatus eſt puer Samuel apud Dominum.* Sim. E notai: Samuel entre todos os que ſe dedicavão ao ſerviço de Deos em o Templo, ſe ſacrificou a Deos por voto: *Commodavi eum Domino cunctis diebus:* & o Habito, de que ſe veſtio, diz o Texto, que era de cor branca: *Accinctus eſt ephod lineo:* & juntamente, diz Sam Gregorio, que ſe engrandeceu entre todos, porque quãdo entrou em o Templo, ſacrificouſe a Deos na Ordem

1.Regũ c.2.v.21

1.Regũ c.1.v.28

1.Regũ c.2.v.18

Hæc autem refertur à P. A Lap. in hunc locũ f. 2300 & legitur in D. Greg. in Reg. f 2990.

dos Prégadores : *Magnificatus est puer Samuel, quia novus Ordo Prædicatorum humilitatis suæ virtutẽ non perdidit.* E esses saõ desta illustre Familia os privilegios, que pelo seu Estatuto, & pelo seu Habito engrandece tãto aos seus Filhos, que entre todos os que se dedicão a Deos, tem elles na grandeza a primazia: *Magnificatus est puer Samuel apud Dominum.* Conveniente era logo, q̃ esta fosse a Religião, que hoje escolhesse esta Alma Religiosa; porque se o Espirito Santo a queria engrandecer entre as mais Esposas, havia hoje Maria vestirse de branco: *Accinctus ephod lineo:* já que por voto se sacrifica a Deos na Ordem dos Prégadores: *Novus Ordo Prædicatorum.* E foi tal de Maria a sua ventura, que sendo Christo Esposo de todas as Almas, que na Religião se lhe sacrificão, especialmente tem elle hoje por empenho mostrar, que Maria he a sua Esposa. Ora notai.

328 Desposase hoje Maria com Christo Sacramentado, por isso lhe assiste hoje, sendo Planeta, que influe neste seu ditoso nascimento. E porq̃ causa neste festivo dia lhe assiste Christo naquelle mysterio? Ora adverti. No Sacramento està formaliter o Corpo de Christo, & per concomitantiam està a Divindade: Christo em quanto homem não tem pay, Christo em quãto Deos não tem mãy: & se pela esposa, como diz o mesmo Senhor, se deve deixar pay, & mãy: *Pro ea relinque domum, patrem, & matrem*: para Christo provar, que he o vosso Esposo, desposase hoje comvosco em hum mysterio, aonde considerado segũdo huma razão, que he a humanidade, não tem pay; & considerado segundo a outra razão, que he a Divindade, não tem mãy. Vede logo, ó Esposa de Christo, se foi prodigiosa a Religião, que escolhestes, pois saõ tão superiores os vossos desposorios: mas o certo he, que esta vossa grãde dita não se deve tãto à vossa eleição, como ao Mestre, porq̃ assim vos ensinou. *Ille vos docebit.*

Gen. 2. 2. 24.

329 A terceira materia, que

que o Espirito Santo, como Mestre, apostilla hoje a esta Alma Religiosa, he o nome, com que fica, & o sobrenome, que escolhe. Maria Iosepha, he o nome que tinha no seculo; o sobrenome, que escolhe hoje em este seu sacrificio, he o da Assumpção triumfante. Vamos agora pôderar o primeiro nome, & logo discursaremos o segundo. Se Maria hoje muda de estado, porque não muda de nome? Se o Espirito Santo na primeira postilla, que lhe deu, lhe ensina o desprezo do mundo, como conserva ainda hoje o nome, que tivera no seculo? Se deixa ao mundo, porque não renuncía o nome? Respondo. Não muda o nome, porque lhe ensina hoje o Espirito Sãto o mais fino desprezo. Queria o Mestre Soberano, q̃ Maria se consagrasse hoje a Deos pelo mais superior sacrificio; pois conserve hoje Maria na sua profissaõ o nome, que teve no seculo, aindaque na Religião mude de estado.

330 *Dilexit multùm.* Foi a aprovação, que Christo deu ao amor da Magdalena, quando se lhe consagrou aos seus pés pela sua profissaõ, como disse Agustinho: *Ut rediret professa*: em casa do Fariséo. E pois aqui obrou a Magdalena hum excesso tão grande, que levou as aprovaçoens de Christo a sua fineza? Sim. Olhai. A Magdalena naquella sua profissam, deixando ao mũdo rendido aos pès de Christo, mudando de vida, & mudando de estado, sómente não mudou de nome: porque se antes da profissam se chamava Maria, depois da profissam conservou o mesmo nome. E que fosse tal a resolução da Magdalena, que para fazer mais custoso o seu sacrificio, sómente não mude de nome, mudando de estado? Oh que isto he huma fineza tam rara, que a canoniza Christo pelo maior excesso: *Dilexit multùm.* Melhor. A Magdalena na sua profissaõ, mudando de estado, & mudando de vida, só teve no seu nome huã notavel mudança. E foi, que

Luc. vbi sup.

antes da profissaõ chamava-se sómente Maria, & depois da profissaõ ao nome de Maria acrescentoulhe hum Soror: *Et huic erat Soror, nomine Maria.* E conservar depois da profissaõ o mesmo nome de Maria sòmente cõ a distinção de hum Soror. Oh que extraordinaria fineza! Mudar de estado, & mudar de vida sem haver mudança no nome. Oh que singular excesso!

Luc 1. v. 39.

331 Aquelle Mysterio he a maior fineza, que Christo obrou pelos homens: *Ad summum dilexit, cum communionem nobis fecit.* E qual a causa? He o motivo. Porque naquelle mysterio deixando os accidentes de pão toda a sustancia, que tinhão, mudando de estado, porque existem per se, só conservão ainda o nome, que tinhão, porque se chamão pão, como dantes: *Hic est panis.* E Sacramento, onde deixandose tudo, só se não renuncía o nome, seja huma fineza tão singular, que se acclame pelo maior excesso: *Ad summum dilexit*: & ensine o Espirito Santo como Mestre a Maria conservar o mesmo nome depois de desprezar ao mundo, já que na sua profissaõ lhe ensina as maiores finezas: *Ille vos docebit.*

Ioan 6. v. 59.

332 Esta foi a razão, porque Maria não mudou de nome. Mas qual foi a causa, porque escolhendo sobrenome em a profissam, foi a Assumpção mysteriosa; sendo que parece, que nam tem com quem professa nenhuma proporção este nome. Porque na Assumpçam escolheu Maria: *Maria optimam partem elegit.* Quem escolhe, tem liberdade para eleger. E se na profissam se cativa a liberdade, parece, q̃ com quem professa, naõ tem nenhuma propriedade o nome da Assumpção triumfante. Ora isto he engano, porque para quem professa, não ha nome mais proprio. Porque se na Assumpçam deixa Maria o mundo para caminhar para Deos: se o dia, em que na Religião se professa, he o dia em que o mundo se renuncia: para em tudo fallar o nome de mysterio, só o da

Luc 2. v. 42.

da Assumpção devia ser o seu nome: como Maria hoje se despofa com Christo, para provar q̃ de Christo era verdadeira Esposa, havia de unir o nome da Assumpçam ao seu nome.

333 Reparei com alguma advertencia, em que nos Cantares, atè o Capitulo quarto, nunca intitulasse o Espirito Santo por sua Esposa a Alma Santa: & sò deste Capitulo por diante, he, que lhe deu este nome. E a primeira vez q̃ lhe poz tam condecoroso titulo, foi quãdo a mandou subir do Libano: *Veni de Libano, Sponsa mea, veni, coronaberis.* Pois se a Esposa sempre teve este titulo, como sô agora lhe publìca os desposorios? Se sempre teve a Esposa esta ventura, como só agora lhe expressa este titulo? Direi. A Esposa era Maria, a subida q̃ fez do Libano, diz o A Lapide, foi o mysterio da Assumpção, onde triumfou gloriosa: *Beata Virgo evocata est ex Libano, quando ex mundo evocata est ad Cælum.*

Cant. 4. v. 8.

A Lap. in 4. Cantic. f. 195.

E supposto que sempre Maria tivesse a dita de ser a Esposa, quando se lhe une da Assumpção o mysterio, especialmente se lhe encarece a vẽtura, como se a Assũpção lhe segurára o desposorio: *Veni de Libano, Sponsa. Beata Virgo evocata est ex Libano, cum ex mundo evocata est in Cælum.* Discreta he logo a eleição do vosso nome no dia dos vossos desposorios. Mas se o Espirito Santo foi o vosso Mestre, como vos não havia de ensinar a eleição do vosso nome: *Ille vos docebit.*

334 A quarta, & ultima lição, que o Divino Mestre dá a este Espirito Religioso, he a Casa, onde Maria professa. A Casa em que Maria hoje a Deos se sacrifica, he a da Saudação da Senhora: mas qual havia de ser o Templo, onde se fizesse hoje este sacrificio, senam a Casa, que fosse da Saudação da Senhora? Huma Religiosa pelo Esposo que toma, sobe à maior dignidade: & para Maria se conservar

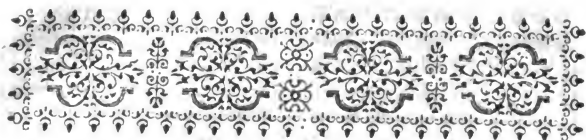
nesta grandeza, só nesta Casa devia celebrar os seus desposorios.

335 Do grande Bautista affirmou a Eterna Verdade, que dos nascidos ninguem com elle tivera igualdade: *Non surrexit maior Ioanne Baptista.* E porque razão? He a causa. O grande Bautista, quando a Senhora foi visitar a Santa Isabel, nos saltos que deu de prazer no vẽtre da Mãy (como dizem os Padres) fez de sy a Deos hũ sacrificio, desposandose cõ elle pela Graça. E como se unio a Saudaçam àquella casa: *Ut audivit salutationem:* huma Alma, que nesta Casa celebra os seus desposorios, assim se engrandece, q̃ fica entre todas a mais soberana: *Non surrexit maior.* Notai. O Bautista primeiro ouvio a saudação naquella casa, do que celebrasse os seus desposorios: *Ut audivit salutationem, exultavit infans:* & hũa Alma, que espera, que aquella Casa se una à Saudaçam para celebrar os seus desposorios: oh que sem duvida he a maior entre todas: *Non surrexit maior.* Logo para Maria sobre tudo se exaltar nesta Casa, havia de fazer a sua profissaõ. Este Templo sem duvida devia ser por especial lição do Espirito Santo, o altar para o seu sacrificio: *Ille vos docebit.*

Matth. 11. v. 11.

Luc. 1. v. 41.

336 Está acabado o Sermão. Onde vimos quatro materias bem sabidas. Porque forão pelo Espirito Santo apostilladas. Esposa de Deos venturosa, nam està o ponto em principiar com fervor a decorar os dictames do Mestre: perseverar sim na execução dos seus dictames, he o em que está o ponto. E se hoje sacrificais a Deos o mundo: oh que grande desgraça será admittir à manhaã para o affecto, o que hoje meteis debaixo dos pés para o desprezo. Vòs, Espirito Divino, que igualmente sois Mestre, que Consolador: *Spiritus Paraclitus docebit vos:* ensinai a Esposa, & consolai a Mãy: que se hoje perde a Maria como filha, he para a collocar

car no Ceo como Eſtrella. Se hoje a vê murchar para o mundo, como flor; he para ſe conſervar perpetua para Deos, diſpoſta pelos rayos de voſſo amor, ſó para ſeguir a voſſa liçam. *Ille vos docebit: &c.*

SERMAM
DAS
LAGRIMAS DA
MAGDALENA:
PREGADO

Na Misericordia da Cidade de Coimbra, em 12. de Abril no Anno de 1685.

Lachrymis cœpit rigare pedes ejus. Luc. 7.

§. I.

AS lagrimas daquella felicissima Peccadora, q̃ sendo em Ierusalem o maior estimulo da culpa, foi em Ierusalem o maior triumfo da Graça: O pranto daquella Peccadora, a quem o Mundo venerou com tal excesso, que com lisongeiros enganos lhe prendia os affectos, & cõ mentirosas promessas, lhe arrastava os seus cuidados: Os ardentes suspiros daquella Peccadora, que sacrificou tanto à Graça por despojo, quan-

quanto a Graça tinha levado à culpa por triumfo: He hoje o aſſumpto, que havemos de prégar, & a materia que havemos diſcorrer. Mas quẽ poderá hoje tomar porto em hum preamar de tãtas lagrimas? Quem poderà tomar pé em hum tam vaſto mar de amarguras? Pois para acreſcentar a profundidade à ſua corrente, dous caudaloſos rios de enternecidas lagrimas correm hoje de ſeus olhos, para acreſcentar mais agua ao mar da ſua pena. Quando nos rios andão as aguas deſenquietas, he ſinal, que anda o mar furioſo. Oh como andará hoje tempeſtuoſo, aquelle enternecido coração da Magdalena, pois nos dous rios de ſeus olhos, ſaõ tão creſcidas as correntes do ſeu pranto! Quando ha inundaçoens em as fontes, he porque creſcem no mar as aguas. Oh como andaram furioſas no coração da Magdalena as ondas da ſua pena, pois he taõ grande a inundação em as fontes de ſeus olhos. Largou a Magdalena os reſiſtos à fonte das ſuas lagrimas, para que a inundação de ſeus olhos correſſe pelo eſpaçoſo campo da ſua vida: & formando de ſeus olhos o canal para o curſo da fonte de ſuas lagrimas, o coração era a mãy, donde arrebentavão eſtes dous olhos de agua: & fazendo do diaphano da ſua corrente criſtalino eſpelho para ver os deſatinos de ſeus mũdanos empregos, aquella que a olhos viſtos fugia da ſua reforma, toda hoje ſe emprega na ſua emẽda. Aquella finalmente, que por cauſa do temporal, havia pouco que naufragava em hum mar de culpas, ſoçobrada da ſua dor, quer afogar no diluvio das ſuas lagrimas as ſuas manchas.

338 Hum rio corria para lavar o que a Magdalena fora: outro rio corria para purificar o que a Magdalena era. O rio, que corria para lavar, o que a Magdalena fora, como avivava a conſideração do peccado, era eſta memoria huma lança, que feria à Magdalena o ſeu coração: o rio, que corria para purificar o que era, era huã

eſpa-

efpada, que partia à Magdalena a Alma, na dor de fuas amarguras: huma onda a levava, para deteftar o que fora, & confiderando, que nos feus peccados, como em viva rocha, quebraffe os mares da fua pena, outra onda a trazia à profundidade da fua dor. E tanto deu a agua de feus olhos, na pedra do feu coração: que de neve fe trocou a Magdalena em fogo: que de fombra fe trocou a Magdalena em luz: que de penhafco fe trocou a Magdalena em cera: & que de Peccadora fe trocou a Magdalena em Santa: tanto a mudárão as fuas lagrimas, q̃ nada, parece, que ficou à Magdalena, do que era. Porque aquelles olhos, a quem o Ceo quiz para Eftrellas, converteu a dor em dous olhos de agua: aquelles olhos, que antigamente forão luz, fó de lagrimas ficárão fonte; porque extincta à força de tanta agua a fua luz, ficou afogado em hum mar de lagrimas o feu refplandor: aquelles cabellos, a quem o Sol cubiçou para rayos, já hoje fómente fervem de atadura, com que a Magdalena ata a veya de feu coração, para que na fangria de feus olhos fe não eftrague toda a Alma, à força de feus fufpiros: aquelle rofto, em quem a natureza copiou fempre a Primavera, pela inundação contìnua das lagrimas, o q̃ fempre fora, ou pelo florido, ou pelo engraçado, a gala do Abril, fe trocou nas triftezas do Dezembro, mudãdofe nas gieftas amarellas da penitencia, as rofas encarnadas de fuas faces: aquella boca finalmente, cujas razoens erão fettas, que a Magdalena defpedia, em quantas palavras articulava, hoje fó das fettas ficou à Magdalena a pena, pelo que differa, & o ferro, pelo que então dizia.

339 Em tempo pois em que a inundação era tam grande, que nem o mefmo Chrifto a paffou a pé enxuto, jũtou aos feus pés a Magdalena feus cabellos: & foi efta a vez primeira, que ao Sol fe empreftárão os rayos. Quiz a Magdalena facrificar tantas obediencias à verda-

de,

de, quantas confusoens offerecéo em holocausto à mentira: & por isso, rompendoselhe a alva de seus olhos para as lagrimas, lhe amanheceu na Alma o Sol da Graça: ou por isso em dia, em que se desatava o Ceo em tam copiosa chuva, não deixou de se ver o Sol, no meyo de tanta agua. Hora eu, q̃ não posso tomar hoje a todo este Occeano o plumo, porque não posso hoje tomar a altura a toda a sua profundidade, não quizera tratar hoje das lagrimas da Magdalena, surcando todo o mar da sua pena; porque isso fora fazer naufragio no mar do seu coração: sómente verei, se posso hoje tomar porto com o discurso em sinco rios, que correm hoje daquelles dous olhos de agua. Duas saõ sómente as fontes de suas lagrimas; mas logo naquellas duas fontes de seus olhos se dividem sinco rios. Lá do mais alto das Estrellas desta Serra correm sinco rios, nascidos daquelle enternecido coração. Lagrimas discretas, lagrimas mudas, lagrimas valẽtes, lagrimas desenteressadas, & lagrimas amãtes, foraõ as lagrimas, cõ que hoje chorou a Magdalena aos seus peccados. As lagrimas amantes forão hum rio, que brotando do mar de seu coração, remediou com elle a Magdalena as suas profanidades. As lagrimas desenteressadas, forão outro rio, com que a Magdalena quiz restituir à Graça quanto lhe estava devedora pela culpa. As lagrimas valentes foram outro rio, q̃ levárão a Magdalena vento em popa, navegando do estado de Peccadora, para o estado de Sãta. As lagrimas mudas forão outro rio, com que purificãdo a Magdalena a sua boca, satisfez pelas suas palavras. Vltimamẽte as lagrimas discretas forão outro rio, com que a Magdalena remediou as suas ignorancias. Em aquellas duas fontes das lagrimas da Magdalena, se bẽ considerares, achareis sinco canaes, & sinco resistos, com que se dividem sinco rios na mesma fonte. Abria a Magdalena o resisto da considera-

ra-

ração, & corria daquelles olhos hum rio de lagrimas discretas: fechava a Magdalena a boca, & abrindo outro resisto à sua dor, corria daquelles olhos hum caudeloso rio de lagrimas mudas. Via a Magdalena o estado, em que andava; & abrindo outro resisto à sua pena, corria daquelles olhos hum rio de lagrimas valentes. Queria mostrar a Magdalena o seu desapego, & abrindo outro resisto, corria daquelles olhos hum rio de lagrimas desinteressadas. Sacrificava finalmente a Magdalena o coração às finezas, & abrindo outro resisto, corria daquelles olhos hum rio de lagrimas amantes. Hora já que se divide em tantos rios a fonte das suas lagrimas, a cada rio destes ponderaremos hoje o seu curso, & a cada rio destes ouviremos hoje as suas vozes, no estrondo da sua corrente. Se o Sermão não for de estrondo, não poderá deixar de ser estrondoso o assumpto. Entremosem o discurso.

§. II.

Lachrymis cœpit rigare pedes ejus.

340 DO mar do seu entendimento: *Ut cognovit*: teve principio em a Magdalena o primeiro rio das suas lagrimas. Considerou a Magdalena em o rumo, que levava o Baxel da sua vida, diz São Leão Papa: *Consideravit, quod fecit*: & esta consideração foi o primeiro principio, que servindo à Magdalena de farol para ver o porto, feita jà em outra volta, a fez vir por hũ mar de lagrimas aportar aos pés de Christo. A sua ignorancia a fazia à arvore seca andar com o curso das aguas para qualquer parte, para onde a levava o vento, naufragando continuamente no mare magnum de suas culpas. O entendimento, com que considerou na derrota q̃ levava, a mudou tanto de popa a proa, que vendo o perigo que corria o Baxel de sua consciencia, por falta de

Homil. 33. in Evang.

agua,

agua, para entrar com maré na barra da Penitencia, & tomar o porto da Gloria, para que não perigasse na barra, lhe lançou fortes amarras em seus cabellos; até que cõ a inundação de seus olhos, em aguas vivas crescendo as ondas, pudesse navegar para os pés de Christo vento em popa.

341 Christãos, sabeis porque não choramos? Pois he, porque nos não conhecemos. Sabeis, porque damos sempre em seco em o caminho do Ceo? Por falta de agua. Pois he, porque o nosso juizo não abre o resisto da nossa consideração: que se nòs considerarmos huma só hora na nossa vida, oh como se havião de ver chorosos os nossos olhos! Se nòs lançáramos a nossa consideração pelo nosso estado, oh que caudaloso rio de lagrimas havia de correr do nosso juizo! Se o nosso juizo se applicára hum só instante em considerar o que fazemos: & quantas lagrimas havia de celebrar a Igreja em a Quaresma, sem serem as lagrimas da Magdalena? Do resisto do entender, he que corre o rio do chorar: quando as lagrimas correm, he porque o resisto se abre. Se o canal das lagrimas seca, he porque o resisto da consideração se fecha. Considerai vòs na vossa vida, & logo haverá inundação nos vossos olhos.

342 Depois que pequei, dizia David, sempre os meus olhos chorão, & com tal excesso, que as lagrimas me servem de sustento, assim no dia, como na noite: *Fuerunt mihi lachrymæ meæ panes die, ac noćte.* Psal. 41. v. 4. Nunca ouve ninguem, que me visse, ou fosse de noite, ou fosse de dia, que me não visse chorar. Pois sempre David chora? Nunca secão naquelles olhos aquellas lagrimas? Nunca tem interrupção aquelle pranto? Comia David, & ou fosse de dia, ou fosse de noite, choravão os olhos: *Die, ac noćte?* Sahia ao campo de dia para divertirse, & as lagrimas corrião de dia: *Die?* Passeava, & as lagrimas, sendo correntes dos olhos, tambem

bem lançavão corrente aos passos, ou os désse no dia, ou os désse na noite: *Die, ac nocte?* Queria dormir, & de noite o acordavão as lagrimas com o seu estrondo: *Nocte?* Subia ao throno, & de dia se afogavão no throno os seus olhos em o mar das suas lagrimas: *Die?* Pois sempre David chora? Nunca aquellas lagrimas se supendem naquelles dous olhos? Nam. Porque sempre, como dizia David, tinha o Rey aberto o resisto da consideração para o conhecimento da culpa: *Iniquitatem cognosco, & peccatum contra me est semper.* E como o canal para as lagrimas se sólta com o resisto da consideração, como sempre tinha David aberto o resisto: *Cognosco semper*: sempre tinha os olhos chorosos, porque sempre estava aberto o caminho para as lagrimas: *Die, ac nocte.*

Psal. 50. v. 5.

343 Mas para que he buscar provas a esta verdade, quando esta verdade tem na Magdalena a melhor prova. A primeira vez que consta, que chorasse a Magdalena, foi em o dia de hoje: *Lachrymis cæpit.* Hoje foi o primeiro dia, em que aquelles olhos se convertérão em fontes de lagrimas. Hoje foi a primeira occasião, em que a Magdalena com as suas lagrimas escurece as vistas para seus olhos. Pois hoje começão a correr dos olhos da Magdalena as suas lagrimas? Hoje começão a correr daquelles dous olhos estas fontes? Sim. Porque hoje foi a primeira vez, que se lhe abrio à Magdalena o resisto da sua consideração: *Ut cognovit.* E como hoje foi o primeiro dia, em que conheceu: hoje foi o primeiro dia em que chorou. Tanto que conheceu: *Ut cognovit.* Eisahi o resisto, ou a preza das lagrimas solta. Olhai o que se seguio: *Lachrymis cæpit*: Começárão as lagrimas a correr, porque se lhe abrio o resisto à corrente do seu pranto: *Ut cognovit.*

Luc. 1. v. 32.

344 Se o rio das lagrimas lá no mar da consideração tem seu principio: Eisahi porque os nossos olhos chorão, porque os resistos da

nossa

nossa consideração se nam abrem. A nossa ignorancia fecha o resisto do nosso juizo: & por isso os nossos olhos não chorão. Se cada hum de nós formasse na sua consideração hum espelho , onde visse os estragos da sua consciencia, & as manchas, com que os seus peccados tem afeada a sua Alma: & como havião de chorar os nossos olhos as nossas culpas. Viose a Magdalena na sua consideração , & querendose compor à vista do espelho dos seus peccados, largou o resisto às duas fontes dos seus olhos. O peccado entra pelos olhos com a vista: mas se o entendimento o vê bem, & se o juizo o considera, como deve, lança-o fóra pelos olhos com as lagrimas. Eu não tenho o peccado pela maior desgraça do peccador; o não considerar o peccador no seu peccado, essa he a que tenho pela maior desgraça. Peccador cego, faze huma consideração do que he a tua culpa , para que te sirva de espelho a tua culpa aos teus olhos. Que se a tua culpa te fugir da tua consideração, como has de abominar ao teu vicio, se desconheces, o que he a tua culpa? Oh que espelho cristalino saõ os peccados em a consideração, aonde o peccador examine ao seu vicio , para compor áquella vista a sua Alma. Quem pecca trazendo aos seus peccados diãte dos seus olhos, assim pecca, que parece que não offende: assim offende, que parece, que não pecca: assim pecca, que parece que não aggrava: assim aggrava, que parece que não delinque. E que na vista do seu peccado, & que na consideração do seu vicio, tenha o peccador tantas diminuiçoens na sua culpa, & que seja tal, que não ponha os olhos da sua consideração no seu vicio, para diminuir na sua culpa? Grande desgraça! Que queira imitar a Magdalena nos seus peccados, & que não queira imitar as consideraçoẽs da Magdalena? Grande cegueira!

345 Diz o Espirito Santo pela penna de Salamão, que de todos os Reys

de Israel, só David fora Santo; porque não offendéra a Deos com a menor culpa, nem lhe quebrára a sua Ley com o menor peccado: *Præter David omnes peccatum commiserunt*. E bem: lá o adulterio não he peccado? Iá o homicidio não he delicto? Iá a falsidade não he culpa? Se alguem do mundo proferisse esta proposição, sem duvida, que seria verdadeira, porque na errada opinião dos homens, o adulterio he galantaria, o homicidio he razão de estado, & a falsidade, he Maxiavelice da Corte. Mas sendo Deos o que de David dà este testimunho, sendo o Tribunal de Deos, o Tribunal, onde se julgão as cousas pelo q̃ saó, como pòde ser verdade dizerse, que David não peccou, se da mesma Escritura consta, que David gravemẽte delinquio? Porque huma vez esquecido das obrigaçoens de Rey, se fez vassallo do seu affecto: & outra, não se lembrando do que devia á fidelidade mais pontual de todo o seu Reyno, mandou matar a Urias, fazendoo Correio da sua mesma desgraça, & Proprio da sua mesma ruina. Pois se tudo isto cometeu David, como diz Deos, que de nenhuma sorte peccou: *Omnes præter David, peccatum commiserunt?* He a causa. He verdade, q̃ David muitas vezes peccou, mas assim tinha presente na sua consideração a sua culpa, que sempre trazia diante dos olhos o seu peccado: *Peccatum meum contra me est semper*: & quem de tal sorte offende, que traz diante dos seus olhos ao seu delicto, assim pecca, que parece q̃ não pecca; assim offende, q̃ parece que não offende: *Omnes præter David peccatum commiserunt*.

Ecclef. 49. v. 5.

Vbi sup.

346 Eu não te digo, Christão, que tragas os teus peccados nos teus olhos; porque isso fora fazer escandalosas as tuas culpas: mas digote sim, que tragas os teus olhos nos teus peccados; porque isso he emendar os teus defeitos. Oh se nòs, assim como imitamos a David, & á Magdalena, no esta-

do

do de peccadores, os imitáramos nas ſuas conſideraçoẽs repreſentando à noſſa viſta os noſſos vicios, quanto ſe havia de compor a noſſa Alma a eſte eſpelho? Oh ſe o avarento tivera olhos para ver o ſeu peccado, como havia de ver os defeitos da ſua culpa, para deixar a grandeza do ſeu delicto! Se o ambicioſo ſe vira no eſpelho do ſeu delicto: oh como havia de conhecer ao ſeu peccado, para aborrecer a fealdade da ſua culpa! Se as Mageſtades ſe virão no eſpelho das ſuas omiſſoens: oh como ſe havião de emendar as ſuas injuſtiças! Se os Validos ſe virão no eſpelho dos ſeus vicios: oh como havião de deſprezar as ſuas privanças! Se a mocidade ſe vira no eſpelho da ſua ignorancia, a quẽ havia de enganar a mocidade? Se a fermoſura ſe vira no eſpelho dos ſeus deſatinos, quem havia de fazer caſo dos enganos da fermoſura? Mas porque cada hum de nós ſe não vé como a Magdalena no eſpelho dos ſeus peccados, por iſſo não choramos, como a Magdalena, as noſſas culpas. Por iſſo abrindoſe o reſiſto dos noſſos olhos para entrar pela viſta o noſſo delito, & ſe não ſolta a preza das lagrimas para ſahir o peccado pelos olhos, porque o reſiſto da conſideração ſe não abre. E ſe vos não movem para o exemplo eſtas lagrimas, applicai o voſſo ouvido ao ſeu curſo, & no eſtrondo de ſuas correntes ao ſom de ſua pena ouvi as vozes, que eſtá dando a Magdalena neſte pranto.

347 Ay olhos! Eſtas ſaõ as vozes do primeiro rio. Ay olhos, que tantas vezes vos empregaſtes, no que tão amargamente choro! Se o mundo ſervio de eſpelho, em que eu me via, para me perder, empregaivos agora nos meus peccados para me ſalvar. E ſe não podeis ver, o que cá vai dentro na Alma, desfazeivos, meus olhos, em lagrimas; porque ſe nas lagrimas ſaem as culpas, ſeràm as minhas culpas o voſſo eſpelho neſtas lagrimas. Se as lagrimas ſaõ eſpelhos da

 dor,

dor, pedaços d'Alma, & ſangrias do coração, deſafogai, olhos, na ſangria do coração as ancias, & repreſentai no eſpelho o eſtado d'Alma, & vede o retrato de quẽ ſou neſte pranto: & confundivos, de que ſendo por Graça filha de hum Pay tão bello, não pòde dizer bem com a ſua imagem o meu retrato. Vede, olhos, neſte eſpelho, como eſtá afeada eſta imagem. Mas ay, que aſſim eſtá defeituoſa a pintura; porque forão tão deformes os pinceis, com que ſe fez eſte retrato. Empregai bem, meus olhos, neſtes peccados a voſſa viſta: & tal vez fugirieis de mim meſmo por horror, ſe me vireis, como me eu cõſidero. Oh que vozes tão diſcretas! Oh que razoens tam entendidas! Em fim, ſaõ eſtrondo de hum rio, que no mar do entendimento tẽ o principio do ſeu pranto: *Ut cognovit. Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.*

§. III.

348 O ſegundo rio, que hoje naſce deſte mar, ou as ſegundas lagrimas, com que a Magdalena chora neſte dia as ſuas culpas, he com hum rio de lagrimas mudas. Porque diſtillandoſe á Magdalena a ſua Alma pelas lagrimas de ſeus olhos; aſſim ſe vio fechada para as palavras aquella boca, que tirandoſe a preza aos olhos, para que correſſem as lagrimas, ſe fechou o reſiſto à boca, para q̃ não ſahiſſem as palavras. Oh como he profundo eſte rio! Oh como he caudaloſo eſte mar! pois tendo hum curſo tão violento daquelles olhos, ninguẽ ouve o eſtrondo do ſeu curſo. Não parece que forão hoje eſtas lagrimas rio: de rio ſe trocárão em mar eſtas lagrimas, pois ninguem lhe ouvio hoje as vozes. Mas oh como ficará hoje feito em pedaços o coração da Magdalena à força da ſua dor, pois reprimindo na esfera da Alma as ſuas penas, não deſabafa com a lingua as ſuas ancias. Quiz a Magdalena, que de alguma ſorte competiſſe a dor dos ſeus peccados com a grandeza

deza da ſua culpa , & para provar o exceſſivo da ſua pena , ſoltou a preza aos olhos para as lagrimas, mas fechou o reſiſto à boca para as palavras. Quiz chorar com hũas lagrimas, que não tiveſſem nenhum alivio : & por iſſo reprimindo a dor na Alma, ſe lhe não ouvirão vozes. Oh Magdalena Santa, quem vos poderá conſolar na dor de voſſas amarguras, pois a grãdeza da voſſa pena tranſcende a toda a conſolação?

349 A viſta de Job perſeguido eſtiverão ſete dias, tres de ſeus amigos , mudos; & diz o Texto, que nenhum delles fallou neſtes ſete dias huma palavra ; porque viāo que era grãde a ſua dor: *Nemo loquebatur ei verbum : videbant enim dolorem eſſe vehementem.* Notavel cauſa por certo! Porque era grande a ſua dor, o não conſolavão, nem com huma ſó palavra? Cuidava eu, que porque os amigos de Iob tinhão eſte conhecimento, ſe devião empenhar na conſolação da ſua dor : mas na grandeza da ſua dor fundar a impoſſibilidade da ſua cõſolação? Sim. E notai. Neſtes ſete dias tinha Job a Alma tão cheia de penas, o coração tão afogado em ancias, que ficou Job ſendo exemplo da paciencia: mas de tal ſorte eſtava reprimida a dor na Alma, que nem huma ſò palavra diſſe , donde ſe lhe pudeſſe colligir a ſua pena. Ah ſim , & Iob não explica com a lingua, o que lá paſſa na Alma ; pois eſſa dor conheçaſe pela maior : *Dolorem vehementem* : mas fique ſem conſolação : *Nemo loquebatur ei verbum.*

Iob 2. v. 13.

350 Mas eu vejo , que os lidos na Eſcritura me poem eſta grande duvida contra eſte Texto. He verdade, que os amigos de Iob não fallárão nos ſete dias primeiros; mas depois dos ſete dias conſolárãono cõ tantas razoens , que para diminuir a ſua pena, qualquer delles fez varios capitulos. Argumento agora aſſim. Se atégora não tinhão os amigos de Iob palavras , com que o conſolar, porque era grande a ſua dor, ſegueſe , que agora era

menor a ſua pena, pois lhe conſolárão a ſua ancia. E quem, pergunto eu agora, diminuio em Iob o ſeu peſar? Quem diminuio o ſeu tormento? Quem? Vede o Texto. *Poſt hæc aperuit Iob os ſuum, & loquutus eſt.* Depois dos ſete dias abrio Iob a boca, para explicar com as palavras, o que tinha dentro na Alma. Ah ſim, & Iob diſſe com a boca o que padecia o coração: pois não ſó diminuio na ſua dor, mas tambem fez capaz de conſolação o ſeu peſar: atégora q̃ a lingua não dizia com as palavras, a tormenta desfeita, em que fluctua o coração, padece Iob, não ſó huma dor grande: *Dolorem vehementem:* mas tambem experimenta hum tormento tão exceſſivo, que pela ſua grandeza, nem ha palavras, cõ que ſe explique, nem ha termos com que ſe conſole: *Nemo loquebatur ei verbum.*

Iob 3. v. 1.

351 Reparaſtes já em hum trovão, que ao primeiro bater das nuves, vos faz congelar o ſangue nas veas? Pois não he outra couſa, mais que huma exhalação reprimida na nuvẽ, ſem achar, nẽ por onde ſaia, nem por onde reſpire. Advertiſte já em hũ tremor da terra, em o qual ſe desfaz toda em pedaços: Pois não he outra couſa mais que hum piqueno de ar reprimido nas ſuas entranhas, com a porta fechada, para não ſahir da ſua concavidade. Pois iſto, que ſe vé na terra, & q̃ ſe experimenta na nuvem, ſe vé na Alma, quando o coração he a esfera, aonde ſe reprime a dor, ſem ſe abrir a porta, que he a boca, para ſe explicar o tormento. Quando o ar ferido das palavras ſe reprime, quando o fogo do ſentimento ſe occulta, he trovão, com que ſe partem as entranhas, & he tremor, com que ſe faz em pedaços a terra do coração. Oh como eſtará hoje feita em pedaços a Alma da Magdalena, pois reprimindo no coração a ſua pena, tão penetrante para a ferir, ſem que a lingua a chegue a explicar. Ora, ainda que eſtas lagrimas não fallem, ainda que eſte rio mudamente corra, ſe lhe adver-

tirmos

tirmos na corrente, parece, q̃ mudamente nas ſuas lagrimas ſe lhe pòdem ouvir eſtas razoens aos ſeus olhos.

352 Antigamente ſem que a lingua articulaſſe palavras, a vòs, ó lagrimas, cometi eu muitas vezes a minha dor, para vós ſeres as interpretes da minha pena? Pois ſe para o mundo vós ereis as que ſuſtituieis as minhas palavras, ſede vòs agora, as que ſatisfaçais pela minha lingua. Ninguem amou, que não cometeſſe aos ſeus olhos o teſtimunho das ſuas finezas. Pois, lagrimas, ſe para me perder, tantas vezes teſtimunhaſtes aos meus exceſſos, agora vòs haveis de ſer a prova de meus extremos. E para que as vozes vos não embarguem o curſo, eu vos ſolto a preza para correr, ſe à boca fecho o reſiſto para fallar: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.*

§. IV.

353 O terceiro rio, que lhe arrebenta hoje à Magdalena daquelles dous olhos; he hum rio de lagrimas valentes: porque conſiderados bem os termos, donde, & para onde veio navegando a Magdalena pelo rio das ſuas lagrimas, não podia deixar de ſer muito valente o ſeu pranto. O eſtado de Peccadora foi hoje o porto, donde deſamarrou o Baxel da ſua conſciencia, havendo tanto tempo, que eſtava prezo das amarras de ſuas culpas, & ſobre a ancora de ſeus peccados. Picou hoje a dor à amarra, para entrar na barra da Penitencia, navegando para a Graça. Os homens quando peccão, diz Aguſtinho, tirãoſe do eſtado do ſer, para o não ſer; porque nada ſaõ os homens, quando peccão: *Peccatum nihil eſt, & homines, cum peccant, nihil ſunt.* E ſe entre o ſer, & não ſer, ha diſtancia infinita: vede qual ſeria a valentia das lagrimas da Magdalena, pois pudérão vencer eſta diſtancia, trazendoa do não ſer da culpa, para o ſer da Graça? Perguntão os Philoſophos, ſe a creação pòde caber nas forças de huma creatura?

A opinião negativa he a mais provavel. Porque como o que se cria, pela creação se extrahe do não ser para o ser, requerese huma valentia infinita para vencer esta distancia. Oh como forão valentes as lagrimas da Magdalena; pois como causa instrumental a extraírão para o ser da Graça, do não ser da culpa. Hoje começa a ter ser, porque hoje principía a deixar de peccar.

354 Quando David conheceu seus erros, proferio esta notavel sentêça: *Dixi: Nunc cæpi*: Inda agora principío a ter ser. Pois inda agora começa David? Hum homem, que ja estava Rey de Israel, podia subir ao throno principiando agora a ter ser: *Nunc cæpi?* Se ha tanto tempo, que anda David entre os homens, como começa ainda agora David: *Nunc cæpi?* Começa ainda agora, diz Hugo Cardeal, porque atégora perdeu David o ser pela culpa, & o recupera pela Graça: *Nunc cæpi esse, quia antea non eram; peccator enim verè non est.* A culpa destruiolhe o ser, & fello nada: *Nõ eram*: a Graça destruiolhe o nada, & deulhe o ser: *Nunc cæpi.* E vede quanta valentia lhe foi a David necessaria, pois só da mão de Deos confessava, que fora effeito a vitoria desta distancia: *Hæc mutatio dexteræ excelsi.* Assim foi a Magdalena. Perdeu o ser pela culpa, & restituiolhe Deos o ser pela Graçà, tomandolhe as lagrimas por instrumento. Oh lagrimas, & como fostes valentes, pois vencestes tanta distancia: pois não sendo nada a Magdalena pela culpa: *Verè non est*: lhe restituistes aquillo mesmo que perdéra: *Nunc cæpi.*

Psal. 16. v. 11.

Vbi sup.

355 Christãos, quando o peccado não tivera mais q̃ este effeito, sô por este effeito deviamos fugir todos ao peccado, pois não he nada hum peccador: *Peccator verè non est.* Todos os peccadores somos nada, porque nos destroe o ser o peccado. Enganamonos todos comnosco, cuidando que somos alguma cousa; porque nada saõ os homens, quando pecção,

cão, na doutrina de Agustinho: *Homines cum peccant, nihil sunt.*

356 Aquella celebre Estatua de Nabuco, tão grãde, que parece não vio o mundo cousa maior: tocoulhe a pedra, reduzio a cinzas; levou-as o vento. Mas diz o Texto, que não occupárão nenhum lugar: *Rapta sunt vento: nullusque locus inventus est eis.* Pois se esta Estatua era tam soberana, que se ajuntárão todos os metaes para compor a sua grandeza, como he possivel, não occupar nenhum lugar? Sabeis porque? Porque a Estatua era figura de hum peccador: & como o que he nada, não occupa nenhum lugar, por isso não tinha nenhum lugar aquella Estatua: *Non est inventus locus ejus.* Era huma grandeza apparēte; tanto que lhe quizerão conhecer a entidade, se achou, que não tinha nenhum ser, porque não occupava nenhum lugar: *Non est inventus locus ejus.* E se este he hum dos horriveis effeitos do peccado, que maior desgraça, que a dos peccadores, pois sem ter medo ao horror deste effeito, não ha remedio para quererem ter ser pelas suas lagrimas? Todos seguem da Magdalena os seus erros, para perder como a Magdalena o ser pelas suas culpas: mas nenhum segue da Magdalena os seus acertos, para recuperar pelas lagrimas, o que perdeu pelas culpas. E se o não alcançastes em o seu pranto, ouvi o estrondo da sua corrente, & poderà ser, que vos reformem os seus olhos.

Dan. 2. v. 35.

357 Oh lagrimas, & quanto devo eu hoje à vossa efficacia? Mas considerai, vós agora olhos, na distācia que vencérão estas lagrimas, ja que pelas vossas vistas me puzestes de Deos taõ distanste. Hoje que vos abris para chorar, fechaivos para mais não ver. As vossas vistas me fizerão nada, as vossas lagrimas desfizerão em mim este nada, dandome o ser pela penitencia. Chorai, para que se acabem estas distancias. Servime agora, lagrimas, de correntes. E para que multi-

ti-

tipliqueis desta Alma perdida as prizoés com estes pés, a que hoje chego, correy, correy, lagrimas, com apressado curso: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.*

§. V.

358 Vio a Magdalena o estrago, que os seus peccados tinhão feito em a sua Alma, & considerando os desinteresses, com que a bandeiras despregadas tinha dado ao mundo o seu sequito, enganada da Primavera dos seus annos; abrio hoje para chorar os seus olhos, soltando a preza às suas lagrimas. Tinha adorado a mentira, deixandose cegar com tal excesso, que sem mais interesse, q̃ riscar em sy de Deos a imagem, sacrificou ao mundo a sua belleza: hoje para remediar os seus enganos, abertos os resistos do chorar, tem hoje em os seus olhos hum rio de lagrimas desinteressadas o seu principio. E he o quarto rio do seu pranto, que hoje nasce daquella fonte. E sem duvida, que para mostrar a Magdalena o seu desapego, fugindo da vista do rosto, se poz detràs das costas de Christo: *Stans retrò.* He o rosto de Deos o premio dos Iustos: parece, que quiz hoje a Magdalena fugir deste premio, para que nos constasse o desinteresse do seu pranto. Desfazeivos, olhos, em lagrimas (parece que dizia a Magdalena) desentranhaivos, coração, em suspiros. E se com tanto desapego, jurastes ao mundo as obediencias: hoje serà mais interesse, que o chorar, haveis de desatender ao premio, que podieis merecer: sirvaóvos só hoje de espelho para a vossa vista as minhas lagrimas, para que se cegue a vossa vista para o premio. Assim chorou a Magdalena. Mas quem se apostou a vencer a todos em as lagrimas, como não havia de chorar assim?

Luc. 7. v. 38.

359 Affirmava Paulo de sy, que fora arrebatado ao Ceo, & q̃ naquella Bemaventurança ouvíra segredos, que não convinha revelar a ninguem: *Raptus usque ad ter-*

2 ad Corint. 12. v. 2. & 4. *tertium Cælum : & audivit arcana, quæ non licet homini loqui.* E pois Paulo no Ceo não vio? He certo que sim. Pois se nos refere o que ouve, porque não diz Paulo o que vè? Entrega Paulo os ouvidos à pratica: *Audivit*: & nega as vistas aos olhos? Sim. 1. ad Corint. 15 v. 1. Porque Paulo foi hum Santo, que se apostou a vencer a todos nos serviços: *Abundantius illis omnibus laboravi.* O que Paulo vio no Ceo, era o premio: o que ouvio, era o serviço. E quem ha de vencer a todos no trabalho, he todo para o serviço, & he nada para o premio. Nada atende para o premio, & todo se emprega no serviço. Este foi Paulo, & esta foi a Magdalena: toda para o seu pranto, desfazendo aos seus olhos em as suas lagrimas: nada para o premio, pois furtava os seus olhos à vista daquelle rosto. Ou porque os seus peccados a confundião, para ver a quem tanto aggravára: ou para que edificasse com o exéplo, aquelles mesmos, a quem escandalizou com o sequito.

360 Olhos, que sem mais fim, que ver o mundo para a vossa perdição, abristes o resisto do ver, dizia a Magdalena, abri agora o resisto do chorar, sem mais fim, que purificar as vossas culpas? Correi com pressa destes meus olhos, que se em vòs sahem as minhas culpas, assim as quizera de mim distantes, que nunca mais eu as visse. Sahi, lagrimas, & sahi com pressa: que não he bem, que tenha presente o instrumento, com que offendi, diante da pessoa a quem aggravei. E se para o mundo correstes já destes olhos para o seu agrado, correi agora para a sua confusaõ: *Lachrymis cæpit.*

§. VI.

361 O quinto, & ultimo rio, que corre hoje daquelles dous olhos, he hum rio de lagrimas amantes. Por isso apontandolhe o Evangelista o principio: *Lachrymis cæpit*: não sabemos, que tivesse fim este pranto. Sabemos, que se abrírão aos olhos o resisto, mas não sabemos, que se secasse o canal às

lagrimas. Sabemos, que o coração se derreteu em pranto; mas não sabemos, que tivessem termo os suspiros. Em tudo forão as lagrimas da Magdalena prodigiosas; mas esta circunstancia as fez amantes: porque distillando o coração pelos olhos, não desistio a Magdalena do empenho.

362 Foi repáro de Santo Athanasio, em que os Evangelistas fizessem menção de que o Espirito Santo viera ao mundo, & que não voltára, depois que descéra: *Spiritus Sanctus veniens, non est rursus assumptus.* Pois o Espirito Santo vem, mas não se aparta? Sabendo nós, que desce, não havemos de saber que subio? Não. Porque como o Espirito Santo he amor, tendo empenho em vir à terra, por não desistir do empenho, não ha de subir, huma vez que se empenhou em descer. Por isso as lagrimas na Magdalena sempre corrérão, porque como no amor tinhão o seu principio, nunca havião de mudar o sitio para a sua corrente. Sempre aquelles olhos chorão, porque sempre aquelle coração arde; porque no peito he o incendio tão crescido, por isso nos olhos he a inundação tão continua: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus.*

363 Christãos, estes saõ os sinco rios, em que a Magdalena afoga a multidão dos seus peccados: & em qualquer destes rios podeis vós purificar as vossas culpas. E será a desgraça, que seguindo nós, para o que nos perde, da Magdalena o seu exemplo, só não sigamos ao seu exemplo, para o que nos salva. Oh abramos os nossos olhos, & sirvanos de methodo para a penitencia, hũ coração tão internecido, que se distilla hoje em sinco rios de lagrimas, & sigamos os acertos da penitencia, de quem seguimos os erros da culpa: &c.

INDICE

Dos Lugares da Sagrada Escritura.

O primeiro Numero he da Pagina, o segundo he da coluna, o terceiro da margem. E conforme os lugares muitas vezes se muda esta ordem.

Ex

corda virorum. pag. 190. *col.* 1. *in princ.*

V. 20. *Porrò David ascendebat clivum olivarũ : &c. p.* 178. *col.* 2. *post princ.*

V. 31. *Infatua, quæso Domine, consilium Achitophel. pag.* 17. *col.* 2. *in med. num.* 11.

Cap. 16. V. 23. *Consilium Achitophel erat quasi siquis consuleret Dominũ. p.* 18. *col.* 1: *in princ.*

Cap. 18. V. 33. *Contristatus itaque Rex. pag.* 170. *col.* 1. *post med.*

Cap. 22. V. 10. *Inclinavit cælos, & descendit. p.* 160. *col.* 1. *n.* 156.

Cap. 24. V. 15. *Mortui sunt ex populo septuaginta millia virorum. p.* 264. *col.* 1. *post princ. & col.* 2.

V. 25. *Ædificavit altare Domino. pag.* 264. *col.* 1. *post med.*

Ex Lib. 3. Reg.

Cap. 19. V. 4. *Petivit animæ suæ, ut moreretur. p.* 219. *col.* 1. *in med.*

V. 5. *Obdormivit. p.* 219. *col.* 1. *post med. & p.* 234. *col.* 2. *n.* 228. *per tot.*

V. 6. *Subcinericius panis. pag.* 219. *col.* 1. *in med. & p.* 234. *col.* 2. *num.* 228. *per tot.*

V. 8. *Et ambulavit in fortitudine cibi illius quadraginta diebus. p.* 97. *col.* 2. *in princ.*

Ibid. *Usque ad montem Dei Horeb.* Ib.

Cap. 21. V. 13. *Quam ob rem eduxerunt eum extra civitatem. p.* 171. *col.* 1. *post med. & p.* 189. *col.* 1. *ante med.*

Cap. 22. V. 35. *Commissum est ergo prælium in die illa: &c. p.* 171. *col.* 1. *in fin.*

Ex Lib. 4. Reg.

Cap. 20. V. 9. *Cui ait Isaias: Hoc erit signum à Domino: &c. p.* 249. *num.* 243. *col.* 2.

Ex Lib. 1. Paralipomenon.

Cap. 17. V. 1. *Ego habito in domo: arca Dei sub pellibus est. pag.* 152. *col.* 1. *n.* 144.

V. 4. *Non ædificabis mihi domum. pag.* 154. *col.* 1. *in princ.*

V. 5. *Neque mansi in domo usque in diem hanc. pag.* 152. *col.* 2. *post med.*

Cap.

Cap.

Cap.

Ibid.

Ex D. Ioanne.

Cap.

IN-

INDICE

Das cousas mais notaveis, que se cõtèm neste Livro.

A letra N. significa o numero, a letra F. as folhas, & a letra C. a columna.

A

Qual

B

C

A

Em

Cor-

E

F

A

I

Por-

Foi

Quan-

N

O

P

Dei.

pessoa

R

das

V

A

LAVS DEO.